

PSICANÁLISE: ARRELIGIÃO

Falatório 2002

Edição comemorativa dos 30 anos do
Colégio Freudiano do Rio de Janeiro
1975-2005

MD Magno

PSICANÁLISE: ARRELIGIÃO

Falatório 2002



NOVamente
editora

NOVAMENTE
editora
é uma editora da
UNIVERCIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2005© MD Magno

Preparação do texto
Patrícia Netto A. Coelho
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Amaury Fernandes, Ana Paula Sampaio e Raphael Carneiro

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

...etc.
Estudos Transitivos do Contemporâneo

M176p

Magno, M.D. 1938 -

Psicanálise: arreligião / M. D. Magno; [preparação do texto: Potiguara Mendes da Silveira Jr., Nelma Medeiros]. – Rio de Janeiro: NovaMente, 2005.
248 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87727-13-3

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferências. I. Silveira Júnior, Potiguara Mendes da. II. Medeiros, Nelma. III. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERCIDADE DE DEUS
Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

DEDICATÓRIA

Para memória de meus Mestres
Rodolpho Rotchild Nogueira
Anísio Spínola Teixeira
Jacques-Marie Lacan.

AGRADECIMENTO

A todos aqueles que
alguma vez ou quase sempre
condignamente acompanharam.

Sumário

16/MAR

Definições de política, poder, religião, sexo, Haver – Haver é hierarquicamente superior e anterior às dualidades – Esquema da transcendentalidade do Haver: *Res Gaudens* ou *Res Commota* (Originário), *Res Extensa* (Primário), *Res Cogitans* (Secundário) – Princípio de homogeneidade como entendimento dos problemas monismo/dualismo e realismo/idealismo – Princípio de IdioFormação como *princípio antrópico* fortíssimo – Arreligião é regime analítico da religião como abstração.

13

06/ABR

Gozo Consistente e Inconsistente a partir das noções de convergência e divergência – “O Inconsciente, além de capitalista, é aristocrático e hierárquico” – *Alegria* decorre do limite absoluto e afirmativo do Haver – Fala é epifenômeno do Haver – Princípio do Só-Depois esclarece inseparabilidade entre evento e escolha a partir da HiperDeterminação – Conjugação do Princípio do Só-Depois com o Princípio de Inseparabilidade resulta em condenação à liberdade.

27

20/ABR

“O Inconsciente (o Haver) é religioso” – Sexo do Haver é estritamente Resistente – Expressividade maneirista (Sexo Resistente) e suas modalizações em clássico (Sexo Consistente) e barroco (Sexo Inconsistente) – Composição de uma formação: forma e co-moção – Aproximação entre a modalização clássico/barroco e a polaridade ocidente/oriente – Exame da constituição do Nu na arte ocidental – Cézanne é exemplaridade de maneirismo.

45

04/MAI

Distinção sujeito/objeto é apenas fraseológica – Factualidade da linguagem derroga operação de representação e interpretação – *Função psicanalista* promove agonística de formações – Adjetividade radical das formações: pura perplexidade, sem sujeito e objeto – Retomada da polaridade Grécia/China – Inscrição no Revirão de modos básicos de operação: psicanálise, ocidente, oriente – Referência da psicanálise é segunda potência do binário – Entendimento do lugar do Gnoma como produtor de indiferença e dualidade.

64

18/MAI

Fé é anterior e superior à oposição *mythos-logos* e resulta em poder – Sujeito é um mito? – Regime de conteúdos e significações impõe *aparelho litúrgico* – Estatuto do Gnomo – Vínculo Absoluto desde onde há *com'Um-nicação* – Entendimento das lógicas do monoteísmo e do politeísmo a partir do lugar do Gnoma – Esquema de abstração sujeito ↔ enunciado ↔ *dia-logos* ↔ Vínculo Absoluto.

83

08/JUN

Introdução à questão do cinismo – Tese do cinismo como *creodo* para emergência do Quarto Império – Dupla vertente do cinismo: embargo do trabalho analítico e esclarecimento – Psicanálise como Arreligião é exercício de desconfiguração e vontade de esclarecimento – Efeitos do cinismo contemporâneo: perversidade social: nazismo e perseguição à pedofilia – Homossexualidade e fetiche evidenciam progressividade da psicanálise.

106

22/JUN

Psicanálise é uma postura – Critérios de definição do que seja *espécie* – Neo-etologia produz especiação secundária – Sintoma é lesão com poder de abrangência – Questionamento perene da psicanálise sobre decantação e hierarquização sintomáticas – Explicação sobre lugar hierarquicamente superior do fetichismo – Exemplaridades da postura da psicanálise: Diógenes e Sócrates – Cinismo (*canismo*) de Diógenes é poder

de renúncia – Poder e esclarecimento em Sócrates – Desenvolvimento da tese do cinismo como *credo* para emergência do Quarto Império.

121

15/AGO

Retomada do tema “Psicanálise: Arreligião” em sua conexão com o cinismo – Transferência como *formação suposta poder* – Questionamento da distinção entre kínicos (antigos) e cínicos (contemporâneos) – Denúncia da psicanálise: há cinismo – Postura novamente: aviar políticas possíveis – Novo racismo será exercido entre a raça humana e a pós-humana – Evolução biótica como emergência da evolução do artifício industrial.

143

27/AGO

Articulação entre cinismo e iluminismo – Cinismo é movimento do Inconsciente – Exemplos de cinismo/iluminismo – Vontade de poder é um fato – Clássico e barroco: iluminação e obnubilação – Maneirismo: transformação da luz em superfície unilátera – Cinismo é *iluminação recíproca* – Dissociação entre verdade e esclarecimento – Ato analítico é *iluminação recíproca*.

156

11/SET

Obscenidade da psicanálise – Proposição de administração *ad hoc* dos comportamentos e da política – Vinculação múltipla (*multiple bind*) é fator de esclarecimento e de cinismo – *Readymade* é questionamento do valor das formações: objeto de arte indiferenciante – Afirmção radical e competência de reviramento em *Don Juan* – Urgência de produção de indiferenciação diante do desgaste das formações – Capitalismo é destrutivo e auto-destrutivo como o Inconsciente – “O Inconsciente é cínico” – Princípio de Alternância x Terceira Via.

173

24/SET

Arreligião como re-leitura e re-ligação – Psicanálise enquanto Arreligião só é compatível com Quarto Império – Golpe de Revirão interno no cristianismo é retrogressão – Toda

prótese (tecnologia) é *metaformação* e necessariamente produz *metamundo* – Crítica à idéia de *kenosis* como projeto contemporâneo de secularização do cristianismo – Denúncia de cinismo no projeto de reconfiguração do Terceiro Império.

188

09/OUT

Poder é o que se inscreve no lugar do Gnoma – Poder é consequência da posse de bens – Ser é questão de predicação – Estatuto do sagrado e entendimento dos processos de sacralização – Religião é culto e demanda de poder – Psicanálise é postura de *desocultação* ou esvaziamento do lugar do Gnoma – Postura de *desocultação* é absoluta soberania – Oração em psicanálise – *Solitariedade* como reconhecimento de absoluta vinculação.

202

24/OUT

Carta de Freud a Lou Salomé (06/jan/1935) – Qualquer fundação de pensamento ou religião é emergência de retorno do recalcado – *Instância suposta poder* é condição de nomeação e reconhecimento – Presença de poder teológico em todo ato de fundação – Situação contemporânea: pretensão aristocrática e incompetência democrática – Psicanálise: *atenção indiferenciada* às hierarquias no Primário e no Secundário – Psicanálise: emergência da possibilidade de referência à HiperDeterminação.

216

21/NOV

Egoísmo primário, secundário, originário – Economia pulsional é trabalho de dissolução de aparelhos religiosos (científicos ou políticos) – Exemplaridade de Akhenaton e Moisés na luta entre *aristos* (posição de ponta) e *demos* (massa) – Rebaixamento religioso nas instituições psicanalíticas – Proposição de *aristofilia* – Psicanálise é produção de *meta-morfose* – Épura da análise.

230

ENSINO DE MD MAGNO

243

1. O título **Psicanálise: Arreligião** vale mais como pretexto do que como tema. Significa que vou tratar deste assunto, mas não estou aprisionado nele. Como avisei semestre passado, o Falatório deve entrar em seu próprio estilo: fragmentário e sem temática definida. Durante anos esta prática que estou exercendo agora aqui foi chamada de Seminário, na imitação de Lacan. Ultimamente, percebi que não passava de um **Falatório**, uma vez que não estou interessado em nenhum tipo de inseminação, nem natural nem artificial. De fato, o que acontece é um Solilóquio. Não sei se soliloquente (só eloquente), mas evidentemente soliloquaz (só loquaz).

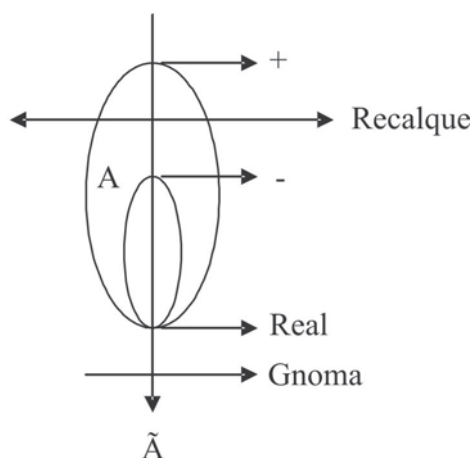
Para entrar neste tema, gostaria que retomassem alguns textos. Do Falatório de 2000, *A Arte da Fuga*, deveriam ser lidas as seções 12 e 13. A primeira, chamada *A Razão e a Fé*, de 29 de setembro de 2000, foi realizada no auditório da Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Há também a seção 11 do Seminário “*Psychopathia Sexualis*”, chamada *A Hipótese Deus*, e a seção 10, *O Presente de uma Desilusão*. E um texto de Nelma Medeiros, escrito a meu pedido e resumido por ela na última seção de meu Falatório do ano passado: *A Hipótese Deus e a Dedução Científica da Psicanálise*.

2. Gostaria de retomar algumas definições para arrumar o que vai ser desenvolvido aqui e também para eventualmente aprimorá-las:

Política – Em qualquer lugar que compareça ou que se pense política, o termo significa: competição pelo poder.

Poder – Toda e qualquer condição de dominação de uma qualquer formação sobre toda e qualquer outra formação. A condição de dominação de uma formação sobre outra é o genérico do poder.

Religião – Qualquer formação de qualquer ordem que pretenda explicar, articular e mesmo governar o mundo tendo como referência uma formação fundamental que se entroniza no lugar do Gnoma. Refiro-me a este lugar como o que se exaspera entre Haver e não-Haver:



Sexo – Quebra de Simetria, que é causa de gozo. Ela é chamada: Secção ou Sexão. Os Sexos são 4: ~~Desistente~~, Resistente, Consistente e Inconsistente, mas, na verdade, são 3 + 1, sendo que os três últimos se realizam como 1 + 2. Praticamente, só os dois últimos aparecem. Mas não se relacionam com a sexuação corporal, constituída em nossa espécie por homens e mulheres, isto é, machos e fêmeas humanos. Não confundir com a sexuação de Lacan.

Haver – É uma definição importante de que já falei muito, mas sempre comparece um mal-entendido quanto a ela. É preciso definir mais claramente o que chamo de Haver, pois extrapola o que possamos chamar de Ser. Já coloquei de longa data – Seminário *A Música* (1982) – que o Haver é feito de música. Podia parecer maluquice, mas agora temos uma bela teoria física chamada *Teoria das Cordas*, que ainda não consegue, mas pretende demonstrar que o Haver é feito de música. Os físicos pensam errado ao falar em Universo: feito

de música quer dizer que é constituído de ressonâncias. Em física, ressonância é um som que vibra e todos os seus harmônicos vibram junto onde quer que estejam seus ressoadores. Na verdade, ser feito de música, de ressonâncias, é ser constituído de repercussões: as coisas repercutem no Haver. Há certa tendência de ele vibrar, de mover junto com ele outras coisas. Mover junto significa: **co-mover**. Então, o Haver é feito de co-moções. Isto que costumamos chamar de matéria, o mundo dos átomos e seus componentes, do ponto de vista do Haver, são epifenômenos, isto é, fenômenos decorrentes do Haver. Portanto, Haver não é Ser nem Universo. Faço esta distinção porque, no começo de minha exposição sobre o Pleroma há alguns anos, utilizei essa metáfora para me fazer entender, mas não é mais o caso. O Haver não é feito de matéria. Ao contrário, a matéria é feita de Haver.

Se procurarmos nas livrarias, não há quem não escreva um livro para entender o mundo ou para se auto-ajudar, o que é praticamente impossível. Alguns autores, sobretudo na linhagem da divulgação, mais do que na dos físicos bem comportados e comprometidos com a academia e com os CNPqs, escrevem livros em torno da física quântica. Até Lacan tem sua sexualidade quântica, embora ele não tenha feito a besteira de ligar isto à física. De qualquer modo, é suspeito chamar aquelas fórmulas de quânticas. Esses autores, ligados à física quântica, em função de certos teoremas como o de Gödel e outros nascidos no campo da física, como o efeito de não localização e não localidade da matéria, querem pensar algo para além da matéria, e é impressionante que chamem isto de *Consciência*. Penso que seja por causa da presença da suposta consciência do físico alterando a experiência dentro do laboratório. Baseados nesta conexão, pensam que é a consciência atuando no seio da matéria ou coisa parecida. Encontraram boas razões para isto nas formações físico-matemáticas que os encaminham neste sentido. Oportunamente, podemos abordar alguns destes textos e até apontar coincidências de configuração entre nossa construção teórica e a deles, pois efetivamente existem. No entanto, não estamos tratando de física e não temos que entender as coisas assim.

O que chamamos de **Consciência** é apenas ressonância, que agora traduzi como co-moção entre formações. É uma generalização, uma

amplificação do termo consciência. Se houve co-moção entre as formações, houve consciência – sabe-se lá de quem. E só há **consciência de consciência** quando esta co-moção inclui, atinge a HiperDeterminação, ou seja, quando a HiperDeterminação é co-movida neste processo. Já desenvolvi isto com o modelo do tetraedro (Falatório de 2000, seção 5, *Parangolagem*). Então, podemos dizer que as IdioFormações são conscientes de serem conscientes. Portanto, o Haver também o é. Deve ser por isso que os físicos chamam de consciência essa suposição de que o Haver é consciente. É esta consciência do Haver que chamamos de (In)consciente: o Haver enquanto Consciência. Em suma, não há oposição de última instância entre Consciência e Inconsciente. Michel Henry fez um belo texto, que Lacan odiou, para tentar demonstrar que o Inconsciente é Consciência Pura no regime da angústia. É justamente disto que se trata.

O Haver vive em co-moção. Prefiro este nome, pois ressonância e repercussão se associam demais à idéia de som. Co-moção pode ser empregada em qualquer sentido: do Haver a coisa se co-move. *Commotus, commota, commotum* são o particípio passado do verbo latino *commoveo, commovere*, ‘mover com’. O Haver vem antes da matéria e do pensamento, é hierarquicamente anterior e superior. Estou muito satisfeito, pois, seja qual for a maluquice dos físicos – e não tenho responsabilidade alguma sobre ela –, bem ou mal estão se encaminhando no mesmo sentido, o que me dá certo alívio, não porque esteja certo pelo fato de eles estarem, mas simplesmente porque não sou maluco sozinho. Logo, também tive sucesso onde o paranóico teria fracassado.

Se considerarmos Descartes e seu realismo dualista, podemos dizer que *Res Extensa* e *Res Cogitans* – e retomo porque Lacan usou demais este tema para introduzir o seu Terceiro – são apenas dois epifenômenos do Haver. Primeiramente, o Haver é *Res*: *Res Commota*. Ou, para tratar em termos que interessam mais de perto a história da psicanálise: *Res Gaudens*, a coisa gozosa. Para Lacan, *Res Gaudens* é a ordem do seu significante. Para nós, o Haver é a *Res Gaudens*, a *Res Commota*.

3. Haver não é a dualidade ocidental, não é nem matéria nem espírito. Se quisermos achar nalguma cultura algo parecido, ainda que longínquo, com a idéia de Haver, seria o *Chi* ou *Ki* do Oriente. Costumam traduzi-lo por ‘energia’, mas, pelo que tenho estudado através de diversos textos a respeito, trata-se de uma idéia muito próxima do que chamo de Haver: o neutro, o indiferente. Então, no seio do Haver, as dualidades que aparecem em oposição são apenas modalidades do *Monós*, do Um, como acontece em Parmênides e Heráclito, segundo o sentido que coloquei no texto *A Razão e a Fé*, que pedi que lessem.

É importante situar isto, pois outro mal-entendido que surge é o de, contra toda idéia de dualismo, qualificar meu **Poema**, esta teoria que chamamos de NOVAMENTE, de absolutamente monista, como acontece em certos pensamentos orientais como o budismo. Esta teoria não tem subserviência nem ao pensamento ocidental, chamado Filosofia, com suas dualidades definidas, nem ao pensamento oriental, com sua unicidade que chega a fazer supor que as dualidades são meramente ilusões. As dualidades não são ilusórias. São sintomáticas e concretíssimas, entretanto, há condição de pensar estas dualidades em suspensão, em indiferenciação, onde se atinge o pensamento monista, unitário. Portanto, não confundam o que estou trazendo com hinduísmo ou budismo, pois não se trata disso. Claro que há nestes dois muitos exemplos de uma das faces que estou dizendo, como no pensamento ocidental existem muitos exemplos da outra face. A psicanálise que consigo pensar não tem compromisso com nenhum destes pensamentos, nem ocidental, nem oriental. Ela é algo radicalmente novo, desde que nasceu. Acontece que um de seus grandes problemas é que tem sido alugada por pensamentos filosóficos e por delirações orientais, supostamente místicas.

O que tenho trazido há vários anos é que este pensamento novo – novo para o Ocidente, velho para humanidade – indica justamente para o Terceiro lugar que ninguém sabia definir muito bem, que não é nem Ocidente nem Oriente, nem intermédio nem mistura, e sim a competência de articular e de um jeito e de outro; de, *ad hoc*, a cada problema, a cada questão, indiferentemente passar de um lado para outro e pensar se existem outros lados não bem vistos. É uma

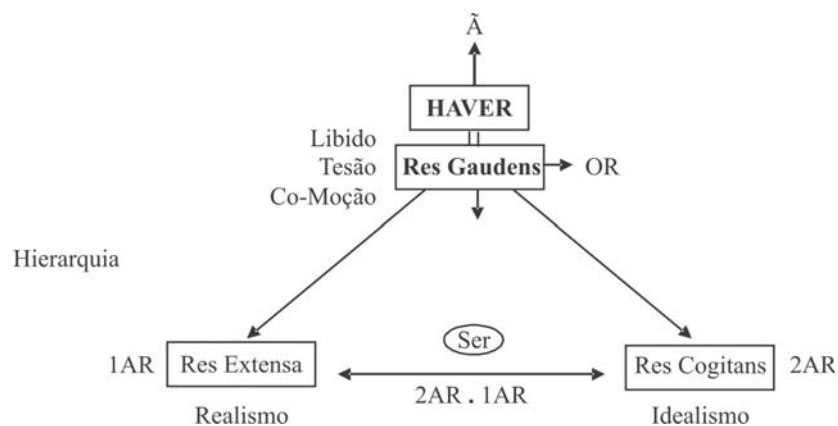
independência, uma indiferença em relação às formações de pensamento que vieram até hoje, pois todas são válidas. Por isso, já disse que, como teoria do conhecimento, a Nova Psicanálise afirma que **o que quer que se diga é da ordem do conhecimento**, ainda que não se saiba exatamente do quê. Isto, para acabar definitivamente com a pretensão epistemológica do Ocidente.

4. O Haver é absolutamente homogêneo. É sua constituição enquanto pura coisa que, quando se fractaliza, dá a impressão de heterogeneidade. Por exemplo, o **problema mente/corpo**, que atravessa a história das psicologias e das filosofias, não é um problema, e sim ignorância a respeito do lugar onde estas duas coisas se homogeneízam – e isto não está longe de ser reconhecido pelas supostas ciências contemporâneas, como as neurociências e a física quântica. Eles estão chegando perto e prefiro apostar na idéia de que isso é homogêneo. O heterogêneo que comparece – e já indiquei isto em papéis antigos como meu Seminário de 1995, *Arte e Psicanálise* – é a clausura de determinada formação em relação à clausura de outra formação, dando a impressão de heterogeneidade. Quando alguém pesquisa e descobre a chave, homogeneíza no mesmo instante. Então, é uma questão de ignorância. Ou seja, entre *Res Extensa* e *Res Cogitans* não há a diferença que se supõe. Num lugar qualquer, em aproximação do Haver enquanto homogêneo, isso vai se equalizar e se explicitar. Cada vez tem se explicitado mais. Assim, a dualidade no pensamento que trago pode ser compreensível e manipulável, quando se encontram chaves para as clausuras, mas é irreduzível. Mesmo que uns malucos achem modos de operação ou um Chomsky qualquer encontre uma Gramática Gerativa capaz de passar da *Res Extensa* para a *Res Cogitans*, e que, em última instância, isso se homogeneíza, quando comparece, o faz em dualidade sintomática, pois não é capaz de ser reduzido imediatamente. Não há possibilidade de se lidar com o mundo *sub specie æternitatis*. Podemos pensar nessa região, encaminhar-nos para ela, para a indiferenciação, mas lidamos concretamente com sintomas. Não se lida com outra coisa, só com sintomas. A não ser que consideremos o Haver em si como **O** Sintoma que há, mas o que quer que haja

no Haver, todas as formações em seu seio são feitas de dualidades sintomáticas. Sempre há oposição e é por isto que coloco a questão do **Revirão**, e não da *coincidentia oppositorum* ou da indiferença permanente. Só conseguimos operar em Revirão. Se analisamos os pensamentos orientais que consideram ilusão a dualidade, quando aplicados às artes marciais, por exemplo, vemos a dualidade em jogo o tempo todo como força e seu contrário, *yin e yang*. O que quer que se reduza à presença de *yin e yang* não é ilusório, é força em jogo, é espaço vetorial.

5. Não há nenhum transcendente ao Haver senão o não-Haver, que, aliás, não há. No entanto, não posso deixar de falar em **Transcendência**. Esta é a parte chata para os filósofos, pois, segundo suponho, nada se pensou no Ocidente que possa suportar a alternância no mesmo lugar de imanência e transcendência. Penso que seja este o achado da psicanálise: estamos reduzidos e condenados à imanência, justamente porque somos transcendentais, porque faz parte do imanente no movimento do Revirão requisitar a transcendência sem conseguí-la. Se houver algum filósofo para me desdizer, que o faça, por favor, mas este modo de operar não compareceu no Ocidente.

Contudo, se não há transcendente em relação ao Haver, o próprio Haver é transcendente aos dois casos de qualquer dualidade e oposição. Até nesse lugar há um transcendente que é imanente. Ele é transcendente às dualidades, mas imanente ao que há. E o não-Haver, que continua sendo requisitado como transcendente ao próprio Haver, não comparece, sendo, no entanto, exigido pelo princípio de catoptria. Isso é o que mais incomoda: pensar neste sistema de balança permanente. Se não afirmarmos que o Haver é transcendente às dualidades, ele passa a ser considerado como *coincidentia oppositorum*. Temos que dar um grau de diferença até mesmo hierárquica, se não, ficamos com dois opostos que se reúnem de algum modo, em algum lugar. E isto não é creditável neste sistema. Os opostos não coincidem em lugar algum. Eles ficam em alternância, porque são cabíveis no Haver como formações modais. Toda e qualquer dualidade apresenta modalidades.



- Pergunta – Seu passo em relação à filosofia foi colocar a dimensão de transcendência como radical e absoluta catoptria do movimento. O não-Haver é esta requisição de transcendência, e isto não tem na filosofia. No regime que a filosofia supõe ser estrita imanência, mesmo se lermos Espinosa como Deleuze fez, há um ponto terceiro, há uma triangulação na imanência. Não há a requisição do quarto, mas este terceiro é imanente ao processo, e não transcendente à dualidade.

Eis o truque de Deleuze, que suspeito não estar em Espinosa. Em meu esquema o terceiro é transcendente. Se o terceiro lugar for da mesma ordem que a oposição, homogeneízo imediatamente as oposições. Este é o problema. Minha saída foi pela tangente. A de Deleuze, um truque...

Quanto ao que chamo de **Real**, este, na verdade, não é nem terceiro, pois é hierarquicamente superior às dualidades. O Haver é transcendente apenas em relação às suas modalidades, mas continua a requisitar **A** transcendência, que não há, apesar de ser exigível. Por exemplo, a diferença radical entre Lacan e eu quanto ao objeto de desejo. O seu é o famigerado objeto *a*, em que até podemos dar uma lambidinha. Em meu esquema, o que é desejável é o Impossível mesmo. Lembrem que Lacan dizia que não se pode desejar o Impossível. Eu digo: **só se pode desejar o Impossível**.

Como podemos ver no gráfico acima, o Haver é, então, o que chamo de *Res Gaudens*, que pertence ao nível do Originário, OR, e é também o que chamamos de libido e tesão. Em última instância, é: co-moção. Trata-se de um sistema hierárquico em que a *Res Extensa* é o que chamo de Primário, 1AR, e a *Res Cogitans*, de Secundário, 2AR. Já lhes disse que, se a ciência continuar fuçando, vai demonstrar aos poucos que Primário e Secundário são homogêneos quanto à sua formação linguageira. Em Lacan, as relações são heterogêneas, pois o que não funciona, nem no nó borromeano, é justamente a heterogeneidade dos registros. Segundo o que proponho, em última instância, o campo deve ser homogêneo.

Encontramos os Realismos do pensamento na *Res Extensa* e os Idealismos na *Res Cogitans*. Não que ambos não pensem as duas coisas, mas a tônica do realismo é pensar segundo a *Res Extensa* e a do idealismo pensar com a hegemonia da *Res Cogitans*. É importante entender que, quando falo em Haver e não em Ser, é porque o pensamento ocidental chamou de Ser, apesar de Heidegger, o que secundariamente pensamos do Primário. Que o Secundário fale dele próprio, até entendemos, porque é homogêneo. Daí, a filosofia viver correndo atrás de seu próprio rabo no nível do Secundário. Mas quando quer pensar e dizer a respeito do Primário – e isso se chamaria primordialmente de ciência –, ela o faz como filosofia, portanto está na ordem do Ser, pois quer saber qual é o Ser... do-ente. O *Logos*, por sua vez, neste meu esquema, possui uma utilização regional, porque em última instância pertence ao Haver. Mas, na história da filosofia, ele aparece como uma doação dada de cima, de modo a constituir a possibilidade de dizer secundariamente o Secundário e o Primário.

Quanto à Sexualidade, no nível supremo, estamos no Sexo Resistente, e isto se joga consistente e inconsistentemente. Não adianta separar, nem no nível lógico nem no nível matemático, consistência de inconsistência do sexo, porque é a mesma coisa: cada um goza por onde pode e na hora que pode. O Haver não pára de gozar, é um gozador. Coisa de louco! Se formos consultar nossas definições para saber o que é gozo, na verdade, o Haver inteiro é

constituído dessa coisa gozante e gozosa chamada *Res Gaudens*. Daí, todas as confusões que a psicanálise pôde descobrir entre os aparelhos e as ocasiões de gozo. O que estamos fazendo aqui? Exercendo funções de gozo e mais nada. As pessoas querem pensar libido como energia, como se ligassem uma tomada no rabo. Não é assim. É apenas o processo de co-moção entre formações. Pulsão, por sua vez, é o movimento do Haver que está escrito n'ALEI $A \rightarrow \tilde{A}$, e tudo funciona assim. O não-Haver é o empuxo que direciona o movimento pulsional, mas ele não há. No entanto, não desistimos justamente porque jamais conseguimos. É o contrário do que Lacan disse, pois ninguém abre mão de seu desejo!

O que chamamos de Ser, radicalmente diverso de Haver, é apenas o que se passa como co-moção entre matéria e espírito, entre *Res Extensa* e *Res Cogitans*, isto é, entre Primário e Secundário. O campo é homogêneo no seio do Haver. Um dualismo efetivo seria a presença de uma heterogeneidade irreduzível para todo sempre e para todo lugar. Neste esquema não há aporias nem paradoxos desse tipo porque há passagem. Em última instância, há a possibilidade de uma homogeneização. Aliás, a ciência e a tecnologia vivem produzindo isto e não podemos negar. Se não, voltamos para a selva. Vivemos o dia inteiro dependendo de maquininhas de homogeneização. Ainda mais agora, com os computadores, temos concretamente na mão a tecnologia de aparelhos de homogeneização. E vai ficar pior, pois hão de inventar a IdioFormação de lata.

6. Não se coloca que a Nova Psicanálise seja monista ou dualista porque ela é as duas coisas em registros diferentes. Não há homogeneidade e nem descontinuidade permanentes. Isto porque há que reconhecer que, na ordem do sintoma, tudo se dualiza. Quando reconheço isto, reconheço o Revirão e o uso. O Revirão é lugar de sintoma e de Cura, pois, se posso fazer algum esforço de colocar o pé na frente para a pessoa tropeçar e, eventualmente, passar para o outro lado, algo se entende, se esclarece, é uma faísca. Então, não vou lidar com o sintoma de fora, mas de dentro. Se acredito – e isto só porque acredito – que estamos continuamente nesse movimento, em algum lugar há reviramento.

Em algum lugar, passamos para outro lado, mesmo que não se possa acompanhar o reviramento. Passamos pela neutralidade e temos uma referência que mostra que experimentamos isso. No entanto, não vou ficar como Buda olhando para a paisagem e pensando que serei neutro. No máximo, há uma posição de descanso, pois a cabeça não fica parada. A moda agora é estarmos em meditação, em alfa, o que é mentira, pois sempre estamos pensando um monte de besteiras. O truque das religiões é fazer o outro supor que existem certos iluminados que estão nesse lugar neutro. O Haver não é o Nirvana, e sim a zorra. Em nosso aparelho não há Nirvana, não há Céu como as religiões prometem e dizem que alguns lá chegaram. As religiões são pedantes tanto quanto qualquer ensino, pois colocam o outro no lugar do inferior, da criança (*paidós*). Vivemos submetidos aos pedantismos do governo, da universidade, etc.

7. O que chamo de Real desde o começo, e que se situa como indiferença aos opostos do Revirão, simplesmente é o que chamei de *ponto bífido*, que é a possibilidade de, rapidamente, passarmos pela indiferenciação. Então, ele é fora. Jamais tocamos permanentemente algum real. Falamos, sim, de realidades. Quando um pensador, um artista, um cientista, consegue produzir um passo, abrir uma chave qualquer, ele homogeneíza em algum lugar, num pequeno ponto. Em seu percurso, ele passou ali, mas, em seu produto, já estamos na oposição. Não há como estacionar no real. Lacan até dizia que o real geralmente comparece como sintoma. Para mim, só comparece como sintoma. Na passagem e em seu processo de Revirão, visitamos o Cais Absoluto que chamo de Real. Quando o visitamos, ficamos muito mais exasperados, pois aí é o momento em que indiferenciamos “para dentro” e a única oposição que há é o Haver bruto, que não é Ser. Quando começamos a falar dele, falamos besteira. O que temos é, sim, a experiência bruta do Real em confronto com o não-Haver. O Real é esse lugar, Cais Absoluto, onde sabemos que Haver quer não-Haver. É horrível, mas estamos condenados a isso. Já o real de Lacan é, mediante realidade, entrar no real da realidade, sendo isto indizível... É ocidental e católico.

8. Para nosso prosseguimento, precisamos reconhecer que a psicanálise de Freud até seu falecimento em Lacan é ainda uma antropologia. O que causa estranheza no que estou colocando é que eles são antropólogos e pensam antropológicamente. Ainda que pensem uma psicanálise centrada no Inconsciente, trata-se do inconsciente do ‘homem’. Tanto é que a história da psicanálise em Freud é hominizada e historicizada do bebê em diante. Darwin, a meu ver, desloca bem mais o centro para o conceito de espécie associada ao de evolução. Há um olhar mais abrangente, que não constitui uma antropologia. Talvez a maior reação a Darwin na história do conhecimento seja pela razão de ele não ser antropológico, e muito menos antropocêntrico. Para ele, o homem é uma espécie brotada no meio da zorra. Toda vez que não somos antropocêntricos nem antropólogos causamos certo mal-estar. Minha proposta, mesmo tendo o Inconsciente, ou seja, o Haver, em mira, não tem o homem como centro. Quero tratar de IdioFormações, das quais o homem é um caso, e não é dos melhores. A humanidade nunca deu certo, mesmo com as tentativas de correção por via dos pensamentos que entendem algo acima dela. O centro é uma IdioFormação, da qual o homem é uma espécie primária supostamente única até agora encontrada. Podem existir uns ETs e poderão vir a existir artefatos tecnológicos em Revirão, produzidos pelo próprio homem à sua revelia – e serão produzidos à sua revelia –, com Primários radicalmente diversos dos nossos, o que faz a música ficar completamente diferente. Faço, portanto, questão de dizer que isto não é uma antropologia, como é o caso da história inteira da psicanálise.

O Princípio chamado Antrópico por alguns, na medida em que só esta espécie foi encontrada até hoje, como já lhes disse, é melhor pensado como **Princípio de IdioFormação**. Chamaram de Princípio Antrópico porque só reconhecem esta nossa espécie como capaz de Revirão. Meu Princípio Antrópico é fortíssimo, ou seja, suponho que, em algum lugar, uma IdioFormação tem que comparecer, só não sei em qual temporalidade. E este fato não é nem contingencial nem necessário, porque é do Haver: **há**. Categorias como contingência e necessidade se referem ao Ser. Na ordem do Haver, há Consciência e Auto-

Consciência. Se o Haver é auto-consciente, isto ressoa em algum lugar. Dizendo de outro modo, se o Haver é consciente, ou seja, é inconsciente, ou seja, é consciente de si mesmo, isto ressoa e aparece em algum lugar. Aqui, apareceu em alguns macacos e mal, porque o Primário é ruim. Então, em algum lugar, como Princípio forte de IdioFormação, isso comparece e, dentro de algum tempo, veremos comparecer em nossa tecnologia. Uma IdioFormação é necessariamente capaz de comparecer pontilhadamente porque o Haver é consciente de si, ou seja, o Haver é IdioFormação. Quando comecei a falar disto, era muito arriscado, mas hoje não estou sozinho. Vejam que há físicos que escrevem livros com títulos como *O Universo Auto-Consciente*. Não quero entrar nessa. O que estou dizendo é que o Haver é uma IdioFormação, seja onde for que achemos a manifestação co-movida desta autoconsciência. Aqui, encontramos entre nós. Mas como o que trago não é uma antropologia, mesmo só conhecendo este caso não podemos reconhecer a casuística que apareça em qualquer lugar pela via da estorinha primária dessa bobagem chamada espécie humana, que, aliás, é péssima. Mesmo a reprodução sexuada ter dado certo, é um espanto para os biólogos.

A única crítica que posso receber é me dizerem que sou um idiota como qualquer outro que está falando cá em baixo, com formações primárias e secundárias. Respondo que não sei falar de outro jeito. Então, tomem isso como metáfora do Haver. É uma paranóia e uma metáfora. Não posso fazer nada. Se ninguém nunca pôde, por que eu deveria?

Parece que o conceito fundamental que Freud produziu de Pulsão de Morte não foi bem utilizado a tempo de ajudá-lo a saltar fora de sua visão antropocêntrica. Ele teve chance, mas amarelou nesse lugar, ficou em pânico. Darwin foi mais corajoso neste ponto. Guardou sua obra por muito tempo, mas disse.

9. O tema Psicanálise: Arreligião é importante para nos situar no mundo de hoje. Tratam-se de teologias recalcadas e, portanto, denegadas. É o que nos

mostram sobre eles as genealogias de todos os saberes de qualquer modo nomeados e arrumados nos grandes arquivos da humanidade. Há que parar de denegar isto. Todos os saberes são teológicos, têm origem e vocação religiosa, pois querem ocupar o lugar de Gnoma. Desrecalcar isto é duro. Em sua pré-história ou em sua história primitiva, todos foram partícipes de teologias mais ou menos disfarçadas. Melhor ainda, todos fizeram parte da liturgia de alguma religião mais ou menos confessa e praticável. Não é por nada que a lucidez do gênio de Carl Schmitt destacou primeiro isto para nós em março de 1922, no que diz respeito ao Político e, subsequente, ao Jurídico em seu texto famoso e ao mesmo tempo demasiado freqüentemente posto de lado: *Teologia Política, quatro capítulos sobre a doutrina da soberania*. Amplio a visão de Schmitt afirmando que é genérica. O texto diz: “Todos os conceitos expressivos da moderna doutrina de Estado são conceitos teológicos secularizados. Não só por sua evolução histórica, por terem sido transferidos da teologia à doutrina do Estado, na qual, por exemplo, o Deus todo-poderoso tornou-se um legislador onipotente, mas também em sua estrutura sistemática, cuja compreensão é necessária para um enfoque sociológico desses conceitos” (*Crise da Democracia Parlamentar*. São Paulo: Scritta, 1996, p. 109). Isto abrange todo o pensamento ocidental e oriental. Seria ingênuo, depois de tudo que sabemos sobre os supostos fundamentos dos conhecimentos de qualquer campo, querer-mos nos ater à idéia, até mesmo simplória, de que possamos nos referir apenas às doutrinas do Estado.

Enfatizo esta zorra com muita força, pois é o que acontece hoje no mundo, com a chamada quebra dos fundamentos. Em última instância, os aparelhos são todos teológicos e, pior, religiosos. Assim não seria difícil reconhecer, estudo a estudo, caso a caso, a descendência teológica e mesmo religiosa da Filosofia, do Direito, das Ciências e ultimamente da própria Psicanálise, cujas referências maiores foram evidentemente tiradas do monoteísmo semita que, como sabem, prefiro chamar de egípcio, primeiro, judaico com o próprio Freud, depois cristão, se não católico-romano, com Lacan. Assim também como não seria difícil reconhecer a ocultação disso no processo

de secularização de todos os discursos ocorridos mais veementemente entre os séculos XVIII e XX de nossa cultura ocidental. É só fazer o percurso para ver que está na cara. O que estou fazendo com meu trabalho continuado é dispensar, pelo menos figurativamente e mormente do campo da psicanálise, essas formações demasiado comprometidas com aquelas narrativas de então. As IdioFormações que reviram, necessariamente produzem linguagem, necessariamente produzem Deus. Necessariamente! Não adianta sermos iluministas e dizer que o lugar do Gnoma é o lugar da ciência. Qual seria a diferença? Deus não é uma opção, o Haver é assim. É preciso parar de denegar.

A Psicanálise é Arreligião – ao mesmo tempo artigo e prefixo de negação. É A religião propriamente dita, em seu estrato abstrato e, por isso mesmo, é não-religião, pois não aceita que se coloquem conteúdos no lugar do Gnoma. Como sustentar religiosamente o vazio deste lugar? A grande denegação do campo da psicanálise é esta. A psicanálise precisa se assumir e saber que a única coisa que trouxe de novo e pode fazer é a sustentação de nenhuma narrativa no lugar do Gnoma. O máximo que se pode fazer é isto. É este o encaminhamento.

16/MAR

10. A canção que acabamos de ouvir, *Estrela do Mar*, de Marino Pinto e Paulo Soledade, cantada por Dalva de Oliveira, é muito velha, não sei de que ano: “O pequenino grão de areia / que era um pobre sonhador / olhando o céu viu uma estrela: / imaginou coisas de amor ... / Passaram anos muitos anos, / ela no céu ele no mar, / dizem que nunca o pobrezinho / pôde com ela encontrar. / Se houve ou se não houve / alguma coisa entre eles dois, / ninguém soube até hoje explicar. / O que há de verdade / é que depois, muito depois, / apareceu A Estrela do Mar”.

A letra fala de ‘coisas de amor’, mas não é bem disso que se trata. O que é interessante na metáfora da canção é a idéia de um movimento pulsional – que as pessoas gostam de chamar de ‘desejo’ – no sentido de algo absolu-

tamente impossível de ser atingido. Todo o tempo que se dê a este impulso, por mais ou menos tempo, pode acabar sem nenhum encontro realmente realizado, resultando num produto. É o que diz a letra. Gosto dela porque é uma espécie de explicação cançãoeira do que chamo $A \rightarrow \tilde{A}$: é impossível atingir, mas algo sobra ou resta, mesmo assim. ‘Dizem que nunca o pobrezinho pôde com ela encontrar’, no entanto ‘apareceu A Estrela do Mar’. Parece coisa da ordem da reprodução, mas não é obviamente, pois estrela com grão de areia não deve dar estrela do mar no nível do conhecimento reprodutivo. Mas, em havendo HiperDeterminação e alguma espécie de gozo – *Res Gaudens* ou *Res Commota*, como chamei –, pouco importa o gênero (masculino ou feminino) da estrela ou do grão de areia quando se trata de metáfora. E a estrela do mar que resulta não é reprodução entre dois sexuais, mas **criação**, dada uma *Sexão*, dado um *Sexo*, um gozo, entre Haver e não-Haver no campo do *Tesão*.

O que importa aí é a referência à HiperDeterminação: a invocação da **Função Gnoma** e o exercício, **com** sua intervenção, da produção do **milagre**, isto é, da **criação**. Nesta exasperação é que algo de novo aparece, nem que seja na boca do poeta. Então, algo **há**, alguma nova formação do Haver **há** e, se tomarmos o verbo querido dos filósofos, algo **é**. Se quisermos tirar daí uma idéia de *cogito* psicanalítico – que, na boca de Lacan, se tornou *Desidero ergo Sum*, ao afirmar ser este o *cogito* freudiano –, digo que o *cogito* verdadeiro da psicanálise é ***Gaudeo ergo Sum***: Gozo, logo sou. Desejo não prova nada se não sobrar um resto por causa dele, pois ele é apenas um movimento e nada mais. É na Quebra de Simetria que alguma coisa sobra, portanto é este gozo que determina o que há e o que é. Digo *Gaudeo ergo Sum* só para emular Descartes, pois não sei por que precisaríamos de *cogito*. Não serve para nada.

11. Nessa brincadeira sexual há algo que as pessoas têm extrema dificuldade em reconhecer e situar a partir da idéia de sexuação, ou sexualidade, que lhes apresentei há já bastante tempo. Nunca pensei que fosse tão difícil. Falei como se fosse uma banalidade, mas devo estar errado. Dados os dois sexos originários, um que existe (sexo Resistente) e outro que não existe (sexo da Morte), coloquei

as duas fórmulas que Lacan escreveu como hierarquicamente inferiores, descendentes do sexo Resistente. Faço isto para não misturar com a bobagem puramente ocasional e local da sexuação dos corpos. Tampouco me permito chamar de masculino/feminino ou homem/mulher, pois não se trata disto e nem há coincidência com isto. Mesmo em Lacan não coincide, e não sei por que ele insistiu em chamar assim.

Chamei de **Consistência** e **Inconsistência** e vejo que, embora entendam, as pessoas têm muita dificuldade em visualizar. Parece que é difícil mesmo, e fico procurando maneiras de explicar o que é sexo Consistente e sexo Inconsistente. Para entender, é preciso ver filmes pornográficos. A pornologia é uma ciência muito interessante. Alguém precisa dar conta dela porque explica coisas... Tomemos o verbo **sofrer** e suas possibilidades: sofremos **com** isso ou sofremos **disso**. Encontramo-nos com algo, há uma batida, e sofremos **com** ela. No entanto, se sofremos **de** algo, trata-se de alguma coisa que já está lá e como decorrência nos faz sofrer. Gozar também possui estas possibilidades: gozar **com** algo é diferente de gozar **de** algo. Podemos gozar com algo, ou seja, atingir ou encontrar alguma coisa que nos faz gozar, ou gozar de algo, onde, dentro da situação, usufruímos de algo. Até dizemos que, por exemplo, fulano ‘goza de boa saúde’ e fazemos um atestado de sua boa saúde mental, o que certamente será mentira...

Tenho a impressão de que, inclusive nas práticas eróticas dos corpos, assim como em qualquer lugar em que se possa usar o verbo gozar, **Consistência** e **Inconsistência** são atitudes e vetores contrários. Quando gozamos **com** alguma coisa, isto é **Convergente**, porque se encaminha para determinado ponto. Mas, quando querem definir estas coisas, Lacan, com sua precária explicação, e mesmo aqui embaixo no mundo das *ignorâncias*, romancistas e escritores, fazem a besteira de falar de mulher e homem. Às vezes, até falam de gozo masculino ou fálico na ordem da convergência, pois algo se movimenta e atinge determinado ponto. Por outro lado, existe também, seja na ordem jurídica ou não, e até na ordem dos corpos, a possibilidade de se encaminhar **a partir de** uma atitude gozosa. Santa Teresa e São João da Cruz

são os exemplos dados por Lacan, mas esta **Divergência** acontece na prática sexual e erótica também. Por isso, disse que é preciso ver filmes pornô, onde temos isto com muita clareza. E, se somos analistas, também podemos ter este testemunho, porque ele aparece na fala dos analisandos no nível do não-entendimento de seu gozo: as pessoas ficam perdidas e começam a falar de sua convergência e de sua divergência. E é inegavelmente o que acontece e está no filme pornô. Aliás, é o filme mais realista que existe porque filma a prática mesma das coisas. Há dois filmes realistas que gosto muito, o pornô e o de culinária: um está fazendo mesmo a comida e o outro está trepando mesmo. Bem ou mal, conseguem.

Se pensarmos em Convergência e Divergência, talvez possamos explicar melhor as práticas. Na pornologia fílmica, chamam de *gang-bang* o filme em que há uma moça ou rapaz sendo fodido(a) por muitos. Essa é uma situação interessante, do ponto de vista analítico, pois ficamos com a impressão de que, por ser um filme, aquilo tudo é *fake*, projetado no sentido de se encaminhar para determinado ponto. Mas não é verdade, pois há participação das pessoas, sobretudo dos machos que, se não participarem, a situação não funciona. Eles precisam inclusive dos *fluffers*, que não são atores, mas se prestam a ficar fazendo sacanagem em volta para estimular os atores, que podem brochar com aquela situação insuportável das câmeras e luzes, que nos brocharia de saída. Então, para realçar o movimento e não entrar em decadência, há os *fluffers*. Nossa questão é que os atores precisam estar funcionando e aquelas pessoas – que, por exemplo, num filme de *gang-bang*, estão sendo fodidas literalmente nos filmes – participam com muito gosto. Vejam que a intensificação do gozo é em função do gozo obtido, ou seja, é em função do gozo sexual, carnal, já obtido que se intensifica para essa pessoa a participação no jogo e no gozo que vem depois. É a mesma coisa quando se fala que as mulheres podem ter orgasmos múltiplos e sucessivos, que alguns homens também têm, o que já foi filmado e de que temos a narrativa. Isso é da ordem da divergência, do gozo inconsistente, no nível da carne: é porque há algum gozo, que se é solicitado e se continua. É gozar **de**, gozar de gozar,

porque o gozo é o excitante, coisa que ocorre com frequência, mas de que as pessoas não sabem dizer. Santa Teresa não costumava ejacular porque não tinha próstata, mas São João da Cruz ficava ejaculando. As pessoas que gozam convergentemente, ao contrário, gozam **com**, encaminham-se para um ponto, o atingem, gozam e terminam. Aliás, recomendei que lessem um livro intitulado *A Verdade sobre o Clitóris*, de Rebecca Chalker (Rio de Janeiro: Imago, 2001, 190p), que é interessantíssimo para termos idéia do que seja um clitóris.

• P – *Eu pensava que o que você chama de gozo consistente teria um término, com orgasmo múltiplo ou não, e que o gozo inconsistente não teria um término, nem auge nem descida.*

Ficamos com a impressão de que tem um término porque existem orgasmos. Isso, do ponto de vista orgástico, pois, do ponto de vista do movimento, o gozo inconsistente não pára. Messalina, *lassata sed non satiata* – não entendiam a pobrezinha. Pensavam que era uma putona, mas era apenas uma pessoa onanística: quanto mais mexia, mais precisava... Ficou com essa fama, quando era na verdade uma Santa Teresa do sexo. Quero dizer que o gozo divergente é causado por gozo. Quando dizemos que fulano goza de boa saúde, já há o gozo da saúde e ele continua gozando, sendo orgasmo ou não, como se fosse uma conta bancária rendendo.... As pessoas se confundem até para falarem de seu procedimento de gozo erótico, carnal, porque não sabem dar nome para coisas que têm escansões. Se é múltiplo, tem escansões, mas o que define o inconsistente desse gozo não é a escansão, e sim o fato de ser causado por gozo. Quando Santa Teresa declara que está em gozo em relação a Deus, é a partir deste ponto que ela entra em atitude gozosa. Aliás, encontramos este tipo de texto em muitos papéis da igreja católica. São os livros de missa e as preces daquelas velhinhas beatas rezando na igreja, gozando com seus mistérios gozosos, declarando em voz alta que estão em pleno gozo. Trata-se disso: *Gaudeo ergo sum*.

12. Sobre o processo de secularização dos conceitos teológicos na história de todos os saberes, de que falei na seção anterior do Falatório deste ano,

primeiro nas filosofias e subseqüentemente nas ciências, recomendo a leitura do livro: *Theology and the Scientific Imagination: from the middle ages to the seventeenth century*, de Amos Funkenstein (Princeton: University Press, 1986, 421p). É um belo trabalho, pois mostra exatamente a secularização de todos os saberes, que nasceram como saberes religiosos, se não inseridos num aparelho religioso, pelo menos como saber teológico em estado puro.

13. É preciso nos dar conta de que o **Inconsciente**, além de ser **Capitalista**, é **Aristocrático** e **Hierárquico**. Por isso toda primeira manifestação dele é assim. Os movimentos (maiores ou menores) democráticos ou proletários – e nisso precisamos corrigir os historiadores – não passam de turbulências necessárias para as sucessivas rearrumações que sustentam a continuidade desta ordem, no sentido de restabelecer o movimento capitalista, aristocrático e hierárquico do Inconsciente.

O que digo parece inútil, mas tem consequências sérias. É por isso que filósofos, cientistas e outros se espantam com frequência com a baixíssima possibilidade ou probabilidade, no sentido estatístico, de acontecimentos como: 1) o surgimento do **Universo** em que vivemos, que deixa os cosmólogos de boca aberta quando fazem cálculos: há quase zero de probabilidade de este evento ter acontecido e ficam sem saber por que aconteceu, o que dá colher de chá para os religiosos dizerem que foi criação divina; 2) o aparecimento neste Universo do **Planeta Terra**, tal como ele funciona: não se achou até agora nada parecido por perto, então parece ser provavelmente difícil de acontecer; 3) *last but not least*, a incrível aparição da **Espécie Humana**, reconhecida como a mais esperável pelo dito Princípio Antrópico, no entanto de uma raridade extrema. O que pensadores, cientistas, filósofos, em seus livros de biologia, cosmologia, geologia e ecologia, parecem não entender é que o que lhes parece ser um evento raro, com probabilidade quase zero, nada tem a ver com probabilidade. Precisam inventar outra explicação. Se o Haver funciona como quero supor, segundo o esquema $A \rightarrow \tilde{A}$, não é o caso de probabilidade, pois ele é Aristocrático: escolhe o que é pouco provável. Virem-se para responder a esta questão.

A razão da existência do Princípio Antrópico na ciência já deveria ser suficiente. É utilizado por cientistas da melhor competência como, por exemplo, Stephen Hawking, mesmo que não tenha sido comprovado até hoje. Por que o Princípio Antrópico? Pelo simples fato de que o Universo quer se virar em si mesmo. Ora, se a tendência for esta, ou seja, que o aparelho do Revirão constitua outro Revirão em algum outro lugar, isso significa que o Universo é Aristocrático, que ele prefere o melhor e o que é '**de ponta**' em seu funcionamento. Há uma preferência que ninguém nunca soube explicar e aplicar estatística de nada adianta. Aliás, estatística serve para quase nada. Este funcionamento não depende de probabilidade, mas de *vocação*. É o que estou chamando de Aristocracia: certa destinação ou vocação do que há para a pura e simples repetição de sua estrutura de última instância. Não fosse isto o Universo não chegava a lugar algum. Esta estrutura de última instância não é senão certo movimento no sentido da HiperDeterminação. Quero dizer, então, que ALEI, $A \rightarrow \tilde{A}$, funciona e, se é assim, o Universo é Aristocrático, tende para sua última instância. Pode até fracassar no meio, mas há esta tendência em processo de repetição deste caso, donde o Princípio Antrópico. Por isso, posso afirmar que sua índole é Capitalista, Aristocrática e Hierárquica, pois, se a vocação é esta, criam-se imediatamente: uma vontade de tirar proveito dos movimentos, chama-se *lucro*; uma vontade de atingimento de última instância, chama-se *Aristocracia*; e um procedimento em que mais é mais e menos é menos, chama-se *hierarquia*.

Vejam como o século XX disse bobagens, nos convencendo de um monte de coisas que agora precisamos rever. E com intensidade, pois aqueles que percebem a besteira dita, mas não produzem procedimentos de revisão, fazem retorno e reversão a credices, religiões etc. Por isso, a luta hoje não é continuar com o estado de espírito dito científico do século XX, como disse Bachelard. É, ao contrário, repensar todo o processo, lembrando que foi um titubeio do século XX. Inclusive a psicanálise, que funcionou produzindo besteiras ao tentar dar conta de seus movimentos nesse processo. Se ALEI funciona assim, se podemos fazer este tipo de revisão, vamos chegar aí.

14. Nietzsche escreveu um dos livros mais interessantes, chamado *Le Gai Savoir* – o título é em francês por causa dos trovadores. Sabem como é sua tradução em inglês? *The Gay Science*. O que Nietzsche queria dizer com *Le Gai Savoir*, ou seja, *The Gay Science*? Que havia uma sabedoria no modo de agir e no modo de pensar daqueles trovadores e dos conhecimentos que se fundaram ao redor de seu movimento. Que havia um procedimento afirmativo e limitativo, quer dizer, afirmavam-se as existências e afirmava-se que era preciso pensar com limites, pois, quando extrapolamos os limites da disponibilidade do pensável, entramos em má-fé e outros erros denunciados por tantos pensamentos. Nisso reside o brilho do pensamento de Nietzsche. O que é *gay* ou alegre no pensamento que ele preconiza? Pensa-se para não escapar da existência. Ou seja, não existe para ele, como não existe para mim, a idéia de ser-para-a-morte. Ser-para-a-morte é Melancolia, na suposição de que pode infinitizar os limites do pensamento. Não pode, pois todo pensamento é limitado. Se pensarmos para além desses limites, não pensamos nada, logo não é pensamento, e sim paralisia. Em qualquer momento da estada no Haver, todo e qualquer pensamento só pode pensar estabelecendo seu horizonte **antes**. Quando finge não estabelecer seu horizonte, simplesmente entra em processos como o de ser-para-morte e outros que tais. Por isso em nosso sistema **A Morte não há**. Há limitação e desligamento antes da suposta Morte. Assim como o não-Haver não há e A Morte não há, todo pensamento sofre ou goza **de**, goza inconsistentemente da Ressonância, da Co-moção dessa limitação dentro de seu próprio princípio.

Por não haver A Morte, por não haver o não-Haver, há fundação de limite que repercute em todos os processos de fundação de pensamento ou do que quer que se faça. É isso a **Alegria**. **A vida eterna** é um fato bruto. Reconhecer isto é reconhecer o limite de que A Morte não há e, portanto, a fundação do que Nietzsche chama *The Gay Science*, um limite absoluto, afirmativo da existência, isto é, o Haver como **Afirmação** pura. Não há *não* no Inconsciente. Donde, o Dr. Lacan teve um tropeço, pois a *Bejahung* não pode faltar e não me venham com forclusões... Assim, esta mesma

afirmatividade, quando toma desenvolvimento em criatividade e criação humanas, tem sido responsável pelas sucessivas quebras do baixo-narcisismo (mais reconhecidas com o nome de ‘feridas narcísicas’ desde o Dr. Freud). Não é por extrapolação nem por superação, e sim pela afirmatividade mesmo que a quebra se dá. Copérnico e a fratura **cosmológica**, anunciada por Freud; Darwin e a fratura **biológica**; Freud e a fratura **psicológica**; e, agora, tantos autores e técnicos juntos operando a fratura **tecnológica**. Isto é o que hoje está quebrando o baixo-narcisismo. A nova ferida narcísica é a tecnologia. Sobre esta fratura tecnológica do baixo-narcisismo, recomendo as seguintes leituras: Ray Kurzweil: *The Age of Spiritual Machines* (NY: Penguin, 1999, 388p.) – já citei este livro antes –, e Bruce Mazlish: *The Fourth Discontinuity* (New Haven and London: Yale University Press, 1993, 272p).

Le Gai Savoir, no que encontra sua limitação *ad hoc* na afirmação do Haver, e subseqüentemente nas afirmações menores das formações (modais) desse Haver, **se alegre** (é o caso de dizer) com os resultados de sua postura, à medida que eles sobredeterminam a emergência e o florescimento de novas e novas formações (a **criação** de que falei antes). Não estou colocando nenhuma idéia recalcitrante de *progresso*, mas sim a verificação da multifariedade afirmativamente florescente do Haver. Nenhum progresso: pletora de criação.

Considerando *The Gay Science*, também não esquecer que a psicanálise foi inventada pelo Dr. Freud (justamente o Doutor **Alegria**, o Doutor Alegre ou Doctor Gay, assim como algumas pessoas se chamam Gay em inglês). Seja qual for o humor com que ele levasse este nome alemão, a psicanálise só teve início no quente de uma relação, depois dita transferencial, que hoje teria inexoravelmente o epíteto de **gay**, com o só por isso hoje ainda lembrado Dr. Fliess. Não foi por menos, também, que preconizei há algum tempo o **Retorno da Alegria**, quando falei do Retorno **de** Freud. Por que não regozijar-se o porco dentro de seu chiqueiro – quando ele finalmente sabe que, dali, não relativamente, mas absolutamente não há saída? Aqueles que querem deixar seu chiqueiro e mesmo deixarem de ser os porcos que somos ficam inventando vida do outro lado, vida depois da morte, acham que vão morrer, mas não vão:

somos todos porcos e ficaremos eternamente no chiqueiro. Não há saída do mal-estar no Haver: no melhor dos casos, alegria no mal-estar. É neste texto, *Le Gai Savoir*, que Nietzsche fala da Alegria da Cura e da Grande Saúde, esta que estou colocando aqui. Não há saída: sejamos alegres enquanto porcos. Parece bobagem, mas o que está acontecendo de terrível e que deixa as pessoas horrorizadas hoje é que cada vez fica mais claro que vivemos num mundo emporcalhado do qual não há saída e o jeito é lidar com a porcaria o melhor possível. Por isso as pessoas têm se sentido tão mal. É só vermos a indecência que acontece no Oriente Médio, com os *juDeus* esquecendo tudo que passaram...

• P – *Ou rememorando...*

Dizer assim, fica difícil, pois se supusermos que estão rememorando, teremos que concluir que foram eles que inventaram.

15. Aí vem a estória do famoso **Parlêtre**, de Lacan. Assim como outros epifenômenos do Haver, que apontei no Falatório anterior, **a Fala**, que tem servido a alguns como definidora desta nossa espécie de IdioFormação, é apenas um epifenômeno do Revirão, isto é, d'ALEI, ou seja, em última instância, um epifenômeno do Haver, tal como nela co-movido. Na fala, o Haver é co-movido. Assim é onde quer que ela apareça: é claro que, a cada caso, totalmente modificada em função do *design* do Primário onde compareça. Não sabemos como será isso que temos como fala em outros *designs* de Primário que apareçam por aí. Pode não ser sonoro. Chomsky teve a inteligência e a coragem de, durante o período em que Saussure e Jakobson dominavam o pensamento lingüístico, sobretudo na Europa – no caso de Lacan, por exemplo –, insistir no fato de que há alguma coisa pré-dada no nível da formação da linguagem. Ele pensa a idéia de uma Gramática Profunda, etc., e diz que não sabe por que adquirimos o hábito de soltar uns ventos pela boca com palavras. Por que não poderia haver um fluxo de palavras pela boca e outro pelo nariz? Ele se coloca a questão de que, se tivéssemos dois fluxos ao mesmo tempo, a língua seria mais complexa, pois falaríamos duas frases ao mesmo tempo. Parece maluquice,

mas sabe-se lá se algum Primário fez isto? Mas não importa se a humanidade poderia ou não, e sim que passou na cabeça de um homem como Chomsky que uma diferença de Primário poderia produzir algo completamente diferente no nível da linguagem falada, que deixaria de ser linear, podendo ser verticalizada numa pauta musical. Lévi-Strauss, como bom wagneriano, iria ficar feliz.

Daí veio a intuição de Serge Leclaire, em sua disputa com Lacan sobre a preeminência da Linguagem ou do Inconsciente. Evidente que quem tinha razão era Leclaire. Como imediatamente dada e supostamente capaz de acolher as funções articulatórias da espécie em quase toda a sua totalidade (quem sabe?) – e dados a *talking cure* de Freud e o *talk show* de Lacan, este último quis, e de certa forma pôde, definir a espécie como *serfalante*, ou *falessen*, como um dia eu traduzi. Mas nós outros precisamos e queremos dar conta de seu modo de produção bem como da máquina que a produz. Segundo nossa hipótese, é a HiperComplexidade que daria conta disso. O que chamo de HiperComplexidade, para além do pensamento sobre a complexidade que está disponível no mundo, seria algo que incluísse uma Complexidade-Limite, incluindo a HiperDeterminação. No regime do Inconsciente como funcionalidade hiper-complexa – ou seja, complexidades-limite extremas, por assim dizer – tocada pela HiperDeterminação, isso produz, onde quer que apareça uma IdioFormação, a chamada Linguagem. Então, ela é epifenomênica, e não fenômeno fundamental. Não somos seres falantes, somos, antes, IdioFormações e, dependendo do Primário, algumas falam.

16. Talvez estejam estranhando o modo como estou fazendo a partir deste semestre: estou apresentando apenas cacos e frações – vocês que os juntem.

17. Sobre a retomada do Universo como consciência ou algo parecido, está traduzido um livro de Jean Guilton, um católico de cepa, intitulado *Deus e a Ciência*, escrito em 1991 (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992, 158p). Há também o livro de Amit Goswami: *O Universo Autoconsciente*, 1993 (Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998, 364p). Durante a chamada páscoa, li o livro

de Luiz Sérgio Coelho de Sampaio: *Filosofia da Cultura* (Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002, 378p), que me foi gentilmente enviado por ele.

18. Lembram-se do Gato de Schrödinger? Vou explicar rapidamente, mas vocês podem ler melhor nas referências acima. Schrödinger foi quem inventou uma suposta experiência, que não era experiência alguma, que ficou conhecida com seu nome. Isto, para poder entender o fenômeno da chance de uma partícula estar em situação x ou y em determinado momento. Coloca-se um gato dentro de uma caixa fechada, onde há uma substância qualquer que é capaz de radiação e, em funcionando, esta radiação deslança um movimento que mata o gato ou não mata o gato, nunca se sabe, porque a caixa está fechada. Do ponto de vista puramente de uma teoria de probabilidade, seria a mesma coisa que jogar uma moeda para cima e, antes de olhar, perguntar se é cara ou coroa. Sem olhar, não sabemos. Acontece que, na física quântica, ao abrir a caixa, fazemos a escolha. Isto é, olhar o gato é fazer uma escolha, porque, do ponto de vista da teoria dos Quanta, que não é meramente estatística, o gato estará vivo ou morto. Do ponto de vista dos resultados, o gato estará vivo ou morto e com a possibilidade de estar vivo e morto em função da observação, da escolha que faço. Daí é que vem a idéia de universos paralelos, ou seja, em universos paralelos posso encontrar o gato vivo em um, morto em outro. Esta loucura toda está na cabeça dos físicos. Aliás, estes universos paralelos já estavam também na cabeça de Leibniz, com a invenção de Mundos Possíveis.

• P – *Jorge Luis Borges tem um conto chamado O Jardim dos Caminhos que se bifurcam* (1941).

Aquilo é infinitamente grande pois se pegarmos um elemento, bifurcar, bifurcar, isso não terá fim. Certamente que Borges é herdeiro desta linhagem dos físicos e tem vários contos como esse. O *Aleph* (1949), por exemplo.

• P – *Em termos quânticos a presença de uma partícula e de uma anti-partícula está suposta necessariamente.*

Em princípio, é o que precisamos entender: as duas possibilidades estão presentes e as chamo de **Alelos**. Quando coloco o Revirão, os dois alelos são igualmente defensáveis, igualmente possíveis. Claro que, em termos de escolha,

caímos de um lado, mas o outro lado em algum lugar está, nem que seja em potência, esperando, à espreita. Isto faz mudar radicalmente a visão do que acontece em nível do psiquismo e podemos refazer toda sua dinâmica em função de saber que há um alelo à espreita, no nível que chamamos de Recalcado.

Os físicos de hoje, inclusive os que citei, católicos ou não, chamam à cena uma consciência ou uma consciência divina, como se o Universo fosse feito de consciência. Acho um pouco abusivo chamar assim, pois consciência para mim é uma operação. Prefiro chamar de Haver. Mas para eles há algo chamado de consciência, que intervém, decide, ou melhor, escolhe a respeito do gato vivo ou morto, ou, no que faz a escolha, um gato vivo aqui, um morto lá. Eles não podem abrir mão dos alelos, pois não têm como fazer isso do ponto de vista da teoria quântica.

O que estou colocando em função dos nossos princípios – que não são os da física – é que a intervenção supostamente da consciência humana ou divina é de fato intervenção do **Gnoma**, isto é, da pura e simples HiperDeterminação. Na exasperação entre Haver e não-Haver, quando requerida a HiperDeterminação, acontece algo que eles pensam que é consciência.

O aparelho que estou desenhando exige uma torção na mente. A perspectiva muda radicalmente. Não vamos perguntar nem à física nem à psicologia da consciência do que se trata. Estamos dizendo que se trata de HiperDeterminação, de intervenção do Gnoma. Por isso, afirmei que em toda a história da humanidade sempre colocaram algum Deus neste lugar e, a partir daí, constituíram alguma teologia ou religião. É o que quero afastar, pois é pura exasperação do Gnoma e isso produz como efeito a ‘Estrela do Mar’.

19. Vejam que o Dr. Freud inventou esta intervenção do Gnoma e da HiperDeterminação com um brilhantismo incrível, mas não teve como aproveitar. Sabem onde ele considerou isto e nunca soube explicar, tampouco Lacan? No conceito de Só-Depois (*Nachträglichkeit*), que aparece na língua enquanto co-moção do Haver. Na língua é fácil de entender, pois se a língua é

linear, se Chomsky ainda não encontrou sua língua vertical, precisamos de um Só-Depois para refazer o sentido. Mas isso que está na língua é mera co-moção do que acontece de fato em toda a estrutura do Haver. Tudo no Haver é Só-Depois. O que estou preconizando é que jamais os cientistas foram buscar em Freud este brilhante conceito. Se o tivessem feito, teriam entendido que uma porção de coisas que não sabem explicar é função do Só-Depois, que não acontece apenas no psiquismo e na fala, mas em qualquer região do Haver. Levem isto para os físicos e eles que se virem.

Há conseqüências interessantíssimas. O que é que decide sobre o vivo/morto Gato de Schrödinger? É a HiperDeterminação, o Haver enquanto IdioFormação HiperDeterminante. Assim, esta decisão, no momento em que acontece, é a mesma para toda e qualquer IdioFormação (logo, para a IdioFormação humana), pois todas elas vivem em Vinculação Absoluta. Por isso os físicos ficam espantados quando acontece algo assim. No Só-Depois caímos na real ainda que o real tenha duas faces, pouco importa.

O que ainda não se registrou no campo da ciência é que esta decisão é Só-Depois. Falam em ato de observação e se esquecem de que este ato só funciona mediante um sistema de Só-Depois, que funda a decisão de gato morto/gato vivo. Só-Depois não é temporal, não envolve quantidade de tempo nem seqüenciação temporal, é uma lógica que bate e dá sentido para trás, tal como acontece na língua.

- P – *É quantidade de informação.*

Se o procedimento incluiu ou não uma quantidade de informação, isso não interessa no conceito de Só-Depois. Pode até envolvê-la, mas uma vez que há a batida, o que importa é que funda para trás. No Só-Depois não há fundação agora e processamento depois. É por isso que o gato de Schrödinger invoca as pessoas, pois não se faz a observação para depois determinar o evento e nem mesmo é a observação que determina. É o Só-Depois da observação que determina para trás. Entendemos com facilidade em nível de fala de analisando, em nível de língua, mas está no Haver. Portanto, a essência do conceito de Só-Depois, que facilmente reconhecemos nos sintomas e

sintagmas das línguas, é co-moção, em nível inferior, do Só-Depois da HiperDeterminação em nível de última instância. Aqui embaixo, quando falamos ou quando observamos duas partículas, é co-moção da HiperDeterminação do Haver por inteiro. Isto que é possível em nível de Haver, a toda hora se repete em outros níveis. O que acontece no nível de Haver? Haver desejo de não-Haver bate na HiperDeterminação e determina para trás o que *terá sido* quando isto aconteceu. Não é decorrência, é pura comoção, porque ocorre junto, e nem é sincrônico, pois isto ainda é uma categoria do tempo. É preciso entender que esta linearidade aqui de baixo não funciona em todos os lugares do Haver.

20. Já que tocamos no Gato de Schrödinger temos que falar do **Efeito EPR (Einstein, Podolsky, Rosen)**, o modo como a física quântica tenta mostrar o que é a *não-localidade*. Estou falando da física quântica porque esses maluquetes de que falei são físicos e vão se aproveitar de raciocínios importantes, para fazer a cabeça das pessoas em termos de consciência ou em termos de Deus. Digo que se trata da estrutura do Haver, e questiono justamente este retrocesso para a idéia de consciência ou para uma idéia religiosa.

Duas partículas que são idênticas, gêmeas, segundo esta experiência que Einstein não conseguia conceber, mas teve que engolir, uma vez que terão interagido num momento, continuam em processo de interação onde quer que estejam, mesmo quando dimensionamos todo o Universo. Uma vez que elas se disseram ‘bom dia’, continuarão se dizendo alguma coisa para sempre. Este é o **Efeito EPR**: pode-se até acompanhar os movimentos das propriedades destas partículas, apesar das distâncias, e ver que elas estão interagindo todo tempo. Será ou não a mesma partícula? De repente há um **espelho** no meio, que pode ser a minha mente.

21. Vou lançar outro problema sério para físicos, teólogos, filósofos. No semestre passado (Falatório de 2001) coloquei que, como não há possibilidade de pensar o conceito de liberdade naqueles regimes políticos e que, portanto, o conceito de **Responsabilidade** fica prejudicado, o que há é **Responsividade**. Só que com o **Gato de Schrödinger** e o **Efeito EPR** o Princípio de

Responsividade se transforma necessariamente, assim como o gato está em dois lugares, em Princípio de Responsabilidade. Temos que ter clareza a respeito desta transformação, pois o Princípio de Responsabilidade na ordem jurídica e na ordem moral costuma ser indicação pessoal de um corpo físico, o que é uma imbecilidade. Por isso digo que, nesse regime em que colocam a Responsabilidade, só posso pensar em Responsividade, pois não há como pensar Responsabilidade nesse campo.

Mas estou dizendo que, em algum lugar e em algum nível, o **Princípio de Responsividade** transforma-se em **Princípio de Responsabilidade**. Como se efetiva esta transformação? Pelo Futuro Anterior (terá-sido) do Só-Depois de um Evento. Não posso responsabilizar a pessoa diretamente pelo crime que ela cometeu enquanto ato, mas no Só-Depois foi fundada a Responsabilidade. A determinação sobrevém pelo fato da **Inseparabilidade**, como está demonstrado no **Efeito EPR**.

Não há separação ou localização entre **Evento** e **Escolha**, pois o que **terá sido** escolhido é Só-Depois do Acaso, Só-Depois do Evento, não temos escapatória. Nenhuma separação entre o Acaso e seu Só-Depois. Isso é **HiperDeterminação**: a não-separação entre Evento e Escolha. Fico em palpos de aranha, porque queria fugir disso, mas não consegui: aconteceu, é escolha. E não há nenhum intervalo de tempo nem sujeito intervalar, pois a consistência não precisa ser sujeito, é puro evento. Por que ‘eu’ seria responsável? No que falo a frase, há sujeito de língua, mas, no nível do acontecimento, responsabilidade há, onde a situamos? Só dói e não sabemos onde. Se não, vamos cair daqui a pouco em outra chicana jurídica, outra manobra religiosa. Há conjugação na **HiperDeterminação** do **Só-Depois com a Inseparabilidade**: o Gato de Schrödinger vive junto com o Efeito EPR na HiperDeterminação. É arrepiante, mas já disse. Se acreditar na HiperDeterminação, não há saída porque ali se conjuga Só-Depois e Inseparabilidade.

Portanto, estamos culpados dentro do chiqueiro, embora sem culpa alguma. Não fizemos nada e não há saída. Somos inocentes, por isso mesmo é que somos culpados. Como aquela velha história: ‘não pedimos para nascer’. Como não, se estamos aqui? Posso lutar no regime dos meus desejos. Meu pai e minha mãe

com seus desejos me imputaram, mas uma vez que o fizeram, estou preocupado. E todas aquelas formas de nosologia são uma tentativa de cair fora dessa condição de chiqueiro: neurose obsessiva, histeria, etc., tentativas de escapar dessa **HiperDeterminação**. Entendem por que, apesar de a HiperDeterminação ser suspensiva, chamei-a de **Hiper**-Determinação? Ela é de uma violência absoluta, justo porque é suspensiva. Ela tira um coelho da cartola e diz para darmos conta dele. Daí advém a suposição ou o reconhecimento, é **indecidível**, do chamado **Livre-Arbítrio**, como aliás aparece em vários pensamentos religiosos ou não. O que é isso que chamamos de Livre-Arbítrio e que é indecidível? Reconhecimento ou mera suposição? Não há como decidir. Não adianta dizer que é reconhecimento, pois posso negar e dizer que é suposição, e se disser que é suposição, direi que é reconhecimento, estou sempre do outro lado, como as partículas e sua não-localidade. O que é **Livre-Arbítrio**? A possível e imediata transformação do **Acaso**, isto é, do **Evento**, em opção, isto é, **Escolha**, pela conjugação do **Princípio do Só-Depois** com o **Princípio de Inseparabilidade**. Tudo no nível do indecidível e sem escapatória, pois é utilizável. Por isso mesmo é que toda imputação é putativa. Eis o que é a putatividade de toda imputação.

• P – *Lembro de um conceito de Deleuze, contra-efetuação, onde ele nomeia esta situação como o comediante de seus próprios acontecimentos.*

Os acontecimentos incidem sobre o palhaço. É a figura mais bonita, o *Clown*. Lembrem também da ironia de Michelangelo naquela estátua, a *Pietà*. Ou morremos de chorar ou morremos de rir.

22. O resultado dessa conjugação é: a **Condenação** inexorável à **Liberdade** – mesmo sem termos nenhuma liberdade no Antes-Ainda da opção. Não temos nenhuma liberdade no Antes-Ainda, por isso que dá a impressão de ser tudo determinado, mas no Só-Depois somos condenados a ela. Na história da humanidade, por exemplo, as pessoas se aproveitaram do Só-Depois para julgá-lo segundo o Antes-Ainda: é isso a chicana jurídica.

Assim, ao mesmo tempo que, numa situação em que me apresento e me engajo numa **sorte**, escolho previamente cara ou coroa e jogo uma moeda para cima, este ato (de liberdade ou não, pouco importa) me compromete com

o resultado obtido **como de minha livre e espontânea escolha**. Isto é importante para o tratamento analítico e para o entendimento do mundo de hoje, pois, quando lidamos com o analisando, freqüentemente as escapatórias e os sintomas graves que apresenta se devem ao fato de ele não assumir o acontecimento. Prefere a versãozinha do ego absoluto e dominante.

O Covarde não é aquele que não escolhe (o evento), mas aquele que não assume **como (como se) de seu livre arbítrio a escolha** (para além de mal e bem) que se deu por sua mera **presença e intervenção**. Vejam o exemplo da massa de um corpo celeste qualquer: se houver massa, não importa quanto ou qual, ela vai curvar o tempo. Então, **a liberdade é uma condenação**. Paradoxo? Não, oscilação.

Uma vez assumido seu “livre arbítrio”, isto é, não sendo covarde, ele pode tomar a respeito do Evento a decisão que lhe aprouver. Mas não ser covarde não significa o ‘ter que’ fazer, como preconiza a bondade radical do cristianismo: em regime do bom estamos livres para escolher o bem, o que é uma mentira, pois temos o direito de escolher o mal. Mas no que escolheu o mal se danou também, não deixando de estar, para bem e para mal, comprometido com a decisão.

Mas o que quer que se tenha passado antes-ainda, nada tem a ver com nenhuma *liberdade*. O que funda a liberdade suposta e a responsabilidade imputada, *só-depois*, é a condenação, ali agora inaugurada, à absoluta *solidão*: sou culpável porque sou único, sozinho, sem mais ninguém perante o acontecido. Afora minha “desculpa” de estar, mesmo sem a reconhecer, em Absoluta Vinculação: **Solitariedade** da IdioFormação.

Vejam, por exemplo, o caso do aborto. As feministas querem o aborto, mas não querem assumir que vão matar o bichinho. E não adianta dizer que não é alguém ainda, pois no Só-Depois da trepada é alguém. Matem com dignidade. Como não querem assumir, aparece essa discussão no mundo, uns são *contra* porque é crime, outros são *a favor* porque não está acontecendo nada ainda.

23. Não há nenhuma Liberdade Antes-Ainda, mas há absoluta Liberdade Só-Depois. A gente que se vire com a condenação.

06/ABR

24. Ainda sobre os processos e procedimentos de **Secularização** de que lhes falava, recomendo um livro do qual me esqueci então: *La Sécularisation de la Pensée*, organizado por Gianni Vattimo (Paris: Seuil, 1988, 222p). Não costumo ler este moço, mas me lembrei deste livro que li há alguns anos. Nele há textos de autores como Gadamer e Rorty tratando da secularização do pensamento, que muito vem a calhar para nossa questão.

25. Por uma razão desconhecida, no passado colou-se o mito do **Eterno Feminino**, uma dessas tolices que os homens dizem ao invés de perguntar às mulheres, e que vive se repetindo, nas obras de arte principalmente. Existe até mesmo um quadro de Cézanne, que ele intitula o *Eterno Feminino*. Mas há certa marotagem nele, então não fica bobo. Não podemos esquecer também o grande equacionamento da questão que é o famoso *Vidrão*, de Marcel Duchamp, do qual já falei demasiado. O *Pendu Femmelle*, o enforcado fêmea – melhor dizendo: o enforcado fêmeo –, que está no campo superior, que ele também chama *A Noiva*, não é senão *A Morte*, que não há, que não é atingível pelos bonequinhos do campo inferior do *Vidrão*. Por isso, em 1990, falei a respeito de *Aimée Sélamor* em contraposição a *Rrose Sélavy*. É justamente o que habita por ali como Deusa, como Morte, como Noiva – de todo mundo, é claro.

Os bonequinhos que estão embaixo, a maioria dos autores, dentro da babaquice costumeira do pensamento ocidental, costuma pensar que são os uniformes machos. O próprio Duchamp faz esta brincadeira: *mâlic*. Ele não diz *mâle*, pois não há sexo no sentido anatômico. São *Moules Mâliques*, moldes dos movimentos málicos ou, se quiserem, *máchicos* (em português fica engraçado). Nem aquilo que está na parte de cima é algum feminino, é simplesmente o Impossível de se atingir – o que é

algo que está dentro do procedimento e da engenharia do *Vidrão*. Existe um grande volume publicado com todo o protocolo da produção do *Vidrão*, onde podemos entender isso com clareza. Duchamp mostra que esse impossível de atingir acaba expulsando o desejo que flui de baixo para cima. É lugar de Gnoma e de HiperDeterminação, e também referência de Não-Emergência da Morte: que não Há. São uns movimentos, uns tesões – sejam quais forem, pois **sexualidade não tem sexo**. Sexo no sentido corporal é coisa de animal, de bicho, para fazer filhote.

26. Disse anteriormente que o Inconsciente, além de ser Capitalista, como afirmou Lacan, ainda é Aristocrático e Hierárquico. Agora, digo que **O Inconsciente (o Haver) é Religioso**. Desde Freud que se sabe disto. Não é à toa que as pessoas ficam obsessivas: as histéricas costumam ser muito obsessivas e os obsessivos muito histéricos. O Inconsciente é Religioso – é o que precisamos parar de denegar. Dado que há o Gnoma, dado que, para alguém do Cais Absoluto, tudo se conteudiza em formações do Haver e em suas oposições, só um esforço muito maior pode remeter à referência do lugar do Gnoma como **Vazio**. Isso combina perfeitamente com a massa recalcante do Primário, autossomático e etossomático, assim como com a massa recalcante do Secundário decantado que sempre produz uma neotologia. Tudo é uma farta pletora de conteúdos, de formações decantadas, que não só causam um tremendo processo de recalcamento sobre o que quer que possa emergir de contato ou contágio com a HiperDeterminação, como costumam impedir que se possa fazer referência de um Vazio no lugar do Gnoma.

Isto tem seriíssimas consequências: faz com que não só o Gnoma seja, no mesmo lugar e ao mesmo tempo, um lugar de exasperação, como, o tempo todo, na espontaneidade do cotidiano, sempre preenchamos seu lugar com algum conteúdo. O final do século XX, começo do século XXI, começou a se dar conta disso, não só como reconhecimento de perda dos fundamentos em todas as áreas, inclusive na área religiosa, como também em ter que fazer o reconhecimento de que muita coisa que se supunha estar isenta dessa decantação está inteiramente metida nesse mesmíssimo lugar. A ciência, por exemplo, as chamadas ciências duras & moles, estão no mesmo saco, pois não

se consegue hoje distingui-las de modo algum, nem de um ponto de vista lógico-matemático. É um lugar que sempre, ou pelo menos quase sempre – este ‘quase’ se referindo àqueles que, de vez em quando, fazem um esforço enorme de esvaziamento –, não consegue se manter no vazio: sempre ou quase sempre está ocupado por algum conteúdo mais ou menos bestificante, é o caso de dizer, zoológico, neo-etológico. Um conteúdo desses constitui, queiramos ou não, o aparelho efetivamente religioso em exercício para esta IdioFormação que o preenche assim. Levamos séculos, pelo menos desde o Iluminismo para cá, na santa suposição, *wishfull thinking*, de que estaríamos produzindo alguma coisa que eliminaria todo e qualquer aparelho religioso. Ou seja, estava-se produzindo um aparelho religioso de outra construtividade para se colocar em confronto com aqueles que lá estavam.

Mesmo uma Teoria Psicanalítica que afirme que o lugar do Gnoma é vazio, só pelo fato de se constituir em Teoria já é em si mesma um conteúdo para aquele lugar e, portanto, recai no perigo de se constituir como Religião Configurada: donde a necessidade perene de **suspensão** e **suspeição**, coisa que as pessoas têm entendido muito pouco em todas as regiões do pensamento, filosofia, ciência, psicanálise, etc. É a denegação de que, com a maior facilidade, repomos a formação nova naquele lugar e a tratamos religiosamente. Não é por nada que, nos grupelhos espalhados pelo mundo, podem ser de físicos, matemáticos ou religiosos, há uma pregnância religiosa de igrejinhas, patotas e diatribes terríveis. Isto porque o que os incomoda é mexer, tal como eles a configuram. Uma postura que fosse efetivamente racional, como dizem, e distanciada, não resultaria nessas guerras religiosas. Seria uma coisa banal e não formaria patotas e igrejinhas. Aliás, sempre chamamos de igrejinhas e capelas, o que é um nome bem apropriado para essas eclésias.

Tudo é religioso. As políticas são estatuídas em cima de vocações religiosas. No fundo, todo mundo é padre e freira – o que é um nojo –, e por isso a coisa estraga. Quanto mais se configura religiosamente determinada formação, por mais matemática que seja – os matemáticos também saem na porrada por seus deuses, numéricos ou não –, quanto mais configurado o

aparelho religioso, menos se faz uso de suspeição e suspensão desse aparelho. Podemos perguntar ao mundo quantas raras pessoas são capazes de lidar com essas formações e manter certa distância, certa indiferença, e, às vezes também, certa rejeição em relação ao sabido. A denegação disto faz as pessoas ficarem inteiramente envolvidas de maneira prenante, neurótica, como se costuma dizer em psicanálise, com os saberes, ao invés de utilizá-los construídos como mera ferramenta, ao invés de se lixarem para suas pregnâncias. Seria muito bom se conseguíssemos parar de denegar a atitude religiosa de *tutti quanti*, pois é justamente essa denegação que propicia eliminar suspensão e suspeição, permitindo, justo por isso, entronizar e dogmatizar conteúdos no lugar do Gnoma, que é absolutamente vazio. Dogmatizam-se conteúdos nesse lugar pela via da conteudização que é inerente às formações modais do Haver. Toda vez que há formações – em não sendo a do Gnoma –, elas são necessariamente modais. Pelo simples fato de haver formações, tudo se conteudiza e tende a cair nesse lugar. Lembrando o velho Freud, é a mesma coisa que dizer que toda e qualquer formação tende a ser formação neurótica, de qualquer estirpe. Inclusive o que ele chamava de estrutura da religião como neurose obsessiva.

Se houvesse psicanalistas, eles fariam exercício de suspeição e suspensão todos os dias. Isto, ao invés de já saber o que fulano tem. Prestem atenção na maioria deles e observem que, quando falam dos analisandos, estão falando do pecado. Basta substituir porque é igual a qualquer padrego de qualquer igreja. É a mesma fala: ‘Não acha que isso é perverso?’ Eles têm as respostas, que são seus gostos ou os gostos de tal religião, para os casos e os acontecimentos. Não estou dizendo que não se possa nomear teoricamente determinada formação, como nosologia ou patologia, e sim que o modo como se aborda é denúncia de pecado sem a menor isenção. É o mais costumeiro.

27. A tal religiosidade do Haver (ou do Inconsciente) está em conformidade com o **Paradigma da Psicanálise**, que é **Sexual**, pois essa religiosidade é impregnada do sexual. Então, ninguém sai mais da ‘neura’. E isto acontece no mesmíssimo lugar do **Estatuto Místico da Psicanálise**. São pontos que já

desenvolvi no Seminário “*Psychopathia Sexualis*”, estou só relembrando. Vejam, então, que confusão enorme: o estatuto é místico, mas imediatamente é impregnado de fantasia religiosa, na qual só se pensa ‘naquilo’. É pura sacanagem. Basta observar e ler toda a sociologia e a filosofia do mundo e ver no que deu: é uma impregnação completa. A psicanálise, porque seu paradigma é esse, precisa pensar em termos de sexo, até para limpar a área. Não há outro assunto, continua sendo *O* assunto da psicanálise, nunca houve outro desde Freud. Como dizia Lacan, a realidade do Inconsciente é sexual. Em todos os sentidos: no sentido da Quebra de Simetria e suas ressonâncias, suas co-moções no seio do Haver, que junta com a carne e fica essa coisa lambuzada.

28. O que sabemos por esta via que estou construindo aqui a respeito do tal Sexo é que, não sendo possível comparecer o Sexo Desistente, aquele da Noiva ou da Morte – embora possa ser arremedado nas formações expressivas das IdioFormações (os artistas, sobretudo, arremedam muito este Sexo Desistente) –, **o Sexo do Haver é estritamente Resistente**, não há outro. Podemos até malchamá-lo, como já o fizemos, de Terceiro Sexo, quando na verdade é Único. Ou seja, tomando outra linguagem, no sentido da expressividade, o que não for primitiva ou primeiramente **Maneirista** será então **Clássico** ou **Barroco**, segundo as visões mais ou menos idiotas do Ocidente. Já insisti diversas vezes – e há um grupo de pesquisa trabalhando aqui nisso – no fato de que a dificuldade existente até meados do século XX em relação ao entendimento do que fosse o Maneirismo do *Quattrocento* e *Cinquecento* em diante, é justamente porque aquilo remonta a uma primitividade de toda e qualquer sexualidade. Entendiam-se as vertentes, mas não o Original. Esta é a idiotice do Ocidente. Aliás, toda cultura é idiota por natureza.

Lacan costumava chamar isso de Masculino e Feminino, o que, como já lhes disse, é uma tolice, pois mesmo que consigamos separar, como ele mesmo tentou diversas vezes, o masculino/feminino do homem/mulher, ou mesmo que tomemos o famigerado Homem e A (barrado) Mulher como extrapolando macho/fêmea, não podemos deixar de reconhecer que o modelo é previamente anatômico

e sexual. E mais, vejam que esse bobajal chamado masculino e feminino é zoologia. Eis a escorregadela da história da psicanálise, sua falta de abstração. A baixa religiosidade da psicanálise tem sido esta.

• P – *Há um autor*, John Caputo (*On Religion*. London & New York: Routledge, 2001, 160p), *que coloca dois níveis diferentes de religiosidade: o que tem como condição o impossível; e o que corresponde aos dogmas. Para ele, só interessa o que tem condição impossível.*

O nível que ele chama de condição impossível, chamo de Mística. O outro é religião propriamente dita. Diante do Impossível, o Gnoma naturalmente se esvazia. Então, a Mística verdadeira, que não é a palhaçada que hoje se chama de misticismo, runas e outras bobagens, é ter como referência essa impossibilidade. O resto é religião ou credence de toda espécie.

O Sexo Resistente, que é o único que efetivamente comparece, costuma ser mais freqüentemente expresso nas culturas, sobretudo nas primitivas, mediante a oposição que chamo de Consistente e Inconsistente. Se lembrarmos que o nascimento das culturas é de muito baixo nível, de muita pregnância etológica, é natural que o processo de abstração seja demorado. Então, é muito raro que se consiga, com pertinência, com boa formação, apresentar imediatamente o Sexo Resistente. É muito difícil porque as coisas estão modalizadas, sintomatizadas, recalcadas mediante formações primárias e secundárias renitentes. É preciso um esforço muito grande de abstração e de recomposição para mostrar com a clareza que vemos, por exemplo, no *Vidrao* de Marcel Duchamp. Há mimetismos nele, mas é uma asneira a maioria dos autores fazer oposição entre o campo inferior e o campo superior do quadro como feminino e masculino. Não se trata disso, pois está tudo embaixo. Em cima, está o Impossível de ser atingido. Onde a tolice do Eterno Feminino. Por que não existe ‘eterno masculino’? É ‘feminino’ porque os homens sempre tomaram a palavra para botar seus tesões no céu.

As duas vertentes, de hierarquia inferior, que costumam comparecer do Sexo Resistente, são portanto Inconsistente e Consistente. É difícil constituir um aparelho de exposição, de expressão que possa exhibir imediatamente o sexo Resistente. Isto deixou as pessoas incompetentes, até o fim da primeira

metade do século XX, para entender o que aconteceu no Maneirismo europeu, que conviveu com o Classicismo e o Barroco. Os maneiristas eram os únicos que tinham visão. Michelangelo, por exemplo, que, por ignorância, costumam colocar sob a rubrica do Clássico. As grandes produções literárias da Península Ibérica: *Dom Quixote*, de Cervantes, *Os Lusíadas*, de Camões. A loucura espanhola, que gostam de chamar de barroca por não fazerem idéia do que seja. E a loucura portuguesa, pois basta olhar para o estilo manuelino para ver que não tem classificação nas rubricas do Clássico e do Barroco. Isto confundiu as cabeças e vai render a Lacan: homem/mulher, masculino/feminino, fórmulas quânticas da sexuação...

29. Uma formação, com sua compleição (o conjunto de suas subformações), pode ser entendida como *composição* de duas formações típicas que organizam estas formações. Uma Formação é composta de **Forma** (uma formação que organiza o modo de com-posição das formações e subformações que estão em jogo) e **Co-Moção** (o modo de **ressonância** ou **repercussão** entre as formações e das formações com a Formação Originária). Poderíamos eliminar o conceito de forma e pensar em ressonância de formas ou formações, mas é melhor manter esta separação no nível inferior das formações sexuadas, ou seja, disso que chamamos de Clássico e Barroco, masculino e feminino.

Se formos rigorosos, a cultura ocidental e a cultura oriental não são senão a vertente que focaliza a forma, o formal, e a vertente que focaliza a ressonância, a co-moção. Um pensamento pleno, um pensamento de primeira instância, de Sexo Resistente, um pensamento que chamo Maneirista não privilegiaria nem forma nem co-moção. É difícil entender nas formações chamadas maneiristas que não haja ali privilégio nem de algum caso em que possa haver oposição no seio da própria forma, nem entre a forma e os processos de fluxo, que são processos de co-moção. Entende-se com clareza, em ritmo de Ocidente, o que possa ser Clássico: o reino da forma, sua constituição e congelamento. Entende-se com facilidade o que pode ser Barroco, no sentido dos movimentos e dos fluxos, onde não é a forma que está interessando, mas a

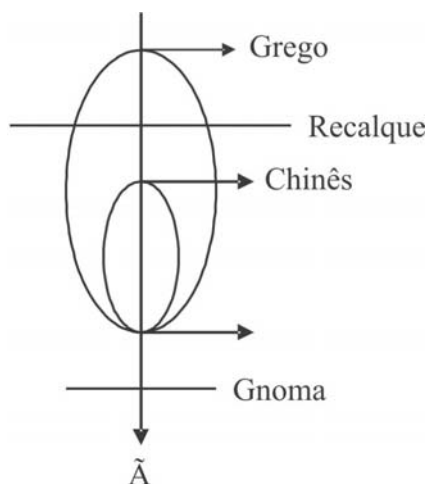
pregnância das co-moções. É claro que há formas ali em jogo, mas não são privilegiadas. Entende-se, portanto, Clássico e Barroco com certa facilidade, mas não se entende quando algo se apresenta sem privilegiar nem a forma nem a co-moção.

É engraçado que a vertente que se interessa pela Forma foi a privilegiada na constituição do que chamamos de pensamento ou cultura ocidental. Sempre lembrando que tudo que chamamos assim é de raiz grega. Assim como os princípios de co-moção, de ressonância, de repercussão interessam sobremodo o pensamento ou vertente oriental, com clareza e evidência no pensamento chinês, tanto em artistas quanto em pensadores.

30. De outras vezes, já pedi que tomassem contato com alguns textos de François Jullien. É alguém que conhece bem tanto a filosofia grega quanto o pensamento chinês. Há um outro livro seu, que não é tão recente, que eu tinha na prateleira e li só agora: *De l'Essence ou du Nu* (Paris: Seuil, 2000, com fotos de Ralph Gibson, 153p), onde ele faz um estudo sobre o Nu. Vou rapidamente recomendar algumas fontes que possam interessar. Há um texto antigo, um grande tratado, com conferências feitas em 1953 e publicadas em 1956, de Kenneth Clark, *The Nude: a Study in Ideal Form* (New York: Pantheon Books, 1956, 458p). Trata-se de um clássico sobre o Nu, hoje já um pouco envelhecido. Há um historiador da arte, Jacques Teboul, que escreveu um livro muito interessante: *Les Victoires de Cézanne* (Paris: Adam Biro, 1966, 118p). Outro historiador da arte, Frank Elgar, escreveu: *Cézanne* (Londres: Thames and Hudson, 1968, 288p). O original deste livro é em francês, mas minha edição é em inglês. Sem esquecermos o texto, muito conhecido, que Lacan cita, de Maurice Merleau-Ponty: *Le Doute de Cézanne* (in *Sens et Non-Sens*. Paris: Nagel, 1966, 331p, pp. 15-44). Hoje estou antigo, retomando coisas que li nas décadas de 50 e 60. E, se quiserem lembrar, no velho *Senso Contra Censo: da Obra de Arte, etc.* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977, 216p) há um artiguinho meu, de 1975, sobre Cézanne: *O Triunfo do Olhar*.

O livro de François Jullien é bem feito, sobretudo as abordagens que faz do Nu propriamente. É bonito também, com ilustrações e fotos da melhor qualidade. É um estudo interessante no nível estético, no nível da comparação filosófica de Oriente com Ocidente. Ele volta a fazer a contraposição Grécia/China justamente no sentido da forma e do que chama de *pregnância*, que é próximo do que chamo de *ressonância* ou *co-moção*. É um texto que considera várias vias de observação. O que vamos tratar hoje, e talvez no próximo encontro, é o que interessa ressaltar para meu trabalho: a questão da oposição forma e fluxo, forma e co-moção, e a chamada de atenção que ele faz sobre a vocação ocidental para a forma e a oriental para o fluxo. Esta vocação está em todo o pensamento oriental. Vejam, por exemplo, a medicina oriental, que estuda os fluxos, os meridianos, de modo diferente da nossa, que estuda órgãos, conformações, etc. Todo o pensamento chinês é nitidamente um contraste com o pensamento grego, ou seja, ocidental.

O interessante é que, em última instância, podemos entender essa oposição como cabível na oposição Consistente/Inconsistente que venho propondo. Já falei disto também na consideração de outros livros de Jullien, mas prestem atenção à questão do Nu comparecendo no Ocidente como a representação máxima da idéia de forma. Sobretudo, no processo de sublimação da forma, ao elevá-la à categoria de organizadora do pensamento ocidental



como concepção da essência. Não há interesse por essências no pensamento chinês, mas por fluxos e transformações, tal como está no *I Ching*, que é o pensamento das transformações e mutações e que, para mim, é o modelo do que poderíamos chamar de **Transformática**. Seria o grande Tratado da Transformática, que pensaria algo (não em cada estágio, mas) em seus procedimentos de transformação.

Em contraposição, Kenneth Clark, em seu trabalho que acabei de mencionar, diz que o Nu é a forma por excelência, um estudo da forma ideal. Para chegar a esta conclusão, Clark coloca de saída a oposição entre *nude* e *naked*, que é preciso reconhecer para entender o que é a idéia do Nu na obra de arte ocidental. Esta oposição funciona em inglês, mas para nós fica difícil. Seria a oposição entre o Nu e o Pelado. Evidentemente Jullien colhe alguma coisa de Clark, embora não o cite, quando diz que o Nu não é a nudez, mas o clássico deste tema é Kenneth Clark, que faz um esforço para mostrar que não se trata de sacanagem. Muito pelo contrário, quando se constitui o Nu, considera-se o que seria a forma corporal da espécie que é supostamente superior, que tem relações com o divino, com o espiritual, pois mostra a forma em sua aparência mais purificada, tal como é constituída pelo artista, para representar preferencialmente o divino. Temos o *Adão*, de Michelangelo, que é muito próximo de nós, e toda a escultura grega dos deuses como exemplos de utilização do corpo humano como forma sublimada tentando, muito ao gosto de Jung, constituir o arquétipo da forma humana. O que o Nu enquanto obra de arte pretende é produzir o arquétipo do humano como forma.

Engraçado que ficar pelado é outra história. Utilizar a nudez eroticamente, pornograficamente, segundo estes autores, não é ter interesse de purificação da forma, como, por exemplo, vemos nos pintores e escultores gregos que utilizavam diversos modelos para aproveitar a melhor forma de cada um para constituir a forma ideal de um deus ou de uma deusa. Sem esquecermos a submissão radical da produção grega, seja qual for, dórica, jônica ou coríntia, a uma ordem canônica rígida. É algo pouco lembrado quando observamos a escultura grega, composta sobremaneira de Nus: a rígida submissão a uma ordem canônica em que

há medidas submetidas a determinadas conformações, como, por exemplo, o famoso número áureo, a média e extrema razão, na composição de um rosto, nas proporções de um corpo. Isto, afora a projeção. Se estudamos arquitetura grega – em minha época escolar, estudávamos Arquitetura Analítica de todas as épocas na Escola de Belas Artes –, fica claro que a própria constituição do templo grego é quase uma projeção desse corpo nu, canonizado pelas medidas de cada pequeno elemento em relação a proporções mantidas para com outros elementos da própria arquitetura ou do próprio corpo. Isto é canônico, regrado. Esta é a mentalidade que carrega o Nu. Basta analisar, por exemplo, a famosa *Vênus de Milo*, sobre a qual podemos usar um compasso e verificar que está indefectivelmente canonizada.

31. Quando o corpo não está nu, vem o estudo dos **panejamentos**. Algo importante é o panejamento, por exemplo, dos frontões dos prédios gregos. O modelo típico é dórico, do famoso *Parthenon*, regrado em função de uma única medida, que é o diâmetro da base da coluna, ao qual tudo é proporcional, inclusive os corpos esculpidos no frontão e nos frisos. Corpos estes cheios de panejamentos, que não estão ali para configurar vestimenta. Não são roupas, e sim panejamentos que ali estão para manter o domínio da forma por baixo dos panos, é o caso de dizer. No tempo em que éramos obrigados a fazer isto por disciplina acadêmica, era difícil desenhar, manter a forma debaixo dos panos, fazendo desses panos a expressividade da forma, do movimento dos panejamentos. Vejam que seus movimentos são fora de qualquer contexto de roupa: são o contexto da carne, do Nu.

Há certa dificuldade, pois encarar o Nu é diferente de encarar o Pelado. É a mesma coisa que falar de sexo. As pessoas podem fazer todo o tipo de sacanagem, as mais escabrosas, mas sentar e conversar sobre aquilo, dizer numa conferência ou publicar é uma lástima. O mais difícil não é fazê-la, é dizê-la. O mesmo ocorre com o Nu. O mais difícil é enfrentá-lo como Nu, pois a tendência é enfrentá-lo como coisa pelada. Em meu tempo de estudante éramos obrigados – era uma Disciplina curricular – a frequentar o ateliê de modelo vivo. Cheguei mesmo a lecionar isto no Parque Laje. Lá estavam aquelas mulheres e rapazes nus. A Paula da Mangueira, com aquela bunda maravilhosa, era nosso modelo.

Tínhamos certa dificuldade em encarar aquilo como Nu. Tínhamos que sofrer mais ou menos um mês de adaptação, pois só víamos sacanagem... até o dia em que víamos o Nu. Isto é importante, pois faz grande diferença perceber que sua postura diante daquilo vai mudando até que, dali a pouco, estávamos interessados no formal.

32. Estou dizendo isto para mostrar como é a cabeça do grego na constituição do Nu, que atravessa a história da arte ocidental inteira. É certo que, em determinado momento, começa a haver uma contestação sem sair do Nu. Vejam, por exemplo, *Olympia* (1863) e *Le Déjeuner sur l'Herbe* (1862-3), de Manet. Esses seus dois grandes quadros polêmicos o deixaram mal falado porque são nitidamente nus do ponto de vista (não da pintura impressionista, mas) clássico. O Nu tem a mesma concepção do clássico, só que Manet o retira da condição de Nu. *Olympia* encara desafiadoramente o observador. Um Nu não fazia isto, não é um retrato. Quando se faz um retrato, geralmente a pessoa está vestida e pode olhar para o ponto de vista, portanto, olhar para o espectador. Não encontramos o Nu olhando para o espectador, pois é um desafio quase que carnal. Seu ponto de vista vai para o infinito, para o céu, para qualquer lugar, menos para o espectador. Manet pinta *Olympia* como um verdadeiro retrato de uma pessoa pelada, mas com toda a canônica do Nu, encarando o observador e dizendo: 'Qual é?!' Isto foi um escândalo. Parece bobagem, que o escândalo é moral, mas é o escândalo da concepção do Nu enquanto forma. Já no *Le Déjeuner sur l'Herbe*, ele coloca as mulheres peladas junto com os homens vestidos, o que fica esquisito para elas. Ele cria ambigüidade entre *the nude* e *the naked*. De lá para cá, todo mundo variou, dando finalmente em Picasso, com a deformação total do Nu, como pura forma, em seu trabalho de orientação cubista. Duchamp já faz um *Nu Descendo a Escada* espiritualizado, abstraído. Faz ali um retrato que não sabemos se é de *Rose Sélavy* ou de *Aimée Sélamor* – aquilo já deve ser tentativa de constituição da *Noiva*. Causou grande comoção por causa da abstração e do esfacelamento: o Nu costumava subir as escadas e ele o coloca descendo.

Este é o espírito do Nu e é exatamente isto que não existe na China. Não existe lá a concepção do Nu, pois lá não existem a concepção da essência e o interesse centrado na forma. Não interessam as essências, e sim as transmutações. Não interessa a forma, e sim as transformações. Não interessa o corpo como unidade, e sim como movimento e expressão. Por isso, não existe o Nu na China. Há desenhos com pessoas peladas, mas não a constituição formal de um corpo. Sobretudo, sempre se traz o corpo vestido, pois o panejamento – num tratamento completamente diferente do panejamento grego – é expressivo de alguma coisa no acontecimento que ali está, e não para mostrar o Nu. Duas estéticas radicalmente diferentes: uma que visa a co-moção, segundo o pensamento dominante mesmo da China, e outra que visa a forma.

• P – *O Barroco foi uma tentativa de orientalizar?*

Não é preciso dizer assim porque essas coisas são as nossas possibilidades. Tirante o Originário, que é nitidamente maneirista, quando vamos exprimir, temos um lado ou o outro. O Barroco é uma maneira ocidental de falar da Inconsistência. Quando tomamos os grandes pintores barrocos, vemos que a composição da forma, sobretudo a carnadura dos corpos, é inteiramente ocidental, mas alguma coisa ali se introduz que está no interesse dos fluxos e das ressonâncias. O Barroco é isto, e não a canonização, a formalização do Clássico. Apareceu ali ao redor das duas grandes expressões do Renascimento (tudo vem do Renascimento), sendo-lhe uma espécie de contraposição. O Maneirismo não vem depois, vem antes, vem como crítica junto do Clássico e do Barroco. O Classicismo ou Renascimento é um processo praticamente científico de constituir a forma. O grande desenvolvimento do estudo da anatomia aconteceu com os artistas dessa época, que foram os primeiros a cultivá-lo. Estavam interessados na constituição da forma, desde que cientificamente posta segundo uma visão cientificamente dada, que se chamava Perspectiva Linear. Já o Barroco toma essas formas assim constituídas, submetidas a uma canônica clássica, mas com a deformação do fluxo.

Como tornar inconsistente a brutalidade desta consistência? Por que Michelangelo criou tantos problemas com os cardeais quando pintou a Capela

Sistina? Porque ele não é clássico nem barroco, é o grande fundador do Maneirismo naquela época. Inclusive, com a invenção da Forma Serpentinata, que é a torção do corpo numa posição anatômica insustentável. Se ficarmos na posição de uma de suas esculturas, vai doer. Ninguém fica espontaneamente na posição de um dos escravos de Michelangelo. No entanto, a figuração é clássica. As pinturas da Sistina são corpos enquanto Nus, mas ele os critica, por exemplo, em termos de diferença de tamanho. A coisa mais impressionante é justamente o telão do fundo, que se chama *Juízo Final*, onde tudo é desproporcional. Arnold Hauser chega a dizer que aquilo já é cinema. Isto, porque Michelangelo recompõe as duas vertentes, o formal e o comocional.

• P – *O Barroco ainda é a hegemonia da forma?*

O Barroco é ocidental, mas não é a hegemonia da forma. Leva-se a forma em consideração, mas sua hegemonia está no Clássico, na arte renascentista. O Barroco ainda mantém, porque é ocidental, a presença da forma, mas não está mais centrado nisto, e sim no processo de infinitização das perspectivas, dos fluxos dos corpos. Isto, diferentemente de Michelangelo e de todos os pintores maneiristas, como Pontormo, Beccafumi, Bronzino... Bronzino, aliás, para mim, é o chefe dos chefes do Maneirismo. É o grande maneirista porque contesta toda a formalidade sem ser Barroco, ao mesmo tempo que, frisando na formalidade, impõe um Nu nitidamente. Estudem um quadro de Bronzino, e vejam que isso fica oscilando o tempo todo. Sua *Alegoria do Triunfo*, por exemplo, que tem o adolescente com a lingüinha na boca da madame. Todo mundo acha o quadro um tesão. Ele formaliza o quadro, ao mesmo tempo que critica. É só repararmos detalhes: troca mão esquerda pela direita e não se percebe muito bem...

• P – *Bronzino teria um aparelho para expressar o Sexo Resistente?*

Sim, e os maneiristas não foram entendidos porque se pensava que estavam misturando Clássico com Barroco. É como achar que a produção maneirista de um corpo é misturar masculino com feminino, homem com mulher. O Maneirismo é anterior, porque é dele que vem a possibilidade de separarmos, mas como só sabiam ler de cá... Sabemos hoje que o bebê dentro do útero

ainda não está distinto, mas é um saber que vem depois. Para um ignorante que só vê os corpos do lado de fora, o indistinto é uma mistura, enquanto na verdade é origem. O Maneirismo mostra que a constituição dos opostos é sem oposição no começo, pois é de terceira instância (ou de primeiríssima), é Resistente, nem Consistente nem Inconsistente. A maneira que encontrou de mostrá-lo é colocar Consistência e Inconsistência no mesmo lugar.

• P – *Há uma leitura do grotesco como este estado anterior a esta bipartição.*

Mas isto não caracteriza o grotesco. Se o grotesco por acaso inclui isto, caracterizar o grotesco por aí é grotesco. Por isso, trouxe Cézanne. Ele está na passagem, depois do Impressionismo, do Pontilhismo, do Expressionismo, etc., para o HiperModerno que, depois dele, surge com Braque e Picasso. A resposta de Duchamp é, confessadamente, a impossibilidade de continuar pintando diante de Picasso. Então, ou se cria outra coisa, ou se desiste. É claro que Duchamp criou outra coisa: dissolveu a arte. Deu esse grande ‘dane-se!’ para a obra de arte. O que está durando até hoje. Ninguém conseguiu, a meu ver, ultrapassar Duchamp.

33. Por que todo mundo tirou uma casquinha de Cézanne? Qual foi a vertente pictórica que veio depois dele e não o declarou? Entendam por que Braque e Picasso – talvez mais Braque, pois Picasso foi aquele que se apropriou, mas a grande cabeça no começo era Braque – inventaram o Cubismo: porque tomaram de Cézanne uma concepção de espaço que dizia que precisamos pintar os modelos como o cilindro, a esfera e o cubo. Daí inclusive o nome de Cubismo, que pretende circundar o modelo de maneira a apresentar diversas das suas faces ao mesmo tempo. O Cubismo é apenas isto: a Topologia do modelo. É o que Braque e Picasso inventam e brilhantemente exploram para o resto da vida.

Cézanne concebeu assim a composição do quadro, sua visualização com vários ângulos e pontos de vista diferentes, embora não tenha realizado tanta movimentação quanto o Cubismo fez depois. Mas fez, pois os pontos de vista são diversos. Porém, quanto ao que nos interessa, isto não é o mais importante.

O que é mais importante em Cézanne, e acho espantoso que Jullien nem cite, e que já está anunciado em meu artigo *O Triunfo do Olhar*, embora seja de vocação lacaniana, é que ele é o HiperManeirista dos tempos modernos. Ou seja, houve extrema dificuldade de entender e visualizar o que estava fazendo porque ele resolveu instalar no mesmo quadro a formalização do Nu, por exemplo, e a ressonância pictórica. Eis o que é difícil de entender em Cézanne. Um homem sério, afastado do mundo, isolado... e, no entanto, é como se só pensasse em sacanagem. Vivia uma situação dramática, se não fosse trágica, em relação ao Nu enquanto forma e a nudez enquanto erótica. Há uma tensão fortíssima dentro da obra de Cézanne em relação a isto. Ele passou a vida inteira pintando banhistas – em português leva o mesmo nome, os banhistas e as banhistas, porque lá na língua dele é *les baigneurs* e *les baigneuses* –, corpos nus inseridos no mesmo grau ou relação pictórica com a paisagem. No começo separava os banhistas das banhistas, mas foi crescendo e chegou a produzir uma quantidade enorme de *Baigneuses*, no feminino como ele chamava.

O livro *Les Victoires de Cézanne* é interessantíssimo. O autor mostra uma quantidade enorme de *les baigneurs* e *les baigneuses*, aonde Cézanne vai inserindo o Nu, ao mesmo tempo, como forma e como fluxo, em perfeita consonância com a paisagem, sem distinção entre forma e fundo. E mais, vai tornando o sexo anatômico dos Nus que pinta, indistinto. No final temos grandes bacanais onde não sabemos quem está fazendo sexo com quem. É de uma pureza absoluta porque de sacanagem não tem nada ou tem também. O fluxo pictórico é igual para todas as formas, que vão sendo indiferenciadas. Ao mesmo tempo, ele constitui o corpo como nu e como fluxo, e a paisagem como fundo e como inter-relação com os corpos.

Por isso achei e não achei um espanto Jullien não incluir Cézanne em seu estudo. Por que não o terá incluído? Por uma razão muito simples: se quiséssemos ser globais do ponto de vista cultural, teríamos que ser de Primeiro Sexo (ou Terceiro) e acabar com essa sexualização Ocidente/Oriente que um dia vai sumir da cultura. Daqui mais um pouco, a China vai invadir – fiquem calmos, pois nem tudo nesta vida é Bush. Suponho que há uma tendência de impacto

cultural no sentido de o futuro vir a exigir uma Sexualidade Resistente em que teremos que ser culturalmente maneiristas.

34. Jullien mostra com clareza em seus livros, que já comentei em outra ocasião, só estou retomando, que há, de um lado, uma cultura de tendência ao absoluto recalque, que é a ocidental clássica, na qual um dos lados cai fora, fica recalcado. É verdade que nem sempre, tanto é que existem Maneirismo e Barroco, embora o Barroco queira expulsar o Clássico, o Clássico queira expulsar o Inconsistente, e o Maneirismo fique ali no meio, sempre malchamado, ou de Barroco ou de qualquer outra coisa. Até Deleuze fez a besteira de, num livro intitulado *Le Pli*, chamar erradamente o Barroco de Maneirismo. E, de outro lado, diferentemente da formalização e centração do pensamento ocidental, trabalhando no *Yin/Yang* das oposições, há a tendência vigorosa do chinês de viver na exigência da complementaridade. Acontece que há a pregnância chinesa de sempre pensar a oposição, sem entretanto incluir o Clássico como um oposto. Embora Jullien passe por perto desta questão, não chama atenção para o fato de que, se somos gregos, somos formais e ocidentais; se somos orientais, pensamos nas oposições (nesse caso mais perto de meu Revirão), sem que, contudo, essa reversão constituída como estilo inclua o outro lado (grego). Dito de outro modo, a reversibilidade ou complementaridade oriental (e da obra de arte chinesa) não costuma incluir o outro lado, que ficou expulso. Portanto, há um recalque.

É isto que Cézanne não faz. É como se pensasse com a cabeça ao mesmo tempo e alternadamente do grego e do chinês. Ele, sim, é uma constituição maneirista, uma constituição do Sexo Resistente, incluindo ao mesmo tempo Consistência e Inconsistência. O pensamento chinês prima cultural e esteticamente pela Inconsistência, e não inclui o formalismo da Consistência, o que ainda é oposição demais para a cabeça de psicanalistas, que deveriam incluir qualquer coisa. Sabemos que não costumam fazê-lo, são uns incompetentes, mas deveriam pelo menos incluir a possibilidade da Inconsistência e da Consistência a cada vez, a cada caso. E isto é possível, pois há Cézanne!

O outro lado da questão, de que falaremos da próxima vez, é o tal Sujeito. Para isto, ainda teremos que trazer Cézanne.

- P – *Você poderia explicar melhor a oposição aí em jogo?*

Se colocarmos grego e chinês da maneira que coloco, há uma oposição alélica nítida entre as duas culturas. O grego e todo o pensamento ocidental não admitem colocar como foco o que é co-moção. É claro que há variações, mas a cultura ocidental é esta exclusão, e o chinês hegemonicamente vai pelo outro lado. As duas culturas ainda estão clivadas e estou dizendo que François Jullien mostra com clareza a clivagem entre o Nu do grego e a expressividade não-Nu do chinês. Digo também que não só houve quem pensasse, ou tentasse pensar – por exemplo, todo e qualquer pensamento maneirista medieval –, a possibilidade de considerar tudo a partir do Terceiro Lugar, que é o primeiro, como temos também, em pleno movimento moderno, em plena constituição do modernismo na França, Cézanne, que foi capaz de tomar este lugar. Estou dizendo, então, que a invenção da psicanálise é a invenção do olhar que não privilegia nem uma coisa nem outra. A psicanálise, apesar de todas as burrices do Dr. Freud – da qual não tem tanta culpa: seu tempo era assim, o que fazer? –, constituiu o Terceiro Lugar, e *olha* desde esse Terceiro Lugar. Ela inventou um aparelho para exercer a sexualidade do Sexo Resistente. O melhor que Freud pôde dizer foi ‘bissexualidade’, o que é uma bobagem. Mas dizer que todo mundo é, no fundo, bissexual, é dizer que todo mundo, no fundo, é louco, faz qualquer negócio. Por que bissexual, e não milsexual? Por que os corpos aparentemente têm apenas dois sexos? Conheço pessoas de vários sexos.

- P – *Como mostrar o Sexo Resistente se é pura experiência?*

Se o comportamento do analista fosse correto, seria tão neutro quanto Freud pediu que fosse. Quando alguém nos mostrasse uma configuração, discordaríamos, pois não somos obrigados a ver daquele modo. E, além do mais, o que não é experiência?

- P – *Wittgenstein mostra bem isto no conceito de visão panorâmica, que opõe à questão da Gestalt que afirma que ou vemos pato ou vemos coelho. Na visão panorâmica não se vê nem um lado nem outro.*

Este exemplo do pato e do coelho é um grande exemplo. Por que tenho que ver ou pato ou coelho? Mas *posso*, sim, ver pato, e ver coelho.

- P – *Na cultura chinesa, não há nitidamente uma representação naturalista do homem, mas a Natureza representada de modo naturalista.*

Jullien chama atenção para o fato de que o chinês pinta uma rocha como se tivesse uma lei de composição de formação interna, como se fosse viva. Do ponto de vista formal, um pintor ocidental constitui a montanha enquanto pura forma, e não enquanto fluxo, como algo que estaria quase se movendo. É isto que faz o chinês quando chama uma rocha ou montanha de ‘raiz da nuvem’. A nuvem é constituída da mesma coisa que o Pão-de-Açúcar. Aquilo é vivo, pois os dois não estão sendo pegos em sua forma, mas em seu movimento de emergência. Portanto, não tem nada naturalístico no sentido ocidental. É outro naturalístico, como a medicina chinesa é outra medicina. Como Cézanne termina sua vida? Termina, literalmente, pois morre em seguida ao último quadro, pintando obsessivamente a montanha Santa Vitória, que é o seu grande Nu. Obstinadamente repinta a montanha Santa Vitória, que está viva, só falta se mexer, só falta falar. Pois não é o desenho de uma montanha, é a Santa Vitória de Cézanne.

- P – *A pornografia seria uma expressão da Inconsistência e da Consistência?*

A pornografia não tem relação nem com o Nu, no sentido clássico, nem necessariamente com o fluxo no sentido chinês. Tanto é que temos pornografia chinesa e japonesa da melhor qualidade, e capaz de suscitar o mesmo tipo de tesão no Ocidente, ainda que em desenho como os das histórias em quadrinhos de sacanagem. O caso da pornografia é a utilização dos corpos no sentido de promoção do erotismo.

Manet criou problema, pois fez um Nu que tinha algo de relação erótica, enquanto pintura. Ficou meio ambíguo entre o erotismo e o Nu, mas era um Nu. Cézanne constitui um Nu absolutamente pictórico. Com pinceladas, torna tudo ambíguo: o sexo anatômico das figuras vai ficando indiferenciável, deixa de ser um simples ato de tomar banho e vira uma grande suruba ao ar livre. Tudo pictoricamente constituído com o olhar isento de um pintor. Há várias maneiras de olhar suas banhistas. Podemos ficar pastando em cima da pintura

porque é da melhor qualidade enquanto pincelada, textura de tinta, etc., podemos tentar olhar os corpos, mas não conseguiremos direito... Em meu artigo, *O Triunfo do Olhar*, sugiro que Cézanne atravessava a tela com o olhar. Na época disse que era objeto *a*, que não me interessa mais, mas chamava atenção para seus auto-retratos e suas fotografias, onde ele não olha focalizando. Ele próprio chegou a dizer que toda sua pintura era a resultante de um defeito em seus olhos. Deixou todos boquiabertos, mas acho que ele produzia o defeito do olhar porque jamais focalizava. Olhava para lá e pintava aqui. Por isso, prefiro olhar para o quadro de Cézanne sem foco. Então, tudo fica vivo: indo do focal ao franjal. É como se pudéssemos olhar o pato e o coelho sem pato e sem coelho, ou ora pato ora coelho. Um dia, isso bateu em meus olhos assim. De lá para cá, toda vez que encontro um Cézanne, olho para o que está atrás dele e o quadro fica vivo.

20/ABR

35. Saiu pela Ediouro, com data de 2002, o livro de um americano, Oliver Thompson, que se chama *A Assustadora História da Maldade*. O título é engraçado, embora o original não seja este. É um livro de quase 600 páginas que não diz quase nada, mas é bom para psicanalistas, pois faz, como história da moral e da ética, uma sucessão de lembretes das maldades humanas com o próximo. Do contrário, ficamos pensando que somos santinhos e culpabilizando os outros nesta época de obscurantismo que está se tornando uma época de imbecilidade. Precisamos desses lembretes, pois não adianta mais mandar ler *Além de Mal e Bem* (1886) nem *Contribuições à Genealogia da Moral* (1887), de Nietzsche, com os quais as pessoas já se acostumaram ou dos quais se esqueceram. O livro de que estou falando, pelo menos como história da ética, mostra todos os fatos humanos em bom contraste com esta nossa época de caça às bruxas. Estamos outra vez, e não tomamos vergonha, caçando bruxas. Sempre se inventa alguma. A de agora chama-se: **Pedofilia**. Todo dia

implico com isso, pois é uma vergonha para o mundo, não os pedófilos, mas os que falam deles. Como se sabe, a pedofilia é responsável pela inflação, pelo baixo PIB, pela miséria nacional, pela vergonha dessa gente que habita Congressos Nacionais... De vez em quando, temos que tomar uma anti-bruxa e provocar um exercício. É engraçado que os psicanalistas não digam nada. Aliás, não costumam dizer. É a maneira de se fingir que se é psicanalista.

36. Lembretes:

A **Terra Prometida** (que os amantes do ‘Livro’ tanto procuraram e procuram) é, na verdade, para qualquer um, o **não-Haver**. Assim, o **Exílio** é a situação inicial de nossa existência.

Um **Teorema**, mesmo sendo psicanalítico, ou qualquer outro – pode até ser (ocasionalmente) mas –, não tem que ser (necessariamente) um **Terrorema**. Costuma-se fazer teoremas para se usar como terroremas. Nem mesmo este aqui é para ser tomado assim: é só um teorema, mais nada.

37. Ter passado na cabeça de Descartes o ‘Penso, logo Sou’, deve-se apenas ao fato de que só há Eu-Sujeito *ad hoc*, isto é, só há a relação cindida sujeito/objeto **em frase**. Merleau-Ponty tem um trecho de 1945 em que diz: “Há uma consciência de mim mesmo que faz uso da linguagem e que é um zumbir de palavras. Leio a Segunda Meditação”. [Está falando de Descartes] “É de eu mesmo que se trata. Mas de um eu em idéia que não é propriamente nem o meu nem o de Descartes, mas o de qualquer homem que reflete. Seguindo o sentido das palavras e a ligação das idéias, chego a esta conclusão de que, com efeito, pois que eu penso, eu sou, mas trata-se aí de um *Cogito* em palavras. Eu só me dei conta do meu pensamento e de minha existência por intermédio da linguagem e a verdadeira fórmula deste *Cogito* seria: ‘Pensa-se, se é’ (*on pense, on est*)” (*Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard, 1967. 552p). Isto é contemporâneo dos seminários de Lacan, mas ficou obnubilado pela força hegeliana da presença de gente como Kojève e depois do próprio Lacan. Digo e repito, então: só em frase existe sujeito. A distinção suposta

sujeito/objeto é uma distinção fraseológica e de linguagem verbal, praticamente uma distinção algébrica. Sem esta ferramenta, não veríamos assim e, quando extrapolamos esta ferramenta, também não vemos assim. Toda vez que repetimos que há sujeito, que há objeto, estamos subditos, se não escravizados, sintomatizados, obcecados pela idéia da linguagem verbal. Prestem atenção nisto, pois a psicanálise, feliz ou infelizmente, nasceu sob a égide da falação, embora esta nada tenha a ver com subsunção absoluta e direta a nenhuma linguagem verbal. Mas como nasceu sob esta égide, ela ficou com o estigma de que aquilo que se passa na frase é o que se passa na experiência.

Quando alguém faz, vê ou supostamente observa algo, isto quer dizer que há uma frase (no Secundário) que conota essa visão, essa observação, isso que alguém faz. Achamos que é a coisa mais espontânea, mais verdadeiramente objetiva do mundo quando ‘alguém está fazendo algo’ e ‘eu estou vendo’. São frases que podem ser índice de alguma coisa, mas nada se passa dentro da frase a não ser a obrigação gramatical de sujeito, objeto... ‘Fulano observa *x*’ – isto é do regime do verbal, que é extremamente importante, mas a situação de haver uma pessoa e algo não se passa assim. É assim que se diz, mas não é assim que acontece. Pode ser *x* observando ‘fulano’, ou ambos observando-se reciprocamente... Imaginem uma língua que não tenha objeto direto ou indireto – não sou lingüista suficiente para saber se isto existe –, ela seria também uma língua sem sujeito. Às vezes, as crianças falam assim e as pessoas entendem o que estão dizendo... Mas o fato de fulano observar *x*, este não é apreensível, ou melhor, não é fato para além desta frase: o fato de que aí se fala é o fato de que se fala. Isto é importante na correlação com o que já lhes disse: **só há fatos, não há interpretações**. Ele pode ser tomado ou não por alguém como índice de algo que extrapola esse fato, ou seja, como correlacionando, conotando, querendo conotar outro fato. O Ocidente viveu embananado no ‘fato’ de que, quando se depara com algo que supõe um fato, pensa que está falando do fato, quando fala alguma coisa a respeito do que supostamente aquilo é fato. Está, sim, fazendo outro fato quando “fala do fato”.

- P – *Mas fala-se sobre algo...*

Pode-se sentar *em cima* de algo e falar.

- P – *Então, não existe a Lua, só o dedo que aponta...*

Lua e dedo são coisas ‘factuais’. Temos nos enganado o tempo todo com alguém produzir um fato, correlacionar com outro e, então, vir a tal idéia idiota de **Metalinguagem**, que Lacan já tentou interrogar dizendo que não há. Mas fala-se do quê? Se abrimos a boca e falamos, já é metalingüístico, ou seja, é da mesma ordem de uma produção metalingueira. Esquecemo-nos de que, quando falamos supostamente de algo, supomos estar falando mesmo de algo. E no que supomos estar falando desse algo, estamos nos comportando no regime da metalinguagem.

- P – *O problema é que somos hipnotizados pela linguagem. É a ‘mosca no vidro’, de Wittgenstein...*

É normal. É isso que fazemos. Mas quando precisamos de modos de operação para deslocar dessa situação, o que seria, por exemplo, o interesse da Cura, precisamos saltar fora da hipnose. Chamo atenção para que devemos nos lembrar do fato bruto de que **falar já é um ato metalingüístico**. Se não, parece que a fala é inocente e colada com aquilo de que se fala, colada com a coisa, com o real, com o suposto objeto. Quando alguém diz: ‘estou falando disso’, está sim tentando estabelecer uma correlação entre dois fatos através de outro fato.

- P – *Há vários estudos de lingüística que consideram a fala como uma prótese e um artefato, mas ficam embaraçados ao aceitar esta tese, pois, se é uma produção, o que a precede? De que forma se tornou um modelo de entendimento privilegiado?*

Eles têm este problema porque são do partido do ‘heterogêneo’. Se somos do partido do ‘homogêneo’, sabemos que uma coisa pode tocar outra – por isso digo que estabelecemos correlações, engatamos coisas completamente diferentes com outras –, mas isto não deixa de ser o fato de que se está engatando fatos, e não produzindo um **metafato** a respeito de outro fato. Lacan praticamente nos proibiu de pensar na idéia de metalinguagem, no entanto, a vocação lingueira da psicanálise lacaniana acaba reproduzindo a idéia de representação e a de

interpretação, mesmo que seja no nível que ele chama da mera intervenção do significante. Quero deslocar essas duas idéias. Não que, aprisionado no seio da linguagem, não possa querer metalinguajar, como a mosca no vidro, de Wittgenstein. Isto é possível de ser feito, mas nesse nível estrito. Ou seja, preciso saber que estou produzindo **fatos de linguagem** . Por isso, mantenho sempre uma distância para com o chamado *real* no sentido lacaniano.

Outro hábito mental que o psicanalista deve ter é o de simplesmente promover um embate, uma agonística de fatos – ou seja, uma **agonística de formações** – para haver deslocamentos, recomposições que produzam alguma Cura. Esta é uma postura radicalmente diversa, pois uma coisa é supor que o analista ‘interpreta’, outra, é supor que ele produz fatos novos para induzir uma agonística de fatos.

38. Tomamos algumas anedotas com levandade. Vejam a anedota oriental (sonho de Chuang-Tsé): ‘Estou sonhando que sou uma borboleta. Sou uma borboleta sonhando que sou eu, ou sou eu sonhando que sou uma borboleta?’ Porque a frase situa assim, temos a impressão de sediar um Eu sujeito dos acontecimentos, quando é apenas sujeito da frase. O tal **Sujeito** de que tanto falamos é uma produção estritamente da ordem do Secundário (algo como o Simbólico de Lacan que, aliás, não é a mesma coisa que o Secundário). Entretanto, o Haver, ou seja, o Inconsciente, não é o Secundário. Ele é composto de Primário, Secundário e Originário. No começo da história de Lacan, o Inconsciente era constituído de Simbólico, mas ele produz uma porção de coisas, depois deixa isso para trás, e continuamos nós pensando que é a mesma coisa. Temos que escolher: ou a matéria do Inconsciente é o Simbólico ou bem não é.

Do ponto de vista estrito da psicanálise, **a operação psicanalítica não precisa de sujeito algum, nem de indivíduo** , que são meros recortes que fazemos com a língua. Esta é uma grande confusão em todas as nossas falas e textos. Dizemos: ‘O psicanalista Sr. fulano’. O fato de o Sr. fulano exercer esta função publicamente não prova que seja psicanalista e tampouco o psicanalista é ele. **O psicanalista é uma função** , uma formação que comparece ou não.

Confundimos o melê societário com a idéia de que há psicanalista. Mas a psicanálise está interessada no que interessa, ou seja, que **há embate de formações, dado que, em qualquer situação, há formações em agonística**. As formações são em número enorme e, se há função psicanalítica, ela será uma dessas formações. Do ponto de vista da Agonística das Formações, isso extrapola radicalmente qualquer idéia de sujeito, de indivíduo, de subjetividade, etc.

39. Comecei o Falatório do ano passado (2001) com a **Marionete**. O que comumente chamamos de subjetivo é a intervenção de uma formação particular, isolada de algum modo, pelo recorte da linguagem ou qualquer outro. Isto é, o que supomos haver como **IdioFormação**, mais freqüentemente neo-etologizada, teríamos a obrigação de chamar de **Ego**, no sentido freudiano e lacaniano. ‘Isso é uma questão subjetiva!’, como se costuma dizer. Mas de que se trata, o tal subjetivo? Lacan eximiu-se da questão da subjetividade quando afirmou não estar falando de relação intersubjetiva em análise. Foi um passo enorme, pois intersubjetividade é, na melhor das hipóteses, dois egos se estapeando. E vejam que já é um bocado difícil definir o tal Ego. Ele é um empacotamento, uma formação que se recorta e pensa se separar do resto.

Considerem, por exemplo, a idéia de uma canônica etológica. Quando selecionamos vários bichos da mesma espécie e fazemos a suposição, como fazem os etólogos para estudá-los, de que há uma canônica, uma regragem comportamental, verificamos que nem mesmo ali entre eles há indivíduo. As coisas só se estranham quando encontram outra espécie. Será que o leão sabe que ele não é o outro leão, mesmo entrando em conflito por questões alimentares ou sexuais? Lacan dizia que o leão fica com várias leoas porque não sabe contar. Acho que o que não sabe é quem ele é ou quem é o outro. Há uma relação especular tão forte que um olha para outro e pensa que é si mesmo. Esquecemos completamente disto quando olhamos para um outro e pensamos que é ele o inimigo, mas: ‘Olha eu lá!’ Quando Nietzsche diz: ‘Sou todos os nomes da história’, deve dizer: sou Jesus Cristo e Adolfo Hitler, se é para dizer ‘Eu sou...’

40. Basta ler um pouco os textos de Lacan para ver que o que chama de Sujeito nada tem de subjetivo, ou melhor, nada tem de *subjectum*, conforme suas definições. Na verdade, ele fala de *interjectum* (entre significantes) e isto, em português, é uma *interjeição*: no máximo um *Oh!*, na menor das hipóteses, um *Psiu!* Eis do que Lacan está falando, de uma **Psicologia**. Ele fica aturdido, sem saber do que ou de quem está falando: *Oh! Psiu!*

Cada formação modalizada do Haver tem sua particularidade, pois tem fronteiras, separações e fechamentos. Ao mesmo tempo, tem sua **inter-formatividade** (que arrola formações externas e internas à sua própria gravação), uma conectividade que ocorre mesmo havendo fechamento (*lock*) de uma formação. Então, **o resultado da interação nessa rede de inter-formatividade é ad-jetivo**: as coisas estão lançadas uma ao lado da outra. Não há novidade, mas insisto no fato de que, do ponto de vista da perspectiva que apresento, não há subjetividade, não há objetividade, não há nem mesmo interjetividade. O que há é adjetividade: **tudo é ad-jetivo** – o que é mesmo enlouquecedor. As pessoas fogem disso através da história da humanidade, sobretudo na história do Ocidente. Se deslocamos radicalmente o centro, tudo que dizemos é mero adjetivo. O que quer que se diga é da ordem do achar bom, ruim, feio, agradável... Mesmo o substantivo é adjetivo a outra coisa. Evitamos pensar isto porque tudo fica com seu verdadeiro aspecto fantasmático. Só temos adjetividade e, portanto, a Agonística das Formações ad-jetivas.

Se não operamos um recorte *ad hoc*, mediante linguagem, apontando a coisa agoraqui, se não recortamos incessantemente, é puro adjetivo. E se paramos de recortar, outra vez a coisa se dispersa. São, por exemplo, os exercícios orientais de koan em que fazemos o recorte e temos estranheza. Mas estranheza do quê? Do que há, das formações? Não. É estranheza do próprio recorte, e pensamos que estamos estranhando as coisas. É comum encontrarmos o analisando em que, ou isto lhe aconteceu durante o percurso da análise e ele fica em pânico porque diz que está estranhando tudo, ou ele já vem com o estranhamento porque sofreu algum tropeço, algum embate com a realidade que deslocou seus recortes. Ele nos chega com o sentimento de estranhamento e pensam que está psicótico. Ele está fazendo o que é para fazer e precisamos

entrar em convivência imediatamente com ele. Toda vez que um analisando me diz que está estranhando tudo, digo: Eu também! Você não é mais maluco do que eu. Imediatamente tudo se recompõe. Mas, desde uma posição médica, psicológica ou outra qualquer, acham que é preciso intervir, quando não se trata disso. Frequentemente, estranho tudo. O que estranho? O recorte que tinha antes e que não está funcionando agora.

- P – *Por isso, o Retorno do Recalcado sempre se acompanha de estranhamento.*

O ato de recalçamento é um ato de limitação do estranhamento para podermos lidar com isso. Mas se não sabemos suspender o recalque, aí fica ruim.

- P – *O verbo ‘Haver’, em português é complicado. Frequentemente, é confundido com ‘existir’ e as gramáticas não sabem explicá-lo a não ser no sentido de existência. Como o verbo existir tem sujeito e o verbo haver não tem, mas tem objeto, a explicação enlouquece.*

Este é o erro objetual na língua. O verbo **‘haver’** é confundido com o verbo **‘ser’**. Se perguntamos ‘há algo?’, já designamos. Então, o verbo ‘haver’, que não há em outras línguas e que em latim já era misto com outras aparências — tem relação com *habitare*, ‘estar em algum lugar’, ‘estar ali’ —, na Península Ibérica (espanhol e português), tomou uma feição muito própria e particular. É um verbo sem sujeito, quando falamos simplesmente ‘haver’ indicando coisas no mundo. Mas dá a impressão de ter objeto: ‘Há isto!’, indicando uma presença ou sendo (frequentemente) confundido com o verbo ‘ter’, no sentido de contabilizar algo. Observamos que, no Brasil, ninguém pergunta mais se ‘há coca-cola?’, e sim se ‘tem coca-cola?’, ao passo que em Portugal e no espanhol perguntam se ‘há água?’ O verbo ‘haver’ não tem sujeito e, por isso, toda vez que tentamos indicar um objeto, ele salta de sua significação e passa para o verbo ‘ser’. Pergunto ‘há isto?’ Mas isto o quê? Falar disto é dizer o que isto é, é empregar o verbo ‘ser’.

- P – *O verbo ‘haver’ destrói a teoria gramatical que diz que os termos essenciais da oração são sujeito e objeto. O essencial passa a ser o predicativo.*

Alguns filósofos, como Lévinas, querem falar isto e ficam em palpos de aranha, pois não têm como na língua. Eles substantificam o Haver e dizem: *L’ “Il y a”* (O ‘há’). Nós outros, que temos esse verbo com a maior fartura, ficamos

imitando o pensamento francês que é hemiplégico nessa região. Esse negócio de adorar ser colonizado é pura burrice, pois deixamos de pensar direito, de pensar coisas que o outro não consegue porque sua língua é ruim em alguns termos. Tamanha é a presunção de Heidegger, ao dizer que só se pode pensar e fazer filosofia em alemão. Entendam que, quando digo algumas coisas e forço a barra, estou dizendo: ‘Quero ver você pensar isso, alemão!’ Acho que, nesse ponto, nossa língua e a espanhola são mais ricas. Há uma força de pensamento que não há em muitas línguas, em várias regiões, sobretudo na questão do verbo ‘haver’ e na ausência de sujeito. E quantas outras línguas que desconhecemos devem ser melhores...

41. Eu dizia, então, que o resultado é estritamente adjetivo e o ponto extremo do adjetivo é a **Perplexidade** – coisa de que esquecemos. O Haver é Perplexo (Lacan diria: Aturdido) lá no **Cais Absoluto**, no empuxo da HiperDeterminação. É pura perplexidade: não há sujeito e não há objeto. Para cá (A), não há sujeito; para lá (Ã), não há objeto, há só um empuxo e pura perplexidade. Podemos até chamar de objeto não-*a*, mas de que adiantaria?

Pensou a antiga psicanálise que deveria livrar cada um (indivíduo) do seu Ego, em favor do seu Sujeito. Ela agora pensa novamente que é preciso livrar qualquer Um, tanto de seu Ego quanto de seu Sujeito, de sua Subjetividade. Uma Subjetividade é apenas a co-moção entre um Ego e a HiperDeterminação (o que chamo de IdioFormação). Mas a HiperDeterminação (enquanto co-moção pelo não-Haver) nada tem a ver com Ego ou com Sujeito. É pura adjetivação. No entanto, precisamos lembrar que esta co-moção nada tem de transcendente, é estritamente **transcendental** em função do Princípio de Catoptria (ou Enantiose). Todas essas coisas são tentativas de ficarmos nos segurando em algo (um transcendente, um objeto ou um sujeito) como se pensamento pudesse morrer afogado. Pensamento não morre afogado, pode-se deixá-lo ir na correnteza.

Talvez vocês estejam se dando conta de que é uma postura mental radicalmente outra. É mais difícil, pois rejeita qualquer ancoramento que não seja na última instância do Cais Absoluto. Os ancoramentos acontecem, mas

este pensamento os rejeita porque sabe que são estritamente formações *ad hoc*. Portanto, estritamente sintomáticos. Isto pode servir para lidarmos com as transas do mundo, é muito útil, mas não para entendermos o processo, nem tampouco o mínimo de Cura e libertação em relação a esses ancoramentos.

- P – *Ou seja, não há cabine central de comando.*

Mesmo porque o nome é: co-mando. Os co-mandantes antigamente ficavam sossegados porque pensavam que mandavam junto com Deus. Agora, são de araque, o que é uma situação perigosa e difícil.

- P – *Isso que você está trazendo é uma imensa ferida narcísica.*

A ferida que Freud supôs trazer é mais rasgada do que imaginávamos. É a ‘Fundura do Talho’, como já chamei. Como sabem, nada tenho contra o narcisismo, pois não se sobrevive sem ele. Nossa operação é que é outra.

Não é possível, por exemplo, eliminar o **dualismo** do mundo, porque as coisas são rachadas, comparecem sintomaticamente cindidas. A experiência de Indiferenciação se refere sobretudo à indiferença quanto a *valores* atribuídos aos elementos de uma oposição. Então, a questão não é que o dualismo não compareça, e sim: que valor atribuo a ele? Todo dualismo é *focal* quanto às formações em jogo numa transa (supostamente sujeito e objeto, por exemplo). Mas, do ponto de vista *franjal*, quando a coisa se espraia nas interformatividades, as fronteiras se apagam, ou melhor, se confundem e a dualidade é perdida de vista. Não que deste modo apareça uma não-dualidade evidente, mas sim que não há mais condições de discernibilidade. Pressentimos que ali há alguma diferença, mas não conseguimos discernir no franjal e, quando conseguimos, fizemos uma operação de recorte. Escamoteando a operação de recorte, acabamos pensando que estamos falando daquilo. Este é, aliás, o problema das Teorias do Conhecimento.

42. Toda a questão e dificuldade é justamente situar qual o ponto desde onde a psicanálise, enquanto o pensamento que estou apontando, se situa diante dos modos de operação no mundo que constituem as situações para nós. Por isso, na vez anterior, e ainda insisto nisto hoje, trouxe a questão, tão desenvolvida por François Jullien, da oposição entre as posturas **grega** e **chinesa**, que

poderíamos generalizar como Oriental e Ocidental, e acabei em **Cézanne**. Talvez seja fácil para nós entender a posição grega: focal, canônica, distintiva, formal. É um pouco difícil entender a posição chinesa, que ele descreve belamente nesse conjunto de livros que citei. Às vezes, já chamei atenção para isto também, ficamos com a impressão de que, ao descrever a postura chinesa, ele está descrevendo a postura psicanalítica tal como a apresento. Dá uma forte impressão, mas não é. É importante que um analista – e Lacan fez isto demais em sua vida pessoal de estudioso – entenda o que é a cabeça do chinês, pois o modo de operar é oposto e desloca radicalmente o formalismo ocidental. Lacan ficava estudando a língua chinesa, o Pensamento Zen, lendo koan, a todo momento mostrando que fazia isto e operando muita coisa em sua teoria psicanalítica a partir do pensamento chinês. Cito tanto os livros de Jullien porque, em nosso momento histórico, é preciso entender que globalização mesmo é isso. Ele tem formação ocidental, é filósofo no sentido grego da palavra, e especialista em pensamento chinês.

De acordo com nossa nomenclatura, trata-se de entender que a cabeça do chinês está mais próxima da **Inconsistência** do que da **Consistência**. E não é preciso chamar o chinês de feminino, pois já desloquei isto. Seu modo de operar é mais focalizado na Inconsistência do que na Consistência. O grego é ‘fálico’, como diziam os analistas pregressos. É a vontade classicista e canônica do grego, em contraposição a algo – que é difícil mostrar, pois em geral misturam tudo ao invés de fazerem um esforço para entender mesmo o que é o **Barroco** – que tem uma tendência Barroca no pensamento chinês. É a oposição entre a **Filosofia**, como construto canonizado, e o que Jullien chama de **Sabedoria** no sentido chinês. É a concepção **Focal** da forma e a concepção **Franjal** da transformação. A ênfase está na passagem de uma forma para outra, e não na fixação da forma. É a relação **Sujeito/Objeto**, toda impregnada e desenhada no Ocidente, e a **Situação** chinesa (a observação da situação). É a idéia de **Oposição**, no Ocidente, e a de **Complemento**, no Oriente.

Outra coisa interessante é a idéia de **Método**. O Ocidente vive obcecado com o tal método. A cabeça do grego é a do *Metá-Hodós*, o caminho

que é a metalinguagem que vai me levar ao objetivo que quero. Ou seja, não penso no caminho, e sim em qual caminho vou fazer para que o caminho chegue aonde quero. Na China não há a idéia de Método ou de Metacaminho. Há a idéia de **Tao**: sigo o caminho que vai me levar a algum lugar e, quando palmilho o caminho, em algum lugar hei de chegar. Isto é diferente de fazer um projeto lateral dos caminhos para chegar a tal lugar – o que, aliás, é a decepção de todo viajante: fazer todo um percurso, chegar lá e não ser nada daquilo. Vejam o *Discurso do Método*, que é a MetaLinguagem do MetaCaminho. Descartes é a fina flor do Ocidente, é um Grande Sujeito.

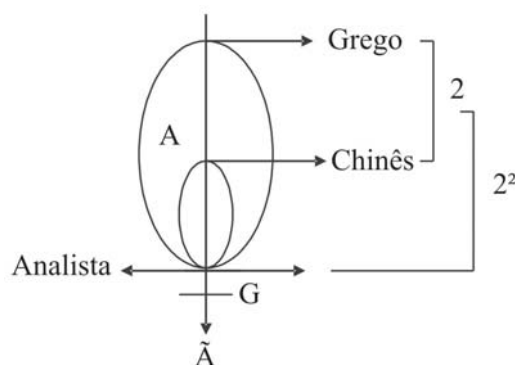
- P – *E ele defendia a escolha dos caminhos retos.*

Ele sabia do que estava falando, pois em sua Geometria Analítica a linha reta era essencial (tanto quanto na de Euclides). Já a Topologia é outra história. Entendem como ficamos obcecados por nossas besteiras? Esta é a nossa história.

Tomamos a idéia de **Modelo** no Ocidente, ao invés de simplesmente seguir um **Processo**, como é no pensamento chinês. Ou a **Configuração** ocidental, que nos confunde, por exemplo, na pintura, com o Nu propriamente dito (por exemplo, Ingres). Ou ainda a **Anatomia** como bom conhecimento das articulações anatômicas, que são importantes para o pensamento ocidental tanto da pintura quanto da medicina. Ao contrário, para a pintura chinesa e o pensamento oriental em geral, que está falando de **Emergências** e construções, é mais importante a idéia de **Fluxos** e transformações. Há também a mentalidade do **Ato** ocidental e a mentalidade do **Procedimento** chinês. Há o **Fato** bruto recortado pela Grécia e a **Alternância** possível das composições na China. E a idéia de **Representação**, no Ocidente, oposta à de **Apresentações** dispersas. Como vêem, temos uma oposição nítida entre dois modos culturais.

Estou dizendo que a psicanálise se comporta como o lado chinês da proposição? Não. Estou dizendo que não é possível o psicanalista sem a inclusão desta perspectiva. Um psicanalista não pode ser ocidental. É terrível dizer isto, mas a psicanálise foi inventada no Ocidente por um maluco que percebeu que

a coisa não funcionava bem assim. Ela é anti-cartesiana. Se um psicanalista não pode ser estritamente ocidental, isto não é dizer que ele é oriental, chinês, pois o chinês não é grego e o psicanalista é. Vejam que é hiperdicotômico, pois se trata do **segundo grau da oposição**, como já coloquei várias vezes.



43. Como podem acompanhar no desenho acima, há as oposições interna e externa, o primeiro grau da oposição e a oposição de segundo grau, ao quadrado, que é **o binário à segunda potência**. Então, posso escrever grego e chinês como elementos de uma oposição, mas o lugar que o psicanalista prefere é o Cais Absoluto. Isto, para poder considerar a aproximação do Gnoma, que é o lugar que o místico habita. Por isso, já disse que o **Estatuto da Psicanálise é Místico**, seja em qualquer pensamento, oriental ou ocidental.

O que entendo como Maneirismo (para antes da oposição Clássico/Barroco), o que entendo como Sexo Resistente (para antes da oposição Consistente/Inconsistente) é a posição notada por G no desenho. O psicanalista não é o chinês que só pensa nos complementos, pois ele também precisa intervir no modo grego. Existem momentos em que ele se dá conta de que nem tudo pode ser chinês, pois somos também gregos. Ou seja, há o momento da distinção, da subjetivação, da egotização, da separação. Se não usarmos isto também, perdemos o conjunto da análise. O que fazemos quando o analisando perdeu o rumo de suas distinções e ficou chinês demais? Trazemo-lo de volta: ‘Cala a boca! Já

para casa!’ Ele pode achar que somos nós que estamos doidos, porque justamente estávamos apontando para um lugar e o mandamos voltar...

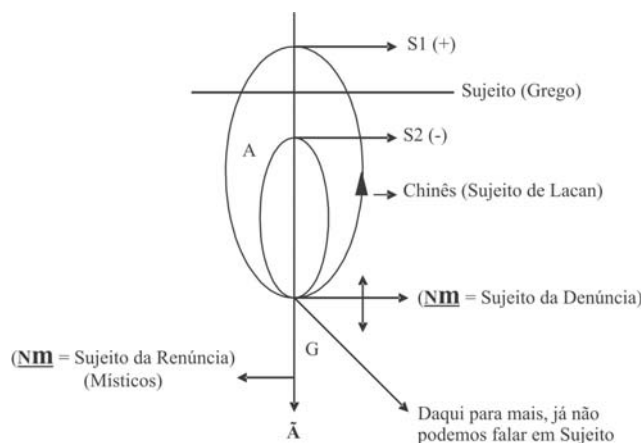
O lugar do psicanalista é Terceiro e, ao mesmo tempo, Primeiro. Terceiro, é maneira de falar, quando vemos os dois casos da oposição interna (+/-). Mas quando olhamos do ponto de vista adequado, é Primeiro e único, os outros é que são conseqüências, assim como no Sexo. Observamos os gregos falarem em Eu e Outro, e Lacan, ao colocar o Eu e o Outro, é ocidental e cartesiano. O chinês diz ‘nem Eu nem não-Eu, alguma coisa parece que passa por mim’. Até vemos Lacan repetir ‘*Je est un autre*’. Ele faz o deslocamento entre o Eu e o Outro nítidos, dizendo, como pensou Rimbaud de maneira bastante chinesa, que Eu é um Outro. Diz ele também que ‘*L’Inconscient est le discours de l’Autre*’, o que é uma confusão, pois como vou situar um Outro se não situo o Eu? Donde a importância do Sujeito em Lacan. Mas vejam a confissão mais radical: *L’Inconscient est structuré comme un langage*. Esta é uma definição secundária do Inconsciente. É o Inconsciente definido a partir da Secundariedade. O que digo não é isto. Para mim, Eu, Haver, é o Mesmo. Como já disse de brincadeira: *L’Inconscient est structuré comme on l’engage*. Lacan não era estúpido, pois viu isto, mas não encaixava muito bem no processo anterior. Aliás, o último Lacan não encaixa no Lacan anterior – podem desistir! – e está mais perto de mim. A grande dificuldade é entender o segundo grau da polaridade, que não compareceu com clareza na história da psicanálise, e que me esforço para fazer comparecer agora.

Por isso, trouxe **Cézanne** que, com seu olhar nitidamente Maneirista, foi capaz de colocar sobre a tela a possibilidade de focar em grego e desfocar em chinês. Eu diria que ele estava inventando uma visão muito próxima da que aponto para o Analista. A pintura de Cézanne é uma boa lição sobre o Lugar do Analista.

44. No tema que estou desenvolvendo hoje também se faz presente a questão do Lugar (topológico) desde onde algo se enuncia – o que se coloca como a questão ocidental do **Sujeito**: Há Sujeito (cartesiano) do lado Grego / não há

propriamente Sujeito do lado Chinês, mas sim intercâmbio, interferência, ressonância ou co-moção. Há o suposto de Lacan (embora adstrito ao nível do lugar chinês), quando criou (com referência saussuriana e jakobsoniana) o Sujeito intervalar (entre significante e significante). Na verdade, criou o **inter-jeito**, e dependente do conceito (ocidental) de representação (o significante é o que representa o Sujeito, o Sujeito é o que é representado pelo significante... para outro significante). Mas quando esse Sujeito é indiciado por um S_1 (*signifiant maître*, ou *m'être* ou *mètre*) – por um mestre, por ser-me, por um metro –, ele imediata e inapelavelmente se reduz ao Sujeito cartesiano (anterior).

No desenho abaixo, temos a barreira onde podemos colocar o Sujeito grego, que depende da função do Recalque no interior da polaridade, no interior do Revirão. Sujeito que distingue, separa, situa, desenha, o que fica claro quando tenho S_1 e S_2 em polaridade. O simples fato de indiciar um sujeito por S_1 , por um significante-dono, estabelece que tudo funciona no regime do Recalque interno às polaridades. Já o Sujeito chinês fica em cima do movimento das oposições. No passado, quando tentava articular isto, cheguei a colocar que esse Sujeito era o próprio recorte do Revirão. Disse isto porque é naquele lugar que mora o Sujeito chinês e é onde Lacan veio passear com seu Inter-jeito. O Sujeito cartesiano é o grego e, no que eu tentava articular o Sujeito, reconhecia que o de Lacan não podia ser só o cartesiano, pois ele é chinês também.



Ele se apresenta como Inter-jeito, capaz de passear entre as oposições, entre um significante e outro significante. É onde ele mora, aliás. Ou seja, em última instância, entre os dois pólos de qualquer polaridade. Lacan, então, é um sujeito de formação cartesiana que visitou o pensamento chinês e reconstituiu o Sujeito como Inter-jeito. Quanto a mim, há anos fico na perseguição do Sujeito para ver se lhe acho um lugar mais adequado. Só que, quando se procura um lugar mais adequado, ele salta para fora da internalidade do Revirão e, aí, não posso mais chamar de Sujeito. Assim como não posso chamar o de Lacan, pois ele é um Inter-jeito. Mas o meu não é nem Sujeito nem Inter-jeito.

Como sabem, coloco o Analista não no Revirão interno, mas na segunda potência da oposição: ora ele se volta para a oposição interna, ora para a HiperDeterminação e o Gnoma. Daí eu dizer que o Estatuto da Psicanálise é Místico, pois é no lugar notado por G que mora a posição do místico. Mas do Cais Absoluto para a frente, não há mais possibilidade de se falar em Sujeito ou em Inter-jeito. Quando, no passado, oscilei em relação a isso, chamei esse lugar de Sujeito da Denúncia, pois aí se denuncia que as oposições são contrárias e outras. Então, quando percebi que a vocação do Sujeito da Denúncia era estar entre a oposição interna e a HiperDeterminação, chamei de Sujeito da Renúncia. Vejam como historicamente uma coisa se funda à nossa revelia. Agora, digo que, se for para pensar algum Sujeito – prefiro abandonar este nome –, é um **Sujeito Abissal**, em abismo, que não tem situação para dentro, nem objeto para fora. Logo, ele não é sujeito nem tem objeto. Ou seja, tudo o que acontece menor do que isto é ressonância da Quebra de Simetria, ressonância do Recalque Originário. Então, tudo é menor, inclusive toda a idéia de Sujeito propriamente dito. O Sujeito cartesiano, subdito ao Recalque, Lacan o ampliou como Inter-jeito e eu o joguei para fora, onde não há Sujeito e não há objeto. Esta é a situação de base, que ressoa como Quebra de Simetria e Castração e que propicia que eu tenha disponibilidade de subjetificar como Inter-jeito e como Sujeito. Eu também *posso* ser estúpido, quando preciso for. Outra coisa, é o neurótico aprisionado em sua estupidez. Portanto, só há Jeito: é o Há-jeito, o Jeitinho – taí o Maneirismo.

45. NOVAMENTE, não partimos de nenhum lugar indicável de enunciação (ato de fala de nenhum serfalante), mas sim do lugar de uma IdioFormação (qualquer), humana ou não, que só se especifica (e portanto especifica nossa espécie) pela HiperDeterminação como Gnoma. Esta postura é radical e mais abrangente que todas as outras porque pode englobá-las, mas não é nenhuma delas. Isto **reverte** tudo e mais uma vez chamo a atenção para o fenômeno **Reversão** que acontece neste pensamento. Pois, a partir desta postura, são aqueles lugares anteriores, ditos subjetivos ou não, que podem passar a ser vistos como o que efetivamente são: subseqüências, ressonâncias, co-moções, etc. O Lugar mudou (foi revertido): leio na direção contrária à que toda a história do Ocidente (e mesmo do Oriente) lia. Tudo se muda na perspectiva que considero ser a verdadeira da psicanálise, onde a reversão é radical e tudo é ao contrário. Toda vez que se pensa a partir das oposições não se chega até este Lugar, a não ser por um esforço enorme, tropeçando, para depois olhar de Lá. O processo de **Análise Propedêutica** segue esta direção, mas, uma vez que se tenha a experiência disto, começa-se a fazer a verdadeira análise, que é ao contrário. Alguns analistas tiveram esta intuição e chamaram este processo de Anti-Análise.

46. O Gnoma é o Lugar onde justamente não podemos encontrar nenhum *Sub-jectum*, mas apenas um *Jectum* (um jeitinho, maneiro, à brasileira?), que reduz o que quer que haja como ressonância sua (co-moção) à condição de *Ad-jectum*, este é o Jeito. Nem Sujeito, nem objeto, nem Inter-jeito, apenas **adjetivação genérica**. Um Lugar que não é nem Interno (*subjectum*, sujeito) nem Intersticial (*interjectum*, interjeito ou interjeição) nem mesmo Externo (*ejectum*, ejetado, ou mesmo jogado fora como uma sobra, *de-jectum*, dejetado, como é necessariamente o objeto *a* de Lacan, que tem que sobrar daquele Sujeito dele, um dejetado em função do recorte operado pelo Sujeito que, se objeto houvesse, seria chamado objeto não-*a*). Digamos que este Lugar se confunde com um ponto qualquer da contrabanda unilátera (ponto dito não-orientável pelos matemáticos, que prefiro chamar de **ponto-bívido**) empuxado:

1) por um lado, pela fenda, isto é, pelo corte dela (contrabanda) enquanto produtor de dualidade, e 2) por outro lado, pelo próprio Plano Projetivo como grau zero de diferença (indiferença), portanto grau zero da lateralidade. Em outras palavras, tomando uma banda de Moebius e um ponto não-orientável (bífido) sobre essa banda, se imaginarmos que tudo que acontece é no sentido do Pleroma, de adquirir uma formação de Plano Projetivo, então tudo se passa no empuxo dos dois lados: o empuxo para o recorte, para a fenda, até para aquele Sujeito (Intervalar) e o empuxo para o outro lado. O analista vive na transa dessas duas forças.

Falo portanto dos **Avatares da *Spaltung*** freudiana (da fenda) que passou de **operação recalcante simples** à **operação recalcante intervalar** para agora chegar ao seu lugar definitivo como **operação recalcante abissal** ou abismal, em abismo, em nosso conceito de Recalque Originário como Quebra de Simetria. *I Love SuSy*, mas ela não se entrega para mim. *Aimée Sélamor*: a Morte não Há, assim como o não-Haver. Esta é a irmã gêmea de Duchamp. SuSy, é a Super Symmetry da física atual.



47. Esse velho símbolo oriental não é senão a representação do Plano Projetivo (chamado também de gorro cruzado ou asfera). O que se desenha nesta asfera é o *Yin* e *Yang*, através de um símbolo que parece feito por quem conhece Topologia e que poderíamos tomar como a representação do próprio Plano Projetivo (que é empuxo). Mas eles, em cima do Plano Projetivo, apresentam dois furos: o primeiro fura o Plano Projetivo uma vez e obtemos a contrabanda; quando furamos duas vezes temos a banda-contra. Então há o Plano Projetivo, a contra-banda e a banda-contra. Eles sabiam das coisas porque podemos representar tudo com este símbolo oriental, a oposição interna, o inter-jeito e o jeito.

48. Como jogamos isto para a frente? Seja qual for o aparelho que queiramos aplicar ao entendimento do que se passa como significação e/ou sentido no seio das formações do Haver, são todos da maior importância e utilidade nos diversos níveis das formações possíveis (a Lingüística Estrutural de Saussure e Jakobson; Troubetskoy; a Gramática Gerativa de Chomsky; a Semiologia de Barthes e outros franceses; a Semiótica de Peirce e outros americanos; a Semântica de Hjelmslev ou de Greimas, etc.). O que a Psicanálise novamente tem a fazer é o entendimento do lugar do Gnoma e, a partir da vinculação absoluta que ali se promete e se promove, de como ele co-move as formações inferiores do sentido e da significação em termos de linguagem, no seio da chamada fala, por exemplo. Este empuxo para além de Lingüística e Semiologia pode acolher todas as hipóteses porque nenhuma vai conseguir falar desse Lugar. Ao invés de fomentar uma briga entre lingüistas e semiólogos, consideramos que todos dizem alguma coisa, merecem pleno desenvolvimento e são aproveitáveis (é um grande serviço que faz qualquer lingüista, semiólogo, semiótico), segundo as possibilidades abertas pela psicanálise.

Se eles deixassem de ficar brigando (como no auge do século XX estruturalista, a visão de Saussure e Jakobson em luta ferrenha contra Chomsky e Peirce) e conversassem, cada um ampliaria o seu escopo, e, numa zona franjal, não saberíamos qual seria a diferença, pois localmente todos têm boas razões. Tive uma discussão que não deu em nada no Copacabana Palace com Guattari em torno de Saussure e Hjelmslev (Guattari me adorava, dizia que eu era o brasileiro mais interessante que já havia conhecido, daí falei para ele não dizer isto alto, porque iria ficar mal para os deleuzianos). Naquele momento fazia muito sentido opor um Hjelmslev deleuziano a um Saussure próximo de nossa posição, hoje é bobagem.

• P – *Beckett mostra esta disjunção entre o sujeito da frase e o sujeito da experiência.*

Há coisas interessantes em Beckett além de *Esperando Godot*. É uma figura impressionante, inclusive do ponto de vista de sua análise pessoal, aliás feita com Joyce, seu verdadeiro analista, e não Bion (como o analista de

Lacan era Aimée, não aquele outro, que era figuração). A situação do rapaz era difícil, já que era secretário de Joyce (é a humilhação mais radical que se pode fazer ao analisando: é o mesmo que ser secretário de Lacan). Como Duchamp, que ficou atônito depois do que Picasso fez, Beckett estava numa situação terrível, sem saber o que fazer depois de ter havido Joyce. O impressionante é que eles fizeram.

- P – *A respeito da perplexidade, do sentimento de estranheza que, para a Fenomenologia, comparece nos momentos fecundos de início de um quadro psíquico, em que o mundo adquire uma nova significação...*

... como no início de uma grande Obra de Arte...

- P – *... será que o surgimento do delírio não se deve à heterogeneidade entre o eu e o mundo como hiper-recalque?*

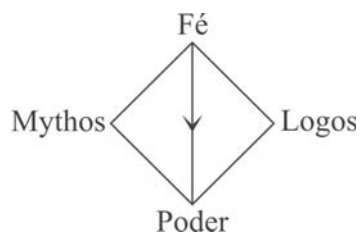
Falo em hiper-recalque porque o sujeito vai de rabo preso e não sabe voltar criativamente, já que toda significação passa pelo hiper-recalque (é infectada por ele), então volta delirando. Freud abre o livro de Schreber e acha genial, só que ali há um monte de loucuras. Tento fazer isso de outra maneira, como já disse. Freud não se incomodava (só um pouquinho como neurótico obsessivo) em ser gay com Fliess, mas Schreber não conseguia, pois o hiper-recalque não lhe dava condições. Isto é que é ter sucesso onde Schreber fracassou.

04/MAI

49. Fico imaginando aquela famosa **Era Axial** que aconteceu entre 700 e 200 a.C. quando houve emergência dos grandes pensamentos, principalmente religiosos, mas também filosóficos, e se não é o momento de se repetir a dose, ou seja, se o planeta não está, se não em condições, pelo menos em necessidade de uma nova Era Axial para mudar completamente o pensamento. Digamos entre 2000 e 2200 d.C., para durar os mesmos 500 anos que a vez anterior. Mas como agora tudo anda mais depressa, talvez em 200 anos as pessoas mudassem as coisas, pois não dá para esperar tanto.

50. O que se narra na **Ordem Mítica** não é algo que supostamente aconteceu, mas que acontece. Talvez por isso mesmo foi preciso inventar a Psicanálise para mostrar – de início miticamente mesmo, como aconteceu com Édipo, e depois, mais abstraidamente, com o Nome do Pai – que os cenários narrados miticamente são formações e interação de formações que comparecem agora aqui a cada presença, ou que pelo menos podem se repetir sazonalmente. Qualquer coisa que se repita – ou seja, que se espera que aconteça sem fu-turo e sem passado – como algo que acontece tem tendência para ser decan-tada no mito.

Esta oposição entre *Mythos* e *Logos* não corresponde à oposição **Fé** e **Razão**, apesar da suposição contrária, pois esquecemos que a Fé é anterior tanto a *Mythos* quanto a *Logos* e sustenta a ambos. Esta vontade de Iluminismo durante séculos deu a impressão de que estas oposições são verdadeiras, mas efetivamente não são, pois não a encontramos nas pessoas. Então a Fé, que está acima de *Mythos* e *Logos* e os constitui, realiza-se em Poder através mesmo dessa constituição.



Isto fica de tal maneira embrulhado em nossas cabeças que imaginamos haver uma espontaneidade desta oposição *Mythos-Logos* que se resolve como tal dentro de si mesma, esquecendo que há uma Fé anterior e resultante em Poder. Estamos sempre escamoteando o fato do Poder, de qualquer nível e de qualquer ordem, escamoteando o fato de que há uma sustentação acima e outra abaixo. Apesar da oposição evidente e escandalosa, o suposto espantoso da coexistência de ambas as fés (no *Mythos* e no *Logos*) em algumas pessoas, inclusive dominantes, se permite pelo mediador – que também ele, aproxima ambos – que não é a Fé mas sim a Força, ou melhor, o Poder desse vetor

quando ele recebe alguma forma de crença ou mesmo de suposta eficácia reconhecida em algum caso. São vetores fortíssimos que estão em jogo em todas as situações. Assim como o Poder do *Logos* se deve à crença em tal suposta eficácia, também é o caso da astrologia, que foi (muito antigamente) um exercício dominante que explicava o mundo e que depois, com a Iluminação ao redor, praticamente sumiu da freqüentação em certos lugares supostamente lúcidos, reaparecendo hoje, neste momento obscurantista e opressivo (ainda que não pareça, pois todos estão achando as coisas uma gracinha). Discursos como este voltam à tona, pois o esteio da fé e da crença lhe caiu em cima. A astrologia virou algo outra vez científico e, o que é pior, a ciência está com cara de astrologia.

• P – *O pior é a astrologia querer ser terapêutica.*

Ela nunca foi outra coisa, pois as pessoas procuram o astrólogo porque se sentem mal e querem curar o mal-estar ouvindo algo para se sentirem bem, apenas isto. Pode ser o xamã, o feiticeiro, o pai-de-santo, o psicanalista. Todos correm em busca de alguma terapia, de tal maneira que o que não é terapia hoje? Todos sabem que os desejos são dominados pelos astros e se eles saírem do lugar os desejos vão para o beleléu: problema sério.

51. Esta brincadeira é só para lembrar a situação difícil que estamos vivendo hoje. Temos uma riqueza, senão uma pletora de informações, conhecimentos acumulados, etc., e estamos completamente perdidos, sem a menor condição de se estatuir uma hierarquia de valores no saber. Podemos até fazer isto por opção, mas efetivamente não há nem consenso nem comprovação disso, e estamos nos encaminhando para o pior. Não se trata de mero pessimismo, mas pura verificação: ao contrário, minha tese é que há que piorar muito para dar certo. *Dar certo* é haver **outra emergência** que possa recompor os procedimentos do mundo. Por isso estou brincando aqui de uma Nova Era Axial: algo precisa emergir como configuração do mundo que o organize e que tenha a impressão de que se está entendendo alguma coisa. Sempre foi assim, mas há momentos em que temos a impressão de que estamos entendendo ou

de que há algum governo possível sobre as coisas. Ora, isto se perdeu, e ainda há pouco caos para poder nascer uma ordem nova.

52. O Mito bem analisado, em nosso sentido, não se sustenta. Se começarmos a desmontar as formações que estão em jogo, tanto na narrativa quanto nas relações das pessoas com essa narrativa, o Mito começa a se dissolver e perder a força, tal como uma neurose. Por outro lado, uma lógica bem desenvolvida esbarra em seu limite. Vejam o teorema de Gödel que não nos deixa mentir. Estamos numa situação abracadabrante.

53. Este tal Sujeito de que se fala há décadas, será ele um Mito? É um ponto fundamental, pois pelo menos desde o século XVII até o final do século XX, com o pensamento de Lacan, estatuiu-se esta noção de Sujeito como algo esclarecedor, razoavelmente composto, que viria justamente em contraposição à narrativa de um mito explicando quem é *Eu*. Afinal de contas, será que somos uma arara? Podíamos ser uma arara azul, um urubu, segundo os Cadivéus ou os Txucarramães, pois eles sabem perfeitamente quem eles são. Os índios do século XVII na Europa achavam que eram Sujeitos. Afinal de contas, todos que nasceram no planeta são indígenas. O tal Sujeito, mesmo sendo uma construção da Razão, não deixa de ser uma cláusula de Fé. Basta ler Descartes e as *Meditações* para vermos a Fé que precisa colocar, sobretudo em sua concepção de Deus, para arrancar dali um Sujeito. Não é mera teologia que o sustenta, mas uma fé inquebrantável. Ele chega ao displante de dizer *Penso, logo Sou*.

- P – *Ele parte da obviedade do fato de que não é maluco.*

Ninguém melhor que um maluco para dizer que não é louco. Seria melhor se tivesse dito que não acreditássemos muito, que talvez não estivesse passando muito bem quando pensou aquilo... Ficava mais simpático. Por trás da afirmação do *Cogito*, afora a fé em última instância inquebrantável que teve que aplicar, há a crença num determinado aparelho que indicava um Deus comportando-se de determinado modo, que não mente (logo um impotente,

que não *pode* mentir). Mas, além da cláusula da Fé, há sobretudo a cláusula do Poder, ou seja, que poder constituído no nível das formações intelectuais, etc., puderam dar chance a isso se explicar aparentemente tão bem? E isso só era um poder diante da situação de mundo que garantia que aquela seqüência de enunciados pudesse ser razoável. Um Cadivéu escutando isto pensaria que Descartes é maluco, pois ele sabe que é uma arara. Mas diriam então que os Cadivéus são primitivos, ainda que Lévi-Strauss tenha se insurgido contra esta idéia e tentado mostrar o contrário, embora suponho que não tenha conseguido. Poderíamos pensar em nível de análise e dissolução deste aparelho de *Cogito* e verificar que, cercado por todos os lados de poderes capazes de suspender a sua força, ele se perde. Estou trazendo estas loucuras porque, por mais esforço que se faça, quer me parecer que, apesar da situação de mundo, da situação do pensamento no mundo (não vou dizer a psicanálise, mas a maioria dos psicanalistas), todos estão tão confiantes nas bobagens que repetem que as tratam como realidade bem assentada. O nível da loucura é bem mais amplo.

- P – *A única diferença entre uma teoria e uma paranóia é que a teoria não é defendida por paranóicos.*

Acho o contrário, pois é o cúmulo da paranóia. O único argumento sobre essa diferença é o de Freud: *tive sucesso onde o paranóico fracassou*. Aliás, um argumento do sucesso, donde ele poderia trabalhar na Globo.

- P – *A única possibilidade de sucesso para uma teoria é que ela seja defendida por testemunhas fidedignas.*

Mas isto não existe, ninguém definiu até hoje nenhuma testemunha fidedigna. Eles não conseguiram nem resolver o problema Bin Laden com caixa preta de avião, imagina a caixa preta teórica! Isto é um sonho de Isabelle Stengers, que não diz como. Testemunha fidedigna é, por exemplo, a espada: Alexandre diante do nó górdio corta-o com sua espada ao invés de desatá-lo. Isto é um acontecimento histórico que funda uma situação e mostra que o poder é circunstancial. Dada a vetorização do mundo e para onde se encaminha, pensamos, analisamos, ouvimos o cliente, mas estamos diante de uma situação que um pequeno passo de um indivíduo louco dentro do poder (como Bush)

rebate nas pessoas e desarruma todo o mundo. O que fazer? Críticos como Chomsky começam a cercar, tentando constituir uma vetorização de poder contra esta atuação, mas a situação já foi deslocada e é algo terrível. Só temos a atuação presente de todos na terapia do mundo, sem condições de efetivamente estabelecer um juízo a respeito da situação. Esta é a situação que estamos vivendo. Se digo que o problema da paranóia da teoria é que pessoas que não são paranóicas são capazes de aceitá-la, entrei em contradição radical, porque não sei se essas pessoas são paranóicas, mais até que o paranóico comum, pois dão apoio àquela loucura.

- P – *O saber disto é uma questão de pressuposição.*

Assim desfaz-se o raciocínio apresentado, pois pressuposição não funciona melhor do que na paranóia. Aliás, a armação da paranóia é a pressuposição com muita fé. As forças existem e nem sabemos o que as organiza, não sabemos para que lado a maré vai. Se soubéssemos isto teríamos um domínio perfeito a respeito dos fenômenos climáticos, uma bobagem que não conseguimos ler a tempo, só depois. Se a psicanálise vivesse exclusivamente do só-depois, para que serviria se chega atrasada? Para entender as situações na base do ‘Ah é’?

54. Qual é nosso jogo e do que podemos realmente brincar a sério? Em não havendo nada disso, quando o regime é de conteúdos e significações, só podemos contar com um **Aparelho Litúrgico** e nada mais. Isto é assustador no presente, as liturgias terapêuticas servem para não vermos o problema como qualquer sistema mítico de qualquer mundo primitivo. São liturgias de igrejas, capelas inclusive psicanalíticas. Entre elas posso fazer a suposição de que há uma **Liturgia do Sujeito** – saiam dessa! – oculta por debaixo (é o caso de dizer, porque se chama *subjectum*) da história filosófica da entronização do Sujeito. É visível também desse modo em René Descartes, com a missa ou missão do Sujeito. Na verdade, substituímos todas as possibilidades de manejo das situações por formações litúrgicas. Não é por menos que estou falando de **Arreligião**.

55. Tentei no passado escrever **S/s/G (Significante/Significado/Gnomo)** e substituir o significante e o significado de Saussure e Lacan por esta tríade. Escrever isto já é estar comprometido com uma linhagem qualquer, mas, como falávamos de Lacan, fui na linhagem dele. Com a diferença de que o Gnomo é qualquer formação do Haver supostamente recortada por inteiro (não é impossível de pensar) pelo sintagma significante-significado.

• P – *Gnomo não é referente?*

Não. Ogden e Richards trouxeram esta questão do referente para suspender o valor do signo enquanto tal, ao contrário de Lacan que foi buscar a irreferência radical do significante. Eles se perdem, pois, de um lado, ficou-se aprisionado a uma aprecepção e, de outro, não há coisa alguma. Se fôssemos pela via do estruturalismo do signo lingüístico, dentre muitas outras interessantes – aliás, Saussure é mais brilhante do que se supõe, conforme seus trabalhos encontrados nas gavetas e que precisam ser analisados, pois aquele curso que seus alunos escreveram é esquisito –, não saberíamos muito bem do que se fala quando restrito à relação significante/significado, antes ainda da tentativa de abstração feita por Lacan.

Com o **Gnomo** estou dizendo que não é possível que um significante enquanto materialidade (som, por exemplo, de uma palavra), e o significado como conjunto de formações que em certas cabeças estão arroladas pela rubrica daquele significante (definição mais à vontade), não se refiram a um conjunto de formações que possam ser encontradas disponíveis no Haver. O Gnomo não é um referente e nem posso inicialmente saber qual é esse conjunto de formações. Tenho que fazer uma longa pesquisa a cada vez que isto põe um significado para um significante. Mesmo que o significante seja relativamente mais fácil de ser destacável, pode ser um grito ou uma palavra de uma língua, tenho que ir ao contexto da língua e saber a significação que as pessoas impõem sobre aquilo. De qualquer modo, isto não existe sem alguma correspondência com formações do Haver que não sabemos exatamente quais são. Não sendo coisas ou referentes, são contudo o conjunto de formações capazes de ser

mapeadas pelo conjunto de significados que está arrolado por determinado significante. E tudo isto em aberto.

• P – *Esse Gnomo não é extra-linguístico?*

Ele é exterior à linguagem, pois são formações do Haver, a não ser que definamos a linguagem como a forma pela qual o Haver se estatui. Mas estou falando da linguagem falada e verbal. Isto é compatível com o que disse a respeito da possibilidade de conhecimento, ou seja, toda vez que pronunciamos algo isto certamente recorta alguma região do Haver, pois, por detrás desta pronúncia, há um conjunto de significações que supomos e um grupo que também acha que é válido. Trata-se de um conhecimento não hierarquizado, mas, no limite, é um conhecimento, e isso inclui a astrologia. Quero ver sairmos desta.

56. Para dizer a mesma coisa de outra maneira podíamos pensar também em termos de Enunciado, Enunciante e Fonte.

57. Quando digo, *Eu acho*, *Eu sinto*, qualquer coisa, o *Eu* ao qual me refiro é Ego, isto é, uma IdioFormação, portanto um Ego afetável pela HiperDeterminação, mas que neste momento relata as transações entre as formações internas gravadas em sua memória, logo carregadas de lastro etológico e neo-etológico, laços de sua composição agoraqui (mesmo podendo eventualmente sofrer o empuxo da HiperDeterminação).

As categorias de Sujeito e Ego estão usadas e abusadas. Pergunto como separar isso hoje, pois o que as pessoas diziam não correspondia a nenhum real ou realidade discernível. Era apenas um recorte feito e que se tornou hoje algo extremamente difícil de se sustentar. Lacan, por exemplo, chega a uma idéia de Sujeito abstrata senão inexistente, como puro **intervalo entre significantes**. Se generalizamos esta idéia, vamos ao infinito. Mas, além disso, o Sujeito sofre **indexação** por algum significante, logo já perdeu a característica de significante, ficando com toda a cara de significado. Vejam na obra de Lacan como isto é o samba-do-crioulo-doido (não completamente, porque ele é lúcido). O Falo é significante ou significado, Imaginário ou Simbólico? Ele é sobretudo a força do Poder fálico de um momento histórico: bota o pau na

mesa quem o tem! E isto vira teoria. O que não impede que os fracos juntem os seus pauzinhos... Como diz Nietzsche, *Protejamos os Fortes dos Fracos*. Com urgência.

58. Esta aparência de ‘interno’ é que nos faz supor algum *sub-jectum*, o qual, como o nome está dizendo, é mera sub-posição. Engraçado como Lacan, com muita freqüência e pleonasticamente, diz o Sujeito Suposto, o Sujeito Sujeito ou Suposto Suposto, que dá no mesmo. Contudo toda e qualquer comunicação (vamos fazer de conta que entendemos o que esta palavra quer dizer) uma vez realizada elimina esse dito subjetivo e passa ao **com’Um**. Ficamos com impressão de certa subjetividade quando discordamos, mas quando concordamos o Sujeito pula fora. Na relação com o outro, é quando se discorda (do latim *discordare*, ou seja, o coração não bate igual) que se crê haver uma subjetividade para cada lado, como quando se diz ‘isto é muito subjetivo!’ Mas quando se concorda, onde está a subjetividade entre dois falantes? Ela não comparece mais e é preciso chamar um terceiro que discorda para se ter a impressão de subjetividade. Então, se houver **com’Um-nicação** é porque o Um já veio antes de pensarmos em comunicar. Quando nos comunicamos, ou seja, concordamos, foi a concordância que veio antes ou ela foi produzida? Em Habermas, por exemplo, mediante suposição de que há diálogo, estabelece-se um diálogo mundial para chegar a uma Comunicação. Ora, se chegamos é porque ela estava lá, como possibilidade dada.

Todo processo é portanto adjetivo e quando acontece comunicação (com’Um-nicação) há um absoluto *extra-muros*, algo que fica do lado de fora; melhor dizendo, é algo que fica sem lado algum. É neste sentido que fiz a suposição de um **Vínculo Absoluto**, num lugar onde e desde onde tudo se comunica, tudo é com’Um, é o Homem Com’Um, termo que roubei de François Laruelle. Isto porque em ultimíssima instância não há discordância, então não há subjetividade. E se há é uma só: singular. E se o Sujeito é singular, para que serve? Para nada, não preciso tratar desta categoria. Quando a subjetividade aparece e os analistas, depois de Lacan mostrar que tudo é um *gap*, ainda falam em Sujeito em análise, de qual Sujeito estão falando? Pessoa ou coisa? Não entendo do que falam

quando dizem Sujeito. Houve uma época em que entendia porque era mais estúpido a respeito, então achava que entendia. Como fiquei um pouquinho mais inteligente, leio e não entendo. Há um *Cogito ergo sum*?

59. Quando partimos para o nível das Teologias, entendemos a falência de todos os Monoteísmos. Daí pedir uma nova Era Axial. A fundação do Monoteísmo – que é algo brilhante e cuja origem é egípcia, como já demonstrei –, tal como se desenvolveu na história, é desde o começo falida. Os Mono-teísmos são falidos, mesmo e senão sobretudo os Monoteísmos mais próximos entre si. Estão aí as guerras entre os Monoteístas oriundos do Livro: judeus, cristãos e muçulmanos. Os três vêm do mesmo lugar, são Monoteístas e, quando olhamos de fora, vemos um Politeísmo. Não é à toa que disputam a mesma cidade e até o mesmo local, pois cada um tem um Deus diferente. O simples fato de sairmos em guerra contra o Deus do outro já nos coloca como Politeístas. Se fosse o *mesmo*, em algum lugar não haveria diferença. Então onde está o Monoteísmo? Resta apenas um Monoteísmo de grupo: os judeus são monoteístas porque acreditam em Jeová, mas há o outro que diz que está falando de Alá, embora todo mundo seja afilhado de Ibraim ou Abraão. E ainda há os cristãos que surgem pela descendência de Davi. O coitado que não sabia de nada caiu nessa mediante intervenção do Império Romano. E como já houve guerra... não esqueçam das Cruzadas.

No movimento de ascese, de aproximação da HiperDeterminação, há uma forte tendência Monoteísta, mas quando se abre a boca minimamente para configurar algo, acabou o Monoteísmo. Estamos vivendo um tempo de guerras, chamadas de culturais, que, na verdade, são guerras religiosas em última instância (vão acontecer muitas ainda), à medida que há confronto de crenças, ou seja, de configurações que são colocadas naquele lugar. A rigor, só há Monoteísmo no nível do Gnoma (onde não há configuração). Abaixo disso, só há Politeísmos.

Para que isto se sustentasse, ou seja, para que continuasse a haver Monoteísmo, seria necessário que o lugar do Deus (Gnoma) permanecesse vazio, tal como indiquei o que preconiza nossa psicanálise e o que faz dela, talvez, a única chance de Monoteísmo. Estou querendo dizer que a linhagem da psicanálise

não é outra. De um lado, há judaísmo até demais no pensamento de Freud, mesmo porque ele era gente. Por outro, há aí também a vocação monoteísta, que foi dar em Nome do Pai. Mas o simples fato de colocarmos qualquer instância de significação nesse lugar derroga-o imediatamente, mesmo que seja a abstração do Nome do Pai como significante. O grande passo de Lacan foi saltar fora do Édipo, da instância paterna no convívio social e dizer que há um “significante que no campo do Outro é significante do Outro enquanto lugar da Lei”, mas ao fazer isto configurou o Gnoma como Jeová, Alá, Jesus Cristo.

De fato, é um esforço abstrativo louvável, mas que recaiu no mesmo. Então nosso esforço, que também pode recair, é de deixar aquele lugar vazio, como puro lugar de exasperação – por isto o estatuto da psicanálise é místico –, bem mais próximo dos místicos ocidentais e orientais. Vejam em seus textos a tentativa de definir esse lugar, mas sempre pelo esvaziamento e negativamente. Em outras palavras, a Teologia é Negativa, seja em Mestre Eckhart, seja em Ibn’Arabi. Eles já tinham, na Idade Média e um pouco depois, ido além do que conseguimos produzir com essas religiões. Do ponto de vista lógico e teórico, o que se disse é menor em comparação com o que já se pôde dizer ou intuir, que é fundamental na produção do teorema.

• P – *O movimento que os místicos apresentam para esse lugar (Gnoma) supõe que não se pode falar nada sobre isso. Todavia eles têm que falar porque não há outra coisa a fazer. Então esse testemunho é chamado de Teologia Negativa, pois os místicos falam tudo o que Deus não é.*

Ao mesmo tempo, o processo é de esvaziar esse lugar e esforçar-se por mantê-lo em vazio, pois tudo que ocorre como sendo sua indicação é negado. É como o pessoal do interior que aponta para a rua tal e diz que não é lá: isso é Teologia Negativa. Nem mesmo um certo significante habita ali, pois bem ou mal é muito apaziguador ter significantes concretos e tangíveis como Falo ou Nome do Pai, que são tão figurativos que deixam de ser significantes. O pior é que no regime do uso, como as pessoas costumam no cotidiano ser menores do que si mesmas, e sobretudo menores do que quem pensou, aquilo vai decantando e virando uma pedrada. Nome do Pai não é mais um significante, é uma pedrada com a qual se cala a boca dos outros. A menor configuração, o mínimo conteúdo

aplicável ao lugar do Gnoma expõe imediatamente a diferença e mesmo a incompatibilidade desse Deus com qualquer outro, de outra figura, de outra índole, presente ou ausente, já definido ou não. Donde a imediata recaída na lógica do Politeísmo, donde a porradaria.

Não é de brincadeira que estou chamando a psicanálise de Arreligião: um discurso absolutamente religioso, ao mesmo tempo que com instância de configuração vazia. Logo, é Arreligioso (toda religião sendo Politeísta). A psicanálise tem sido desde Freud a tentativa de reconstituir o mesmo Mono-teísmo sem rosto, razão pela qual inclusive Freud ficou tão impressionado com Moisés. Trata-se de uma instância de neutralidade aplicada à escuta analítica. Daí a tal atenção flutuante, que é escuta em vazio ou neutralidade do analista, sem o que qualquer coisa que se escute já é contraponto ao que se tem na mente. Se é contraponto, é contrário; se é contrário, está-se falando com o inimigo. Vamos ao analista convencer o inimigo? Melhor então acabar com a guerra e colocar Arafat sentado com Sharon. Cada dia um vai à casa do outro fazer análise.

O que esquecemos é que são filhos da mesma mãe (não estava me referindo mais àqueles dois, mas encaixou...). O Deus do Politeísmo e os Sujeitos e subjetividades são filhos da mesma mãe e do mesmo pai e, do mesmíssimo modo, qualquer configuração de sujeito ou subjetividade derroga a vacuidade do Gnoma. Assim, qualquer definição de Sujeito (mesmo o intervalar de Lacan), elimina-o imediatamente. Reçamos em algo parecido com Ego, *Self* ou Sujeito no sentido de representação de um buraco que não há. Entendam a dificuldade de Lacan, que passa décadas fazendo uma teoria que imediatamente vira um lixo de configurações. É o bezerro de ouro outra vez: Moisés danado da vida ensinando o Nome do Pai e as pessoas ajoelhando para o filho da mãe.

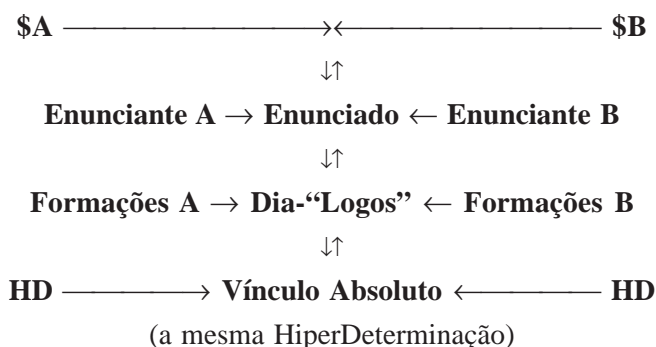
60. Se mantivermos a referência ao lugar vazio do Gnoma, relativizamos o que quer que venha com indiferenciação absoluta. Depois começamos a pensar segundo os interesses e, se o fazemos com a visão da HiperDeterminação, estamos capazes de negociar, porque nossa estupidez sofre suspensão. Por isto digo que terá que vir de algum lugar uma formação discursiva que possa

reconstituir uma nova Era Axial, cujas premissas e referências são parecidas com isto. Ou não há mais mundo futuro, somente parque zoológico. Vamos acabar em zoologia pura? É uma das possibilidades. Mas também podemos apostar numa nova MATRIX.

61. • P – Por isso a doença do pânico é a doença da moda.

É a doença do mundo contemporâneo. Não é nada nosológico ou patológico especial, apenas o síndrome do mundo. Quando as pessoas por acaso perdem a referência inferior, vão ao pânico catar a referência baixa, e não à HiperDeterminação. Quando se deixa para lá, não há pânico, ou há o que chamei de pânico positivo, espécie de fraternidade com o Haver, segundo a ordem de Pã, conforme desenvolvi no Seminário *A Natureza do Vínculo* (1993).

62. A própria idéia de Sujeito no campo do pensamento e da ação psicanalítica já é um estorvo, mesmo tendo sido uma ascese em relação a Ego, pois situa e centraliza de algum modo o processo, que começa a decair em torno das aparências figurativas de um corpo. Como a configuração humana é um animalzinho ou um bichinho que abre a boca, centralizamos e designamos um Sujeito. Mas onde? É apenas uma expansão sem lugar definido.



Vamos supor (para os psicanalistas) que há um Sujeito A e um Sujeito B. Imagino um Enunciante A e um Enunciante B e no meio um Enunciado. Abstraindo mais, temos Formações A e Formações B e no meio o que as pessoas acreditam existir com o nome de diálogo (Dia-Logos). Vamos supor que há HiperDeterminação, que não posso chamar de A ou B, pois HiperDeterminação é uma só, é singular no regime do Vínculo Absoluto. Se pensarmos um pouco deste modo, sem ficar imaginando que há um sujeito A ou B com suas histórias, o que há é alguém, uma coisa ou troço que enuncia e outro alguém que enuncia e, no meio, uma decantação de enunciados. Se abstrairmos mais, há um bando de formações de um lado, que não posso nem computar pelo que vejo ou ouço, pois não sei onde termina nem onde começa, do outro lado, um outro bando de formações, e supomos que elas dialogam (dando uma significação muito ampla a essa palavra). Se procurarmos o nível de HiperDeterminação destas formações, será uma coisa só e o que quer que possamos pensar que aconteça entre ambos está fora. Ou seja, no nível da HiperDeterminação e do Vínculo Absoluto quem fala? Quando começo a considerar todas as formações em jogo entre duas pessoas, dois “bichos” falando (vamos falar em termos de 1960 como os *hippies*), fico ouvindo e referindo a este e àquele bicho quem tem razão dentro do diálogo. Mas, na medida em que paramos de escutar os bichos e passamos a observar as formações – às vezes não sabemos onde estão, pois há comunicação em alguns pontos –, vamos abstraindo mais, chegando ao ponto em que percebemos que, no regime da HiperDeterminação e do Vínculo Absoluto, ninguém é ninguém, ou seja, o nome de cada um é Ninguém (e não, Sujeito). Nosso trabalho consistiria em escutar, ver ou fazer qualquer coisa em relação às formações (há esta mania de dizer que analista escuta, mas às vezes ele *cheira* formações), isto é, só falar com ninguém. O correspondente da neutralidade do analista é Ninguém, de qualquer lado, pelo menos como referência. Temos, por exemplo, as palavras em português, *alguém* e *ninguém*. Melhor ainda que *ninguém* – o termo que vou usar é de Peter Sloterdijk – é *singüem*, que é afirmativo. Isso vem de

somebody, nobody e yesbody (aliás, vejam como ele leva em consideração demais o corpo).

63. Quero chamar atenção para desenvolvimentos futuros à postura de estar lidando com formações, que não vemos porque não podemos ou porque não queremos devido a um efeito de Recalque, mas que estão evidenciadas. É o que comecei no Falatório do ano passado a desenvolver com a imagem do bonequinho títere com sua quantidade de fios e de mãos invisíveis que o movem. Podemos também fazer a experiência de substituir cada lado desse esquema acima por uma estação de rádio ou por um canal de televisão. Quando estamos diante de uma TV, ficamos fascinados senão mesmo hipnotizados e, como se trata de um canal de televisão, somos capazes de imaginar a quantidade de coisas que ali conflui. No entanto, quando se trata de uma pessoa, nos esquecemos de que aquilo é mero *carrefour*, mera confluência de uma quantidade enorme de coisas, inclusive daquela corporeidade que ali está com seus cacoetes e particularidades biológicas. Vejam que a postura de sempre estar diante de uma pletera de formações em jogo é radicalmente diferente. É o foco contrário de as estarmos individualizando ou subjetivando.

Nas últimas décadas falamos de subjetividade e subjetivação, como se fosse uma coisa abstrata, mas é uma estupidez. Afinal, que subjetividade é essa? Só posso me dar conta dessa suposta subjetividade quando existem fechamentos que eliminam qualquer possibilidade agoraqui de comunicação. Então chamamos de subjetividade o que é, na verdade, particularidade de um conjunto fechado de formações. Só conseguimos ser Sujeito quando somos estúpidos, pois há uma estupidez organizando nossa subjetividade. Se não o fôssemos, não haveria Sujeito. O que encontramos mais comumente na prática de mundo? Um parque zoológico de animais neo-etológicos, cada um supondo que é 'si'. O pior não é brigar com outro, mas supor que é 'si'. Sou 'si' mesmo.

64. Há coisas interessantes para tratarmos sobre a experiência do Mutirão *A Nova Psicanálise em Questão*, que vocês realizaram na UERJ?

- P – *Compareceram duas vertentes de discussão que se colocaram como antagônicas, mas talvez consigamos recompor a consonância entre elas. De um lado, a necessidade de se apresentar uma metodologia de aplicação reconhecível e operacionalizável da clínica psicanalítica; de outro, o risco, se não houver metodologia, de permanecer no inefável.*

Há método e não há nenhum inefável nisto. Acho perfeitamente cabível esta questão, pois noto que as pessoas ficam assustadas em relação à metodologia. Somos ocidentais, nossa estupidez é procurar métodos, então é natural. Mas estamos lidando com esta Psicanálise e, em meu Revirão, digo ‘Nem Ocidente nem Oriente, mas passemos por tudo’. Logo, é preciso conceber também do lado do método. Há horas em que somos gregos e há horas em que somos chineses, já que não se pode pensar para fora disto. Na verdade, infelizmente há método nisto. Digo infelizmente, pois, no que há método, há decadência, mas não posso fazer mais do que isto, não há jeito. Se prestar para alguma coisa, então esperemos que outro venha denunciar a decadência, como estou denunciando a decadência do Sujeito. Pergunto, por tudo que foi dito até agora e sobretudo pelo que foi dito hoje, se não está evidenciado um método. Onde está a dificuldade?

- P – *Em explicitar esse método.*

O método está explícito; e há razão que se o didatize, se quisermos usá-lo. Mas é normal que a angústia peça uma receita. Prefiro que não tenhamos receita, apenas uma visão para cada um se locomover. Se dermos receita acabaremos como Lacan, que inventou uns truques que começamos a imitar e virou essa droga que é o lacanismo. Podemos desenvolver melhor isto didaticamente, mas pergunto de novo: alguém reconhece que há método clínico aqui?

- P – *Mas há outra questão que é a necessária institucionalização disto, ou seja, a prática e sua operatividade.*

Isto é a mesma coisa que falar do método, mas faz sentido, na medida em que não temos conseguido virar Escola. Trata-se de uma questão puramente prática: o didatismo do método. Pois quando formos explicar para as pessoas o que faz e como age o psicanalista que acredita nisto, de que Escola estaremos falando? Eis algo que evito falar, porque as pessoas entendem!

- P – *Mas há uma armadilha ao formular uma Escola.*

Não há saída, toda vaca vai para o brejo, não há nenhuma que lá não tenha caído. Com isto já me conformei. Mas enquanto puder segurar vou segurando.

- P – *Há algo que não é apenas o método clínico, mas como a IdioFormação se prepara para a prática.*

O nome aí não é método, é Ascese ou Exercício. Tenho a suspeita de que a maior angústia que passa pelas pessoas, na medida em que isto é um *work in progress*, é querer saber como se faz.

- P – *Mas como dizer que temos determinados dados ou que observamos fatos na clínica? Qual a linguagem que falamos para determinar esses fatos? Isto é método. Temos que ter um mínimo de coerência entre nós para saber que estamos pensando a mesma coisa quando retiramos algum fato da clínica para fundamentar algo.*

Faço apenas uma pergunta: busca-se essa coerência num recorte mediante o qual se possa chamar de clínico com diferença para com outras posturas?

- P – *Sim.*

Isto não existe! Eis a dificuldade e a angústia. Mas é perfeitamente normal que nós outros com esta cabeça acadêmica que temos não consigamos sair disto com facilidade.

- P – *Não sei se é a questão de diferenciar de outras posturas.*

Digo diferenciar como recorte lógico. Encontramos esta dificuldade em discursos da própria psicanálise. Lacan diz que a clínica psicanalítica não é terapia, é outra coisa, mas qual? A Ascese da produção do Analista é que difere regionalmente – não sabemos por quanto tempo – de outros exercícios, mas a coisa em si não difere.

- P – *O que estamos pedindo é uma linguagem para falar dessa ascese e fechar isto como método.*

A linguagem já foi dada e, se fecharmos como método, isso acabará muito cedo, irá parar imediatamente na Universidade e estaremos perdidos. Prefiro ter umas participações didáticas.

- P – *A opção que se está fazendo é por uma metodologia metódica, como se estivéssemos adotando um método de não utilizar métodos.*

Fica bem explicado, mas...

- P – *Isto lembra a questão da ‘mosca no vidro’, de Wittgenstein: quando vamos argumentar em favor do oposto ficamos ainda no mesmo lugar, girando em torno da mesma coisa.*

Vamos sair de nosso campo e considerar um Mestre Zen. Ele lida na ginástica e no judô com seu suposto discípulo sem nenhuma metodologia. Ele tem uns exercícios que vão levar o discípulo a algum lugar de que ele não quer nem saber, não é da conta dele. Sei que ocidental e academicamente é impossível ocupar esse lugar. Mas podemos tentar.

- P – *A constante referência à HiperDeterminação é método.*

Na medida em que me dou conta de que posso ser grego e baiano, chinês e galego (tanto faz), posso, porque tenho esta ferramenta, querer ler isso também no regime do método. Mas sabendo que está amputado e que minha posição de indiferença foi abalada, pois falta o outro lado. Sua frase terminou por onde comecei: há método. No que faço referência constante à HiperDeterminação, no que me viro para encarar formações e não coalescências, isto já é metódico. Qual foi a primeira metodologia de Lacan? Escutemos apenas significantes e procuremos suas ressonâncias de significação, a multifariedade que têm. Mas esta é a metodologia (ou mitologia) do Lacan mais antigo, pois o último Lacan – que graças a Deus foi o meu analista, não conheci aquele outro mais tolo que ficava escutando significante – simplesmente enfiava sua cara na parede, botava o pé na sua frente para você cair ou dava alguma cutucada e o problema era seu. Algo até mais perto de um Mestre Zen, embora sua postura não fosse esta. Era psicanalítica na medida em que isto não é método, e sim resultante de um processo: não se o obtém de saída, só na chegada.

- P – *Não é possível falar de uma metodologia sem consideração plena dessa ascese no processo todo. Depois, qualquer método é possível.*

Se o exercício está em vigor, posso utilizar uma quantidade enorme de “métodos”. Foi o que disse a respeito das relações com a linguagem falada. Por que temos que ser adeptos apenas de Saussure ou de Wittgenstein? Tudo

serve, porque o tesouro, como dizia Lacan, é enorme. Não é impossível que tenhamos uma grande quantidade de métodos para a mesma postura.

- P – *Havia um outro nível de discussão sobre os expedientes políticos de lidar com isto no mundo, ou seja, de como transamos isto com o financiador, com o reconhecimento acadêmico, etc.*

Isto se chama jogo de cintura em todos os lugares do corpo, como as bonecas de Belmer. Temos que articular em qualquer parte do corpo como se fôssemos alguém feito só de cinturas.

- P – *Os psicanalistas estão recorrendo à hermenêutica, à fenomenologia, a qualquer metodologia de leitura que não seja psicanalítica, pois ninguém sabe o que é isto. Em cem trabalhos de psicanálise não há dois com uma metodologia comum. O que devemos fazer para defender uma especificidade na leitura do mundo?*

Mas é o que eles fazem quando dizem que a psicanálise é hermenêutica! Você está perguntando qual é a especificidade que nós outros vamos querer. Entendam que a questão é pertinente e vira angústia minha, pois estou há décadas falando e não tenho retorno sobre a possibilidade de haver esta especificidade em minha fala ou em meu texto. Nem vejo isto produzido do outro lado, no confronto entre os que me ouvem. Então esta é a questão crucial deste momento histórico de nossa existência. Que diferença faz nosso discurso e que reconhecimento imediato podemos ter? Dado que a loucura começou comigo, não tive até hoje nenhuma resposta de outrem sobre meu estilo, se ele existe ou se está explicitado. Se a loucura me pegou, não sou eu quem vai inventar, ela é que invente para mim. Mas não tenho resposta sobre um estilo de pensar e atuar.

- P – *Podemos dizer que é uma postura sem defesas, de se colocar com acolhimento.*

Qualquer um pode dizer isto. Um hermeneuta acolhe todas as significações, por exemplo. Isto é apenas um recanto da postura, não mostra nenhuma diferença.

- P – *Precisa mostrar diferença?*

Na luta de mundo, sim, pois é preciso saber como se coloca, quando se está na universidade ou entre psicanalistas. Conseguir esta situação chamada de “metodológica” é conseguir uma estratégia e uma tática de existência no mundo. Isto vai destruir o processo, mas também o processo não existe sem isto. Não há saída, estou há anos pairando no limbo, vou levando, mas sei que vai chegar o momento, e chegou, em que estaremos impensados contra a parede porque há uma questão de poder e de política. Se estou botando minha azeitona em sua empada, quero também poder comer uma empada de graça e, para isso acontecer, preciso saber quais são minhas ferramentas e minhas armas, pois não estou aqui de babaca só para ficar ouvindo outro babaca falando e não comer nada no mundo. É a pergunta de fundo. Nós outros aqui nunca fizemos efetivamente um partido. Aliás, nem ao menos uma igreja conseguimos fazer. Quando olhamos para alguma patota, sabemos do que se trata, pelo jeito, pela fala, pelo discurso, pela atitude “metodológica”, sem o que não há existência efetiva.

• P – *Lançar mão de uma técnica que é alheia ao campo psicanalítico não retrata justamente a situação de não conseguirmos fazer valer nossa especificidade? Não seria o caso de insistir em nossa prática sem utilizar outras?*

O que acontece genericamente é que as pessoas conversam, estudam, debatem comigo e fazem o mesmo que sempre fizeram. Mas que estejam infectadas com a mesma doença, isso não se percebe. Quando olhamos para os judocas, por exemplo, vemos que aquilo faz parte de um processo. Ao mesmo tempo, não estou falando de corpo e não escuto significantes. O que fico fazendo? Considero as formações que estão em jogo e onde puder reverter algum vetor eu o faço agoraqui. Isto é o fundamental, seja através de uma brincadeira ou qualquer outra coisa. De preferência que a pessoa não note, pois se notar ela reage. Os analisandos que me deixam mais feliz são aqueles que, passados alguns anos, dizem que mudaram completamente, mas não aconteceu nada na análise deles. Eles ficam procurando o que foi feito e assim fico parecendo um vagabundo que não faz nada e no entanto dá certo. E quando sabem dizer o que fiz, digo que estão delirando. Há esta postura da

referência zero com uma aparente despreocupação. Passo o pé para ver se alguma coisa revira, algo começa a mudar e não sabem por que, eis uma pequena dica. Esqueceram que fiz um Seminário chamado *As Seis Referências Clínicas* (Velut Luna, 1994)?

- P – *A reformatação não é apenas no Secundário.*

Cuidado, se não vamos pensar errado. Não estou dizendo, como diria Lacan, que o campo da psicanálise é o Secundário. Para Lacan o campo de ação é o Simbólico. Digo que nosso campo de ação é mediante o Secundário e que precisa ir ao Primário. Quando inventamos uma tecnologia nova, isto é um ato analítico porque mexeu no Primário. E a melhor prova de intervenção é aquela que se dá no Primário: chama-se **milagre**. A busca do milagre pela humanidade é a busca por alguma coisa que intervenha no Primário. Não queremos saber se alguém deixou de ser neurótico, queremos saber se o câncer foi embora. E não se trata de psicossomática, mas de que toda manipulação do Primário é mediante Secundário, e toda vez que somos estúpidos no Secundário não vamos ao Primário.

- P – *Toda ação do analista que tenha a nossa referência, ao mexer no Secundário, vai mexer no Primário.*

Não necessariamente, pois há nossa estupidez e incompetência. Minha referência é o Originário por causa da HiperDeterminação que neutraliza tudo, então consigo mexer no Secundário porque é *soft* para ver se consigo alguma coisa para mexer no Primário. E conseguimos. Às vezes, vemos a transformação física da pessoa.

- P – *Há outra questão levantada no Mutirão. Ao escolher o Haver como definição melhor que Universo, Cosmos, Ontós, Ser, que reproduz agora de memória, você diz que temos em nossa língua uma expressão que dá conta com maior propriedade desse lugar, donde o axioma Haver desejo de não-Haver. Há aí uma intuição de que esse lugar seria transcendente a todas as linguagens, lugar de que, por felicidade, nossa língua se aproximaria melhor? Mas, nesse caso, esse lugar não teria sido construído por uma das línguas, ou seja, não seria o Haver completamente imanente?*

É impossível lançar mão de um verbo e de uma língua sem sintomatizar na espera, se não na esperança, de que isto seja um bom recorte do Haver enquanto formação. Então chegamos àquele ponto de Revirão que há em qualquer teoria que faz com que uma particularidade de pensamento tenha que se fingir de totalidade para ver se sobra um resto faturável. Mas disso é impossível sair, pois tenho que colocar fé no fato de que aconteceu à língua ibérica a possibilidade de traduzir do latim o *habere* e indicar para algo que só posso dizer que é transcendente às formações do Haver do ponto de vista das formações, sendo, ao mesmo tempo, englobante, pois todas são formações e lhe pertencem. Desta questão nenhum pensamento ou teorema é capaz de escapar, pois, do ponto de vista da sintomática de quem disse, isso recai. Outra coisa é aproveitar o problema e alçá-lo de nível, na possibilidade de fingir que saímos fora para utilizar melhor o caminho. Portanto, ou boto fé que isso abre um caminho – no sentido do *Tao*, para não falar em *Odós* ou métodos – ou nada. Ou se diz que isto recai na absoluta imanência porque o sintoma é interno ao Haver, ou se diz que é alçado à categoria capaz de fazer do Haver um Gnomo, para o qual este significante e esta significação ficam valendo como combinação (fica combinado assim). Não há alternativa para esta questão. Se alguém mostrasse o contrário, ficaria agradecido. Logo, está nesta discussão quem resolveu que fica combinado que, mesmo que seja um pequeno sintoma da língua portuguesa, está valendo como O Significante e O Significado do Gnomo compreendido como Haver por extenso. Onde uma Gnômica se torna possível com este defeito de nascença, **há um umbigo na teoria**. Também não é melhor nem pior do que qualquer outra, pois não há nenhuma que não o tenha. Há apenas a tentativa de que, com um umbigo novo, um novo passo se dê. Mas há razão no que foi dito, na medida em que é importante manter a atitude crítica do que se apresenta transcendentalisticamente como fundação sintomática – portanto imanente –, e isto mantém a humildade do pensamento.

- P – *Ainda em proximidade com essa questão, discutimos acerca da língua e suas possibilidades de recorte tímico (do grego, tmese), considerando que eventualmente, no contato com outras línguas, aprendemos que há formas*

de recorte não presentes em nossa formação. Ora, tais recortes não seriam transcendentais, uma vez que consigo transpor minha língua e observar este panorama de uma outra? É possível saber de todas as línguas? Parece que a linguagem está tão inscrita em nosso aparelho primário que não conseguimos nos safar dela.

Não se trata desta linguagem como língua, mas de algo bem maior que identifique à estrutura articulatória do Haver. Só há um pequeno detalhe, que é aliás o problema dos lingüistas: o fato de uma língua poder dizer o que a nossa não pode não põe nenhuma transcendência, apenas um recorte. Consideremos um conjunto de formações, algumas com intersecção, outras não. As línguas realizam seus recortes e configurações e às vezes até como intersecção. Mas não há nenhuma transcendência entre os recortes, eles apenas escapam, configurando-se de outro modo. É, por exemplo, o problema da tradução de um poema. Posso ser poeta o suficiente e me virar, recolhendo de algum modo aquelas formações para dentro de meu dizer com aparelhos permitidos por minha língua. Isto não é transcendente em relação à primeira língua, apenas escapa-lhe. Quando penso que alguma coisa transcende outra, seu grau é maior, ou seja, inclui e abrange mais. Por isso é complicado chamar essa diferença de transcendência.

Resta saber se há maior abrangência. Por exemplo, o que interessa saber em relação a meu próprio sistema é: o que estou trazendo é capaz de deglutir o dito e ficar maior? Neste caso, há transcendência. Não há a menor dúvida de que provavelmente Lacan é capaz de engolir Freud e o contrário não é verdadeiro. Esta é a velha questão da Epistemologia de que o maior abrange o menor. Qual é o poder disto? É mais poderoso que o anterior? Se não engloba todos os conteúdos, engloba o poder? O poder é maior que os poderes anteriores? Estou fazendo porque suponho que sim.

18/MAI

65. Psicanálise e Cinismo: Lacan dizia que não se deve servir psicanálise à canalha – porque além de canalha ela se torna besta. Nós hoje sabemos que ao servir psicanálise à canalha (e a canalha pode ser qualquer um), além de besta ela se torna cínica, no sentido pejorativo contemporâneo. Onde a psicanálise passar imediatamente a ser uma franca e competente produtora de cínicos, além de canalhas e bestas (apenas acrescentei).

É disso mesmo que nos vem a necessidade de reformatar a psicanálise, uma vez que seus aparelhos (freudianos, kleinianos, junguianos, reichianos, e mesmo lacanianos) já foram fagocitados pelo cinismo pós-moderno. Embora estejamos tentando criar um aparelho tão abstrato a ponto de termos que enfrentar cada caso (senão mesmo cada fragmento de caso) agora aqui de modo *ad hoc*, mesmo assim não estamos livres da rápida fagocitose que pode ser facilmente realizada pelos mesmíssimos glóbulos brancos desse sistema imunológico que é o cinismo generalizado.

Por exemplo: o *entendimento* do Revirão como mero jogo de cintura propício ao escape da situação e não como plena assunção indiferenciante da plerose (compleição dos dois alelos) do Halo-Significante e subsequente remissão à HiperDeterminação (mediada pelo Cais Absoluto). Era de se imaginar que não há nenhum cinismo, neste sentido contemporâneo, que sobreviva a tamanha exasperação, uma vez que, nesse caso, nenhum saber pode garantir os efeitos da suspensão (*epoché*). Dizemos isso na hipótese (que aqui assumimos) de que qualquer cinismo só se garante na suposição de um saber que sustente a esperteza da **falsa consciência**. Então é a falsa consciência contra a emergência de alguma **consciência infeliz**, se quiserem, no sentido de Hegel. Consciência infeliz é supostamente a de todo mundo que supõe ter consciência. Já a falsa consciência é o que chamamos de erro, mentira ou sobretudo ideologia (considerada como erro sistemático).

• P – *Como a má-fé?*

É mais do que má-fé, porque é consciência falsificada, com ou não consciência dessa consciência, melhor dizendo, dessa falsificação. A má-fé faz supor que haja uma intenção ou intencionalidade (como mentira), já que a mentira é supostamente sabida pelo mentiroso. Mas quando é o caso de erro

ou de erro sistemático (como ideologia), é sempre difícil saber se nessa consciência há consciência da falsificação. Isto é um problema seriíssimo que vai ao encontro do que estamos tratando: crença e fé.

66. Qualquer crítica do **Cinismo** que se apresente moralista acaba por fazer parte do mesmíssimo cinismo. Vejam que o cinismo está dado de fato no mundo (que está absolutamente cínico). Então, nossa abordagem deve ser por via de entendimento de como se compõe e se manifesta essa formação, de como ela pode ser (quem sabe?) um verdadeiro Creodo (embora ruim) para a emergência do Homem do Quarto Império. É uma tese difícil de garantir: será que a emergência do Quarto Império passa necessariamente pelo cinismo, seja qual for o sentido que se dê a ele?

Vou aproveitar a interessante definição de Sloterdijk: “falsa consciência esclarecida”, aproximável da má-fé e da mentira. Ou seja, há, no mínimo, um erro ou apego ideológico, no máximo, uma mentira, e deslavada...

Mas isto tem esteio numa forte vontade de Esclarecimento, no sentido do Iluminismo (*Aufklärung*), se não foi mesmo esse Esclarecimento que deu chance a esse cinismo. Mas quando Sloterdijk dá essa definição – já que estou partindo dela – ele está querendo dizer que, se um esclarecimento propicia tal cinismo, é porque se pode fazer uso descaradamente dessa postura no sentido de conhecimento, de uma situação de clareza a respeito dos acontecimentos em vista de se forjar um aparelho de dominação da situação. Este cinismo de hoje está sobretudo ligado aos Estados – basta olhar o cinismo estampado na cara de Bush – onde a manipulação desta suposta clareza, isto que se pode argumentar, debater, etc., só serve para a imposição de determinado aparelho que é falso. Como vamos negociar o falso na vida de cada indivíduo e na vida dos Estados? Os negócios do mundo contemporâneo são absolutamente cínicos.

• P – *Há uma entrevista de George Soros na Folha de São Paulo hoje, onde ele declara que o mercado está assustado com a possibilidade de Lula ganhar. O mercado, portanto, vai fazer tudo para que Lula dê o calote que se crê que vai dar caso ele vença. Daí a preferência por Serra que, segundo eles, não daria o calote.*

Ou seja, Serra é menos cínico do que Lula. É absolutamente falso! **O mercado é o cinismo.**

• P – *Soros está denunciando em pleno jornal a armação do mercado para que o Brasil chegue à situação da Argentina, além de comentar que só os EUA votam nesse mercado, que a democracia não existe, que trata-se mesmo é de ditadura.*

Soros tem estas arrogâncias e, de vez em quando, diz umas verdades. Mas disto já sabemos, pois a estrutura do cinismo é chamar esta armação de democracia (é de morrer de rir), ou seja, colocar como pauta fundamental nos jornais alguma besteira que faça celeuma, que não interessa a ninguém e não serve para nada. É procurar uma bruxa para todo mundo perseguir enquanto as bruxas fazem o que querem. E todos achamos que eles são cínicos porque fazem essas coisas, embora sejamos nós os cínicos, porque entramos nessa.

67. Quando Fernando Pessoa grita: “– **Merda, sou lúcido!**”, do que se trata? De consciência infeliz? No caso de Pessoa, essa lucidez ou esclarecimento ele supõe não ser nem estupidez, nem loucura, conforme os dois casos de sobrevivência que ele anuncia. Só pode ser feliz, quando se é estúpido ou louco. Mas suporíamos que na mão do poeta não fosse um caso de falsa consciência. Tivesse sido, teria alívio no cinismo em vez de ficar gritando ‘Merda!’ Só que isto nem assim se resolve. Estamos metidos numa *camisa de onze varas*.

68. Nos jornais e em comentários os mais espúrios a respeito das guerras que são sustentadas para a manutenção do cinismo internacional, assistimos a pessoas brilhantes falando a respeito do **retorno da Fé**. A estupidez é de tal ordem, visto que não há muito esclarecimento, que uma das piores confusões de nossa época é pensar que para se ter Fé é preciso ter uma crença, ou seja, que só se pode ter Fé naquilo em que se acredita. Fé não tem conteúdo e nada tem a ver com crença. Eis o que os aparelhos disponíveis não dão condição de verificar com clareza. Estou há algum tempo chamando atenção para esta questão da Fé, que é, mesmo como supunha Tomás de Aquino, anterior à

Razão e a qualquer ato volitivamente posto. Só que as pessoas insistem em acreditar e querer garantir que o sujeito tem Fé numa crença, isto é, tem fé porque é cristão, muçulmano ou judeu, quando se trata apenas de crença esteada ou investimento da Fé numa crença.

Podemos ter uma Fé inquebrantável sem conteúdo de espécie alguma. Talvez o único discurso que tenha trazido isto mais para perto de nós tenha sido a psicanálise. Então **a Fé é pura afirmação d'ALEI, Haver desejo de não-Haver** ($A \rightarrow \tilde{A}$), sem necessidade de conteúdo algum: ela vai esbarrando na vida por eles. E quando aplicamos uma crença definitivamente a esse investimento, o nível da imbecilidade cresce, portanto o nível do racismo, da guerra, etc.

Só uma prática semelhante à da psicanálise poderia tentar fazer com que as pessoas separassem, ao menos em suas mentes, a Fé da crença. O que não acontece nem mesmo e sobretudo entre psicanalistas. Basta estudarmos a história da psicanálise para ver beatas ajoelhando diante de teorias freudianas, kleinianas e lacanianas. Não há diferença alguma de ser muçulmano, judeu ou cristão.

A psicanálise nem com o suposto esforço que fez tem conseguido fazer com que se entenda que se trata de um expediente, uma ferramenta. Ao contrário, imediatamente aplicam a fé disponível na ferramenta. Isso destrói a teoria, que não sobrevive a tanta fé aplicada, pois sabe que é e nasce estúpida. É o escândalo da psicanálise: há cerca de cem anos as pessoas falam nessas coisas tão bonitas, escrevem textos, fazem congressos, abrem consultórios em torno de uma joça. Como se suas igrejas o fossem menos do que a de João Paulo. Sendo os psicanalistas quem são, como sustentar a suposição de que há psicanálise? O fato de se investir com interesse, e mesmo com Fé, na prova positiva ou negativa do teorema que se está trazendo nada tem a ver com o fato de a crença situar-se em cima desse teorema. Isso é um horror! Se a psicanálise não pode ou não pôde fazer isto, que discurso poderá? Sem a transmissão disto, não há futuro para ela.

69. Em termos de *setting*, a psicanálise vai de mal a pior. É hoje impossível não acanalhar relativamente qualquer tentativa de tratamento psicanalítico, dado o cinismo da situação cultural (não só no Ocidente, mas em processo de disseminação pela dita *globalização*). É impossível se estabelecer um trato, para não falar contrato, no tratamento por parte do analisando. E por parte do analista, que também não fica atrás. O próprio *setting* está perturbado, o que nos faz perguntar (muitos fizeram esta pergunta, Lacan inclusive) se antes o poder do analista apenas se dava em função da doença artificial, provocada, chamada transferência, que era a garantia da manutenção e bom exercício da análise. No começo, com Freud, por exemplo, a garantia era substituir as neuroses pela neurose de transferência. Mas o que garantia isto se garantir? Alguma coisa, mesmo externa, vamos dizer assim, poderia talvez antanho produzir um pequeno deslocamento na relação transferencial da própria situação analítica, pois havia a neura da pessoa, que entrava em transferência, mas também a neura externa, com algumas garantias de significação e significado. Na medida em que hoje essas garantias foram suspensas, não há mais pega, e o que se tem chamado de declínio da psicanálise deve-se a isto. Verificamos cada vez mais que precisamos inclusive mudar inteiramente de postura dentro do consultório, pois se acreditarmos naquela transferência estaremos perdidos. O que, naquele tempo, garantia a transferência para ela garantir a análise? Esta pergunta é necessária, dado que a transferência não encontra hoje garantia, ou melhor, ela não se dá efetivamente. O cinismo está aparecendo (custei a entender o que estava acontecendo) e brotando há mais de vinte anos, sobretudo na disseminação de instituições psicanalíticas. Tive que ouvir, por exemplo, o argumento de alguns débeis dentro do velho Colégio Freudiano de que eram analistas porque tinham muitos clientes (um deles, inclusive, com talento para mascate, dizia que tinha mais clientes do que eu, logo, era mais analista). Isto é a estrutura do cinismo e seu novo *Cogito*: tenho mercado, logo sou.

Outro dia, li no jornal a respeito de um cantor que foi preso. Alguém escrevia que também andara escutando as gravações dele e que eram mesmo uma merda. Perfeito! Ninguém o prendeu porque canta aquelas coisas, mas

por uma bobagem relativa a drogas. Devia estar preso há muito tempo pelo motivo certo: cantar drogas, mas como tem Mercado... Como os analistas da zona sul que têm muitos clientes... É isto! E não vamos fingir que não é assim. Precisamos perguntar sobre o que está sobrevivendo, ou seja, perguntar pela sobrevivência do que supomos estar fazendo. Há sobrevivência disso ou é outra coisa que está vivendo no lugar?

70. Todo discurso tem vocação para e é chamado a ideologizar-se. Pela simples razão de que não temos como passar com nitidez a fronteira entre o falso e o verdadeiro (falso, não oposto a verdadeiro, mas entendido como mentira, erro, investimento sistemático no mesmo *design* como erro). A partir de que momento e com que base poderíamos perguntar se um discurso está escapando desse falso? Minha suposição é que, não podendo escapar de modo algum pelo que diz, o discurso pode, sim, escapar pela **postura de quem o diz**. Sabemos que no limite tudo se desenha sintomaticamente – e não há como não sê-lo. Mesmo conseguindo construir discursos cada vez mais abstratos, de maneira a ficarem mais afastados deste *design* de crença, ainda assim, uma vez que foi dito, é uma formação sintomática. Portanto, e estou colocando isto como *questão*, a única coisa que talvez possa dar uma certa garantia é a *postura* de quem o coloca.

• P – *Isso é complicado, porque estamos sempre implementando a distinção entre aparência e realidade e, ainda que digamos o contrário, privilegiamos determinada situação como sendo verdadeira ou falsa.*

Sim ou não. Por isso me pergunto sobre a postura. Se há o tempo todo ou a maior parte do tempo pura e simplesmente a noção ou consciência (digamos assim) de que tal discurso no limite é falso, ou seja, é um erro, e operamos sabendo e nos referindo à idéia de que não passa de um expediente, ferramenta ou recurso para funcionar dentro da ordem sintomática do mundo, estamos ressaltando-o e, ao mesmo tempo, aplicando-o. Mas esta postura, suponho assim porque estou encaminhando neste sentido, talvez seja a única que possa

dar o mínimo de... de quê? Não sei nem a palavra, mas digamos que ela dá um *mínimo* para nós. Sem colocar crença nisso, a não ser como eficácia de ferramenta agoraqui. O que estou cobrando da formação do analista é que ele venha a ter esta postura que efetivamente não reconhecemos nele.

- P – *A ciência diz que, em certas circunstâncias, algo como uma ferramenta tem valor. No caso, nem em certas circunstâncias, pois tudo seria absolutamente relativo.*

Ao mesmo tempo que o cientista circunstancia seu saber, faz dessas circunstâncias um poder quase absoluto em suas relações sociais no mundo, sobretudo quando aluga o saber ao poder estatal. Então, de que adianta o saber ser circunstancial, se está posturado no mundo como um absoluto por seu poder de massacre, por exemplo? É isto que deixa os cientistas que supõem ter má consciência sofrendo muito.

- P – *A definição de Sloterdijk para o cinismo é imprecisa.*

Qual seria a melhor?

- P – *A idéia de que o cinismo tentasse dissociar a Fé da Razão.*

Mas este seria o bom cinismo?!

- P – *Por que surgiu a noção de esclarecimento na formulação 'falsa consciência esclarecida'?*

Suponho que ele está dizendo que esta consciência não é ingênua, pois se arma das argumentações e de tudo que o esclarecimento trouxe e continua trazendo. Ora, isto é importante do meu ponto de vista, pois a psicanálise é um esclarecimento, nasceu como *Aufklärung* e continua a ter todos os trejeitos, sotaques e tiques do esclarecimento.

- P – *Mas no cinismo este esclarecimento não é levado às últimas conseqüências.*

Daí vem a falsa consciência. Se o esclarecimento não é levado às últimas conseqüências, ele não o é (neste ponto deixa de sê-lo). Então, há certo esclarecimento que usamos **como** falsa consciência, **como** ideologia.

- P – *O exemplo dos déspotas esclarecidos.*

Era um poder que se supunha estar assentado no esclarecimento do déspota quando, na verdade, está assentado no Despotismo do déspota que de

sobejo possui um certo esclarecimento. A questão de Sloterdijk é procurar saber como se esclarece o esclarecimento. Como fazer a crítica desta suposta clareza, que vem cheia de subterfúgios de dominação? Considerem um Voltaire ou Rousseau... um prato cheio.

• P – *O projeto conhecido como Aufklärung nunca foi um esclarecimento levado às últimas conseqüências. O esclarecimento nunca se colocou a opção que Fernando Pessoa apontou entre a estupidez e a loucura, pois se coloca contra a ignorância (estupidez) e a loucura.*

Como se pudéssemos eliminar a ignorância e, com isto, sustentar a ausência de loucura. Esta denúncia mostra a posição do Capitalismo, cínico em seu desempenho, mas não em sua estrutura, e que iria às últimas conseqüências, se não fosse cerceado pelo moralismo.

Fato é que a psicanálise nada tem a ver com isso e não pode, se ela o é, assumir nenhuma posição deste tipo. O que se pode fazer eventualmente para que uma ideologia, mesmo não podendo deixar de sê-lo, se apresente de maneira satisfatória como não ideológica? Segundo o que falava a respeito da postura, suponho que uma ideologia não ideológica é uma ideologia que não tem conteúdo, portanto deixou de sê-lo. Mas não ter conteúdo é impossível para alguém da última instância, pois alguém da HiperDeterminação qualquer coisa que se indica tem conteúdo. Talvez o possível seja que seu conteúdo, sempre provisório e se reconhecendo como mero instrumento de operação, seja o mais abstrato possível, isto é, uma Formação o mais possível afastada das Formações Primárias e Secundárias de alto valor semântico. Nesse sentido, abstrair é passar o resto da vida e do tempo sempre nesse exercício, porque qualquer abstração facilmente se configura e (mesmo em matemática) ganha rosto.

71. Minha questão é saber se a psicanálise consegue sê-lo, o que ela não tem conseguido, e procurar como fazer para que ela seja si mesma, ou seja, que desista de si. Se a psicanálise existisse seria um lugar de sustentação da auto-desistência, mas tem feito justo o contrário. Desde que apareceu, configura-se

em igrejas e religiões da pior espécie, segundo a definição do próprio Freud. Não é difícil reconhecer em Lacan, em comparação com Freud e seus primeiros seguidores, um intenso esforço no sentido da abstração, de retirar as configurações. Contudo, a substituição de Édipo pelo Nome do Pai apenas desloca do mito grego para o mito judeu-cristão. E podemos inclusive entender a razão de suas relações amorosas e odientas com Heidegger.

- P – *Um deslocamento excessivamente semantizado.*

Naquele momento não, pois era uma forma de respirar com mais ar, mas logo verificou-se que foi para um modelo já dado e desgastado. Na verdade, um modelo cristão capaz de exibir com clareza sua origem judaica.

- P – *Talvez a palavra não seja ‘sustentação’, mas ‘abalo’, no sentido de desmontagem das configurações pré-existentes.*

A psicanálise nasceu com esta vontade, que agora está na moda com Derrida, de desconstruir. Em bom português chama-se **analisar** configurações. Mas como, se todos estamos cultural e pessoalmente soterrados em sintomas? Freud fez um esforço enorme para repetir a besteira que é o Édipo. Passado o tempo, olhamos e nos perguntamos como isto pôde ter sido ferramenta curativa. E era! É como a penicilina, que tem que mudar as cepas senão o micróbio acostuma. Nenhum aparelho se sustenta para além de sua vigência, pois **o que quer que se diga tem prazo de validade**. Vemos isto com a vocação profética de Lacan, que faz questão de mostrar (coisa que não faço mais, pois todos já viram) que está salvaguardando Freud, dizendo de novo porque o remédio perdeu o efeito. Acontece que mesmo este esforço de Lacan decaiu. A postura religiosa – no mau sentido – de colocar Fé na crença estraga logo o processo. Ora, isso acontece porque Lacan é terminal, no sentido de ter fechado o ciclo da bobagem, e quando o faz, é rapidamente fagocitado. Se fosse originário, talvez demorasse mais tempo. Então o lacanismo no mundo é uma igreja e mais nada. Temos que fazer um esforço de reformatação, talvez na vã esperança de que dure algum tempo.

- P – *A referência passa a ser o esforço de reformatação e não o reformatado.*

Mas a estupidez humana costuma se referir não ao processo de significação, mas ao significado. É assim. Pergunto apenas se a estupidez do analista também deve sê-lo. Toda e qualquer produção teórica envelhece depressa. Como dizia Fernando Pessoa, pensa-se para trás, querendo convencer os avós ou tentando explicar para pai e mãe que não é bem assim como eles pensavam. Ninguém pensa para a frente. Por isso, quando se tem um pai novo, explica-se de novo para ele, e a situação fica parecendo mais nova. Mas, quando acaba de ser explicada, está falida porque vira um outro pai que alguém tem que explicar, justo por causa deste sintoma que se chama paternidade, que não se conseguiu curar ainda.

72. Toda religião é uma ideologia.

• P – *Nem Freud e nem Marx discordam.*

Marx discorda se disser que o marxismo é uma religião. Ele, mas também Freud, faziam a suposição de que, ao tentar ser “científico” – era a pedra que se jogava na época –, seu teorema não seria uma ideologia, e sim uma ciência.

Procuro exemplos no Zen, em seu estado emergente, e nos aparelhos místicos propriamente ditos, porque conseguem talvez escapar belamente desta condição. Por essa razão, quando estão associados a algum campo religioso ou igreja, mesmo não pertencendo à ordem da religião, acabam mais frequentemente sendo renegados pelas religiões constituídas. Toda vez que aparece um místico, a religião onde ele nasceu o expulsa. O próprio Zen, durante um longo período, caiu em uma crendice inclusive mágica. São dois exemplos muito bons porque se descontentam o tempo todo. Considerando os textos dos grandes místicos, vemos que até podem partir de um aparelho religioso que lhes deram, mas, quando passam pela experiência, começam a dizer loucuras que derogam o que a religião disse. A Igreja Católica, por exemplo, logo arma um processo inquisitorial porque suas bases estão sendo minadas. Imaginem se Santa Teresa não fundasse um convento... Seria morta. Fundando o convento, sintomatizou a situação para alívio do Papa. Fez um Colégio Freudiano!

73. A Psicanálise pode se apresentar **como ARRELIGIÃO**, tanto no sentido de sua evitação de se deixar constituir como aparelho religioso, quando ela funciona de fato (mediante máxima abstração de sua prisão ideológica), quanto no sentido de sua vontade de substituir, na vocação religiosa do Inconsciente, os demais aparelhos religiosos. Isto está no *Futuro de uma Ilusão* e nas bobagens do Dr. Freud, onde vemos o sintoma de querer substituir, como vontade de Iluminação e de Esclarecimento, a religião pela psicanálise, e é a isso que estou chamando de Arreligião. Daí a dificuldade.

- P – *Freud diz que a psicanálise sempre vai perder.*

Necessariamente, pois sempre aparece como reconfiguração por abstração, mas não consegue sobreviver sem substituir o aparelho religioso anterior, então vira igreja como aconteceu com Lacan. Mas, se não tentar substituir o aparelho, ela não entra em vigor nem como deslocamento. Por isto precisamos de operadores de ponta dentro da psicanálise para sustentar seu vôo, uma vez que os operadores medíocres viram freiras e beatas. É uma situação insustentável, que, por andar muito depressa, exige velocidade. Não vamos, por exemplo, conseguir sustentar um freudismo por dois mil anos, mesmo com reformas e cismas, pois logo o Inconsciente fagocita o entendimento do sintoma e faz sintoma deste entendimento (fica imediatamente com todo jeito do que estamos chamando de falsa consciência). A defesa dos analistas passa a ser o conhecimento que têm da suposta psicanálise. Começam então a rezar para o Nome do Pai e a bendizer as foraclusões: não se pensa mais. Isto acontece em qualquer campo, só que este teria a obrigação de estar em postura de alerta. Não estou denunciando que isto aconteça, porque acontece, aconteceu e há de acontecer em qualquer campo da atividade humana. Mas este campo, pelo que diz, devia estar em alerta e não está. Não estando, não há psicanálise, já que sua única função como tal seria manter o alerta. Não há psicanálise pela metade: ou é ou não é.

- P – *É preciso que haja primeiro entendimento e depois a manutenção do alerta para esse entendimento.*

O alerta não depende do entendimento, ele é permanente e se o é podemos instrumentalizar qualquer formação. Mas não é isto que acontece.

Ao contrário, o instrumento fica reificado e passa a haver co-naturalidade da psicanálise com o Haver, como um processo de naturalização do estrangeiro. **O analista tem que ser estrangeiro** o tempo todo, pois não há naturalização possível. Ele até pode saber falar a língua local, mas é de fora e não faz turma. Ainda que seja só no exercício cotidiano de sua tarefa suposta de analista, ele deve ser sempre posturado como estrangeiro.

- P - *Isso é possível no Estado burguês?*

Acho que sim. Todos os místicos conseguem manter a postura, apesar de tudo.

- P - *Pode existir como sublimação total?*

Não, isto não existe. É uma proposta de afirmação permanente da referência como possibilidade de postura.

74. Paul Federn, psicanalista antigo, tinha um filho chamado Ernest Federn, que foi preso em campo de concentração e lá virou analista selvagem. Este Federn escreveu algo interessante: “Saber por que a Alemanha foi o primeiro país a pôr os conhecimentos científicos a serviço do genocídio é um problema que pertence ao domínio dos historiadores. Por outro lado, achar um modo de evitar educar as crianças fazendo delas autores potenciais de genocídio é uma tarefa que, esta, é incumbência do trabalhador social que se ocupa da saúde mental [isto é maneira de ele dizer]. Não confundir estes dois problemas poderia bem representar para o mundo inteiro uma questão fundamental de sobrevivência”. Como isto se exerceria – se houvesse analista segundo o que chamo de **Pedagogia Freudiana** – de maneira que diminuísse ou deixasse de haver esta vontade que ele chama aqui de genocídio (qualquer assassinato é genocídio) e que aparece despidoradamente no mundo? O cinismo é de tal ordem que não tem a menor importância aparecer na televisão a indecência que acontece no Oriente Médio.

Encontramos muitos autores e textos, inclusive analistas, que se debruçam sobre o nazismo – *Shoah business* – para entender ou tirar desse acontecimento o entendimento de alguma perversidade. **Mas é o nazismo a**

perversidade social, não o contrário, e isto não se encontra nos textos. O mais comum é estudar o nazismo para depreender dele o entendimento da perversidade, quando o contrário seria de bom alvitre: bem entender a perversidade para dela inferir o que fez o nazismo, como um de seus casos. É por isto mesmo que não se vêem os outros casos, porque o nazismo é visto como paradigma. Ora, ele não é paradigma de coisa alguma, tanto é que aparece quinhentas vezes e ninguém o reconhece, pois o faz como perversidade, com conteúdos diferentes do nazismo anterior. Esse é um dos pontos claros do cinismo contemporâneo. As pessoas olham para o nazismo ou o chamado *Shoah* como paradigma, quando na verdade trata-se apenas de mais um analisando. Quando a mesma perversidade se repete com história e características diferentes, não é considerada nazismo. Estudar do modo contrário, como se tem feito, só serve para esconder a mesma perversidade praticada pelo nazismo quando ela aparece sob outra roupagem. Assim o que não comparece com as mesmas configurações apresentadas pelo nazismo de antanho pode fazer parecer que se trata de algo diferente dele quando, na verdade, são configurações que fazem parte de um quadro mais abstrato bem capaz de subsumir ambas as formações histórica e estoricamente apresentadas. A psicanálise, que nada tem a ver com isso (se os analistas morrerem num campo de concentração é um problema político, e não psicanalítico), devia conceituar esta perversidade e ver em que casos comparece. Justamente em caso contrário: a perseguição às bruxas da chamada pedofilia é hoje puro nazismo, de tal modo que não se pode nem querer entender a questão, pois tocar nela já é tabu. Ou perguntar se e em quantos casos a pedofilia é a favor. A Grécia pensava que era.

• P – *Por que esta moda de caça aos pedófilos?*

Porque são evidentemente subversivos. O ato deles denuncia o cinismo na medida em que a estrutura social está mais preocupada em lidar com isso como terror do que lidar com as bombas que jogam em cima dos outros. O sexo sempre foi algo apavorante, sobretudo para a burguesia. Sabem por que? Como no Capitalismo, se deixar correr, o bicho fica solto. Então é um lugar importante para preservar os valores dessa burguesia em sua transmissão

pedofílica, ou seja, pedagógica. Trata-se de uma disputa *entre pedófilos*. A pedagogia em vigor é claramente pedofílica. Basta ver, por exemplo, o pedagogo-mor dos EUA: Bush, que disse, com todas as letras, ser necessário retardar cada vez mais a iniciação sexual das pessoas. Quando eu estava pensando que devíamos acelerar para ver se o menino de cinco anos entra na faculdade correndo e já sabe de tudo. Retardar significa a sustentação ideológica na sintomática de todos e isto não se mexe. Que deixem de ser cínicos e apliquem isto aos menininhos da favela. Isto é para burguês ver.

Existe uma coisa chamada psicanálise! Não é e nunca foi assim que funcionou. Se estudarmos historicamente o caso, vamos ver que sempre houve abuso onde houve proibição. Se não, é uso socialmente concedido e vigiado. Fazemos o seguinte sintoma na cabeça de crianças e adolescentes: o uso cínico da lei para praticar o que se quer, culpabilizar o outro e ainda tomar um dinheirinho (é assim que funciona em qualquer caso jurídico). São coisas para as quais a psicanálise precisa estar alerta.

75. Vejam a denegação de Lacan em seu seminário: “*la psychanalyse n’est pas une affaire d’homosexualité et de drogue*”. A psicanálise não só começou como um *affaire* de homossexualidade e de drogas, como também é um *affaire* de eutanásia. É preciso não denegar isto de modo a estarmos em condição de refletir a respeito e procurarmos alguma explicação consentânea com o aparentemente necessário da emergência da psicanálise nesse antro. Teria ela emergido fora do antro em que o Inconsciente estava abusando das regras? Não haveria psicanálise sem homossexualidade e drogas e, em última instância, eutanásia. Freud foi aquele que defendeu sua eutanásia e a conseguiu brilhantemente fazendo um simples gesto com um dedinho. Quem tem esta facilidade hoje? Cadê o Max Schur de nossas vidas?!

• P – *A psicanálise, em sua direção progressiva, não seria necessariamente perversa?*

Sim e isto os analistas não querem engolir: **perversão polimorfíssima**. Os analistas, em sua maioria, são neuróticos e votam na neurose para organi-

zação do mundo. Lembrem de como Freud foi inventando a psicanálise... Da moça que ele quase matou com tesão em Fliess. É esta a interpretação correta e não podemos esquecer estas coisas. Foi a cabeça desse maluquete que fez a psicanálise. Esta **vontade de progresso** exige necessariamente a contestação dos pontos mais nevrálgicos. O que é a compreensão da sexualidade sem a homossexualidade e o fetiche? Sem isto, recai na reprodução dos bichos. Homossexualidade e fetiche (isto nunca foi escutado até hoje) são hierarquicamente superiores a heterossexualidade, porque não são reprodutivos, mas abusivos e excessivos.

- P – *Por que a heterossexualidade também não pode ser excessiva?*

A heterossexualidade – se é que vamos chamar de heterossexualidade a besteira de sexos diferentes transarem – é necessariamente vocação primária de reprodução. Do ponto de vista do movimento psíquico (1Ar→2Ar→Or), qualquer subversão disto – e subversão é suspensão da reprodutividade – lhe é hierarquicamente superior. Que as pessoas tenham aproveitado para retornar ao Primário e intervir na suposta heterossexualidade como processo de suspensão da reprodução, já é retorno.

Se querem fetichizar a relação, façam isto! Se considerarmos tanto historicamente quanto do ponto de vista do movimento do creodo do Primário ao Originário, necessariamente é o que acontece. Estamos esquecendo uma coisa muito simples: para quantas coisas serve uma caneta? Oh! Esquecemos que a caneta serve para muitas coisas... inclusive para coisas muito diversas no ato da escrita: pode servir para condenar alguém à morte, inventar uma ciência, como também extrapolar o ato da escrita. Ora, neste exemplo, entendemos, mas coloquem isto nos órgãos sexuais... Para que serve uma piroca? Para não enfiar em lugar nenhum, por exemplo. Quando consideramos e supomos a sexualidade esteada na reprodução, destituímos a **Razão de IdioFormação** da sexualidade. Se utilizamos as práticas sexuais como utilizamos, precisamos entender que a cada movimento dessas práticas estamos – não parece quando olhamos o cotidiano; ao contrário, parece que a pessoa está voltando à estrutura animal, dados seus tesões e o que faz com eles –

sublimando a sexualidade, se não, conseguiríamos fazê-la a não ser como pai-e-mamãe dentro do regime do *natural*. O que estou denunciando na suposta heterossexualidade é o regime Primário imposto. Lacan dizia com toda clareza que não existe nada que faça um homem se interessar necessariamente por uma mulher.

• P – *Uma matéria para o dia dos namorados que tentava fazer algo mais original, formando casais de homens, de mulheres, de três, quatro pessoas, foi recusada pelas agências de modelo.*

Se pusermos na televisão uma suruba acontecida na favela x, vamos presos, mas podemos colocar juDeus jogando bombas em cima dos árabes, árabes explodindo juDeus. É uma delícia e uma coisa santa. Não estou brigando pela ordem política dos poderes. Mas é óbvio que isto não é tão subversivo das estruturas estabelecidas, pois se colocamos em pauta alguma coisa que desestabiliza as bases sintomáticas, danou-se. O escândalo maior de Freud no começo foi dizer que as criancinhas tinham sexualidade. Isto começou a desestabilizar, mas depois arranjaram-se umas explicações e organizou-se tudo de novo. Qual a reprodutividade realmente subversiva da ordem animal? É a produção *in vitro* do clone, esta sim uma desheterossexualidade radical.

08/JUN

76. De fato, a psicanálise é (apenas) uma **postura**, aliás antiquíssima, a qual se repete em várias formações. O mais difícil entretanto é que se assuma esta postura. Uma vez que ela exara teorias e supõe produzir conhecimento, fica mais fácil adquiri-los do que assumir a postura (conhecimentos que são precários e transformáveis, a postura, ao contrário, sendo sempre a mesma). Há também diferença entre somar conhecimentos e **incorporar** uma postura, algo muito mais difícil de se fazer. Uma postura não tem mais conteúdos do que uma situação, quase que estritamente topológica, entre diversas situações. A postura não é relativa a nenhum *script*, a nenhum roteiro cinematográfico

do comportamento, pois vários comportamentos diferentes podem indiciar a mesmíssima postura.

Queira-se ou não, é mais ou menos como estar no regime da **possessão**. A espécie humana é completamente louca e indiferenciada. Portanto, qualquer postura que se vá tomar não pode deixar de ter caráter de certa possessão, ou seja, ser tomado por determinado modo de funcionamento, ainda que a mesma pessoa possa ter diversas posturas relativas a diversos modos de funcionamento. Há esta outra experiência (inenarrável ou não, nunca se sabe) que tem que se somar à experiência comum para a produção da verdadeira postura, que deveria ser o ponto fundamental da aproximação disso que foi inventado como psicanálise, mas que é muito mais antiga do que este nome. Esta postura existe no mundo, ainda que poucas pessoas a tenham exibido **sempre**. A psicanálise se apropriou dela (e que pode ser apropriada por outros discursos). O importante não é que o aparelho procure, a partir desta postura e das experiências daí advindas, produzir modelos teóricos, e sim estar na vivência dessa postura, de maneira que se possa tirar dela experiências que se digam através de discursos mais ou menos teóricos.

77. Por isso mesmo que a psicanálise é **inacreditável** para aqueles que não foram tocados por ela. Se a pessoa não consegue de algum modo ser tocada por essa postura, vinda de fora ou não, ela é inacreditável. Mesmo conhecendo o que se apresenta nos teoremas freudianos e posteriores, aquilo parecerá estapafúrdio, se não houver o mínimo de experiência com essa postura. Não se trata de modo algum, como ocorre em certas crenças como o espiritismo, que se tenha que ter fé no que a psicanálise acredita para deixar de considerá-la inacreditável. Basta ter passado efetivamente por sua radical experiência, para que ela se torne crível, não porque se passou a acreditar gratuitamente nela, mas por se poder então reconhecer sua experiência como **prova**. Chamo atenção para o fato de que isso faz toda a diferença, porque há muito que a psicanálise deixou de ser frisada em sua postura, virando um badulaque qualquer acadêmico – como se fez com discursos também sérios que não mereciam

isto, como a filosofia e outros – que as pessoas discutem como se fosse feijão-com-arroz. E muitas pessoas (muitíssimas) passam pelos antros ditos psicanalíticos e pelos psicanalistas e não têm a menor experiência dessa postura. Isso estragou o campo.

78. Será que **os Homens** (no sentido da espécie humana) **são todos da mesma espécie?** Isto é uma pergunta perigosíssima. A propalada, embora inexistente, democracia parte do princípio de que todos os homens são iguais perante alguma coisa, nem que seja perante a lei, Deus ou a mãe deles. Depois do suposto, ridículo e risível advento da democracia, toda vez que colocada por decreto, a suposição desta igualdade fica engraçada. Observem que as filosofias políticas se dividem entre aquelas que procuram garantir a liberdade e as que procuram garantir a igualdade (se partíssemos da igualdade como princípio, não se precisaria garantir coisa alguma).

Esta suposição de que todos os homens são iguais precisa ser repensada. Os homens são iguais em quê? Sou mais contundente: será que são da **mesma espécie?** Sim e não:

1) Temos uma função bastante propícia a pensar isto: o conceito de **IdioFormação**. Se há IdioFormação, todas são da mesma espécie no que especificadas pelo Revirão (e os conseqüentes Cais Absoluto e HiperDeterminação) efetivamente. Relativamente a isso, se há IdioFormação, se há qualquer configuração no Haver que se possa chamar assim, são todas da mesma espécie enquanto referidas a isto. Então, enquanto IdioFormação, todos os humanos são da mesma espécie, mesmo outras que não sejam humanas. Em suma, onde quer que compareça a IdioFormação (humana ou não), há mesma espécie. Portanto, no que diz respeito a esta referência, a **igualdade é absoluta** e pode-se esperar coisas semelhantes das IdioFormações.

2) Enquanto *Bíos*, este tipo de ser vivo que esta espécie costuma ser, todos os humanos são da mesma espécie biológica. Hoje já sabemos disso, sobretudo depois da leitura do genoma. As diferenças aparentes são meras diferenças de configuração, pois praticamente não contam no escopo das

diferenças genéticas. Logo, temos condições de dizer que todos os humanos – estou tratando dos humanos porque costumamos lidar com eles, infelizmente os ETs não chegaram – são da mesma espécie enquanto *IdioFormação* e enquanto *Bíos*.

3) Ora, aparece um problema muito sério. Consideradas as reificações primárias de seu nível etológico, bem como as estratificações (ou fixações) secundárias de seu nível neo-etológico, as quais, mais freqüentemente, são inamovíveis mesmo por análise, **os humanos não são todos da mesma espécie em qualquer nível situado logo abaixo do Gnoma** (embora isto não seja necessariamente e sempre um juízo de valor).

Este seria **o nosso grande problema** sócio-cultural. A partir disso, procuro situar onde fica o caso do racismo na face do planeta. No passado já se o atribuiu até à relação com Deus, de tal modo que, por uma questão espiritual e divina, os humanos seriam de raças diferentes. As mulheres, por exemplo, não tinham alma; depois foram os negros e os índios, todos casos considerados inferiores para se supor que pudessem se aproximar da divindade. Quando isto foi derrocado por certa Iluminação, procurou-se a diferença na aparência externa, cor da pele, forma do corpo, para se atribuir novamente racismos. Hoje já sabemos que não é assim e, no entanto, continua a guerra do racismo na face do planeta, mesmo quando não se acredita mais nisto. Precisamos entender que esta verdadeira distinção de espécies se dá em nível etológico e neo-etológico, hoje em dia sobretudo neste último. Efetivamente há uma **especiação secundária**, infelizmente não podemos negar isto. A decantação dos sintomas (entramos na ordem sintomática) e sua fixação são tão fortes e coaguladas, tão difíceis de serem mexidas, que constituem verdadeiras espécies completamente diferentes que não conseguem se entender justo por isso, por quererem discutir no nível da diferença sintomática.

Os cientistas políticos, sociólogos, psicólogos, historiadores estão em pânico, pois, quando converso com eles ou quando os leio, verifico que não sabem mais o que fazer em relação a esta questão. Cada espécie em nível secundário – que tem até algum modo de se comunicar com outras, nem que

seja dar tiros (já é algum amor querer atirar no vizinho) – se acha a mais bacana. No que se acha assim, pensa que tem o direito, se lhe couber o poder, de simplesmente determinar as outras espécies. É simplesmente isto que está acontecendo com toda clareza (nunca foi tão claro) na face do planeta e este momento da história vai ter que dar ou não uma solução ao problema. A solução pode ser final: alguma espécie vai se tornar hegemônica e irá destruir ou escravizar as outras. Não se sabe o que vai acontecer... Mas o fato é que, para a visão psicanalítica, são espécies diferentes por sua referência sintomática.

O problema é como retirar estas espécies de suas referências sintomáticas à sua própria espécie e trazê-las para uma referência onde haja igualdade de espécie, no nível da HiperDeterminação ou senão mesmo no nível do Biótico. Ora, estas referências não são as que são reclamadas nas diatribes entre as espécies. Os debates e as guerras ficam referidos justamente às diferenças específicas, as quais são necessariamente **falsa consciência** (conforme coloquei na vez anterior), necessariamente erros ou ideologias. Mesmo uma teoria psicanalítica, se é tomada como especificante, é tão ruim como qualquer outra religião. Esquecemos disto e, toda vez que somos iniciados em alguma falsa consciência – há iniciação para isto –, ainda que seja suposta científica, psicanalítica ou qualquer outra, ficamos com a impressão de que, no final das contas, conseguimos encontrar A Formação Secundária capaz de gerir todas as outras e colocá-las em seu lugar. Isto é falso, mesmo e sobretudo que haja boa vontade. Quando a referência não é a especificação da espécie, mas vai a um lugar de igualdade de especiação como, por exemplo, este que estamos apontando eventualmente com o nome de IdioFormação, a primeira desconfiança é em relação a si próprio, e isto é o que faz tratar um aparelho, por mais abstrato que seja, como sendo algo que necessariamente recai no erro, portanto recai na má consciência. Então, minha relação com aquele aparelho é apenas tomá-lo como ferramenta e nada mais. Posso botar fé nele, mas não posso fazer dele uma crença. E a psicanálise não deixou até hoje de esquecer disso, assim como os supostos psicanalistas que, com a maior facilidade, também esquecem.

79. Além destes assentamentos neo-etológicos, ainda temos todas as diferenças de valência dita *racial* que se instalam definitivamente por via traumática: os estresses da vida são instaladores, por via traumática, dessas valências, mediante experiências extremadas de todos os tipos e níveis, durante a infância. O que resulta em verdadeiras **lesões cerebrais** praticadas sobre as crianças, muito aquém de efetivas lesões por traumas físicos diretos ao cérebro. Esquecemos disto com a maior facilidade. A insistência em determinados comportamentos, sobretudo em relação às crianças, produz lesões irreversíveis, como, por exemplo, falta de alimentação adequada, falta de desenvolvimento a tempo, falta de cura de aparelhos neuróticos a tempo. Então aquilo vira uma lesão que não terá mais jeito. Será necessário articular as relações do indivíduo com o mundo apesar dessas lesões.

Ora, entendemos quando falam em dificuldades alimentares e violências permanentes. Até entendemos quando certos grupos ideologicamente preparados indicam certos comportamentos, que não lhes interessam, como lesionais. Isto também parece muito claro, embora não o seja. Determinada cultura faz a lista do que não lhe interessa como comportamento e fica apontando para o fato de que algo é lesional, pois aqueles comportamentos relativamente às crianças vão produzir verdadeiras lesões que vão deixá-las marcadas para sempre. A única coisa de que se esquecem é que **todas** as outras atitudes que se tem para com as crianças são lesionais.

Portanto, indicar qual a lesão que se quer produzir é uma questão puramente política. Considerem, por exemplo, uma criança que está no Primeiro Grau, mais próxima da adolescência. Se fôssemos professores de matemática, verificaríamos que a entrada da aritmética normal (essa que usamos cotidianamente) foi feita com tal intensidade lesional – à medida que, ao invés de ser apresentada como um pensamento abstrato, é colocada como algo correlativo ao real – que 50% das crianças jamais sairão deste aspecto da matemática. Quando tentamos introduzir outro aspecto, não entra mais. Parece brincadeira, mas não é, e pode ser verificado em sala de aula. Entretanto isso é tomado como lesão permitida e inocente.

Nós outros temos que pensar e estar atentos o tempo todo para algumas questões. Se há, por exemplo, alguma perspectiva para a psicanálise de crianças – como tem sido chamada essa baboseira que inventaram de ficar tratando de papai e mamãe... trenzinho que entra no túnel... túnel que sai do trenzinho... e outras besteiras que duram décadas – o que poderia fazer um psicanalista, até tirando a sexualidade aparentemente de lado, para que a aproximação de uma criança à ordem matemática não fosse estúpida, tal como o sujeito ficar eternamente acreditando que $2 + 2$ tem que ser 4? Parece uma questão puramente intelectual, mas é um problema de decantação de sintoma, portanto um problema da psicanálise. Estou falando neste nível abstrato para não nos chocarmos com coisas mais faladas e sabidas neste campo sobre as quais as pessoas têm certezas enormes.

O modo de abordar as questões sintomáticas não pode ser menor do que este, segundo a noção de que toda e qualquer decantação sintomática é lesional e tem efeito de abrangência para todas as outras fixações sintomáticas, pois bloqueia e impede determinadas aberturas que terão conseqüências em outros lugares. Basta entrar, por exemplo, numa escola cheia de crianças e adolescentes. Encontramos uns chamados psicólogos que nos fazem morrer de rir com suas regras na cabeça (que não funcionam), e que só fazem preencher papéis e mandar para a secretaria. As próprias crianças também morrem de rir, passando por cima e tapeando todos eles. Já tive esta experiência demais, lidando com esta garotada em diversos níveis: do filhinho do burguês da zona sul até os delinquentes da FUNABEM, ou seja, dos delinquentes da zona sul até os meninos da FUNABEM.

- P – *O ensino da gramática também é desastroso neste aspecto, pois se tornou algo quase bíblico. Por mais que eles saibam as normas lingüísticas, na sala de aula a repetição se dá do mesmíssimo modo, pois está de tal modo entranhado na cabeça do professor, do aluno, da escola, do processo inteiro, que aquilo já é uma lesão.*

Isto é gravíssimo e as pessoas estão preocupadas com o sexo das crianças, que é algo inocente.

- P – *Maud Mannoni falava que a dificuldade de lidar com a matemática seria explicada a partir da relação com a mãe.*

É justo o contrário: a dificuldade de lidar com a mãe deve-se à estupidez em matemática. Se tivessem o mínimo de razão matemática lidariam direito: se lixariam para aquela senhora, pois ela seria abstraída. Vejam no que estamos metidos e o quanto, como foi acabado de demonstrar, os psicanalistas embarcam na mesma ordem sintomática.

80. Quando chamo atenção para o fato das diferenças de espécie no nível sintomático, não se trata de modo algum de preconizar o domínio das demais espécies humanas por alguma ou algumas de maior importância ou valor, como está na cabeça da razão fascista. Trata-se, sim, de advogar expedientes de sustentação da existência de todas as espécies (toda e qualquer espécie), notadamente aquelas mais refinadas e sutis, que são as que mais sofrem e que sempre são ameaçadas de extinção pelas supostamente valorosas por suas supostas virtudes de alcance de sucesso existencial. As espécies supostamente bem sucedidas são aquelas que mais freqüentemente destroem espécies mais refinadas, capazes de maior abstração. Tudo isto é pensado segundo nosso lema que repete insistentemente: **Sintoma não é Virtude**. Quando algumas espécies, por sua presença valorosa e poderosa como vencedora na porrada dentro do mundo, começam a nomear as funções principais de sua sintomática como sendo virtudes, chegamos à desgraça total (é a nossa história!). Seria viável ou possível a entrada num novo século onde isto pudesse ser questionado todo o tempo? Se a psicanálise fosse consentânea com a postura na imitação da qual foi criada, sua função primordial seria esta.

Entretanto, mais freqüentemente, a psicanálise tem estado a serviço da estupidez. É preciso ter cuidado quando assumimos como virtude uma declaração teórica aparentemente maravilhosa, pois nem ao menos a incorporamos. Apenas repetimos frases, e isto passa a ser a nova virtude, de tal maneira que a estupidez não nos deixa mais pensar. Por exemplo, aqui entre nós, já começo a ver uma estupidez se estratificar: quando se cita a teoria no

que trata da HiperDeterminação, dos processos de suspensão, fazemos de conta que esquecemos que daí para baixo tudo está mergulhado na ordem sintomática. Então se falam destas coisas como defesa contra o reconhecimento da funcionalidade sintomática no mundo. O lacanismo já foi para o brejo nisso, pois coisas maravilhosas são citadas, sem defrontação com a instalação sintomática, que é pesadíssima. Portanto, não vamos fingir que, por termos condição de nos referir teoricamente, e não posturalmente, a HiperDeterminações, estamos livres disso e ficamos por cima da carne seca, começando a dizer asneiras a respeito de tudo quanto é besteiro sintomático que se apresenta para nós o dia inteiro. Um dos maiores perigos e imbecilidades é fazer virtude de uma sintomática teórica, e não pensem que isto só aconteceu com os outros, pois acontecerá aqui também. De repente, porque participam de um grupo que pensa – aliás, não pensa, só repete determinadas frases –, acham que estão instalados na virtude, livres até de pensar as questões sintomáticas. É fato que, na decantação sintomática e nas diferenças das espécies em nível secundário, surgem inevitavelmente hierarquias, assentamentos, localizações, vetorizações no seio das formações e temos que saber lidar com isso.

- P – *Podemos pensar esta decantação como aquela de sujeito/objeto?*

Para aquém do Cais Absoluto tudo se sintomatiza: sujeito/objeto, ativo/passivo, positivo/negativo, etc. Evidentemente que esses sintomas se apresentam com maior clareza no corpo da língua, e ficamos perdidos nestas categorias ou para um lado ou para outro. Ou para fazer a suposição de que estamos por cima da carne seca na referência à Indiferenciação – o que é mentira, pois isto não é fácil –, ou para abandonar esta referência e cairmos na determinação sintomática da verdade. Cila e Caribdes. Essas categorias nós as encontramos vigendo no regime do sintoma e precisam ser reconhecidas como formações sintomáticas. Se tivéssemos abstraído no nível adequado, estaríamos muito menos aprisionados em relação a qualquer noção de propriedade da enunciação.

- P – *A questão é que esta abstração, mesmo em Kant ou Descartes, acaba ganhando um grau de realidade.*

No discurso deles (quiçá também no nosso, tomemos cuidado) essas categorias acabam por estar comprometidas com os processos de sua indicição

que, por serem discurso, são eles próprios comprometedores. Ora, imediatamente jogamos fora o processo enunciatório e ficamos com o resultado, que é compatível com a noção de **ego** em qualquer discurso. Por isso hoje, desde o começo, estou falando em postura. Há uma postura do psicanalista que pode lidar com todos esses aspectos, mas não os engole.

81. Estamos também diante do fato inarredável da diferença dramática entre teoria e prática, isto é, entre uma formulação de nível genérico, mesmo sendo produzida a partir de experiências concretas (assim deve ser), e seu retorno como aplicação no mesmo campo experimental. Extrair uma formulação teórica de uma experiência concreta já participa necessariamente de certo grau de estupidez. Estou denunciando portanto que toda formação deste tipo acaba por ter compromisso com o ideológico. Mas o retorno é pior, quando lançamos mão disso e o aplicamos.

- P – *Segundo a biografia de Gödel escrita por Hao Wang (A Logical Journey – From Gödel to Philosophy. Cambridge: MIT Press, 1996), ele costumava diferenciar uma abstração de uma generalidade ou generalização cega que, quando aplicada, deixa de ser abstração.*

Abstraímos e, no que generalizamos para aplicar (no próprio momento da generalização), já era a abstração.... Ao aplicar a generalidade, começamos a infectá-la de outras formações sintomáticas de entendimento desta generalidade, isto é, embutimos nossas formações sintomáticas na generalização e a aplicamos **com** essas formações sintomáticas.

- P – *Gödel diz que toda generalidade cega é abstração, mas que nem toda abstração é uma generalidade cega.*

O vetor de ida não corresponde ao vetor de volta. Se este já vem sujo logicamente, quanto mais sintomaticamente! Pois, por cima da sujeira lógica, nos aproveitamos do fato de o grau de abstração ter diminuído um milionésimo para embutir imediatamente nossa vontade sintomática, donde a guerra. As pessoas podem até ficar encantadas com uma teoria elegante, exposta em nível genérico e o mais possível abstrato. No entanto o que acontece, com

freqüência, é que elas próprias se revoltam quando vêem a teoria aplicada, mesmo se com rigor intelectual, à mais tola de suas próprias idiossincrasias. É nesse momento que o sintoma prevalece e pinta o animal da espécie *x*. Começa então a guerra das espécies.

82. Estou tentando mostrar modos de operação segundo a postura da psicanálise. Sem esta postura como referência para as operações, ela deixa de existir no próprio momento em que começa a ser aplicada.

• P – *Seria a resistência à psicanálise.*

É um dos momentos da resistência do neo-etológico, do neo-animal da espécie *x* à função da psicanálise, e essa é a normalidade do mundo. Isto contudo não se sustenta como aceitável perante a idéia da postura do psicanalista, que não pode fazer isso (aliás, pode fazer, logo não é psicanalista). Estou retornando ao que disse muitas vezes: se houvesse psicanalista o reconheceríamos pela postura, sem nem precisar estar em sessão nem falando de psicanálise. Mas o mesmo imbecil que senta no poltronão, se diz psicanalista, pertence a tal instituição, a menor intervenção dele no mundo cotidiano nada tem a ver. Não se sente que seja uma postura que não coincide com as outras. Aonde pisa o psicanalista é estrangeiro e jamais terá nacionalidade, porque não pertence. Psicanalista naturalizado é psicanalista reificado, portanto não o é. Vejam que as palavras ajudam: o sujeito é *naturalizado*: danou-se! É o que vemos a todo momento: as pessoas se aproximam desta postura e deste discurso, às vezes com a intenção de se tornarem operadores (ou já imitativamente se tornarem) e, à menor aplicação desta postura ou de um raciocínio que valha como intervenção num sintoma que seja, suas idiossincrasias pipocam na hora.

Posso até dar alguns exemplos. Certa vez, falando entre alguns filósofos de porre, afirmei que a psicanálise não tem que se submeter à filosofia. Ao contrário, seu pleno exercício leva a colocar filósofos e filosofias sob o escrutínio da postura analítica (naquele momento falava-se de Heidegger). Quer me parecer que, se lá estivesse, o próprio Heidegger ou alguém razoavelmente

pensante não poderia negar o fato de que, do mesmo modo que seu discurso submete a ordem discursiva a seu crivo, o outro discurso faz o mesmo. Na melhor das hipóteses, se chegaria a um impasse bem educado. Pergunto agora, do ponto de vista de nossa postura, se terá Heidegger alguma vez vivido entre gregos antigos para acaso se *lembrar* de nosso *esquecimento do Ser* e dele fazer a anamnese que lhe permitisse retomar (ou retornar) a *presença* perdida por detrás da Metafísica. De onde ele tirou esta idéia? Quando Heidegger fala – e é um excelente poeta, ainda que os “acadêmicos sérios” tenham ficado danados porque eu disse isto, quando Heidegger teria tido um orgasmo se o reconhecessem assim –, pensa-se que ele já foi grego antigo, no mínimo, reencarnado, pois tem uma absoluta lembrança desse momento. Mas pergunto, procurando um lugar psicanalítico para encarar Heidegger, se ele estaria simplesmente acuado para pensar isto pela vaga mas poderosa memória (de modo algum secundária) de sua própria experiência pré-verbal de comunicação intensiva com os cuidados maternos assim tão solícitos a ponto de parecer ter havido ali, do ponto de vista verbal, lá no futuro, um dizer efetivamente completo. Em outras palavras, quero supor, pelo que experimento e vejo, que a situação de bebezinho – sem acesso algum ao Secundário e com uma comunicação tão intensiva, por razões etológicas e neo-etológicas, com a senhora mãe dele (aquele lambe-lambe, por exemplo) – é de tal intensidade comunicativa que, quando se passa ao Secundário, começa a falar disto como a *presença* do Ser, esquecida depois que se aprendeu a falar. Entretanto, não se esqueceu coisa alguma, tanto é que se está falando dela.

Assim, estou fazendo a ficção de que, nesse filósofo muito talentoso, genial e poeta, a nostalgia da intensidade significativa e comunicacional começa a fazer a cabeça de todos no sentido de dizer que se perdeu, com a metafísica, a presença real do Ser que na Grécia arcaica lá estava (que, aliás, não estava, pois basta ler Heráclito e Parmênides para observar que estão tão perdidos quanto nós em relação à linguagem). Projeta-se historicamente no mundo o que é historicamente sua intensidade comunicativa. Afinal de contas, quem lá

esteve para ter essa experiência? Quem pode, através dos textos do grego arcaico, tirar isso senão através da projeção de uma experiência sintomática?

- P – *Heidegger está tentando usar um argumento de autoridade de origem.*

Uma crítica neste sentido é certa, mas, do ponto de vista de uma postura psicanalítica, garanto que ele teve mesmo esta experiência e a sintomatizou no só-depois do verbal. Na nostalgia do poeta que quer dizer aquilo que então era indizível, projeta-o no mundo e vai para a Grécia. Por que não para a pré-história? Por que o privilégio dado à língua grega e aos gregos, ou à língua alemã, que não se faz senão por via sintomática? Esta foi a questão colocada por Waldir Beividas, com toda a razão, no Mutirão de que falamos há duas seções atrás. Não podemos tentar produzir um aparelho teórico senão aproveitando a força e a riqueza de uma construção sintomática, generalizando-a e abstraindo-a. Não há como não fazer. Mas isto pode ser declarado. Quando declaro que o verbo HAVER, com toda sua sintomática ibérica, é capaz, por sua força de expressão como sintoma, de ser abstraído e generalizado, estou dizendo que o teorema continua a ser sintomatizado, mas digo onde. Não estou remetendo para um passado histórico onde o HAVER sintomatizado na língua e na Península Ibérica teria tido vigência efetiva que hoje não tem.

- P – *Heidegger re-naturalizou o Ser, tirou-o da Grécia e colocou-o na Alemanha.*

Sim. Acho Heidegger uma gracinha, grande pensador e poeta, mas não me venha com essa, pois isso a psicanálise escuta.

- P – *O que ele chama a experiência da clareira do Ser não seria a mesma experiência do Haver? Não seria o Originário, apesar de preenchido com nostalgias e referências à Grécia?*

Isto é a nossa leitura a partir de nosso teorema, portanto está valendo. Vocês estão dizendo que, assim como em nosso campo estou falando de um Originário, Heidegger, a partir da experiência que o faria falar deste mesmo Originário, trata-o segundo sua perspectiva. O que digo é que o modo como ele opera este Originário é um pouco mais pobre, à medida que, para situá-lo no mundo, o faz histórica e lingüisticamente. É certo que do mesmíssimo modo

procuro situar o Haver na vigência deste verbo em nossa língua. Mas não estou dizendo que tenhamos que voltar à emergência das línguas ibéricas para recuperá-lo, e sim que o valor sintomático do verbo HAVER nos serve muito bem contra as decantações do verbo SER. Nem quero com isto praticar a razão indianista contra a razão alemã, senão vamos acabar numa tribo dessas, como são as tribos teutônicas. Estou dando exemplos de como, na aplicação analítica, bate-se na sintomática e na idiossincrasia de alguém, e a situação torna-se insuportável.

83. Em minha colocação mais recente dos **aparelhos nosológicos** (feita nas Oficinas Clínicas), algumas pessoas ficaram preocupadas com o fato de eu insistir na **oposição ativo/passivo**, como se as coisas fossem abstratas demais para isso. Ora, no nível da ordem sintomática, as coisas não são abstratas, são abstraíveis. Uma coisa é compreender que, quando estou falando de aspectos nosológicos – portanto de formações no sentido sintomático –, é assim mesmo; outra coisa é abstrair para tentar salvar alguém da pressão nosológica.

Também houve choque em relação ao fato de eu ter falado na vez anterior – e preciso tomar cuidado para não ser apedrejado – em hierarquia das sexualidades. Digo e repito: **há hierarquia na ordem sintomática das sexualidades (não dos comportamentos)**. Qual foi a frase que fez com que algumas pessoas me jogassem umas pedrinhas? Disse que a homossexualidade e o fetichismo são hierarquicamente superiores à heterossexualidade *tout court*. Ou seja, segundo o afastamento dos sintomas dados e reificados no Primário (por isso re-reificados no Secundário), quanto mais um aparelho, mesmo sintomático, se afasta da reificação, mais ele está próximo de algo que a supera. Quanto mais uma formação, mesmo sintomática, é capaz de contestar a pressão da sintomática primária, dado que minha referência é Originária, mais consegue se libertar dessa pressão. Então ela é hierarquicamente mais próxima da Sexualidade do Haver. Isto não quer dizer, de modo algum, que o comportamento dos sexuados é superior, porque não sabemos quais são as funções em jogo ali. A suposta espontaneidade heterossexual é a da qual mais

devemos desconfiar. Lacan já o dizia: ‘não existe nada que faça com que um homem reconheça uma mulher’. O Inconsciente não tem sexo, só Tesão. Decantada alguma sexualidade, ela já é suspeita e, quanto mais próxima da oferta Primária, mais é suspeita para fingir abstrair no nível Originário. Tive o cuidado de dizer que a homossexualidade e o fetichismo, enquanto sexualidades, são hierarquicamente superiores. Disse assim porque preciso suspeitar de uma oferta heterossexual dada pelo processo reprodutivo, na medida em que – agora vou dizer uma coisa pior – **não há senão fetichismo para as formações sexuadas**. As pessoas pensam que são heterossexuais porque foram assim produzidas sintomaticamente pela suposta virtude dos poderes culturais em que estão metidas. No entanto, o mesmo discurso diz que isso é virtude porque corresponde à naturalidade da espécie. O que é falso! A espécie não tem naturalidade suficiente para isso. Portanto, quando alguém faz esta escolha, só o faz fetichistamente. Assim, um macho que gosta de xota é puro fetiche (tem o direito sagrado de gostar), e não co-naturalidade com alguma heterossexualidade oferecida. O engano na história da psicanálise foi co-naturalizar a espontaneidade sintomática, razão pela qual as mulheres se rebelaram o tempo todo contra a besteira falicista de Freud, que era reificação em cima da oferta do Primário.

- P – *O engano foi também nosologizar o fetiche.*

O fetiche pode comparecer nosologicamente, ou seja, pode fazer uma coalizão com uma quantidade tão grande de formações sintomáticas graves que começa a fazer parte dessa formação. No entanto, não há funcionalidade erótica de espécie alguma sem fetichização. É o que ficou por ser dito na psicanálise. Mesmo quando se aproveita uma disponibilidade dada pelo Primário, não se a tem em regime de espontaneidade, pois já se a fetichizou. Tanto é que se tomarmos duas pessoas que aparentemente têm o mesmo fetiche e colocá-las no divã, veremos que são radicalmente diversos.

84. Outro exemplo: minha crítica à pedofilia (que está na moda), como reversão da perversidade dos próprios pedófilos. A crítica que se está fazendo à pedofilia não é

crítica alguma, apenas o reverso da medalha da perversidade dos próprios pedófilos. Os pedófilos se dividem entre **pedagogos** e **pederastas**, segundo a terminologia grega. O que estamos vendo em relação à pedofilia é a luta entre eles: ambos são pedófilos, ainda que freqüentemente se misturem e se confundam. O que precisamos entender é que, quando a guerra se instala, alguém se tomou como puro pedagogo contra o puro pederasta. Mas todos estão infectados.

O que importa é reconhecer que a razão pedófila é genérica, que abriga mesmo alguém que não está interessado em ser nem pederasta nem pedagogo e não quer nem saber disso. E se estão querendo saber é porque a ordem pedagógica não é senão a ordem pederasta em sentimento de culpa. Como eles têm um sentimento de culpa em relação à sua vocação pederasta embutida em sua pedagogia, querem suspender a sexualidade em nome de algo espiritual e platônico. Esta discussão é muito antiga e a encontramos em toda fundação grega, chinesa, arábica, etc. Isto, porque não há como não sermos suscitados pela repetição de nosso erotismo infantil sobre as crianças. O que se faz com isto é outra coisa.

É preciso organizar a bagunça, pois este aqui tem o direito de ser pedófilo e aquele ali tem supostamente o direito, segundo a ordem estatal, de não querer isto em sua casa. O que não pode é haver julgamento de valor para este ou aquele lado. Mesmo porque estamos em plena época tecnológica onde se pode inventar uma prótese.

Ser pedagogo é uma virtude, ser pederasta é um vício. Nomeando assim, vamos esquecer do vício dos pedagogos e destruir o social, pois são os pedagogos que produzem as maiores lesões dentro das escolas. Como dizia Millôr Fernandes: “O homem nasce original e morre um plágio”. Eis a lesão da pedagogia.

85. Temos que procurar onde ficam as posturas típicas da psicanálise, e onde elas teriam aparecido antes de nós como referências primordiais para nossa ação. Já tivemos a lembrança da importância de Sócrates (para Lacan) no *Banquete* de Platão, no que diz respeito à definição e ao entendimento da assim chamada transferência em psicanálise. Todos conhecem muito bem,

suponho eu, este seminário de Lacan. E agoraqui (para mim) a igual importância de outro Sócrates (assim chamado por alguns pensadores), Diógenes de Sinope – diante do qual as pessoas se horrorificam. Alexandre Magno (o garotão homossexual, exímio general na arte da guerra e dono do império do mundo) dizia que ‘se não fosse Alexandre, queria ser Diógenes’. Não é espetacular?! Se não fosse o todo-poderoso Imperador do Mundo, queria ser o todo-poderoso Desprezador (e Gozador) do Mundo. O que se vê neste acontecimento é o **Sujeito Suposto Saber** de Lacan mostrar sua outra face de **Instância do Poder**. Muito a propósito, quando vemos a figura gigantesca e tão poderosa quanto esta de Sócrates – nunca esqueçam a morte de Sócrates, releiam a *Apologia* de Platão – que foi dizer na cara dos supostos democratas que só eram democratas para suas negas. Sócrates, obrigando-os a matá-lo, prova que eram uns idiotas e que não havia democracia.

Sócrates apresentava as coisas no nível da discussão, da razão e da fala (muito chique), tanto é que até um Platão (naturalmente platônico) pôde se aproveitar dele – Platão, o velho pederasta arrependido. Mas **insolência** de Diógenes está estada em seu **poder de renúncia**, que é igual à de Sócrates, com a diferença de que neste último era referida à força da razão. Diógenes, como sabem, morava dentro de uma barrica, cagava, mijava, peidava, tocava punheta no meio da rua, dizia ser um cachorro e os outros uns idiotas. A renúncia de Diógenes é anterior a e sustentadora de seu **Canismo** – vou chamar assim porque a palavra cinismo se deteriorou. Tanto é verdade que foi dali que partiu Zenão, discípulo dele na produção do Estoicismo, pois o que denuncia o vigor de renúncia de Diógenes é a vertente estóica de seu Canismo. Canismo é o nome que uso a partir de agora para me referir ao cinismo antigo, em contraposição ao cinismo moderno e pós-moderno, este que vivemos hoje. Quem apontou muito bem isto foi Sloterdijk em seu livro *Critique de la Raison Cynique* (Paris: Peter Christian Bourgois Editeur, 1998, 700p).

Não esquecer que aquele Alexandre, o Grande, era o mesmo que oferecera a Diógenes *o que ele desejasse*, que lhe seria dado pelo Dono do Mundo. Diógenes desprezou a oferta, mostrando que o garotão estava era lhe

tirando o sol com sua sombra, um sol que o arrogante e descarado Alexandre seria impotente para dar ao descarado e insolente Diógenes. A resposta de Diógenes a Alexandre, talvez melhor ou pelo menos mais clara que a de Sócrates a Alcebíades (outro garotão homossexual e exímio general na arte da guerra), ilustra a dita *interpretação* psicanalítica, ou melhor dito, a **intervenção fatal, se não fatal, do analista na enfatuação do analisando** evidentemente **transferido**. A clareza da intervenção de Diógenes é maior e mais evidente do que a que Lacan teve que catar dentro do diálogo de Platão, e que todo mundo passara por cima sem reparar.

A transferência de Lacan, colocando o Analista no lugar de um certo Sujeito Suposto Saber, depende (na cabeça de Lacan), para sua articulação, da vontade iluminista que afirma que *saber é poder*. Com isso, me permito, de uma vez por todas, retornar à **transferência de Freud**, mesmo que assim não explicitada de antanho, como uma formação que coloca o analista na posição de uma **Formação Suposta Poder**. Poder o quê?: dar conta do mal-estar do analisando, ou melhor, do **transferido** enquanto aquela primeira formação (Formação Suposta Poder para a formação que está no lugar do analisando).

86. Os pensadores contemporâneos que estão lidando com esta zorra que há hoje não têm conseguido, e isto causa espécie para aqueles que procuram se abeberar na produção deles, mais do que uma (mera) produção de Posturas para lidar (sem solução) com a presente situação bestial e bestificante do mundo. Assim, na melhor das hipóteses, os pensadores que estão disponíveis procuram nos passar a possibilidade de que há que ter alguma postura para lidar com a joça, sem conseguir, *et pour cause*, indicar nenhuma solução. Por exemplo, este moço chamado Sloterdijk que acho muito interessante – sem entrar em grandes comentários sobre a obra dele – como comparecimento contemporâneo na história da filosofia, já citado aqui diversas vezes. O que ele faz como produção de postura? Ele toma justamente (com toda razão), pois tem a inteligência de atribuir à psicanálise esta força postural, todo o pensamento cínico (não Antístenes como criador, mas a figura mais dramática e teatral de

Diógenes) para mostrar que a situação generalizada de cinismo, no mau sentido contemporâneo que ele define, teria (não como solução ou cura mas) como contrapartida o incentivo da postura cínica no sentido antigo, ou seja, no sentido de Diógenes. Para estabelecer uma diferença, ele escreve Cinismo com C, para chamar esta situação contemporânea, e Kinismo, como está em grego, para chamar o **Canismo** de então. Mas ele só pode oferecer uma postura de contraposição à situação. E não conheço nenhum pensador contemporâneo que esteja além de oferecer uma postura ou um caminho de saída.

Eu também não sei se posso oferecer mais do que isso, mas gostaria de tentar. Primeiro a produção de uma **postura**, sim, que nem precisa ser produzida, mas retomada, porque é antiga, como comecei dizendo hoje. Na melhor das hipóteses, a ser produzida em análise, quando acontecida. No entanto não vejo o mundo contemporâneo como eles, seja Sloterdijk, seja Derrida, seja quem for que esteja pensando. Algum de nós está errado. A aparência é de que eles não supõem nenhuma **emergência**, apenas mostram uma postura para lidar com a joça. Ao contrário, quero supor (seja intuitivamente, seja lá como for que isso me atinge) que, mergulhados nessa joça contemporânea horrorosa – o mundo nunca viveu um período tão ruim na história do Ocidente –, tínhamos, pelo menos, que farejar de algum modo o que suponho já ser a emergência obscura do que chamo de **Quarto Império** (talvez a psicanálise seja a formação que permita este faro).

Muito difícil o que estou colocando e precisaríamos da **pesquisa desta emergência** (já em curso) mas que suponho ser difícil de ser reconhecida, justamente por ser ela mesma facilmente confundida pelos inadvertidos, pelos que olham com os olhos antigos, com o próprio cinismo pós-moderno (ou com a vigência do velho canismo). A dificuldade está em que a emergência do Quarto Império seria o nascimento, como postura definitiva, nem que seja para este tempo que vem aí, de um processo generalizado de indiferenciação, o qual não é exatamente o cinismo contemporâneo, mas que, por ser um procedimento de **Indiferenciação**, fica, aos olhos de quem olha com a perspectiva contrária da que estou olhando, muito parecido com o cinismo. Isto, para aqueles que

não sabem distinguir o que é o mero cinismo da postura indiferenciante. No entanto acho que há possibilidade de criação de método (ou sabe-se lá o quê) de distinção entre Indiferenciação e Cinismo para chegar a ressaltar e acolher a mentalidade indiferenciante deste Quarto Império que suponho estar começando a emergir, mesmo sem percebermos.

Ou seja, estou perguntando uma coisa grave, cujo acolhimento exige tolerância: **não será este mesmo cinismo contemporâneo, errôneo e ruim, creodo para o Quarto Império?** Será que temos que atravessá-lo para poder, adiante, ele próprio vir a produzir as condições de Indiferenciação? Queiramos ou não, ele está misturado e é herdeiro do Canismo da psicanálise. A psicanálise chocava no começo de sua história devido a seu cinismo (no sentido do canismo). Com toda a caretice e judaísmo, a postura de Freud, em relação aos temas fundamentais da psicanálise, era descarada e insolente. Retirada a caretice de Freud, é sua insolência que fez a psicanálise existir.

• P – *O caminho é uma postura colocada em ação?*

Mas não se torna caminho só pelo exercício da postura, que apenas mantém as coisas em suspensão. É preciso ter a hipótese de que seu exercício se refere também à possibilidade de ser encontrado um caminho no meio da confusão. Minha suspeita é de que, no meio desta joça, há a emergência disso e que pode ser com facilidade confundida com a joça. Quem sabe não é preciso atravessar um cinismo generalizado para chegar à Indiferenciação? O cinismo generalizado, segundo esta perspectiva, é apenas um ressentimento em relação ao que se esclareceu, um ressentimento em relação à perda da inocência, à perda da ilusão. Por isso o mundo ficou cínico.

• P – *Isto é um fato, mas a única possibilidade não seria reconhecer esta postura e conseguir colocá-la em ação?*

Uma postura não é suficiente. É isto que estou criticando nos outros pensadores, que nos oferecem apenas uma postura para lidar com isso. Mas todos declaram que não conseguem visualizar nenhum atingimento. Você está me lembrando que há para o Analista essa vontade compatível com a libido de

chegar à HiperDeterminação. Mas sua postura precisa encontrar eco em alguma situação de mundo, senão é mera postura. Esta postura de o Analista querer e estar disponível para percorrer o creodo, de manter suspeição radical diante do mundo, tem que coincidir com algum movimento que esteja no mundo, senão não há política possível. Suspeito que haja (mera suspeição) endereçamento político possível se pararmos de ficar tão bestificados com a presença do cinismo e procurarmos por trás dele o vigor de um processo de indiferenciação que os pensadores abominam por medo, pois confundem indiferenciação com cinismo.

• P – *É a idéia de que não se pode indicar nada porque, se assim o fizermos, cairemos de novo na centralização.*

É pior, pois eles nem acreditam que se possa centralizar de novo. Você acha mesmo que eles são tão bonzinhos a ponto de não usar um processo de centralização, se o vissem? Eles são tão doentes como qualquer um. Lembrem-se que a filosofia é a tendência a dominar, é o Discurso do Mestre para Lacan. Eles não usam porque não há. Se houvesse, iam querer o poder de dizê-lo e de influir no mundo. Estou sendo mais magistral do que eles, pois estou dizendo que, no meio da ação da formação cínica do mundo contemporâneo, está, ali mesmo, a emergência do processo, remotamente futuro, de uma sociedade indiferenciada, em suspensão. É grave o que estou dizendo, mas, ao invés de ficarmos apavorados com o cinismo, devemos nos perguntar como o cinismo contemporâneo vira indiferenciação. Pois ele é apenas indiferenciação dolorida e ressentida. Se tirarmos o ressentimento, ele fica simples. O mundo está psicótico e melancólico.

• P – *O cinismo escaparia da neurose?*

Não. Apenas é uma outra visão de mundo e de comportamento que pode ser indiferenciada. Sem pensar com indiferenciação não chego a nenhuma possibilidade de pacificação por intervenção artística no mundo. Alguém tem um fetiche e tem este direito, sem que seja certo ou errado; se não gosta dele, se o fetiche o persegue, vai se virar para tirá-lo. Mas se gosta, como organizar para que esse alguém viva satisfeito, sem tirarmos o direito de outro não gostar?

Só isto. Mas não encontramos nem mesmo o mais libertário dos filósofos políticos, como Hayek, que seja capaz de se colocar com tal princípio de indiferenciação. Já pensaram se pudéssemos chamar Rawls e colocá-lo aqui para responder como se faz isto politicamente? Não sei se há muito sangue por ser derramado ou se o luto será possível para além dessa melancolia.

• P – *Estava considerando que, para haver Quarto Império, seria preciso haver suspensão da auto-referência. Como você considera o cinismo diante dessa exigência?*

O cinismo, em seu estado puro – estou sendo abrupto, teríamos que estudar e saber melhor do que estamos falando –, em seu estado emergente, é a denúncia do oculto, do recalcado. O cinismo grego é denúncia explícita do recalcado: Diógenes peidando em público. Todos sabem que os cuzinhos estão recalcados, ninguém pode peidar na sala senão vão pedir para se retirar ou todos vão sair correndo. Sócrates denunciava o recalcado por via dialetizante, mas Diógenes impunha imediatamente o recalcado diante do teatro do outro. O Cinismo contemporâneo entretanto é ocultação. A burguesia, por exemplo, nasceu afrontando cinicamente a aristocracia, tinha um vigor incrível, mas foi se decantando e virou esta joça que está aí, sem nenhuma força de denúncia: virou *status quo*. O que acontece agora com este rebotalho da burguesia que não encontrou depois dela nenhuma força cínica para mandá-la às favas? Nunca compareceu um sintoma proletário para dizer à burguesia ‘vá à merda!’ Compareceram forças políticas, militares, etc., para dizer quem são os proletários e os burgueses. Era tudo mentira, por isso caíram do galho. Mas uma força proletária que tivesse um outro modo de pensar e viver e que mandasse a burguesia se danar jamais compareceu. Então a burguesia entrou em decadência, perdeu sua força porque é dona do mundo, não precisa contestar mais nada e começou a ficar cínica no sentido contemporâneo: ‘sabemos muito bem que somos uns filhos da puta, mas mandem umas bombas em cima do Oriente Médio, que não serve para nada’, ‘Eu sou filho da puta, mas quem não é?!’, ‘Estou sabendo muito bem, mas faço assim mesmo’. Um dia isto vai enjoar e, de tanto um olhar para a cara do outro com cara-de-pau, o cinismo vai ter que virar indiferença.

87. A MATÉRIA é escura: tanto em nosso caso como para os cosmólogos e físicos. $\frac{2}{3}$ da matéria que os físicos supõem no Universo é matéria escura, indiferenciada, contra $\frac{1}{3}$ de matéria, propriamente dita, sendo que este $\frac{1}{3}$ de matéria tem apenas 4% constituídos de matéria chamada bariônica, esta matéria cotidiana que conhecemos por aí: 4% de $\frac{1}{3}$! Precisamos também pensar na massiva superioridade quantitativa dos alelos recalcados e anti-alelos jamais trazidos à consciência, mas que nem por isso estão deixando, agoraqui e sempre, de intervir na sobredeterminação de nossas vidas. A matéria aqui também é escura, não esqueçam disso.

22/JUN

88. Feliz é a cobra: que pode comer o próprio rabo.

89. Meu retorno à Universidade, depois de alguns anos de obstrução, se deve à minha insistência, senão impertinência e inconveniência, de continuar, sempreque possível, a jogar com a ironia de Lacan, de preferência no lugar adequado. “*With my tongue in my cheek*” como dizia Marcel Duchamp num trabalho seu muito conhecido. Como de há muito sobejamente se sabe, a psicanálise é incompatível com o academicismo (universitário ou qualquer outro). Lacan – que era um cínico fantasiado de burguês, donde aquela sua aparência grotesca de palhaço moderno – resolveu meter a psicanálise dentro da Universidade, isto é, decidiu metê-la dentro de uma camisa de força de onde ela não mais pudesse sair, mas também onde não mais pôde se mexer. Sua ironia maior descendia de sua concepção, aceitêmo-la ou não, dos Discursos fundamentais, dentro dos quais só faltava a um deles, justamente o chamado por ele de Universitário, ocupar-se institucionalmente com a psicanálise. Quanto a mim, como não tenho mais (eu, assim como alguns poucos outros) obrigações com a disciplina acadêmica, comigo a psicanálise pode se mexer à vontade, e pode até mesmo gozar. O que faz com que minha presença no mais significativo

Campus Universitário desta cidade possa acaso funcionar como esse brincar de cabra cega com a ironia de Lacan: entre a *Gay Science* – que a psicanálise é – e seu travesti intelectual trancado no armário disciplinar do academicismo oficial. Talvez assim se possa conseguir fazer notar, a bem servi-los, uma zona de indiscernibilidade para aqueles que, dentro ou fora do camisa, acaso estejam se debatendo, com maior ou menor contenção, no mais-mole ou mais-duro de suas respectivas situações.

90. Para aqueles que não acompanharam o primeiro semestre, faço um pequeno resumo de nosso percurso deste ano até aqui. O título geral foi **Psicanálise: Arreligião**. Isto não quer dizer que fiquemos presos a este título. A idéia de Falatório, que incluí depois de vários anos de Seminário, é justamente para me deixar à vontade de funcionar no aleatório da minha intenção. Contudo, nestes momentos obscuros, medíocres, retrogressivos, de retorno a certas formas primorosas de estupidez, sobretudo no nível religioso, me pareceu importante tomar este tema para melhor situar a psicanálise tanto como herdeira legítima do que pode substituir (em banimento) as formas religiosas disponíveis, como, ao mesmo tempo, algo absolutamente defastado dessas formações religiosas. Daí a ambigüidade do termo **Arreligião** em uma palavra só. Talvez a psicanálise, tal como constituída e tal como nasceu, possa oferecer, sem as pieguices conteudísticas das religiões disponíveis, a mesma força de permanência e de insistência sobre o mundo. Eis por que tenho que abordar diversos temas na tentativa de mostrar isso.

Como o desenvolvimento do que lhes trago é um tanto aleatório e fragmentário, ao final do semestre passado desembocamos numa questão que está preocupando inúmeros pensadores e que é candente para os tempos atuais: **o Cinismo Contemporâneo**. Com frequência, o que se observa é um movimento retrogressivo de fuga para o passado, no sentido de crenças e credices, mais ou menos organizado em formações religiosas. Ou senão uma postura nomeada de cínica para a época contemporânea, que não preciso definir aqui porque já está trabalhada em diversos autores e textos, e mesmo na dimensão mais simplória da discussão acadêmica.

O Cinismo, esse descaramento, essa desfaçatez, essa cara-de-pau que funciona no mundo contemporâneo desde os níveis mais elevados até os mais baixos, e que se evidencia com muita clareza, sobretudo, no campo da política, mormente da política internacional, em sua mistura indefectível com o funcionamento contemporâneo do Capitalismo. Considerando esta questão, sobretudo a partir do trabalho atualmente muito conhecido de Peter Sloterdijk intitulado *Crítica da Razão Cínica*, originalmente publicado em 1983 e ainda não traduzido ao português, mas também fazendo correlações com outros autores, terminei o semestre com a seguinte pergunta que endereçava de modo outro a questão: não será o Cinismo contemporâneo, assim disseminado, um **Creodo** – ou seja, um caminho necessário, inarredável – para o atingimento, que suponho estar por vir, de um novo momento que chamo, em textos já bem antigos, de **Quarto Império**? Isto, junto com o falecimento contemporâneo do **Terceiro Império** (que chamei Império d’Ofilho)? Falecimento este em franco desenvolvimento, apesar de (e sobretudo) indiciado por esta recrudescência de movimentos retrô? Aliás, é o canto dos cisnes: em vinte anos teremos a noção desse esfacelamento. Nossa questão, portanto, é: na passagem entre o desfalecimento do Terceiro Império e a emergência sub-reptícia do **Quarto Império**, há necessidade de passar pelo que está sendo chamado de Cinismo contemporâneo para poder vir a produzir este novo tempo?

91. Cinismo não é xingamento. O termo “cínico”, como se sabe, nomeia certo momento da filosofia grega, daqueles filósofos que, sob a chefia de Diógenes, eram chamados de cães (daí a palavra cinismo). Sloterdijk, autor de língua alemã, escreveu esse grosso volume para mostrar e descrever, aliás com bastante eficácia, o Cinismo contemporâneo em todas as suas áreas: no pensamento, na política, na economia, na religião, no conhecimento, na sociedade. Leiam-no, pois talvez seja uma das poucas pessoas que atualmente estejam realmente tentando pensar alguma coisa. A tese que apresenta pareceu a muitos de extrema importância: contra o cinismo ou descaramento barato da contemporaneidade, a saída seria retornar ao Cinismo em sua formação primitiva, ou seja, ao Cinismo grego e ao pensamento de Diógenes e seus

seguidores. Ele faz a tentativa de estabelecer a diferença entre o Cinismo antigo que, em sua língua, chama de *Kynismus*, para remontar ao termo grego, e o *Cinismo*, que corresponderia a este momento contemporâneo. No caso dos tradutores franceses e de outros textos, entre eles alguns comentários em português, usou-se *Cinismo* para designar o cinismo grego (a escola filosófica) e *cinismo* para designar o Cinismo contemporâneo.

92. Quero lembrá-los de que o que digo aqui só funciona plenamente sobre um fundo de leitura. Vou propor uma série de livros aos quais podem se remeter para entendimento do que está sendo colocado. Denis DIDEROT. *Le Neveu de Rameau* [1762]. (Paris: Livre de Poche, 2001, 157p); Stefan ZWEIG. *Joseph Fouché. Retrato de um Homem Político* [1929]. (Rio de Janeiro: Record, 1999, 303p); Michel HOUELLEBECQ. *Les Particules Élémentaires* [1998]. (Paris: J'ai Lu, 2001, 317p); R. BRACHT BRANHAM e Marie-Odile GOULET-CAZÉ. *The Cynics: The Cynic Movement in Antiquity and its Legacy*. (Berkeley: University of California Press, 1996, 456p), especialmente o artigo de Heinrich NIEHUES-PRÖBSTING. *The Modern Reception of Cynicism: Diogenes in the Enlightenment* (pp. 329-365); MD MAGNO. *Aos Cães e aos Porcos* (seção do Seminário *Acesso à Lida de Fi-Menina*. Edição do CFRJ, 1980); VÁRIOS. *Les Cyniques Grecs: Lettres de Diogène et Cratès*. (Paris: Babel, 1998, 130p); Léonce PAQUET (org.). *Les Cyniques Grecs: Fragments et Témoignages*. (Paris: Livre de Poche, 1990, 352p); Jacyntho LINS BRANDÃO. *A Poética do Hipocentauro: Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata*. (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001, 302p); Raoul VANEIGEM. *The Movement of the Free Spirit*. (New York: Zone Books, 1994, 302p); Ricardo GOLDENBERG. *No Círculo do Cínico ou Caro Lacan, por que negar a psicanálise aos canalhas?* (Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002, 110p). Neste livro a psicanálise pode aparecer, também ela, como pura ideologia. Não deixem de lê-lo, pois terão muito a aprender com ele: pelo menos a declaração de falência de certa psicanálise na mais tola formação sintomática. Com o mesmíssimo sentido, leiam também: Maria Rita KEHL. *Sobre Ética e Psicanálise*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 203p). Não tenho

nenhuma animosidade pessoal contra estes dois autores, apenas marcação de diferença explícita.

93. Como sabem, Diógenes é uma figura explosiva no pensamento grego por ser o inventor da cara-de-pau, do descaramento filosófico. Se quiserem me permitir um pouco de linguagem técnica, é o inventor do “foda-se!” no campo da filosofia. Ou seja, ele pretendia desarmar, desmontar os aparelhos bem comportados da filosofia, do Estado, da política, etc., simplesmente ironizando, achincalhando todos os seus procedimentos. Ele morava numa barrica no meio da rua, onde ficava mais ou menos nu: só tinha uma manta para se cobrir, uma bolsa de duas faces (que em francês chama-se *besace*) e um cajado. Tomava sol masturbando-se em praça pública, defecando na beira da rua. Enfim, vivia uma vida solta, como um cão, daí chamarem-no de cínico. Quando o garotão Alexandre, o Grande, que o achava o máximo, tomou sua cidade, chegou diante dele e disse: “Tenho a maior admiração por você. Vim aqui para dizer que sou o Imperador do Mundo e você pode me pedir o que quiser”. Diógenes respondeu: “Você não tem nada para me dar! Saia da minha frente, pois está me tirando o sol e me fazendo sombra!” Dizem que Alexandre ficou tão chateado que, depois, lhe mandou um cesto cheio de ossos para chamá-lo de cão. Quando Diógenes recebeu o emissário de Alexandre, disse: “Realmente, isso é uma boa comida para cães, mas não é presente digno de um rei”.

Por outro lado, Diógenes implicava com Platão, esse filósofo bem pensante que teve a maior importância na formação do Ocidente, sobretudo na produção do pensamento cristão (coisa grave), mas com seu jeito certinho um pouco incapaz de saber rir dos acontecimentos irônicos do mundo. Diógenes sempre provocando Platão e este tentando sempre responder a ele: uma briga entre, digamos, o filósofo oficial e o filósofo marginal. Certa vez perguntaram a Platão o que achava de Diógenes e ele disse “Diógenes é Sócrates louco”, isto é, em estado de loucura, o que se diz em grego: Sócrates *mainómenos*. Assim, Diógenes é Sócrates *mainómenos*, enlouquecido. Mas quero tomar esta frase de Platão para justamente equivococar a relação entre Sócrates e Diógenes e dizer que “**Diógenes é Sócrates mais-ou-menos**”, do mesmo

jeito que podemos dizer que **“Sócrates também era Diógenes mais-ou-menos”**. Faço isto porque, na perspectiva de hoje, é possível desafiar qualquer um a traçar fronteira entre *Kynismus* e cinismo. Ou seja, estou contestando justamente a intenção de Sloterdijk que, com todo o brilho de seu trabalho, não consegue traçar distinção entre os dois. Por isso digo que, se formos fazer a comparação completamente fora do estado de espírito de Platão, vamos dizer que um é o outro mais-ou-menos.

94. Por que tratar dos Cínicos neste Falatório que tem por tema mais freqüente **Arreligião**? Porque coloquei há tempo que **o estatuto da psicanálise é místico** e justo isto me conduz, por associação, à Arreligião. Ora, o que há de comum a Místicos (vide a Tebaida), Cínicos, Estóicos, Epicuristas, Iluministas, Céticos também e talvez muitos outros, não é senão o distanciamento do mundo e seu tratamento segundo algum tipo de indiferença. Eis a razão para a questão do Cinismo estar sendo tratada aqui.

95. Uma vez então que se tocou no problema do Cinismo, começaram a aparecer, no campo da filosofia e espantosamente no campo da psicanálise, inúmeros livros abordando o tema. Como Sloterdijk fez distinção entre o cinismo antigo e o cinismo moderno (chamemos assim o cinismo contemporâneo, talvez melhor dito pós-moderno), as pessoas ficaram com a impressão de que deveriam abominar o Cinismo contemporâneo em prol do Cinismo antigo ou de outra coisa qualquer. Assim, era preciso denunciar a gravidade do Cinismo contemporâneo – e é justamente esse tom que encontramos em alguns livros, que me parecem bobinhos, de psicanalistas brasileiros e outros, franceses, etc., que continuam a bater nessa tecla que até hoje não serviu para coisíssima alguma, e que retorna sempre ao mesmo lugar.

Contudo, façamos uma pergunta séria a respeito disso: qual será **o maior dos Cinismos**? Não serão (certos) psicanalistas os maiores cínicos de todos (no sentido desse difuso cinismo contemporâneo)? Como, sabendo muito bem que a proposta dos cínicos tem fundamentação garantida pela própria

psicanálise – vejam que fiz questão de não colocá-la na lista dos que se incluem no afastamento, embora possamos dizer que a força cínica fundamental do século XIX (e seu final) e do século XX foi a força freudiana: talvez Freud tenha sido o cínico mais importante da contemporaneidade –, ainda insistem em fingir que não sabem disto para falarem em “ética”, como se, para além de qualquer consenso (sempre local), isto fosse um universal facilmente reconhecível?

Ouvimos coisas espantosas a este respeito. Apenas para estabelecer algumas pequenas diferenças, tenho aqui uma frase de alguém bastante conhecido, Jurandir Freyre: “Se subordinarmos os valores aos interesses, temos como consequência o cinismo” – não acho que esta seja uma boa definição de cinismo, nem no sentido antigo nem no moderno, pois a submissão dos valores aos interesses chama-se...: interesse –, “a violência, o vandalismo e a destruição de qualquer ordem social”. Mas justamente, caríssimo carapálida (o índio aqui sou eu), onde e quando foi que os valores não foram absolutamente subordinados ao puro interesse?! – pelo menos segundo a visão (cínica) da psicanálise. A diferença, hoje, é que, desde Freud, **sabe-se disso com clareza**. Por exemplo: não há amor que não seja narcísico, isto é, interesseiro, segundo o modelo do “amor próprio”, hoje mais comumente chamado de auto-estima pelos livrecos de auto-ajuda. Assim, a questão posta à psicanálise é, de fato: o que se pode fazer, e como fazer, uma vez que **se sabe disso**? A colocação de Jurandir não é de cepa psicanalítica, mas partidária, talvez de esquerda, onde moram aqueles que ‘amam’ o... povo. Certamente de maneira não narcísica...

96. Por que ninguém quer ousar explicar a “servidão voluntária” (La Boétie) pela Transferência (conceito da psicanálise), o que de fato é quase uma evidência? Não é do famoso Sujeito Suposto Saber – que substituo pela **Formação Suposta Poder** (dar conta do transferido), ou melhor, a **Formação Suposta Gozar** (ou mais-gozar) – que Lacan tira o dito “poder do analista”? E qual é o ‘direito do analista’ diante do analisando?: o de manipular a transferência do analisando – e com qual finalidade? O direito do analista, dado que há

transferência, é precisamente de manipular a transferência do analisando. Portanto, acabemos com estes termos tabus que negam esta operação básica: **manipular** (que significa mexer e reorganizar). Devemos verificar se os positivistas finalmente não têm sempre razão em afirmar que “**as coisas são o que elas são**”. Pois, em última instância, é **como se** que as coisas são (como são aliás).

97. Sloterdijk aconselha que, contra o difuso cinismo contemporâneo, só mesmo o Cinismo (Kinismo ou Canismo antigo). Mas prefiro afirmar que, contra o tal cinismo difuso contemporâneo, só mesmo ficar absolutamente a favor da expressão de todo e qualquer cinismo. Para que assim ele deixe de ser meramente “difuso” e passe a ser **evidente e assumido**.

Sei que é duro... sei que é difícil... sei que é chocante..., mas é o que estou anunciando. Faço a suposição de que há este Caminho obrigatório a atravessar, por isso estão correndo para trás, pois há algo extremamente difícil no horizonte, que, no entanto, é um lugar para onde há que ir, visto que o que há para trás não serve mais, ainda que seja o ponto para onde as pessoas estejam correndo com medo do que está por vir. E no meio deste caminho há um cinismo difuso, envergonhado, que é a noção mesma de descaramento. Estou pedindo que se achesse com coragem o cinismo descarado. Estou pedindo um cinismo descaradamente assumido: de tal modo aparecem as contradições e contraposições do mundo contemporâneo, que não é possível, no confronto, não se assumir afinal uma atitude cínica diante da intenção de afirmatividade de qualquer destas formações. A intenção de afirmatividade de qualquer formação impositiva só pode causar cinismo, seja o cinismo enrustido, seja um cinismo descaradamente aparecido. Não vai ser possível ‘tapar o sol com a peneira’, não vai dar para fingir que não se deve ser cínico, porque este cinismo não nasce da postura de mau-caráter ou de menos-valia de ninguém, mas nasce do confronto puro e simples das Formações, em que, elas, se denunciam reciprocamente.

Assim, para chegarmos, quem sabe, a uma posição indiferenciante no futuro, é preciso atravessar este momento em que ainda se supõe que se possa ser cínico como encobrimento das formações e de seu cinismo fundamental; ou, como quer Sloterdijk, como desafio das formações que são de um cinismo menor. Não há a menor condição de se estabelecer alguma fronteira entre estes dois cinismos, como sonha este autor. E se o lerem com cuidado, verão que ele mesmo mostra, quando resvala, que isto não é possível e que não conseguiu fazer essa distinção.

Além do mais, a questão mais importante não está na distinção entre **Velhos Cínicos** (cínicos clássicos) e **Novos Cínicos** (cínicos modernos ou mesmo pós-modernos), ou entre **Kínicos** e **Cínicos**. Está, sim, na pergunta que podemos insistir em fazer: por que, apesar do suposto Kinismo, o Cinismo sempre retorna (em maioria e com maior poder do que o Kinismo) de modo a não podermos mais, bem feitos todos os cálculos possíveis, reconhecer quem é Kínico e quem é Cínico? Assim, a questão a ser levantada é a razão da estúpida suposição de cada suposto Kínico em relação a cada suposto Cínico. A suposição de que ele, o Kínico, pode argüir e tentar substituir cada Cínico sem recair no mesmo ato e na própria posição de Cínico que ele denuncia. Quando alguém, com sua *Aufklärung* bem constituída, tenta tirar o véu da ignorância ou da má-vontade de terceiros, produz a mesma coisa. Quando o próprio Diógenes – que é uma figura tão querida quanto a de Sócrates ou a de Platão – toma a atitude de invectivar cada formação a cada momento, baseado em quê tem ele a possibilidade de (desculpem outro termo técnico) cagar regra na cabeça dos outros sem cair no mesmo lugar em que estão? É a questão que Platão lhe colocava, quando este o invectivava: “Como ousa pensar que, ao fazer isso, você não está recaindo no mesmo lugar?” Isto que estou repetindo, Platão já pensara.

Se a situação está cínica, no sentido genérico, melhor do que contra ela assumir uma posição de grande Cínico, que nela recairia necessariamente por falta de fronteira e por arrogância, é fazer com que se desavergonha de uma vez por todas o Cinismo contemporâneo. Isto porque, segundo minha

tese, no que a refrega dos Cinismos funcionar, a **indiferenciação** vai ter que comparecer.

A denúncia que me parece realmente capaz de sustentar a vigilância, isto é, a suspensão e a suspeição, é aquela trazida com vigor e visão adequados apenasmente (em toda a história da humanidade) pela psicanálise: **a denúncia de que simplesmente Há Cinismo**. Portanto a denúncia não é de que alguns homens são canídios, mas é a de que **os Humanos são Cães e são Porcos**. É assim e não precisamos ficar tristes: não vejo porque não possamos ‘amar’ os Cães e os Porcos, pois afinal é o que mais acontece. Justo porque o tal Amor (este do Terceiro Império, sobretudo aquele que o Cristianismo pegou para sua grande tese) é só isto: a possibilidade, entre outras coisas, de nos vincularmos, mais ou menos fortemente, tanto a Cães quanto a Porcos. O chato da psicanálise é que ela diz coisas como estas...

Os **Velhos Cínicos** são **moralistas** (e não imoralistas ou amoralistas como alguns os nomeiam, conforme certa mania na história da filosofia): basta que reconheçamos que eles querem **determinar** (despejar regras sobre) os outros. Quanto à nossa **novamente**, sei um pouco como os homens **são**; sei um pouco como os humanos **podem ser** (do ponto de vista dos seus **poderes** ou de suas **possibilidades**, sobretudo no que diz respeito à sua referência à HiperDeterminação); mas não sei o que os homens **devem ser**. Há sim uma ética da **novamente** (digamos, da psicanálise), mas para aqueles que demandam por ela segundo seu Desejo (de não-Haver). Para aqueles que não fazem tal demanda (essa espécie de desejo de que os lacanianos falam já foi para o brejo, virou pura demanda, segundo o sentido deles, mesmo quando é nomeado desejo), ela pode estar disponível, mas não obrigatória (nada obriga) – mesmo porque jamais saberemos se os que não fazem esta demanda por ela, por essa ética que a psicanálise pode apontar, são ou não são efetivamente IdioFormações.

98. Quero, então, falar da **Política** que podemos preconizar. Uso este termo – Política – porque já sabemos, e já me esforcei em mostrar que toda e qualquer ética é balela, pois tudo que chamam assim não é senão certa política que não diz

seu nome. Está, aliás, na moda neste Cinismo que podemos fazer revelar-se cada vez mais, dizer: “Isto não é ético!” Carapálida, não é ético segundo o interesse de quem? Só se for o tal *interesse* que o outro carapálida queria desfazer do mundo – o que deve ser alguma herança kantiana ‘braba’, que defende que as pessoas não devem ter “interesses”, pois isto é muito feio. A psicanálise veio dizer o contrário: não se mexe um dedo que não seja interesseiramente. Então vamos aprender a lidar com isto. É só o que há a fazer. Então, há uma política por trás: a política de armar em favor do interesse de alguém. Mas como se insiste em que “não é ético”, precisamos repetir que esta frase não faz o menor sentido – não é ético para quem? segundo que ética? segundo que política? segundo que interesse? –, mas apenas acusa alguém de não estar fazendo alguma coisa que outro alguém quer que seja feita. E, na verdade, é só uma maneira de obnubilar as tensões políticas do mundo.

A Política da novamente é a de aviar políticas possíveis (e/ou supostamente necessárias em cada momento) – e não a de tornar-se a própria psicanálise uma dessas políticas, e muito menos A Política exigível. Pois a psicanálise é indiferente a este aspecto político. Encontraremos quilos de artigos, sobretudo de franceses, sobre a questão da indiferença em matéria de política. Geralmente são artigos comprometidos politicamente com alguma facção. Só isto.

99. A Humanidade é BREGA (Brega Rica ou Brega Pobre). À espera do **Pós-Humano**, mas sem falar em super-homem porque estas coisas nietzscheanas ficaram engraçadas demais diante do Cinismo generalizado. A NOVA ESPÉCIE vai surgir segundo o modelo evolucionista – não necessariamente conforme o desenho darwiniano, o qual tem a ver com a breguice da animalidade –, vai sim aparecer segundo a pressão da HiperDeterminação. Quero sonhar que, para depois do **Creodo do Cinismo**, há possibilidade de a espécie se transubstanciar em referência à HiperDeterminação (para onde, não faço a menor idéia) e sua pressão sobre os próprios humanos, com o surgimento de uma nova IdioFormação, não humana, mas descendente legítima da humanidade (neo-biótica ou robótica, tanto faz).

O Velho Racismo é absolutamente idiota (em todos os sentidos do termo), na medida em que quer valorizar diferenças no seio mesmo de uma espécie na verdade indiferenciável, dada sua emergência segundo o Artifício Espontâneo, segundo um modelo, também ele espontâneo, da diferença sexual. É o velho racismo das aparências ou, como diria Freud, narcisismo das pequenas diferenças, na verdade internas. O Novo Racismo (não pensem que isso vai acabar) que inarredavelmente já começou a surgir (no seio mesmo da Espécie Humana – o que se pode facilmente verificar em seus primeiros sintomas, como, por exemplo, a anatematização, por humanos, da clonagem humana) será exercido entre a Raça Humana e a Raça Pós-Humana. A Nova Raça está, na verdade, podendo exibir sua diferença radical para com a anterior, explicitável em sua emergência (biótica ou robótica) por sua Artificialidade Radical e Industrial – e em suas imediatas conseqüências como, por exemplo, a Indiferença Sexual. É o novo racismo, já que o velho racismo se exerce internamente à Raça Humana, onde as pessoas não estão suportando a emergência da Indiferença Sexual.

• P – *Todo o Humanismo é um imenso Racismo contra a IdioFormação.*

A história do Humanismo é a história de um Racismo que não se havia descoberto, ainda... A Nova Raça é, na verdade, a franca realização da Velha Raça enquanto HiperDeterminada, enquanto IdioFormação, para além de sua casual emergência espontânea no seio da humanidade enquanto malformação (não são apenas os fetos tronchos que são malformados).

100. Se é verdade, como queria Nietzsche, que Deus estava morto, agora sim Ele tem condições de efetiva Ressurreição. Pois Deus estava morto, não em cima de nenhuma Cruz, gamada ou não, mas enquanto por longo tempo impotente para fazer adequar-se seu macaco espontâneo com sua espontânea HiperDeterminação – e sua Ressurreição se esboça agora na incipiente possibilidade de produção Industrial dessa nova IdioFormação (adequável à HiperDeterminação). Mediante a travessia do Cinismo, tal Ressurreição nada tem a ver, muito pelo contrário, com as recrudescências retrô das religiões mais ou menos bregas disponíveis desde a Era Axiológica Anterior ou mesmo desde antes dela. Pois ao que estamos assistindo, mesmo ainda sem a vermos

claramente, é a emergência, ainda quase silenciosa e obscura, de uma **Nova Era Axial** – uma outra axiologia. E se não gostarmos deste nome, que inventemos outro melhor.

101. O Artifício Espontâneo, isto que chamamos de Natureza, é bastante resistente, e portanto facilmente sobrevivente, justamente por sua espontaneidade, mas também justo por isso é brega e excessivamente limitado, o que se pode verificar nas estúpidas limitações da sexualidade, tanto do ponto de vista reprodutivo quanto do ponto de vista erótico (coisa que qualquer biólogo hoje sabe). Já o Artifício Industrial, criado pelos humanos enquanto HiperDeterminados – isto é, enquanto vetorizados no sentido do Pós-Humano –, necessitará de algum tempo para se tornar tão resistente quanto, além de anti-brega por excelência.

102. Todas as Revoluções fracassaram. Não que tenham fracassado enquanto específicas, mas sim enquanto pretensas Revoluções. Não há nem nunca houve a mínima Possibilidade de Revolução (com sucesso, para sermos redundantes) – simplesmente porque nenhuma suposta Revolução pode encontrar terreno adequado para sua realização, isto é, não tendo havido antes dela e no sentido dela nenhuma adequada Evolução. Só há CAMINHO (no sentido do desenvolvimento do Creodo Antrópico, pois não há outro) segundo a Espontaneidade Evolutiva (que não é necessariamente darwinista) – a qual podemos farejar, mas não podemos volitivamente inventar. Onde, de fato, toda Revolução acabar em Devolução. Assim, o Capitalismo só será vencido pela própria Evolução do Capitalismo, e não por nenhuma Revolução Socialista. Dizer isto é (não uma tomada de partido, pois para mim tanto faz, mas) a simples verificação do Caminho. Deste modo, não será necessária nenhuma Revolução Biológica, pois a própria Evolução Biótica em curso – enquanto Evolução do Artifício Industrial – fará surgir (queiramos ou não, já está fazendo surgir) a Nova Espécie Humana. Paremos de denegar isto. Assim, os que falam com maior ou menor veemência a respeito disto, como faço agoraqui, não estão propugnando por nenhuma Revolução, mas apenas advertindo sobre a iminente

emergência dessa Evolução: o que pode ser de ajuda para o que será necessariamente **uma sofrida adaptação**.

Nessa (sofrida) adaptação poderemos encontrar dois tipos de humanos adaptados: 1) aqueles que continuam sempre os mesmos, mas passam a tolerar a existência da Nova Raça, e 2) aqueles que se esforçarão para funcionar na maior proximidade possível da Nova Raça, apesar de suas próprias taras genéticas (eis a dificuldade). Espero não ter doído muito. Muito obrigado.

15/AGO

103. E o que tem a ver qualquer Cinismo com ILUMINURAS, LUMINESCÊNCIAS, LUMINOSIDADES, ILUSTRAÇÕES, ILUMINADOS, LUMINÁRIAS, quantas LUZES mais? Um grande iluminador ou luminar na hora de sua morte gritava: *Mehr Licht!* (Mais Luz!). Chamava-se Goethe. Afinal de contas, precisamos ou não precisamos das luzes? Do que se trata, mais luz ou menos luz? No escuro não enxergamos. Se a visão for boa metáfora para algum entendimento, quer me parecer que precisamos de mais luz. Que tipo de Iluminação é necessária para não se escapar da sombra (sempre presente)? Certas correlações foram feitas entre Cinismo e Iluminismo, na medida em que o Cinismo, em sua origem, denuncia o que se oculta por trás dos interesses de alguns (supostamente os poderosos). Ora, o que foi chamado de Ilustração ou Iluminismo procurou também, numa suposta revolução dos tempos, esclarecer de modo a desobnubilar certas regiões (religiosas e outras), cujo obscurantismo parecia atrapalhar os desenvolvimentos do mundo. Mas tanto Cínicos quanto Iluministas, em sua origem forte, tinham a grande pretensão de estar trazendo à luz a Verdade, sabe-se lá qual. Havia a intenção de, contra algumas posições em vigor, esclarecer de modo a desvelar a verdade que se ocultava por trás de alguma mentira ou falcatrua, mesmo que fosse intelectual.

Isso resultou numa série grande de produções. Hoje seria interessante se pudéssemos fazer um *workshop* com vários personagens históricos

e literários, colocando-os para conversar. Como seriam, por exemplo, as Iluminações de personagens como Cândido, aquela gracinha, tão bobinha e otimista que todos conhecem? É claro que Voltaire não pensava assim, apenas concebeu isto em resposta à bobice de Jean-Jacques Rousseau, outra figura tão ingênua e otimista, que levava ferro ao lidar desse modo com as pessoas. O que estaria querendo esclarecer Voltaire quando produz um texto como esse, a partir, naturalmente, de outro personagem desse tipo, que deveria estar presente neste *workshop*, que se chama Emílio? Rousseau achava que a humanidade era uma coisa muito interessante, que as pessoas eram boas e, se a sociedade não as estragasse, seriam maravilhosas. Pensa-se isso até hoje no campo da chamada pedagogia nas universidades: educando-as, as pessoas ficam maravilhosas. Esse é o Emílio educável, desde que dentro de uma vigilância quase violenta, se não, faria bobagem, como, por exemplo, se masturbar quando ninguém estivesse olhando, debaixo dos lençóis à noite. Rousseau sofria dessas aflições, sobretudo quando foi preceptor de um garoto e ficava a noite inteira preocupado em saber se ele estava se masturbando. Que interesses tinha ele nisso? Emílio é, portanto, a resultante dessa mentalidade pedagógica segundo a qual as pessoas, com boa educação, podem ficar ótimas. Isto, também no sentido de um esclarecimento, pois é a falta de Iluminação que faz com que as pessoas não sejam de boa cepa.

O próprio Voltaire que, com seu pessimismo, contestava o otimismo de Rousseau, também pensava que estava esclarecendo a respeito disso e produzindo algo de bom com tal Iluminação. No mesmo momento em que ele critica Rousseau e faz este esclarecimento, está dizendo que com isso as pessoas acabarão se educando e ficando melhores. Melhores como e em que sentido? Citei na bibliografia um texto de Diderot chamado *Le Neveu de Rameau* (O Sobrinho de Rameau), que também faz parte dessa mentalidade enciclopédica. Aliás, quando estou falando de Iluminação ou Iluminismo não estou necessariamente querendo situar aquele momento e aqueles autores chamados iluministas. Isso se espalha pela história. Embora esse período tenha se chamado assim, a vontade de iluminação é algo que percorre muitos outros períodos.

Esse sobrinho de Rameau, que terá sido um personagem verdadeiro naquele momento, era um descarado completo em função de sua vontade de se aproveitar dos outros, mostrando, com sua bem construída cara-de-pau, que as chamadas virtudes não costumam funcionar muito bem, bastando olhar para os virtuosos para ver que são uns hipócritas e que, portanto, há cinismo daquele lado também. Com isso, ele começa a se aproveitar de todas as chances de tirar alguma coisa desse tipo de gente. É um texto interessante no sentido em que desenha o cinismo desse momento, de modo bem compatível com a idéia denunciatória e mesmo satírica que fundamenta todo o cinismo. Nesse texto há uma conversa entre o filósofo, situado do lado de Diderot, e o sobrinho de Rameau. Quando este último comenta as oportunidades de golpes e falcatuas que está perdendo de dar no mundo, diz Diderot, em nome do filósofo do texto, que ficou entre duas situações opostas: que não sabia se explodia de rir ou se explodia de ódio e raiva de estar insultado com aquela coisa horrorosa que estava sendo dita. Em resposta o personagem diz que, diante dessa dúvida, explodia de rir, pois aquilo era muito engraçado, ao mesmo tempo que, quando ficava em extremo ódio, explodia de rir.

104. Quero chamar atenção para o que está fazendo a psicanálise dentro do mundo e para o que ela serve. Isto, na medida em que começamos a ver, em função de ideologemas em movimento e exercício, que parece que ela não serve para coisa alguma, não conseguindo afetar nem mesmo os analistas. O que Freud trouxe de começo, com sua posição nitidamente cínica, quisesse ele ou não, é que, na medida em que se começa a deixar transparecer e esclarecer (se quiserem) o que quer que compareça, qualquer coisa que se apresente é denunciável como sendo um movimento deslizante do chamado Inconsciente, sem que seja acusação do outro como cínico ou hipócrita. Fica, então, muito esquisito verificarmos que, apesar da força de esclarecimento para qualquer lado que a psicanálise trouxe, os ideologemas presentes são sempre mais fortes. De maneira que inclusive os próprios psicanalistas, ao invés de se referenciar a isto, se referenciam aos ideologemas que estão na moda.

105. Naquele momento histórico esquecemo-nos também de um grande iluminista e iluminador que é o “divino” Marquês... o de Sade, tão pedagogo quanto os outros três (Voltaire, Rousseau e Diderot), seja com seu *Le Gay Saber dans le Foutoir* (que seria um novo título para o famoso *La Philosophie dans le Boudoir*) ou simplesmente com alguma Justine de aprendiz de suas idéias seviciosas porque denunciadoras. Esquecemos disso dada a dificuldade que têm as pessoas, psicanalistas inclusive, de colocar o Marquês de Sade em seu devido lugar de Iluminação. Em *Kant com Sade* (em português fica melhor, porque ambíguo), Lacan chega a dizer, diante da afirmação de que Sade prenuncia a psicanálise ou Freud (senão em nada, pelo menos na listagem das perversões), que isso é uma asneira completa, que o Marquês de Sade não teria nenhuma relação com Freud. Mas fico sem saber onde fica a asneira maior... É claro que o Marquês de Sade tem (absolutamente) tudo a ver com Freud, não por fazer listas de perversões, e sim porque faz um esclarecimento literário da melhor qualidade a respeito das fantasias e suas truculências. Pelo menos isto devia ser ressaltado quanto à obra do Marquês.

106. O que seriam as Iluminações ou que tipo de Iluminismo praticara um Rimbaud, que ninguém lê mais (*Une Saison en Enfer*, 1873)? Que tipo de Iluminismo seria o *Homem sem Qualidades* (1930), de Musil, que consegue, ao passar a limpo toda uma época, abstrair a pregnância das formações sintomáticas? Há alguém mais recente que citei, o personagem de Houellebecq chamado Djerzinski, no livro *Les Particules Élémentaires* (1998). A biografia elogiosa deste personagem é feita por um tal de Hubczejak, que se diz no texto à procura de um novo paradigma, mas também de outra coisa: não apenas uma outra maneira de visualizar o mundo, como também outra maneira de se situar em relação a ele. Trata-se da tentativa desse tipo de Cinismo ou Iluminismo (como quiserem) contemporâneo: se não houver um novo olhar sobre o mundo, vai ficar difícil negociar com ele segundo as velhas articulações. E não podemos esquecer de um texto absolutamente Cínico, porque absolutamente Iluminista, a respeito de nós outros, que é *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade: o Herói sem Nenhum Caráter. As tendências de esquerda tentam passar uma

certa água sanitária em *Macunaíma* dizendo que talvez deva ser uma vontade socialista de criar um personagem coletivo. Esta é uma idéia que se desenvolve da crítica literária ao teatro, etc.: o retrato do brasileiro coletivamente. Nada impede de se pensar assim, mas segundo nossa perspectiva pode ser simplesmente o **Homem com'Um** de um futuro que algum Brasil talvez saiba antecipar. Talvez tenhamos neste Brasil mal lido e mal entendido – que um texto como esse, entretanto, procura iluminar – uma espécie de laboratório nesse confronto de coisas tão díspares: um laboratório do **Homem com'Um** que vai ter que existir no futuro. Não cada brasileiro sozinho, nem um personagem coletivo, mas isso que se passa no confronto e na miscigenação de todo tipo (inclusive psicológico) que acontece neste país.

107. Há um outro personagem, dessa vez histórico, também da época dos iluministas e da grande Revolução Francesa (aquele bordel que surgiu no meio da história), descrito por Stefan Zweig num romance chamado *Joseph Fouché: retrato de um homem político* (1929). É aquele que atravessou a Revolução Francesa, a Restauração, sempre se safando das guilhotinas de sua época e permanecendo, pelo menos (muito) vivo e conseguindo cargos e posições importantes em todos esses momentos. A tendência é dizer que ele foi um canalha, um mau caráter. Será que Fouché seria menos cínico que um Robespierre, o Ditador da França? Ou tantos outros daquela revolução calhorda, com seu terrorismo de Estado (este sim, terrorismo do bom)? Terá sido ele mais cínico que Napoleão? Os desenhos que a literatura faz costumam ser mais sérios do que os da história, porque mais freqüentemente os autores não puxam a brasa para nenhuma sardinha, apenas mostram o personagem sem grandes comentários morais. Já a historiografia é algo mais pesado e, quando algum autor fica entre a literatura e a historiografia, como é o exemplo de Zweig, de vez em quando vemos certo moralismo de lançar sobre o personagem uma pecha de mau-caráter, no mínimo de frouxidão moral ou coisas dessa ordem. Mas quando vemos, mesmo no texto de Zweig, este personagem se virar dentro da nojeira da Revolução Francesa, achamos que ele é apenas uma

pessoa muito lúcida. Não sei quem foi seu analista, mas ele realmente entendeu alguma coisa.

Meu interesse, portanto, é distinguir a força de esclarecimento profundo para qualquer lado que tem a psicanálise. Não é da posição do analista enquanto tal tomar partido, como, por exemplo, alguns escritores tomam, ou que se toma em política, na sala de aula, etc. Zweig quer denunciar que aquele homenzinho absolutamente cínico ou absolutamente lúcido, era o caso de dizer, estava sempre se safando das situações em função de manter-se vivo, dentro da situação, em boa posição e, sobretudo, manter-se no poder. O que seria isso? Temos o péssimo hábito de chamar “o Poder” esse Poder constituído sobre um Estado. Mas, de nosso ponto de vista, esse que interessa à psicanálise, “o Poder” é Qualquer Poder, mesmo aquele de permanecer simplesmente vivo, o que é bastante poder. Vemos um sujeito que, por necessidade de manter-se (podem tirar a palavra *vivo*), sempre precisa estar metido em alguma região do poder constituído para não ser destruído por aqueles que lá estão. Então, a denúncia de Zweig chega a ser engraçada, pois não sabemos, igualmente ao filósofo de Diderot, se morremos de rir por achar graça ou se morremos de rir por achar terrível.

O que quer qualquer um senão manter-se no Poder que ele pode manter? O que quer qualquer um de nós? Cada um “escolhe” a região de Poder onde vai atuar (aspas, porque é preciso ter as condições e oportunidades de entrar neste ou naquele Poder). Pode ser que alguém não goste mesmo de ter que lidar com o Poder constituído dentro do Estado, mas em função de nossa simples estada no mundo, o de que se trata é de Poder, mais nada.

É neste ponto que vem o cúmulo do cúmulo do Cinismo, em seu pior sentido possível, de não querermos suportar a idéia de que há a luta perene por algum Poder e escondermos isto, como se alguns estivessem correndo atrás do Poder e outros não, coitadinhos, sem acesso algum e sem essa vontade horrorosa de Poder. Às vezes, o sujeito simplesmente é ignorante de onde ficam as regiões e as fontes de Poder. Talvez mesmo por causa dos poderes maiores de outrem ele não tenha tido nem acesso a essa informação. Só por

isso ele está lutando por poderes lá embaixo, em sua região. E se não for estúpido, estará pouco se lixando para o poder constituído, pois há o poder paralelo que ele pode criar – sobretudo hoje, quando está na cara que as pessoas podem criar poderes paralelos. Bin Laden *dixit*.

A busca de poderes é simplesmente um fato cotidiano de qualquer um de nós. Até o poder de se achar muito fortalecido por renunciar à maioria dos poderes: o poder de renúncia é um grande poder. Não há como retirarmos das intenções de qualquer pessoa essa vontade de poder que mantém. Já estamos longe da quase ingenuidade de Deleuze e dos deleuzianos (se é que é uma ingenuidade) de querer traduzir a Vontade de Poder de Nietzsche por Vontade de Potência, como se não fosse a mesma coisa. Não é necessariamente vontade do poder constituído, mas é vontade de algum poder! Se não se considera isto, a denúncia acaba ficando absolutamente vazia, de um moralismo barato e gratuito. Ou seja, não se trata mais de estar fazendo este tipo de denúncia com exclusão de algum lado. Se ela for feita, tem que ser com inclusão de todos: a denúncia de que há este tipo de organização mental que funciona assim. E, se quisermos alguma melhora ou cura sobre o mundo, é a partir do princípio de que isto não diz respeito somente ao outro, mas que *nós* somos assim. E agora como fazemos para organizar melhor este “assim”?

De nada adianta tomar o riso, de que falava Diderot e todo o Cinismo, como aquela velha frase no sentido moralista do latim: *Ridendo castigat mores*. Produzimos essa piada em cima das coisas, pois pensamos que rindo castigamos os costumes. Mas quem castiga? Com que direito? Baseado em que verdade própria, distintiva e exclusiva? A psicanálise não pode esquecer esse outro lado. Na verdade, esse riso – que possa ser eficaz, de puro levantamento dos obstáculos e tramas do psiquismo – é um riso que se lixa para a moral, caso contrário não chega a ser, como tal, um riso decente, um riso valente. E ele fica para além de toda ambivalência, como a do filósofo diante do sobrinho de Rameau: “Eu o escutava (...) – dizia o filósofo – com a alma agitada por dois movimentos opostos, eu não sabia se me abandonava à vontade de rir, ou a um transporte de indignação. Eu sofria. Vinte vezes uma explosão de riso impediu

minha cólera de explodir; vinte vezes a cólera que subia do fundo do meu coração terminou numa explosão de riso”.

108. Caso a caso, meu caro Diderot, como sempre se verá *ad hoc*. Nossa posição hoje não pode não considerar os acontecimentos um a um, caso a caso e a cada ocasião, é o que chamo de *ad hoc*. E nunca saberemos se estaremos fazendo a coisa certa, sempre teremos que ter a certeza de que acabou acontecendo a coisa que é a resultante vetorial de um conjunto gigantesco de vetores que está em agonística naquele momento. É difícil aceitar isso, pois temos a pretensão de estar dirigindo e organizando o mundo. No entanto, o campo vetorial que está em jogo é sobredeterminante demais. Onde vai dar a resultante disso, mesmo com alguma intervenção de HiperDeterminação?

Isso faz um outro olhar sobre o mundo. Não vamos deixar de buscar planejamento, pois cada um funciona de acordo com sua base sintomática, então há planejamento, interesses, intenções, etc. Mas o juízo disso, no máximo do esclarecimento, vai reconhecer o quê? Nossa vontade de determinação a partir de um ideograma, às vezes muito bem construído, não é algo recente, mas muito velho. Guimarães Rosa diz: “A espécie humana peleja para impor ao latejante mundo um pouco de rotina ou lógica, mas algo ou alguém de tudo faz frincha para rir-se da gente” (“O espelho” in *Primeiras Estórias*, 1962). Mas que rotina ou lógica?

109. Temos na história recente do Ocidente, pelo menos a partir do **Renascimento italiano**, uma vontade de esclarecimento total, no sentido do registro e da demarcação dos fenômenos. No Renascimento foi inventado um dispositivo totalitário de segurança, supostamente absoluto, sobre a visualização do mundo chamado Perspectiva Linear, e a Teoria da Luz e das Sombras. Qualquer coisa, panorama ou objeto que se colocasse diante da “objetiva” da Perspectiva Linear (que se chamava Ponto de Vista) estaria, a partir desse momento da história, submetido de uma vez por todas às regras euclidianas de projeção e

de desenho precisos sobre uma superfície plana. Aquilo foi um orgasmo da cultura ocidental. Uma paixão pela verdade começou a aparecer naquele momento como algo contestatório das idéias religiosas da Idade Média. Nesse sentido, era justamente o Renascimento de um pensamento grecizante e esclarecedor.

Mas essa Perspectiva Linear e essa Teoria das Sombras (em função de um certo ponto de iluminação) eram capazes de colocar muita coisa, do ponto de vista meramente euclidiano, sobre o *quadro* (assim chamado). E o faziam com toda precisão... completamente errada, pois não é assim que vemos, e sim como o olho enxerga. Além disso, quando a iluminação era considerada no sentido da produção das sombras, que também deviam aparecer com muita precisão sobre o quadro, ficava absolutamente claro que toda e qualquer iluminação – uma vez que se considera que tem um ponto de origem – produz sombras terríveis, onde tudo pode se ocultar, inclusive a besteira que, presente do lado iluminado, está escondida nas sombras. E, do mesmo modo, a idéia de “cena”, concepção de teatro compatível com esse tipo de perspectiva, a partir da qual o teatro foi concebido não como o espaço aberto dos gregos, mas com um palco e sua coxia, onde o olhar não tem acesso, com um cenário produzido em função da Perspectiva do Renascimento e com uma iluminação produzida para aquele espetáculo. Havia então esse diálogo entre cena e coxia, tudo que ali se apresentasse como verdadeiro sendo absolutamente determinado pelo que acontecia na coxia. Isto, sem considerar que jamais entenderemos como se dá o espetáculo sem termos acesso ao que se passa na coxia.

110. Vontade de Iluminação que não pode não participar do mesmo Cinismo de qualquer crítica dessa vontade. Afinal de contas, aquele Rei da historinha nem estava nu; devia estar de cueca, meia e sapato, certamente com uma coroa em cima do cocoruto. Ninguém ia enganar todo mundo a ponto de aquele vestido transparente ser total. O Rei nunca está nu. Quem dera! Usei a palavra “Rei” porque tem uma conotação latina interessante: *rex regis* ou *res rei*. A coisa nunca está nua.

111. O Renascimento preferia até mesmo uma iluminação de fonte externa, digamos solar, fazendo de conta que estamos à luz do sol. A maior parte da representação renascentista procura esta noção de luz solar, onde pelo menos os raios luminosos são paralelos, diferentemente de uma fonte de luz local, onde os raios são cônicos. Então, para dar mais clareza e leveza ao quadro, que a luz seja solar. Mas o sol com seus raios supostamente paralelos, mesmo com toda distância que tenha do planeta, também ele faz sombras poderosas. Já o **Barroco** procurava entender que as coisas se passam mesmo é na penumbra – não podemos esquecer que ele é a resultante da Contra-Reforma. A tentativa de Iluminação do Protesto quebrou a cara logo em seguida, tentativa interessante, pois o famoso Lutero funciona na mesma ordem de projeto crítico que toda a história do Cinismo na Filosofia. A Contra-Reforma é justamente uma tentativa de acabar com essa bagunça de Iluminação, pois sempre se conseguiram as coisas na moita e sempre se produziram poderes atrás da sacristia. Igualzinho como está acontecendo agora nos EUA... que não sabiam que os padres comiam os garotinhos... estão horripilados com essa estória descoberta só agora, no início do século XXI, os cândidos americanos.... Só que essa candidez deles é explícita, pois vivem gozando com o Bush, até mesmo em programas de televisão como David Letterman. No entanto, acho que a América nunca teve um presidente tão preciso, tão de acordo... As pessoas estão perdendo a noção das coisas com essa vontade de pureza que está recrudescendo num momento em que devíamos ficar cada vez mais lúcidos. Como criticar que o presidente dos EUA seja o Bush? É perfeito. Como criticar que Paulo Coelho entre para a Academia? É perfeito. Estão criticando o quê? Está tudo certo, não há nada errado.

112. Naquele momento do diálogo, que é quase uma luta corporal, entre Classicismo e Barroco – que voltara a colocar uma fonte de luz para conseguir melhores sombras ou regiões mais sombreadas – aparece uma lucidez radical, para a qual já tenho chamado atenção há décadas (não tem importância, pois ninguém escuta), que é a emergência do **Maneirismo**. Interessante essa

emergência no meio do debate e da esgrima entre o Classicismo e o Barroco, pois o Maneirismo vai denunciar a ambos, procurando a iluminação ambígua e construindo seus quadros até mesmo com uma iluminação de araque. O Maneirismo é, naquele momento, o aparelho cínico e crítico, por excelência, contra essas duas vontades de esclarecimento ou de obnubilação. Vai jogar uma luz arbitrária em cima dos objetos, como se estivesse dizendo que qualquer dessas iluminações é igualmente arbitrária. Portanto, pensavam talvez eles, quando pintamos um quadro maneirista, chocamos pela falta de organização estilística, uma vez que o estilo é ou renascentista (com centro único e total) ou barroco (com centro localizado, mas jogando para o infinito). Ora, isto que pensam ser uma falta de estilo e uma bagunça na organização visual é o estilo maneirista de mostrar que todas essas articulações são arbitrárias. Um grande momento da história da arte e, justamente por ser um momento fortíssimo e altamente cínico, quase não se fala dele. Até tentaram dizer que é algo passageiro, uma espécie de confusão dos artistas entre as duas posições, Barroco e Clássico. Não se trata disto, é outra história.

113. Em tempos passados falei longamente a respeito d'*As Meninas* (1656), de Velázquez. Este quadro é usado por tanta gente e de tantas maneiras que é uma chatice ficar falando dele. O desenvolvimento que havia feito, publicado em *Psicanálise & Polética* (1982), embora precise ser melhorado, mostra que, dentro de uma estrutura geométrica clássica e de um deslocamento de índole barroca dessa estrutura – sem ser clássico nem barroco, pois, a meu ver, o quadro é maneirista, embora não pelas mesmas razões estilísticas de outros maneiristas, como, por exemplo, Bronzino –, Velázquez simplesmente reconsidera a luz como tipo de iluminação que se pode ter para funcionar no modo de denúncia que ele quer colocar – já que era pessoa membro do palácio real, com funções de pintor da Corte e, mais tarde, aposentador (governador) do palácio.

O que Velázquez faz? Já mostrei longamente e não vou desenvolver aqui (tomem o *Psicanálise & Polética*, pois, mesmo achando que deva ser

modificado, do ponto de vista geométrico esclarece muito bem). O que ele faz é transformar a luz, que está representada dentro do quadro entrando por uma janela, numa superfície unilátera, uma superfície sem lado. Na medida em que a luz faz com que o quadro seja perceptível, ele a representa entrando sobre os personagens, mas iluminando, em termos de construção de quadro, dois espaços concomitantes: uma imagem virtual e uma imagem real, no sentido da ótica. Todos os personagens estão representados como se vendo diante de um espelho; o Rei e a Rainha, que não estão nem dentro nem fora, porque estão à porta, são representados no espelho ao fundo desse mesmo quadro que se representa no espelho, como dupla reversão, portanto pertencendo à mesma ordem de representação do espaço real. Se isto é verdade, a luz que ali está entrando é uniface, não tem lado. Vejam que artifício de iluminação, pois, de fato, a luz não tem lado. Esquecemos que, em todo e qualquer projeto de Iluminação, de Iluminismo, de Esclarecimento, portanto até mesmo de vontade cínica de exhibir os fatos, como quer denunciar Sloterdijk em seu livro, **a luz não tem lado**.

114. Um grande cínico, um grande safado de gênio, que sacou e representou isso com absoluta precisão, chamava-se Picasso. Ele também tem suas *Meninas*, que se chamam *Les Demoiselles d'Avignon* (1907). Aliás, até hoje não encontrei nenhum crítico que pudesse me explicar o que vejo nesse quadro. Talvez algum também tenha visto, mas não li. Os Impressionistas, que viveram um pouco antes (culturalmente apenas), ficavam igualmente perplexos com *As Meninas* de Velázquez. Segundo eles, *As Meninas* já continham em certas regiões do quadro, como pintura – por exemplo, o laçarote no cabelo, no braço da infanta –, *todo* o Impressionismo. De tal modo que afirmam ter sido lá que pegaram a idéia de impressionismo e a desenvolveram.

Diria que, do ponto de vista da luz, da retorção e reangulação das imagens virtual e real, e, sobretudo, do ponto de vista de sua iluminação, Picasso também saiu d'*As Meninas* de Velázquez. Basta que se perguntem por que sintomaticamente Picasso repintou quarenta vezes esse quadro, não no começo, mas no meio de sua visão cubista. Tenho a impressão de que ele teria sacado

essa reversão de espelhos contra espelhos. Já disse isso quando falei do quadro em outra ocasião, mas ele sacou também essa diluição do ponto de vista e a absoluta unilateralidade da luz. São momentos de iluminação e, no caso de Picasso, basta saber disso para reconhecer que se trata de um momento inteiramente cínico.

A luz do cubismo de Picasso, a re-perspectivação das figuras, são absolutamente topológicas e nada têm a ver com a perspectiva linear do Renascimento. Ou seja, do mesmo modo que, sem a luz não se vê, Picasso quer ver as figuras, ao mesmo tempo, de todos os ângulos possíveis. Portanto, está dizendo que a luz, o ponto de iluminação, está em qualquer lugar. Diz mais: a luz esboçada por Velázquez é sem qualidades, é macunaímica, sem caráter, neutra e unilátera.

É assim que talvez tenhamos que entender a Iluminação dos Cínicos em geral, essa Iluminação que vem de qualquer lugar, sem fazermos distinção entre Kínicos e Cínicos, como faz Sloterdijk. A tese que pretendo defender é a de que a psicanálise considera (tem que considerar, pois nasceu assim) o descaramento geral como Iluminação. Não foi à toa que se deu conta, desde seu começo, que é nas regiões supostamente sombrias da sexualidade que tudo se esclarece. Basta colocar na boca de cena o que estava na coxia. O que é interessante, do ponto de vista da psicanálise, comparativamente à Iluminação unilátera, de ponto de iluminação arbitrária, já sacada de antemão até por Velázquez? É que ver o descaramento como Iluminação é reconhecer a **Iluminação Recíproca** vinda de todos os ângulos, mas sem verdade no final. Este tipo de Iluminação instaura uma operação analítica generalizada, como abertura para um novo Império que está por advir.

Os atos cínicos deixam rastros de luz por onde fazem passar até mesmo sua vontade de ocultação. Não adianta criticar Cínicos, em contrapartida e no confronto com Kínicos. O Cinismo é generalizado: não acordamos ainda para saber que esta espécie é assim? Que este Cinismo, doendo mais ou menos, ou não doendo, tem esclarecido as pessoas o tempo todo? Que é justamente no momento em que nos damos conta da ordem cínica do mundo

que nos esclarecemos a respeito dele? Não é a organização da decepção que a psicanálise sempre tenta? Não é o desencanto com o mundo que faz o esclarecimento dele? A psicanálise não é nem pessimista, nem otimista (ela nada tem a ver com isso), simplesmente mostra. Aproveite quem quiser.

115. É importante lembrar que a vontade de moralização é tão violenta que até aqueles mais iluminados e iluminantes, que estão nas grimpas do pensamento, às vezes recaem nisso. Por exemplo, Lacan: o que a psicanálise tem a ver com Verdade? Nada, mas seria uma excelente questão para as meninas que gostam de fazer tese de doutorado em psicanálise. No entanto, pelo menos durante algum tempo de seu percurso, Lacan estava preocupado com a Verdade em psicanálise. Freud nunca se preocupou muito em saber se era verdade aquilo que, rememorado, seria capaz de curar alguém. Importa que há e funciona. O tal “jogo de verdade” é um perigo, como o “jogo da ética”: “você não está sendo ético!”, “isto não é verdade!” Baseado em quê? Certamente não há verdade que não seja dita por um discurso segundo sua estrutura sintomática. Então, o analisando dizer ou expor seu sintoma é falar a verdade? Não se trata disso. Por isso mesmo Lacan, tão preocupado com a verdade, teve que dizer “digo sempre a verdade, mas não toda” e com a desculpa “porque as palavras faltam”. Não será verdade que faltam as palavras?

• P – *Esse momento de Iluminação não dá certa experiência de verdade, ainda que sem nenhuma relação com conteúdos?*

Então é verdade do quê? Só há sentido em falar assim para quem se interessa pela palavra “verdade”. Estou dizendo que podemos usar ou não essa palavra, tanto faz, que isto não quer dizer nada. Considerem os supostos iluminadores ou supostos reconhecedores da iluminação: um budista, um psicanalista, um maniqueísta, um cínico. Para quem lhes relata um processo de iluminação, será dito que se chegou a uma verdade... a verdade deles!

• P – *Seria algo como uma experiência de descobrir alguma coisa.*

Mas isto chama-se *experiência de desencobrir alguma coisa*. Há esse vício da Filosofia em relação à Verdade. Não sei o que é isso, a não ser que seja o que digo. Acho essa denúncia válida, pois, quando consideramos, por exemplo, a ordem jurídica (o juízo e o julgamento a serem feitos de alguma coisa ou de alguém), não vemos nenhuma diferença em relação a qualquer jogo de futebol. A verdade é daquele que fez o gol. Se alguém não conseguir fazer gol, perde a causa. Estou mentindo? Pode ser que esteja... Mas o que acontece é que se lançou mão desse termo *verdade* como salvaguarda da própria responsabilidade ou da própria culpa na participação dentro do rapto do mundo. Por exemplo, alguém votou como jurado para que outro fosse para a cadeia porque percebeu que era verdade mesmo. Como conseguiu perceber? Percebeu-se apenas que o advogado fez gol. É a isto que se chama Verdade?

- P – *Para escapar da angústia de não ter parâmetros.*

Teremos que tomar a decisão sempre contando com aquele lado escuro que já lhes disse que nunca vai embora.

- P – *Segundo a neurologia, a visão nunca é total, e o ponto cego, que sempre há, é sistemática e estatisticamente preenchido pelo cérebro.*

Temos que pensar que vivemos tapando buracos com alguma coisa. Esse problema que temos com os buracos... Há certas pessoas – essa é uma idéia que ainda não pude desenvolver em texto até o fim –, geralmente de anatomia macha (não sei que sexo é este), que sofrem do que chamo de Complexo de Ob, aquele obturador que as mulheres usam quando estão menstruadas. Eles pensam que gostam muito de mulher, mas de fato não suportam a idéia de que há um buraco do outro lado, logo precisam tapá-lo, compulsivamente. Isso existe e conheço vários, em consultório e no mundo. Complexo de Ob: o ápice da vontade que temos de tapar buraco.

- P – *Na estrutura uniface da banda de Moebius, por exemplo, é preciso percorrê-la para ver que tem um lado só, porque, quando olhamos, fica parecendo que tem dois, um iluminado e outro em sombra.*

Mesmo numa superfície unilátera há sempre um lugar escondido, pois não posso estar em toda a superfície o tempo todo. Posso logicamente fazer

a suposição de que aquele outro suposto lugar é o mesmo, mas, em meu percurso, estou sempre situado demais.

Esse lugar de iluminação é impossível de ser habitado, mesmo pelos analistas. Ele só fica como referência para não esquecermos que, no máximo da Iluminação, estamos sendo torpes.

• P – *Há também o aparelho iluminista de Bentham, o Panopticon.*

Bentham queria realmente uma sociedade visível. Acho que o *Panopticon* é, na verdade, uma invenção renascentista: a idéia da perspectiva e da representação total do que quer que se possa ver em cima de uma superfície plana.

116. O que é interessante no jogo da psicanálise, quando ela realmente se efetiva no mundo, é que a **Iluminação é Recíproca**, isto é, não existe distinção de iluminação entre analista e analisando. Qualquer ato analítico ilumina a todos, e isso é algo mostrado desde Freud e, depois, lindamente por Lacan. Quem faz análise é o analisando, e não o analista, que está presente para produzir deslocamentos e empurrões, e, no entanto, quando algum empurrão funciona, a Iluminação não tem dono nem alvo.

Um grande mestre literário dessa Iluminação Recíproca chama-se Fernando Pessoa, com a tal invenção dos heterônimos. Ele sabe, em primeiro lugar, que uma *pessoa* nunca é inteira. Somos uma série de cacos de formações mais ou menos administráveis, não se sabe por quem nem de onde, e nem qual é o centro, para cada um, de administração dessas formações. Pessoa vai produzindo aquelas figuras e, tivesse ele durado mais tempo, talvez tivesse feito uma obra maior, a obra de crítica de um pelo outro, de esclarecimento de um personagem pelo outro. Se tivéssemos um mínimo de atividade interna desse tipo, e percebêssemos que poderíamos colocar em xeque algumas de nossas formações a partir de outras formações nossas... Isso que chamam de auto-crítica. Os nomes estão errados (temos que abolir até os nomes), pois não existe auto-crítica, e sim que uma dessas formações, a partir de seu modo de

formação, é capaz de pôr em xeque uma outra das suas formações. Não há nenhum “auto”: nem o automóvel é auto... ele é móvel a gasolina.

Esta seria NOVAMENTE a Iluminação, do verbo iluminar, que pode ser dito de várias maneiras: eu te ilumino, tu me iluminas, nós nos iluminamos. Ou posso dizer também eu me ilumino, tu te iluminas, o que seria bem falso... pois este “me” ilumina é mentira. Aqui dentro uma coisa ilumina outra, é sempre recíproco, e nunca “auto”.

117. Vemos analistas enfurecidos escrevendo, certamente tomando partido de alguma ideologia, sobre o confronto da moral kantiana, com sua suposição de que há algum imperativo categórico em algum lugar – Kant não sabia que era neurótico: não sabia que havia uma instância dentro de sua cabeça que supunha que aquilo estava lá para todos –, com o absoluto relativismo contemporâneo, depois da *Genealogia da Moral*, de Nietzsche, e dos iluminismos do século XX, de Foucault, Lacan, Derrida, Deleuze, etc. As pessoas – e vejo com certo terror analistas também fazerem isto – vêm denunciar o relativismo moral, onde “tudo fica muito relativo”. E se for, como aliás é?! A metáfora einsteiniana ainda não colou deste lado, pois somos todos newtonianos em termos de suposição ética. Em algum lugar deve haver uma ética, sem me avisarem de acordo com qual delas. Deveriam dizer assim: *de acordo com o grupo de determinação ética do Conselho Federal de Medicina* ou: *de acordo com os poderes de determinação de comportamento ditados pelo Conselho Federal de Psicologia, deve-se fazer isto*. Aí entendo, pois mostrou qual poder está em funcionamento. Fora disso não entendo e ninguém poderia, a não ser que estivesse alugado de saída. Na verdade, poderíamos estar no exercício, correndo antes que seja tarde, da metáfora das Cordas. Einstein já está velho, e poderíamos estar pensando em processos de ressonância dentro do Haver. Portanto, processos de ressonância dentro de nosso cotidiano psíquico também. Se não é pesquisável imediatamente deste modo, pelo menos a metáfora pode ajudar muito.

27/AGOSTO/2002

118. Para entrar nos tempos que estão chegando, é preciso fazer uma faxina muito grande, até dos termos utilizados, que não querem dizer nada, apenas alguma coisa em função dos protocolos vigentes anteriormente. Palavras como *verdade* não cabem nos protocolos que estão emergindo, que são de constatação e tentativa de organização segundo esta constatação, sabendo que se está fazendo só o que se pode. E todo jogo é político, toda cura é precária.

27/AGO

119. 9/11: *September Eleven*. Estamos novamente diante daquela cena, ou melhor, daquela OBSCENA, a qual, como tal, só faz é mostrar claramente nossa amostra: amostra de como somos hojendia. Freud falava da *outra cena*, a qual, de muito tempo para cá, justo por causa da intervenção dele e depois da intervenção de seus epígonos mas, sobretudo, com a coadjuvação do cinismo universal, essa tal outra cena já se tornou a **mesma**. A **mesma cena**: a cena global. Estamos em pleno Novecentos & Onze, o número telefônico do Socorro em NY. *Help! Help! Help!*

120. Como mostrei da vez anterior, **a psicanálise é obscena**: tudo ela põe em cena, tudo que pode, tudo que sabe, sobretudo o que dantes se escondia na coxia ou na sombra ou até mesmo dentro de um foco, por detrás do recalque. Ela só não expõe o que não alcança, não porque não queira, mas porque não possa: não sendo sempre que ela consegue esta façanha. A obscenidade dessa transa é como aquela mais antiga, da *Aufklärung* e como aquela outra (ainda mais antiga) da Cachorrada Filosófica, só que mais forte e mais radical, porque feita de outra cepa, porque neutra, omnivoraz e omnibostante, ou seja, tudo come e tudo caga indiferentemente.

121. A psicanálise não tem eufemismos: não ficam bem nela.

122. Como será que a psicanálise pode tratar das possibilidades de vinculação, de companheirismo (*philia*), em torno da questão dos vínculos e sobretudo do que ela pode colocar como **Vínculo Absoluto**? Será que é caso de **Arreligião**: sem amor nem temor?

123. A situação hoje é difícil e drástica. Saiu o livro *Modernidade e Identidade* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2002, 234p), de Anthony Giddens, o homem da Terceira Via, supostamente na Inglaterra. Impressionante como essa gente está desesperada... um desespero e uma incompetência absolutos. Ninguém consegue mais resolver nada. Está ficando interessante. Giddens está procurando alguma coisa parecida com identidade e talvez, quem sabe, alguma solução para a questão geral do cinismo contemporâneo e para as posições políticas do mundo de hoje. Não há grande novidade, mas vale a pena ler o último capítulo em que ele introduz a questão da Política Emancipatória – essa que temos vivido ultimamente como grande tendência aos processos de liberação em todos os campos (liberação feminina, étnica, etc.) – sendo (ou devendo ser) substituída pela Política Vida. A Política Emancipatória é uma política das oportunidades de vida, diz ele, enquanto a Política Vida é uma política, não das oportunidades, mas do estilo de vida, é uma luta por *estilo de vida*. Ele desenvolve esta questão da identidade, comentando o situacionismo, o feminismo, o corpo e o eu, a reordenação da sexualidade em relação aos estilos de vida, a desvinculação (que já comentamos várias vezes) da sexualidade em relação à reprodução, as questões ambientais traduzidas sob o termo “ecologia”, etc., e propõe uma agenda para essa Política Vida.

O que ele quer dizer é que hoje as referências das pessoas deixaram de ser externas para se tornar internas. O que chama de “interno” e “externo” se refere a isto que havia antigamente: ser referenciado e referendado por suas inserções no Estado, na família, na religião, na moral vigente, etc., de tal maneira que se estava desenhado por estas formações de externalidade. Ao passo que hoje, diz ele, não há nada que garanta os laços e vinculações que não seja a própria relação que está em jogo. Ou seja, não podemos confiar ou

contar com o outro por suas inserções no mundo, mas apenas pelo que se passa naquela relação ali, sendo apenas isto o que garantirá as vinculações. O que é absolutamente verdadeiro, embora esqueçamos disto quando ficamos impressionados com o fenômeno de explosão e dissolução dos costumes, já que muitos ainda contam com certas vinculações externas e não as encontram nas pessoas. Um dos motivos para o que chamamos *perda dos fundamentos* é esse desgarramento radical em relação às formações externas.

Giddens está, então, procurando algo que possa ser constituído como garantia para as vinculações no mundo contemporâneo. Mas é engraçado como uma pessoa tão inteligente, tão habituada a discutir assuntos dessa natureza, esteja procurando por uma moralidade ou por um processo qualquer de moralização para a época contemporânea. E vemos que ele fica perdido, pois pede por uma moralidade nova no mundo, ao mesmo tempo que deve saber – como parece que sabe, por seus livros até hoje – que todo processo de moralização induz necessariamente à produção de preconceitos, se não à produção de racismos e coisas semelhantes. Ele chega a fazer a seguinte pergunta, terminando o livro: “Como podemos re-moralizar a vida social sem virar reféns do preconceito?” Ele não sabe que isto é impossível? Não é possível re-moralizar vida social alguma sem virar refém do preconceito, simplesmente pelo fato, do qual parece não ter sido informado ainda, de que toda e qualquer moralização é, em última instância, um processo de sintomatização. E, se agimos segundo a espontaneidade de um sintoma, necessariamente agimos à revelia de qualquer processo agoraqui de conceptualização. Estou impressionado com a bobice do livro, por isso estou pedindo para lerem. Um homem deste tamanho... como é que escreve um troço tão bobo, depois de ter escrito uma porção de outros livros? E ainda publicamos em português. Procurar uma re-moralização que não crie preconceito é o máximo de solução que ele tem para oferecer. “Quanto mais voltamos às questões existenciais” – são as últimas frases do livro – “mais encontramos desacordos morais. Como conciliá-los?” Ele ainda quer conciliar os desacordos! Se fazemos este tipo de pedido, não há saída nem aonde ir.

Então, ele diz algo interessante: “Se não há princípios éticos transitórios, como poderá a humanidade lidar sem violência com choques entre os verdadeiros crentes de diversas convicções?” Há uma massa enorme de pequenas formações de crentes em coisas as mais díspares, incompatíveis e inconvivíveis enquanto fundamentalismos daquela crença, e, como conclusão do livro, ele pede princípios éticos transitórios. Como isso é possível, com a sustentação e manutenção da crença em diferentes convicções, sem violência? Estou tocando neste assunto porque hoje é um dia interessante, um dia sem violência. Todos estão esperando pelo que Bin Laden vai fazer. Ora, se estão todos esperando, logo ele já fez. O terror de hoje é este. Aliás, o terror de hoje está do outro lado...

O que suponho ser, quem sabe?, possível de vir a ser instalado no planeta com o nome que dou de Quarto Império, é algo que é a manutenção perene do que Giddens quer chamar de princípios éticos transitórios, ou seja, o que chamo de **políticas *ad hoc***. Fico muito à vontade de pensar estas coisas, porque um homem desse gabarito, com essa presença no mundo, termina seu livro dizendo esta bobagem. Está pedindo princípios éticos transitórios para ultrapassar certo momento de conflito entre crenças fortíssimas em convicções díspares. O que ele está esperando? Que as pessoas sentem ao redor de uma mesa e tracem um conjunto de princípios transitórios de convivência? Isto não é possível, ninguém vai sentar em volta de uma mesa quando há hegemonia de potências militares, a não ser para levar esporro.

Interessante é que, diante da dissolução dos tempos hojendia, não aparece alguém com essa presença para sugerir que os princípios éticos sempre sejam transitórios (para sempre) e não como transição entre uma formação e outra formação. Aliás, o que esta psicanálise está pedindo não é nem que os princípios de comportamento, de exercício da relação política (porque ética nada quer dizer) sejam transitórios, mas que sejam sempre *ad hoc* administrados. É a única indicação que temos a fazer. Também não digo que seja fácil, nem que seja factível. É apenas uma pequena indicação.

Portanto, não se trata de re-moralizar coisa alguma. Vejam que uma tentativa, supostamente vigorosa do mundo contemporâneo, feita por uma

pessoa notória, reconhecida mundialmente, autor publicado em tantas línguas, está pedindo um processo de re-moralização. Ou seja, que se passem a limpo os sintomas em exercício em favor de um sintoma novo, que lá adiante vai se tornar o mesmo racismo de antes. Que pelo menos as pessoas pensantes comesçassem a pedir uma *suspensão* radical de juízo em relação a todos os sintomas localizados; uma *indiferenciação* em relação a toda e qualquer formação sintomática; uma postura de *reconsideração* a cada caso, numa funcionalidade *ad hoc* de cada situação, pelo menos como *exercício* para uma dissolução das forças ativadas por estas formações sintomáticas. Um exercício para ver se algum futuro comparece.

124. Vocês se lembram que houve um tempo em que Gregory Bateson colocou o conceito de *double bind* como garantia de entendimento do que fosse psicose. Assim, a psicose emergiria de uma dupla vinculação, naturalmente contraditória, entre duas coisas opostas situadas para uma criança, por exemplo, ao mesmo tempo. No entanto, no nome do conceito não vai a questão da oposição e da contradição, é apenas *double bind*. Considero isto uma tolice, pois *double bind* é o que vivemos o dia inteiro, e não é suficiente para enlouquecer ninguém, nem garantia de formação de psicose. Mas estou lembrando este conceito justamente para pensar que hoje temos uma coisa bem pior: o *Multiple Bind*, com o mesmo sentido do *double bind*, de Bateson: cada pessoa com dezenas de vinculações, todas contraditórias entre si. E não é mera notícia existirem as possibilidades de vinculação, pois as temos efetivamente. Cada pessoa com a qual conversamos ou, sobretudo, que escutamos em clínica, vê-se que aquilo é uma caixa de gatos, que ela está perdida porque tem vinculações radicalmente contraditórias, sem conseguir arrumá-las de jeito algum.

Mas, para além de qualquer formação nosológica encontrável em clínica, temos a questão do mundo contemporâneo que vive, sobretudo em função da velocidade e da quantificação da comunicação e da informação, num processo insustentável de *Multiple Bind*, de vinculação múltipla e contraditória. A menor

atenção que cada um consiga prestar a este fato que vive – até mesmo sem prestar atenção, pois vai no roldão da inconsciência disso – não pode não fazer com que o mundo seja absolutamente cínico. Então, se o *double bind* não produz psicose, o *multiple bind* produz Cinismo deslavado. Este nosso, dito pelos autores, “cinismo difuso de hojendia” não pode deixar de existir por uma razão muito simples: a própria vinculação múltipla é, queiramos ou não, um fator de esclarecimento. O mundo contemporâneo é iluminista em sua funcionalidade cotidiana, basta prestarmos atenção a isto. E mesmo que haja pessoas que sejam estúpidas, inconscientemente acabam juntando coisa com coisa, pois estão diante da televisão, diante do mundo em funcionamento e alguma exigência lógica mínima dentro da cabeça delas acaba fazendo com que se dêem conta de que aquilo é uma zorra e que não pode ser sério. Se o mundo todo está de sacanagem, por que não também eu? Para inclusive ficar de acordo com o mundo, com o mínimo de adaptabilidade e não sucumbir à ordem cínica. Não há saída: o mundo contemporâneo é esclarecedor e cínico. Isto não é xingamento, apenas constatação.

A concomitante vinculação com ou o simples reconhecimento da vigência concomitante de diversas e frequentemente contraditórias formações, nitidamente ideológicas, por si só é fator de produção de esclarecimento e de cinismo. Se não por sua simples justaposição frente a inteligências menos atoladas, pelo menos pelo acoçamento que tais inteligências costumam exercer sobre inteligências menos desenvoltas. A coisa é esclarecedora, cínica e produtora de cinismo. É assim e não há como ultrapassar isto no momento presente. Estou chamando atenção para o fato de que o cúmulo do cinismo é querer moralizar em cima disso. É o **arquicínico**: quem mais nos esclarece. Um texto como esse que aponte para vocês quer o esclarecimento radical de que até os autores e pensadores são cínicos sem dizê-lo, já que poderiam dizer: “sou um cara-de-pau, porque não tenho condição de viver no mundo sem isso”. O que fazem, entretanto, é elevar o Cinismo à categoria de Moralismo. Já denunciei que o Cinismo é moralista desde Diógenes e sua discussão com Platão, e qualquer um dos dois vale como moralizador. Há esse moralismo no

Cinismo, que continua a insistir. Ou seja, o esclarecimento produtor de todo esse cinismo não é capaz de manter o pensador em suspensão: basta ele tomar sua crítica do mundo cínico como processo de moralização para ser o arquicínico e arquimoralizante. E ficam insistindo que talvez haja saída por aí.

Não é mais possível hoje sustentar a onipotência e nem mesmo a principalidade de nenhuma formação sintomática de vontade ética e/ou política. Se não por nada, pela simples distribuição farta e imediata da informação nesses tempos eletrônicos, como de sobejo já está mais do que mostrado. Se as pessoas pensantes querem procurar uma solução, devem partir deste fato. Imediata-mente o processo de comunicação e informação põe em confronto, em conflito, em múltiplo vínculo, em *Multiple Bind*.

125. As pessoas costumam assimilar não apenas algumas conclusões tiradas de muito tempo atrás como também a inteligência daquilo que foi mostrado, embora tenhamos a notícia, através de jornal ou escola, da existência de certas coisas. Às vezes isto acontece, sobretudo porque algo é mostrado numa área diferente de aplicação e não conseguimos transpor este entendimento para outras áreas. Gostaria de citar a idéia genial de um chamado Marcel Duchamp quando criou, dando um golpe de atualização no mundo e no seu tempo, o que chamou de **Readymade**. A cultura não assimilou isto até hoje, a não ser na arte da propaganda e na dissolução das artes plásticas em relação a galerias, museus e mercado. O golpe da invenção do *Readymade* é um questionamento radical do valor e da sacralidade das formações em qualquer campo, não apenas no campo dito da arte. O *Readymade* que Duchamp produziu é o **objeto de arte indiferente**, colhido *ad hoc*, num ato de nomeação. Como não conseguimos fazer a mínima transposição da lição de Duchamp para a política ou para aquilo que chamam de ética? **O que é um Readymade moral?** Esta seria uma questão fundamental. Duchamp não era tolo de pensar que estava intervindo somente no campo das artes, pois, quando fazemos uma intervenção ou um golpe desses num campo cheio de sacralidades como é o caso da arte – é a estupidez consagrada dentro do mercado, das galerias, e quando se consegue

algo, logo vira um *ismo* qualquer e paralisa o mundo – e deixamos o processo rolar, isto tem enormes conseqüências em todas as áreas.

Agora mesmo, Nívia Bittencourt acabou de lançar o livro *A Vassoura da Bruxa*. (Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002, 328p) sobre Lygia Clark (um dos efeitos dos atos de Duchamp no Brasil), que fez a interessante demonstração de que um golpe num campo imediatamente vaza para outro, ou seja, é uma terapia. **Por que a terapia de Duchamp não alcançou a política e a ética?** Só pode ser por um embargo neurótico (de recalque). No campo das artes o que sobra de vez em quando da decantação das obras vem propor uma retomada de posição, não só na área das artes, mas em todo o campo de ação de qualquer um de nós.

126. Desculpem-me (podem achar de mau gosto), mas acho Mozart um chato. Ponho a tese de que Mozart é autista, pois aquela “competência” musical é coisa de autista. Mas não o acho chato por ser autista, e sim por seu processo excessivamente repetitivo de produção musical. Ele escreveu muitas obras e faz parte daquele mundinho chamado de Drama Barroco Alemão, com todas as características interessantes de Maneirismo que tem. Há uma peça de Mozart que tem sucesso estrondoso desde que foi feita – o que me faz perguntar por que as pessoas acham aquilo tão grandioso –, que se chama *Don Giovanni*, supostamente abarrocado, mas que considero maneirista.

A invenção desse personagem é de 1634, de alguém chamado Tirso de Molina. Seu nome verdadeiro era Gabriel Téllez, um monge, que escreveu esse texto com o título de *El Burlador de Sevilla* ou *El Convidado de Piedra* (não sei por que *Convidado*, pois deveria ser *Invitado*). Molière faturou em cima, 30 anos depois, em 1665, e escreveu *Don Juan ou le Festin de Pierre*. Depois Carlo Goldoni, nome famoso no teatro, em 1766 escreveu *Don Giovanni Tenorio ossia Il Dissoluto Punito* (o Dissoluto Punido). Mais tarde, em 1786, um chamado Giovanni Cazzaniga escreveu, ou melhor, tornou a copiar, *Don Giovanni Il Convitato di Pietra* (uma hora é o Convidado de Pedra, outra hora é o Dissoluto Punido). Da Ponte, que fez o livreto para Mozart, em 1787, chamou *Il Dissoluto Punito ossia Il Don Giovanni*, que ficou conhecido

como *Don Giovanni* ou *Don Juan*. Recentemente houve um filme chamado *Don Juan de Marco* (Jeremy Leven, EUA, 1995, 92 min.), com Marlon Brando e Johnny Depp. O que é interessante no filme é que transformaram a atuação, a estrutura mental de *Don Giovanni*, em loucura depositada na instituição (psiquiátrica, no caso). Assim, o garoto era um psicótico ou coisa parecida, que tinha delírios de Don Juanismo. O notável do filme é que o psiquiatra consegue convencê-lo de certo comportamento capaz de retirá-lo da instituição psiquiátrica, justamente porque o garoto havia convencido o psiquiatra de enlouquecer junto com ele. Uma troca maravilhosa. O psiquiatra o foi levando para certa arrumação de comportamento que a equipe psiquiátrica engoliu, acabando por deixá-lo sair. Mas só aconteceu isto porque quem enlouqueceu foi o psiquiatra, que entrou na do garoto, fazendo um pacto com ele.

Notem que é a primeira vez, em todos esses textos, que Don Juan não é punido. Ao contrário, é o mestre do dono da moral. Não é engraçado? Mas essa força está também em *Don Giovanni*, de Mozart, disfarçada por trás da punição. Vocês conhecem a história de Don Juan: ele cantava e comia todas as moças, que sempre caíam em suas armadilhas, um cínico completo, e chega um dia em que é pego com a filha de um fidalgo. O pai da moça o desafia a um duelo, apesar de Don Juan não querer brigar com o fidalgo, que já era um velhinho. Mas este insiste e acaba morrendo. É com ele, que tem um túmulo no cemitério com uma estátua de pedra, que Don Juan encontra no final da história, em uma de suas fugas depois de comer alguém, sempre acompanhado de Leporello, seu alter ego. Nessa fuga ele pula para dentro do cemitério, encontra a estátua e começa a ouvir vozes. A estátua começa a ameaçá-lo e Don Juan, de gozação, a convida para jantar na casa dele (este é o tal Convidado de Pedra). E a estátua vai. Quando Don Juan está no meio do seu jantar, ela bate à porta, entra e então vem a punição: Don Juan segura a mão da estátua de pedra, que se fecha e o prende, arrastando-o para a morte, o inferno, o céu, sabe-se lá onde estava o personagem de pedra.

Qual é a força de Don Juan, mesmo em Mozart? A força está em que ele não pede arrego. Quando a estátua diz *Arrependa-se!* ele grita *Não!* Esta

é a força de Don Giovanni, que mexe com os fundilhos de todo mundo, pois toda estrutura, como em um filme americano comum, é no sentido de terminar moralisticamente fazendo a punição do pecador. Só que o pecador não se arrepende: *Sou Don Juan e é assim que quero ser!* Pronto, salvou a ópera. Isto tem tal força de reviramento que alguns chegam a considerar e mesmo a declarar que, com este personagem de Don Juan, acontece “a primeira aparição do Inconsciente no teatro”. É claro que isto é uma tolice, mas suponho que se diga isto em função da força de reviramento que ali está.

127. É de se notar também que, pelo menos na ópera de Mozart, trata-se de algo com estofo pré-romântico, num momento em que essas coisas fervilhavam por baixo das obras. Basta lembrar de pessoas como Choderlos de Laclos (*Les Liaisons Dangereuses*, 1782), Restif de la Bretonne (*Adèle de Comm... ou Lettres d’une fille à son père*, 1772), Crébillon e ninguém menos do que Sade, que é do mesmo estofo. Trata-se do momento em que as coisas se esclarecem e, portanto, conduzem necessariamente à postura cínica.

- P – *Há a personagem de Fausto, que parece ser um contraponto a isso.*

Fausto é um caso *princeps*, para tratarmos especialmente em outro momento, na medida em que ninguém melhor do que ele representa essa vontade de esclarecimento. Já citei aqui também, da vez anterior, Musil, *O Homem sem Qualidades*, e nosso querido *Macunaíma*, o melhor de todos, por ser o descaramento do descaramento: o Herói Sem Caráter, que não tem cara.

- P – *Há também as novelas picarescas.*

Todo o drama satírico é da mesma ordem.

128. Recentemente (esta semana) vi duas coisas engraçadíssimas, uma numa revista e outra na televisão. Na revista havia um artigo dizendo que está acontecendo uma forte recrudescência de sexo sem camisinha entre os jovens. Uma ala jovem começa a não querer saber da camisinha de jeito algum por dois motivos: primeiro, que trepar com camisinha é um horror (todo mundo sabe o que é chupar bala com papel); segundo, que o perigo aumenta o tesão,

ou seja, o perigo de contaminação é um grande tesão. Esta moda está pegando... Então, em contraposição à vontade de rigidez, de saúde e de beleza que tem dominado a última década – todos são malhados e lindos –, aparece um novo movimento por baixo, compatível com o pensamento anterior, mais próximo de minha geração, que diz: *Que se dane! Vou deixar de fumar por que? Vou morrer mesmo, então não vou perder este prazer imenso.* Antigamente pegávamos uma gonorréia aqui, outra ali, mas agora é para valer e está aparecendo uma forte recrudescência disso como um questionamento direto de valores: *Vocês acham a vida tão maravilhosa a ponto de ficarem se cobrindo todos para não morrer e viver esta merda? Grande bosta! Vou me arriscar, terei um prazer imenso e morrerei disto.* Isto é romântico! Um Revirão local evidente, funcionando espontaneamente à revelia das indicações contemporâneas.

Na televisão vi uma reportagem sobre meninos delinquentes, garotos pré-adolescentes – trabalhei com isto há muito tempo atrás na chamada FUNABEM, uma experiência muito interessante –, numa casa onde estavam sendo reeducados por um pedagogo, que fazia um grande investimento na certeza de que bastava dar a esses meninos uma oportunidade pedagógica que eles se transformariam. Quebrou a cara! O que aconteceu foi que toda a garotada que estava ali dentro, segundo estes preceitos pedagógicos, foi acompanhada recentemente pelos repórteres. Verificou-se que alguns foram assassinados, outros presos, outros são assaltantes procurados, outros sumiram e ninguém consegue achar, e só um deles trabalha. O que faz este garoto? É engraxate! Uma vida maravilhosa numa praça pública em São Paulo. Os repórteres foram procurá-lo, mas ninguém sabe do garoto, o engraxate falhou... Vejam outro revirãozinho da melhor qualidade para expor essas coisas: a correção dos meninos delinquentes.

129. O que está acontecendo é que, sem parâmetros e na absoluta falta de fundamentos, e sem nos dar conta disso, em matéria de comportamento (chamem do que quiserem, ética, política, etc.) estamos vivendo dos sintomas

acumulados no mundo contemporâneo. Estamos vivendo da caderneta de poupança sintomática do mundo e da negociação entre seus respectivos poderes. O dinheiro vai acabar... Até quando isso vai durar? O pedido de Giddens é de como produzir uma re-moralização, ou seja, como instalar um sintoma capaz de segurar as massas. Não há como e nem condição para isto. Estou lembrando aqui que o mundo inteiro está vivendo da caderneta de poupança sintomática que havia, que era uma farra, pois a riqueza dessa caderneta de poupança é muito farta. As pessoas são sintomatizáveis e só não destrambelhamos individual ou grupalmente de uma vez por todas, porque estamos vivendo dessa poupança sintomática. Só que o confronto entre as formações sintomáticas derroga a principalidade de qualquer uma delas. Nenhuma pode querer principalidade nem para os outros, nem mesmo para os de dentro. Então, isso está se tornando o consumo da poupança sintomática, que certamente vai acabar, sem a menor condição de se instalar outra formação sintomática para segurar a situação.

Entendem por que estou pedindo a urgência de pensar uma suspensão e suspeição de todos esses processos, a produção de uma indiferenciação, de um manejo e de uma manipulação *ad hoc* das situações? Que isto seja urgentemente ensinado e transmitido? O desgaste de todas essas formações conduz a um questionamento total, interno e externo, de seus respectivos valores. Não há como não ser assim. Mesmo os grupos, por mais fundamentalistas que sejam, no menor momento de decepção, imediatamente olham para o outro lado e relativizam sua situação. Os economistas, os banqueiros, os especuladores, os executivos do sistema financeiro, no mundo de hoje, acabam de descobrir na prática nosso velho conhecido: o Inconsciente.

Já começam, eles próprios, a dizer no jornal e na televisão que Marx tinha razão. Ouve-se esta frase hoje na boca de um executivo burguês de direita. Estão dizendo isto porque o grande período de liberalismo econômico resultou na ameaça de caos. Correram, então, aos alfarrábios e viram que Marx havia dito o mesmo que Lacan: o Inconsciente é Capitalista. As pessoas custam a entender uma coisa simples como esta. “O Inconsciente é Capitalista” é uma frase de Lacan. Marx não disse assim; disse que o Capitalismo é

absolutamente soluto, não tem limites nem é controlável: “O que não tem governo nem nunca terá”, não sei para quem Chico Buarque estava dizendo isto, mas serve aqui. O Capitalismo é incontrolável, o Inconsciente é incontrolável. Por isso Freud disse que a Análise é impossível. Talvez reconhecendo sua existência possamos, no máximo, supor uma possibilidade de administração do Inconsciente e do Capitalismo, com precaríssimo controle e com políticas e atuações *ad hoc*.

130. A primeira coisa que há que escolher é se queremos o boneco vivo ou morto. Para manter o boneco vivo, há que fazer uma administração muito delicada, pois se empurrarmos totalmente o boneco para o lado do Originário, ele morre por absoluta dissolução. Por outro lado, se o fixamos no Primário ou no Secundário, ele morre também, de estupidez e esclerose. Como exercer a manipulação das pressões do Primário e do Secundário, pressões do etológico e do neo-etológico, para sustentação de uma IdioFormação? É isto que as pessoas estão se perguntando com o nome de moralismo, ao querer saber como administrar essas pressões. E há horas em que o boneco, porque Inconsciente existe, não quer se sustentar, não quer se manter, quer gozar e morrer, como, por exemplo, o caso dessa nova sexualidade de jovens e o caso dos garotinhos delinquentes: educação é o cacete! Desde Freud é preciso contar com isso.

Para que serve hoje termos um Partido, essa burrice descomunal que ainda está em vigor? Estamos em pleno momento de eleição: iremos de Serra ou de Lula? Não queria nenhum dos dois, porque ambos, a meu ver, sofrem de estupidez constitucional. A única maneira que me parece possível de administrar este mundo, por essa via da psicanálise, é a capacidade de ser **alternado**, e não alternativo. Há os momentos em que temos que correr para um lado e momentos em que temos que correr para outro. Então, não cabe mais, para o mundo contemporâneo e o mundo futuro, qualquer divisão entre Direita e Esquerda, qualquer aposta em Liberalismo ou em Socialismo. E não vale somente

a Alternância no Poder, como alguns preconizam, pois é o pensamento *de governo* que tem que ser capaz de alternar-se. Dado que os capitalistas estão aterrorizados com seu próprio movimento, já estamos de retorno ao Socialismo que parecia ter falecido, mas não faleceu. O Capitalismo é necessariamente destrutivo e auto-destrutivo, como o Inconsciente. Haver desejo de não-Haver: o movimento é no sentido de extinção, de aniquilação. Não há nada de mau nisto, é uma escolha como outra qualquer. Por que não umas bombas atômicas?

- P – *O não-Haver é uma escolha compulsória.*

Esta escolha vai ser compulsória com zilhões de anos, mas as pessoas podem escolher já. Não dá para moralizar nem aí. Deixa o moço implicar com Saddam Hussein, um jogar bomba no outro, em nossa cabeça, tudo bem, pois é uma escolha como outra qualquer. Mas precisamos saber isto: o boneco fica vivo ou o boneco morre? É só esta a escolha contemporânea, e a primeira de todas. Façam jogo, porque tudo depende disto. Se o Capitalismo é destrutivo e autodestrutivo, não é, entretanto, eliminável. Não porque não haja alternativa socialista, não sou Margareth Thatcher, mas porque o Capitalismo é congruente com o Inconsciente. É congruente com a Pulsão, chamada, por Freud, num tropeço, de Morte. Só há Pulsão, cujo destino é não-Haver.

O Inconsciente é Cínico e sempre foi. Freud demonstrou, de saída, que o Inconsciente é assim: cínico, descarado, sem vergonha. São as forças recalcantes de Primário e Secundário que o pressionam para não ser tão descarado. Se escolhemos que o boneco fica vivo, há essa dinâmica, que não é simplesmente moralizar o Inconsciente, nem castrá-lo (este verbo é forte demais). É o jogo da alternância entre os alelos do Revirão e seu movimento: **Plerocinese**. As forças recalcantes sustentam até certo ponto as formações, que são modais, que existem dentro do Haver, mas, no limite, são destrutivas pelo outro lado, o do sufoco das forças recalcantes. A força pulsional é necessária para a sustentação em movimento das formações, mas pode desintegrá-las, o que é simples de entender. Portanto, não adianta tomar este ou aquele partido, nem ser preferencialmente de um partido ou de outro, mas saber que há que jogar com as duas possibilidades, o tempo todo. Não se trata de modo algum, como certos livros de psicanálise estão cheios dessa bobagem,

de alternância entre Pulsão de Vida e Pulsão de Morte. Só há uma Pulsão cujo movimento é *Haver desejo de não-Haver*. A alternância é entre movimento pulsional e resistência. Isto, se for para o boneco ficar vivo, quer dizer, nem morto, nem estúpido. Um autor que já faleceu, Jean-François Lyotard, que não tive a chance de conhecer, chamava isso com um nome perfeito: **Economia Libidinal**.

131. Entre Liberalismo e Socialismo não há Terceira Via, meu caro Giddens! Há apenas **Princípio de Alternância**, continuidade do movimento sobre o Revirão. A desocultação do Originário na Cura psicanalítica é no sentido de disponibilizar para essa opção *ad hoc*, porque, do lado de cá, ficamos estúpidos e sem disponibilidade, o que faz com que precisemos desocultar o Originário que está soterrado. Mas não para viver dentro dele. Essa disponibilidade leva em consideração tanto o deslizamento quanto a contenção.

- P – *Essa é a Política Maneira.*

Estou há décadas tentando chamar atenção para o Maneirismo da situação, nem Clássico nem Barroco. Tampouco é a Terceira Via. E se é chamável assim é devido à alternância (não entre Clássico e Barroco, mas) dos movimentos sobre o Revirão, sejam quais forem os alelos.

- P – *Podemos pensar no conceito de Paralogia de Lyotard?*

As Paralogias são, na verdade, o próprio movimento do Revirão. Diria de maneira mais direta que qualquer formação, empurrada até seu extremo, passa para o lado oposto. É o que estou mostrando no Revirão de um indivíduo que, eminente no mundo dos negócios e das finanças, diz na televisão que Marx é quem tinha razão.

- P – *Em última instância, tanto o Esclarecimento quanto o Cinismo não são senão nomes para o que acontece numa análise, quando ela acontece.*

Foi o que **Freud disse: é preciso substituir a moral pela técnica psicanalítica.**

- P – *O moralista de plantão chama de Cinismo o movimento alternado e, por isso mesmo, posso também chamá-lo de Cínico, porque viu igualmente a alternância dos opostos.*

Ele é cinissíssimo. Mas tenho que passar por esse creodo histórico e, se alguma coisa é pensada um pouco melhor hoje, é a tese de Sloterdijk, que acaba sendo um cínico duas vezes, pois ainda quer salvar a situação, pelo menos na *Crítica da Razão Cínica*, confrontando Kinismo e Cinismo – o que é cínico demais. Onde fica a fronteira? Entenderam por que estou fazendo esta pontuação? Porque não corre pelo mundo que Freud já viu isto. Não corre entre os analistas, que produzem livros ideologizantes, no Brasil e no mundo inteiro, como se não tivesse existido essa invenção. Onde, o retrocesso: as pessoas se dizem pertinentes ao campo psicanalítico e pensam com ideologias dignas de puxarmos a descarga. Então é preciso lembrar tudo isso, fazer o percurso novamente, pois as pessoas se esqueceram.

- P – *O creodo é esgotar a conta da poupança sintomática?*

Que se esgote o mais depressa possível.

11/SET

132. No término da sessão anterior, dizia que a **desocultação do Originário** na cura proposta pela psicanálise é no sentido de disponibilizar para uma opção *ad hoc*, a cada caso, a cada momento (inclusive a opção da **alternância** entre Liberalismo e Socialismo, e de modo algum nenhuma **alternativa**, no sentido em que se usa hoje esta palavra). Em suma, essa possibilidade de opção *ad hoc* e de alternância simplesmente marcha em continuidade sobre o caminho do Revirão.

Entretanto, esta posição de nossa Psicanálise não é menos religiosa do que a do Marxismo. O Capitalismo, também ele é religioso (enquanto compulsivo, senão compulsório: *Wiederholungszwang*, que é simplesmente o movimento da Pulsão no sentido d' ALEI, Haver quer não-Haver). Não podemos esquecer a tese de Max Weber da relação do Capitalismo, pelo menos no sentido históricoamericano, com o Protestantismo *Pilgrim*, de cepa Calvinista. Sendo que, com o tempo, como acho eu, foi sendo abandonada a *ética protestante* e

sendo tornado religião o próprio Capitalismo americano como Religião do Dinheiro (*dinheiro* como conceito genérico do que está em jogo no Capitalismo, e não como simples moeda).

Já a psicanálise pode ser religiosa como **ARRELIGIÃO** (numa palavra só que, ao mesmo tempo, afirma e nega o caráter religioso que ela possa assumir). Religião, ou seja, movimento de **Re-leitura** bem como de **Re-ligação**, nos dois sentidos apresentados por Émile Benveniste em *Le Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes*: 1) **re-composição** com o Haver, isto é, **re-escolha**, retomada para transformação, no sentido do *relegere* latino (conforme o uso pagão de Cícero) e 2) consideração de e investimento no **Vínculo Absoluto** no sentido de *religare* (conforme o uso cristão de Lactâncio e Tertuliano). Tudo isto com **fundamento** pura e simplesmente numa Fé que se sustenta **sem figuração**, sem conteúdo, nem mesmo de Dinheiro (do qual já disse, referindo-me à Religião Capitalista, que **Significante** mesmo é Dinheiro, o resto é significado).

Sem utilizarmos o sentido que dá Gianni Vattimo ao termo, poderíamos tomar o título de um texto dele para dizer que n' **ARRELIGIÃO** da Psicanálise, o de que se trata é simplesmente **“acreditar em acreditar”**. Dito melhor, **ter Fé em ter Fé**, pois basta ter Fé na Fé que se tem e não em algo, em alguma figuração. Isto é compatível com o próprio movimento da Pulsão, a qual, aliás, não vai chegar a lugar nenhum, como se sabe.

133. Mas essa psicanálise de que estou falando, enquanto **ARRELIGIÃO**, é compatível apenas com o **Quarto Império**, e não com nenhuma tentativa de crionizar o Cristianismo (não adianta congelar Jesus Cristo) que, como qualquer Formação, se recusa a morrer, utilizando-se para isto de qualquer expediente, mais ou menos honesto que seja. Digo isto porque a **tentativa de retrogressão**, neste final de século XX e começo de século XXI, esta recaída nas formações religiosas configuradas que já existiam por aí, nós as podemos considerar como puro movimento regressivo (na melhor das hipóteses, um movimento fóbico), isto é, compatível com o que antigamente se chamava psicose. Esta corrida

das Massas que ficaram sem dono por falência política, por falência filosófica, talvez por falência científica, mostra que as pessoas ficaram perdidas e correram para trás, já que ninguém mais está brandindo uma bandeira de movimento progressivo.

Mas é de se notar que, no meio dessa carreira para trás, se encontra muita gente supostamente boa, que deveria estar pensando. E há no meio dessa gente, a meu ver retrogressiva, mas supostamente pensante, alguns que intentam dar o golpe que chamo de **golpe do Revirão**, no interior mesmo do Cristianismo. As recrudescências religiosas que estão aparecendo, por exemplo, como maiores ou menores igrejinhas, todas de herança mais ou menos protestante, portanto na imitação reles da coisa, sendo inteiramente compatíveis com os movimentos atuais do Capitalismo, são simplesmente formações sintomáticas a partir de formações sintomáticas já decantadas. Não procuram pensar coisa alguma, pois apenas recolhem os sintomas que estão disponíveis e mal tratados, tanto do ponto de vista religioso quanto do de alguma idéia de saúde mental, conseguindo fazer dessa colheita um aparelho vigoroso de Mercado. Vivem em relação com os procedimentos econômicos de captação de grandes números que sintomaticamente enriquecem, como é o caso do futebol, da música popular, etc.

- P – *Vejo que estão a serviço da contenção da revolta popular, pois, de certo modo, há grande interesse dos governos em propiciar isso, já que as pessoas ficam mais calmas.*

É verdade, mas já havia a Igreja católica que fazia isso muito bem, até com um carnaval melhor.

- P – *Mas o sincretismo que as igrejas evangélicas propiciam atende melhor à população mais miserável.*

Mas para isto já tínhamos o candomblé – sincretizado com a Igreja católica, sobretudo na Bahia, produzindo um sincretismo católico africano – e outros aparelhos que já estavam disponíveis, um pouco desgastados, porque tinham certa vontade de exclusão que os novos não têm. Para esses, desde que se contribua com dinheiro (dízimo), vale tudo e entra qualquer um. Já a

Igreja católica acompanhou os preconceitos do século XX e foi afastando as pessoas. Então esses outros acharam uma brecha muito apetitosa para investir. É a colheita do sintoma e do dinheiro disponíveis: resta-se na repetição da sintomática sem esclarecimento de espécie alguma. É o que encontramos, conforme disse, entre gente muito boa, que está em processo retrogressivo, e que, se não pensa, finge que está pensando. É o **golpe de Revirão interno** no Cristianismo: ao invés de produzir um grande reviramento no sentido do que está se disponibilizando para nossa época – que é a possibilidade de um Quarto Império, com o sentido que coloquei antes –, tenta-se reafirmar o Terceiro, fazendo leituras interpretativas, de modo geral de índole hermenêutica (esse pessoal da hermenêutica é muito bom em fazer essas reviradas internas, desenhando um outro rosto para a mesma coisa).

É o que acontece, por exemplo, com esse autor que acabei de citar, Gianni Vattimo, que é muito bem quisto aqui na Universidade, sobretudo na Escola de Comunicação que habitei. O livro dele que estou citando chama-se *Acreditar em Acreditar* (Lisboa: Relógio D'Água, 1998, 100p). Prefiro dar outro sentido a este título. Gianni Vattimo é um descendente de Heidegger que, depois de passar por várias peripécias em sua vida, lembrou-se de que era cristão. Pior, lembrou-se de que era católico (os católicos arrependidos estão “saindo do armário”, inclusive aqui na ECO). Isto é uma retrogressão como outra qualquer, mas é supostamente pensante. Por que será que os descendentes de Heidegger começam no nazismo e terminam no catolicismo?

De repente, se encontram cristãos e católicos, compatíveis com esse acontecimento de nossa época, que reputo retrogressivo, e ficam dando nós nas tripas para poder dizer, por exemplo, que o Cristianismo e seu trabalho de secularização simplesmente constituem o vigor do mundo contemporâneo e da passagem para um novo século. Vejam que eles dão uma voltinha por dentro do próprio Cristianismo, sobretudo utilizando a noção, de herança heideggeriana, de **fim da Metafísica** como fim de um pensamento supostamente autoritário que determinaria a essência das coisas, que nomearia o homem segundo sua essência, etc. E eles afirmam, não apenas cristãmente, mas catolicamente,

que não se trata bem de Jesus Cristo, mas de São Paulo. Mas, para fazê-lo, precisam dar uma esculhambada em Jana Pawla (é assim que é chamado em sua língua, na Polônia, o Carol Voityla). Então, mesmo de dentro da Igreja católica, esculhambam Jana Pawla e fazem a suposição de que a postura cristã e católica deles é de alta cepa, apesar de **todos** os escândalos dessa tal Igreja (João Paulo é até uma gracinha comparado com Cruzadas, Inquisição, Pio XII).

134. Não acredito em *fim da metafísica*. Posso até acreditar em Metafísicas (no plural), cada vez mais abstratas (daí a vontade de matema do Dr. Lacan, tentativa de abstrair até à proximidade da matemática) e múltiplas. O que resulta numa relativização das Metafísicas que, no plural e relativizadas, não têm a força de hegemonia sobre o pensamento que pretendem os supostos propagandistas do fim da Metafísica. Se não há Metafísica nem Metalinguagem (no singular) que se agüentem, contudo o mundo das próteses vem claramente mostrar que há **MetaMundo** (como artifício industrial), bem capaz de intervir no mundo em continuidade com seus artifícios espontâneos. Toda e qualquer coisa que se diga sobre as Formações do Haver tem, necessariamente, seja como Metafísica, seja como Metalinguagem, a condição de serem **Meta-Formações** (não vamos fingir que não). Então quando se fala em *fim da metafísica* deve ser o fim de certa Metafísica na história da filosofia, do mesmo modo que se diz que não há Metalinguagem, ou seja, o fim da idéia de Metalinguagem. É impossível escapar da posição de MetaFormação: utilizamos determinado tipo de Formação na suposição de ela estar de algum modo dando conta de outra. Depurando o conceito, é isto a idéia de **μετά** (física ou linguagem). Em última instância, isso resulta, em nossa época mais recente, em **Produção de Próteses** – que chamamos de Tecnologia –, que na verdade são MetaMundos. Não resolve nem explica completa e absolutamente nenhum mundo, mas intervém nele como uma tentativa de (conseguindo de algum modo) MetaFormação a respeito das formações disponíveis, sejam estas formações dadas primariamente, como formações ditas naturais, seja como formações industriais, conseguidas no próprio processo de MetaFormação.

135. A idéia de Totalitarismo (de pensamento totalitário ou total), seja qual for a posição, da esquerda ou dos heideggerianos (como a namoradinha de Heidegger, Hannah Arendt), é, em última instância, a idéia da suposição de uma formação que tem a pretensão de dar conta completamente, dirigindo e organizando as outras formações. Quer dizer, o conceito de Metafísica que estão usando seria a idéia de determinada formação filosófica, ou coisa parecida, que tivesse essa vocação totalitária.

• P – *É a idéia de Kant.*

Mas parece que é a única idéia que ficou, mesmo na cabeça de Heidegger. Por que, para falar no fim da Metafísica, não falou no *fim de Kant*? Mas digam isto para os neokantianos franceses que estão mostrando que Kant está redivivo, igualzinho a Jesus Cristo.

• P – *O Revirão interno que os católicos confessos apresentam não deixa de ser herdeiro do grande vetor de secularização do Cristianismo anunciado por Kant: mostrar que os princípios abstratos do Cristianismo, esvaziados de seus conteúdos ritualísticos e litúrgicos, são os princípios de funcionamento da moral ou da “simples razão”. Assim todos estes apontamentos contemporâneos pertenceriam à linhagem do pensamento kantiano.*

Essa linhagem pode ser afirmativa ou negativa. Na medida em que vem o pedido de fim da Metafísica, seria o fim inclusive dessa razão dominante ditando regras sobre a possibilidade de totalização desse tipo de postura de pensamento. Como está na linhagem de Heidegger, Vattimo crê que o fim da Metafísica abrandaria o pensamento no mundo. Ele chega inclusive a falar num *pensamento débil* (espero que não seja também débil mental...), no sentido de que a amenização da configuração hiperpotente que ele chama de Metafísica retoma o Cristianismo em sua posição possível hoje de desistência de sua índole de Terceiro Império. Isto é perigoso, pois se mantém a mesma estrutura cristã, através desse abrandamento considerado como secularização do pensamento cristão, fazendo de conta que se passou de era.

É denegatório, porque fazemos o que quisermos com esse Jesus Cristo. Ele se presta a qualquer coisa. Se pensarmos bem, o que temos são textos incongruentes, escritos muito tempo depois da suposta existência histórica do rapaz. Trata-se de uma colcha de retalhos, uma hora puxam para o lado judeu (Velho Testamento), outra, contrariam a postura judaica, com o abrandamento da lei. Se não nos reportarmos ao momento histórico de vigência do tal Cristianismo, faz-se qualquer coisa com isso. Daqui a pouco vai ficar provado, segundo o discurso dessa gente, que o Cristianismo é o Quarto Império, ou seja, que acabou-se o tal do Filho, embora Vattimo não possa fugir disso, como nenhum autor católico ou cristão pode fugir do reconhecimento de que se trata da **Religião d'OFILHO** (no sentido de Filho mesmo). Como ele mesmo diz, “tendo Deus falado outrora a nossos pais muitas vezes e de muitas maneiras pelos profetas, falou nesses últimos tempos pelo Filho” (*Acreditar em acreditar*, p. 77). É exatamente como defini a Religião d'OFILHO: doravante é através desse porta-voz do Presidente e dessa palavra dita (conforme o Novo Testamento), fora dos quais não podemos ter nenhuma salvação.

136. A base de pensamento de Vattimo é tomar o Ser como Evento, como acontecimento agoraqui, portanto fora das injunções disciplinares da velha Metafísica, e considerar a *Kenosis* de Deus como o fundamento do pensamento cristão. Logo, fora da obrigação do registro do que chamo de Terceiro Império. *Kenosis* não é senão que Deus desceu e se encarnou cá embaixo – não pensem que é só em terreiro de macumba que acontecem essas coisas. Segundo Vattimo, *Kenosis* vira o fundamento do pensamento cristão e, depois dessa chegada de Deus incorporado dentro deste mundo em carne e osso de gente, o mandamento se torna único: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, o que é a cara e a definição do Terceiro Império. Assim, é a partir mesmo dessa idéia fundamental da *Kenosis* – Jesus Cristo como encarnação do divino e não como mero filho de Deus (a Igreja deu um jeitinho e arrumou aquela trindade que é toda divina: o Filho é Deus, como Deus Pai e Espírito Santo, tudo da mesma cepa) – que se pretende salvar a idéia de secularização do Cristianismo como projeto para o futuro. Sendo a *Kenosis* encarnação nessa

coisa de baixo nível que é o Macaco Humano, esses cristãos chegam inclusive a relativizar a onipotência divina, pois Deus entra no regime do pecado em nossa carne. Isto começa a ficar parecido com o que proponho como Quarto Império: a não onipotência de um Deus que é apenas um lugar disponível na estrutura mesma do psiquismo, onde colocamos qualquer coisa, pois qualquer coisa serve, inclusive não-Deus. Como acontece, por exemplo, no Budismo (Vattimo passa rapidinho por aí, pois não fica bem fazer comparações). A própria idéia de *Kenosis* não é cristã. A encarnação de Deus já esteve em muitas religiões, *verbigratia* a religiosidade egípcia, que encarnava no Faraó a própria divindade, e até a petulância de alguns Césares romanos. (Haja Schmitt).

• P – *Quando a mística grega fala dos nomes de Deus – Dionísio Areopagita, por exemplo –, está apontando para a interiorização e desconteudização desse lugar divino.*

Mas ali já há essa clareza? É possível, pois essa descendência deu no pensamento de Mestre Eckhart que não precisa necessariamente, aqui e ali, usar o termo *Kenosis*, mas faz seus sermões no sentido de mostrar que não há outro Deus senão este encarnado em nós. Por pouco ele não escapa da Inquisição: soube morrer naturalmente a tempo, senão morria de morte matada. Eckhart não está apenas relativizando aquele Deus lá de cima, como também está dizendo que o Deus que há é esse que está aí em nós. Esse pensador me é muito caro, na medida em que o que estou chamando aqui de ARRELIGIÃO prescinde até de qualquer pensamento sobre Deus. Já aponte para vocês que a exasperação entre Haver e não-Haver, como construtividade mesma do Haver, inclusive rebatida aqui sobre nós, pode parecer uma idéia de *Kenosis*, mas o que se reencarna não é Deus algum. É simplesmente a estrutura do Haver que, ao se encarnar nesta espécie, produz a estrutura de Revirão e exaspera a relação entre Haver e não-Haver. O lugar (de exasperação) que chamo de **Gnoma** é justamente o lugar onde a espécie humana, sempre que acossada por isso, colocou um tapa-buraco configurado, desde qualquer homem pré-histórico até os cristãos e budistas. Os budistas não têm Deus algum, mas uma espécie de espinosismo da Natureza, colocada nesse lugar do Sagrado.

Todavia não vamos pensar que há um Deus em cada um de nós, o que também é uma besteira. O passo a mais seria desistir de qualquer idéia de encarnação de alguma divindade e simplesmente nos darmos conta de que o que surgiu com esta espécie foi essa IdioFormação – que pode existir pelo universo, em outros lugares, com outras configurações – que, na exasperação entre Haver e não-Haver, encontra um lugar desde onde efetivamente podem emanar os eventos, desde onde podem nos cair na cabeça as possibilidades de criação, de desenvolvimento, de pensamento, etc. E temos atribuído, em toda a história, uma configuração qualquer, um *design* para arrolhar esse lugar de exasperação.

Se, como já disse, isso pode significar que Deus não morreu, pode também significar que quem morreu foi aquele Deus do Cristianismo que, além de massacrado na cruz e humilhado em sua *Kenosis*, foi abandonado posteriormente por seus fiéis (aliás, o Deus de vocês hoje nem está mais morto, e sim ganhando mais do que qualquer um, faturando à beça). Mas efetivamente não há morte possível nesse lugar, que é de imortalidade. Ou melhor, não há atingimento de morte em conformidade com a estrutura do psiquismo. Deus não é onipotente, sobretudo porque não pode morrer, uma coisa tão interessante e simples. Ele está condenado a não morrer (quando digo *Ele*, volto a reconfigurar alguma coisa neste lugar, o que é uma tolice).

137. Essa é a voltinha que se tenta dar. Como está praticamente dito neste texto bonito quase confessional (católico gosta muito de fazer confissão), o que aconteceu no meio do campo é que, antes que os católicos tornassem a *sair do armário* católico, tiveram primeiro que *sair do armário* sexual. Todos aqueles *veadinhos* intelectuais do movimento da revolução cultural ficavam se sentindo muito mal, porque a igreja dizia que eles eram umas porcarias (até hoje, pois João Paulo põe que Vattimo é um merda), que se tratava de pecado e que iriam para o inferno. Então, na refrega com sua sexualidade, abandonaram a igreja. Depois que *saíram do armário* sexual, foram dizer na cara da igreja que ela não pode fazer assim com eles, pois isso também faz parte do

Cristianismo. Não é por nada que alguns pretendem demonstrar que Jesus era *gay*.

É tão interessante, como psicanalista, escutar uma coisa dessas... Que drama, dentro de uma estrutura religiosa, fazer alguns supostos pensadores darem a impressão de que haviam radicalmente se afastado desse tipo de pensamento num movimento progressivo... Chegando lá na frente, viu-se que não era nada disso, apenas revolução sexual mal resolvida. Isto é tristonho e está acontecendo ao nosso redor, não só por estes motivos, já que se pode *sair do armário heterossexual* também.

Vejam no que tem dado, na história da humanidade, a configuração desse Lugar. Configuração que não pode não ser racista e persecutória, pois, se há figura, há exclusão. Isso que eles estão chamando de *fim da Metafísica e Secularização do Cristianismo* parece ser um movimento de inclusão de tudo. Entretanto, por mais desconfigurado que seja, esse Cristianismo disponível tem mesmo capacidade de inclusão? Ou é João Paulo quem tem razão? Que, sem um princípio de exclusão, esse Cristianismo não significa coisa alguma? E o pior é que não estamos mais vivendo os tempos do fim da Metafísica (isto não há), mas talvez sim estejamos nos aproximando perigosamente do fim da **Merdafísica** (muito pior): a impossibilidade que se prenuncia de controle dos meios de destruição da Terra (o fim da Metafísica é bobagem).

138. A psicanálise, ela sim, pode ensinar a “*acreditar em acreditar*”, a investir na pura fé. Acreditar e investir no movimento mesmo da Pulsão, enquanto tal, sabendo-se que ele não atinge seu alvo. Mas justamente a Pulsão não se encontra jamais sem compromisso (sempre necessário) com a viscosidade da Resistência, isto é, vigendo segundo o **Polimorfismo das Versões**. Ela sempre está misturada com as formações sintomáticas, e não há como não estar. Isto não faz nenhum pecado, não cria nenhuma falta: falta e pecado são do interesse da dominação. Simplesmente é assim e há que haver uma política nas transações com o mundo.

139. Não adianta invocar nem a Verdade nem o Pai (isto acabou, se o Filho já se ferrou, quanto mais o Pai). **A Verdade** é como **O Pai**: ambos são **instâncias do TERROR** (seus cultos são fundamentalistas como em qualquer fundamentalismo de horror).

140. Não se trata, na proposta Arreligião, de nenhuma Ética, no sentido de preconizar comportamentos, mas é possível pensar numa **ARTE DE VIVER**, em conformidade com e administrada por uma **ECONOMIA PULSIONAL**. No regime do que chamo Quarto Império, no regime que chamo Arreligião, a questão é como fazer funcionar e administrar a economia libidinal, a economia que estou chamando aqui de pulsional. Para isto as considerações a respeito do mundo têm que mudar radicalmente de postura. Suponhamos que Hobbes tenha razão: a sociedade e o mundo não podem ficar entregues ao Mercado, que é capaz de eliminar toda e qualquer segurança, portanto, o Estado é necessário, pois só ele produz segurança. Vamos supor que tenhamos que viver no diálogo entre o Estado e o Mercado, sendo que a vontade de socialização só pode ficar com segurança do lado do Estado, e não do Mercado. Como tornar a considerar os valores e os prepostos de algum Estado em relação, não só ao que o Mercado em geral possa aceitar como mercadoria adequada, mas em relação a todo e qualquer movimento político (todo movimento desse tipo é político) de conflito dentro deste Mercado no mundo?

141. A se levar o Inconsciente em consideração, não há porque supor que **Beira-Mar** seja melhor ou pior do que **Planalto**. É claro que o segundo fica no alto e central, ao passo que o primeiro fica no baixo e marginal. Mas e daí? É diversidade orográfica da mesmíssima geografia, com todas as possibilidades de subtroca e reviramento. Fácil o terror e o banditismo passam para o lado do Estado, o que está a se ver com muita clareza hoje. Minha crítica e contraposição ao Terceiro Império (que devia morrer depressa) são justamente no sentido de que, apesar de ser o Império e a Religião d'OFILHO, essa herança de nomeação e configuração para o lugar do Gnoma, para o lugar da

exasperação, não faz senão querer determinar hegemonias que definam o mundo em toda vigência do Cinismo dessa hegemonia. Desconfigurar esse lugar desconfigura também os lugares de entronização dos poderes sobre o mundo, pois isto tem que ser abstrato. Não que esses lugares não possam existir, mas como pensar num Estado que pode escapar, sempre que necessário e *ad hoc*, à sua tomada por essas configurações, como está acontecendo agora outra vez?

Esses revolucionários da secularização do Cristianismo, uma herança heideggeriana, acabam sempre no mesmo lugar. Enquanto tivermos uma configuração definitiva em supremacia para colocar nesse lugar, todas as outras configurações em eco vão funcionar do mesmo modo. Houve o tempo em que o Rei lá estava por comenda divina, mas isto teria acabado, pois agora é a Democracia. Uma ova! Pois é do mesmíssimo modo que se coloca alguém lá. Schmitt *dixit*.

O que fora da psicanálise não se pode ver, por falta de visão analítica justamente, é que se muda de nome, de proposta, faz-se revolução, francesa e outras, e, no entanto, a concepção continua a mesma, o que faz com que só mudem as moscas (basta estudar a história dessa Revolução para verificar). A concepção de configuração para ocupação daquele lugar dentro da mente é que propicia aturar outro tipo de configuração. Ora, é muita gente ocupando o mesmo lugar, então uns têm que ser o Diabo, outros têm que ser Deus.

Isso está impregnado em nosso cotidiano. E o que se pode pensar, a partir da psicanálise, é a suspensão disso. Tomamos alguém que se considera ateu e ele tem um Deus absolutamente configurado como ateu: o Deus dele é que é ateu, não acredita nele. A pessoa tem uma configuração posta naquele lugar em substituição ao Deus que quer destruir, naturalmente, pois quer que se ponha lá o dela, que é ateu, sem a mínima possibilidade de reconfigurar o processo. Ora, a psicanálise estaria no mundo para fazer coisas desse tipo, ou seja, repensar de tal maneira que se pudesse manter um **processo de suspensão e de suspeição** capaz de, a cada momento, estar desfigurando – se quiserem a linguagem de Derrida, estar desconstruindo, embora a palavra já

estivesse em Freud: analisar (*ana-lysis*), que significa desconstrução. Portanto é preciso **analisar** aquela configuração que colocamos lá, **pois a doença é colocar configurações nesse lugar**.

• P – *A dificuldade é reconhecer de uma vez por todas que Prótese é Prótese.*

Mesmo essas configurações divinas são protéticas, já que qualquer prótese serve para se colocar lá. Vejam o conflito desse moço com sua sexualidade de homossexual declarado, mas cristão (ele tem que confessar para o padre, que vai gostar ou não... nunca se sabe). Ser anarquista-católico-veado só pode dar num Schreber... Mas o Papa...

142. Não se deveria chamar a transa entre os corpos do mesmo sexo anatômico de HomoSexualidade, já que ninguém tem o mesmo sexo que outro. A HomoSexualidade verdadeira é a consideração e a definição de ambos os sexos a partir do desenho de um deles (atenção, que Freud fez isto). Tanto a psicanálise quanto o feminismo, em seus inícios, foram inteiramente HomoSexuais (no meu sentido). A primeira, considerando a diferença anatômica e definindo os sexos a partir do macho; o segundo, fazendo o mesmo a partir do fêmeo, tentando no início ser o antiFreud, ainda que depois tenha mudado de idéia. Considerar o sexo da primeira ou do segundo a partir de qualquer deles, é pura HomoSexualidade, homogeneização do sexo. É a criança Estacionária que define o sexo segundo a idéia, aliás idiota, de castração. Fora da estupidez do Estacionário, as mulheres são do mesmo sexo que os homens (e vice-versa) – só que com anatomia e fisiologia diferentes. O que isto tem a ver com sexo? Ou será o sexo um aparelho reprodutor? Ainda?!

143. Supomos pela psicanálise que o que é primeiro, para não dizer primário, como Freud chamava, é o **Masoquismo**. Esta é uma virada dos cristãos que pode se tornar extremamente enganosa, pois Vattimo se apóia na tese de René Girard de que a fundação das religiões se dá por uma violência, antes de mais nada, de caráter assassino. Inclusive é esta a hipótese da antropologia de Freud,

com o assassinio do Orangotango: a garotada mata o Orangotango, depois incorpora, depois se arrepende, depois tem culpa... aquelas coisas de Freud. Girard tem a tese da produção do Sagrado pela violência, que é também a desses cristãos – não vou chamá-los de cristãos novos, porque estes eram judeus, digamos então novíssimos cristãos. Assim, o advento do cristianismo e a história do suposto assassinato de Jesus Cristo – na medida em que Deus incorporou esta carne – é a tentativa de, pela salvação que ele nos trouxe, suspender ou eliminar a violência na produção do Sagrado. Tal suspensão corresponderia a esse *pensamento débil*, que compareceria de maneira mais branda.

Na verdade, esses pensadores, com aparência ou não de criação de religião, são suicidas. Jesus Cristo cometeu suicídio, o que é uma evidência na história bíblica: ele é onipotente, o Diabo chega e lhe diz que, se ele quiser, pode fazer e acontecer, mas Jesus Cristo diz *não* para não tentar seu Pai. Partindo da suposição de que tenha existido um Jesus histórico, alguns historiadores contemporâneos, lendo os textos e procurando nos lugares, mostram (talvez com a pretensão de demonstrar) que esse moço chamado Jesus, querendo aparecer como novo profeta e fundador de uma nova ordem dentro do judaísmo (todos são cristãos menos ele, que era judeu), não só teria provocado, como teria armado a situação – propositalmente entrando em cima do burrico no dia da Páscoa, fantasiado do que os profetas disseram lá atrás. Há, então, a tese, que li outro dia, de que o tal Judas não era traidor coisa alguma, pois havia sido determinado por Jesus para fazer com que acontecesse tudo aquilo para que ele, Jesus, pudesse obter um lugar na história. Mais uma maneira de dizer que o rapaz era suicida, ou seja, ele invectivou a morte que jamais encontraria – daí o processo de se dizer que é imortal, eterno, que ressuscitou, etc. –, no sentido de se tornar imortal perante os outros.

São muitos suicidas dando este golpe. Sócrates, este grande pensador que foi morto por aqueles democratas que estava invectivando, justamente para sacanear a Democracia, é suicida. Ao invés de morrer poderia ir embora,

no entanto disse *não* a esta opção. Mas quem não é suicida? Ninguém morre de morte natural, todos morrem porque se matam nesta vida. Dizemos, por exemplo, *estou me matando para conseguir passar de ano*.

• P – *Por que esses pensadores de agora são suicidas?*

Disse que os grandes pensadores do mundo são suicidas, não me referi aos de agora, mas vai ver que eles são suicidas também, por que não? Como nós. Há a vigência do Masoquismo que é, nada mais nada menos, **Desejo de não-Haver** (mesmo não conseguindo não-Haver), que é desgastante e destrutivo, e caminhamos segundo ele. É isto que Freud achava que vigorava em *Além do Princípio do Prazer*. E de que recentemente eu disse não haver *Nada Além do Princípio do Prazer*, pois prazer é se matar todo dia (e não adianta ficarmos nos preservando). Repararam como as pessoas se matam para ter saúde? Vão para academia, tomam drogas, fazem operações plásticas... Por que não conseguem a saúde logo? Porque, até para conseguirem a saúde, têm que se matar. É um inferno.

24/SET

144. Naquele tempo tínhamos que sentar diante de uma prancheta enorme e produzir todo o projeto de um Templo Grego, como se dizia, numa disciplina chamada Arquitetura Analítica, que hoje acho nem existe mais (isto faz muito tempo, final da década de 50). Tínhamos que desenhar Templos Grego, Romano, Românico, Gótico, com todos os elementos de arquitetura, a partir da planta baixa, com a fachada, o corte longitudinal, e calculá-los todos. No caso do Templo Grego, o exemplo era o *Parthenon*: desenhávamos seus elementos arquitetônicos a partir do parâmetro ou da canônica, que era, no caso, o diâmetro da base inferior da coluna dórica; tínhamos também que calcular a êntase da coluna, sua inclinação por causa da perspectiva. Conforme a moda da época, parecia que tudo tinha nascido na Grécia e que para trás nada existia. Por exemplo, não se desenhava um Templo do Egito, uma Sinagoga ou uma Mesquita. A base de tudo era o Templo Grego.

O que é um Templo Grego? O *Parthenon* ficava em Atenas (ainda fica, pois lá estão seus restos mortais), o berço da Democracia, a Razão (ou Ração) do Ocidente. Aquela cidade grega de algum modo tinha ares de capital das outras cidades. Em seu centro, no ponto mais alto, havia a Acrópole e, em seu cocuruto, o tal *Parthenon*. Dentro desse templo, onde pouco se entrava, havia uma enorme estátua daquela Deusa (ou coisa que o valha) que chamavam de *Pallas Athena Parthenos*. *Pallas* quer dizer uma moça, *Athena* é o seu nome mesmo e *Parthenos* significa virgem. *Athena*, a moça virgem, que os romanos mais tarde chamaram de *Minerva*, aquela que andava com uma coruja. Que Deusa era essa? A titulação dessa moça virgem é um pouco vaga, pois era, nada mais nada menos, filha do pai, não tinha mãe (pelo menos direta). O chefe dos deuses, *Zeus*, que era seu pai, roubou-a da barriga da mãe, onde havia se emprenhado, e a meteu dentro de sua própria cabeça. Assim, ela foi gestada na cabeça de *Zeus* e dali nasceu. É o contrário de Jesus: ela só tinha pai e ele só tinha mãe; a mãe dela era algo que havia sobrado assim como o pai de Jesus Cristo.

Essa moça era tão adorada pelos gregos que deu seu nome à cidade fundadora do que poderíamos, eventualmente, chamar de Império Grego: *Atenas*. Ela é uma Deusa estranha, pois é dita Deusa da Sabedoria, com o nome de *Minerva* em nossa historieta contemporânea. Contudo, embora pareça ser só a Deusa da Sabedoria, ela é a Deusa da Guerra. Inclusive nasceu adulta da cabeça de *Zeus*, inteirinha **paramentada e vestida com as roupas da Guerra**. Não é como *Marte* que, embora suposto ser o Deus da Guerra, é o Deus de todas as polêmicas e de todos os embates, em qualquer forma. *Pallas Athena* é a Deusa da Guerra, isto é, o que é organizado segundo uma vontade lógica, de preferência, a guerra determinada pelo Estado, a que está, como o nome diz, inteiramente estatuída. A mãe dela, a tal onde foi fecundada de início, antes de ser retirada para a cabeça de *Zeus*, não é outra senão *Métis*, a Esper-teza, de quem já falamos no passado. Diziam que ela iguala seu pai, *Zeus*, em força e prudência. E, ao contrário de ser amiga do outro Deus da Guerra, *Marte*, *Pallas Athena* o tem justamente como seu pior inimigo, pois ele é a luta ou a guerra desorganizada.

Segundo a *Odisséia*, ela é protetora de pessoas importantes, como Aquiles, Ulisses, Telêmaco, sempre dando um jeitinho para ajudá-los. É espantosa essa *Pallas Athena Parthenos*, Deusa da Sabedoria e da Guerra. Dada toda essa adoração dos gregos que, na capital de seu império, no cume de sua cidade, lhe colocam esse templo, poderíamos dizer que ela é, na verdade, Deusa do Poder e da Economia Pulsional (ou qualquer outra), também representando a riqueza do Estado grego e considerada a **Fundadora das Leis**. Está aí uma visão do Poder: o Poder que sabe, faz a guerra e organiza a riqueza. Conta-se que dentro do *Parthenon*, na Acrópole, havia uma estátua enorme, gigantesca, de *Pallas Athena*. Narra-se assim, porque nunca se achou esta estátua. Devem tê-la reduzido a pedaços e roubado suas partes, por uma razão muito simples: a carne da Deusa era constituída de marfim com enfeites de ouro e todos os paramentos, sua roupa, de cima a baixo, feitos de ouro maciço. De fato, a estátua, trancada naquele cofre-forte pelos gregos, era tida por eles como uma espécie de lastro financeiro e econômico, a ser utilizado em tempos de penúria ou de guerra (havia essa intenção). Era uma espécie de tesouro em forma de Deusa e, se fosse necessário, o Estado utilizaria seus materiais como lastro. *Minerva*: a Dindinha dos gregos, aquela que lhes dava seu Dindinho.

Pelo que se roga nas orações à grande Deusa na Grécia? Por poder, em todos os sentidos: cura para a saúde, bons resultados na organização da cidade, nas plantações, na consecução do dinheiro, etc. Roga-se à Deusa por algum Poder e, certamente, por alguma grana. Acho evidente, não precisamos discutir isto, que Poder é consequência de posse de Bens, sejam quais forem esses Bens (nem que seja força muscular). Posse de Bens é aquilo que traz ou acrescenta Poder. Ora, os **Bens**, esses mesmos que emprestam e acrescentam Poder, são determinados e nomeados por formações sintomáticas de todos os tipos, em contraposição a algum suposto **Mal**, ou seja, algo que poderia dissolver, deteriorar ou destruir alguma formação interessante, mesmo que esse Mal seja Bem para outrem. Mas, na grande Formação (absoluta e total) que chamamos de Haver, o que é o Bem e o Mal? Já coloquei em vezes antigas que o Bem Supremo, do ponto de vista deste teorema, é exatamente o mesmo Mal

Supremo. Ou seja, diante do Haver, não-Haver é Bem Supremo, porque é, segundo ALEI, Haver quer não-Haver, o supremo do desejado (conforme o movimento da Pulsão). Ao mesmo tempo, se fosse consecutível, imediatamente se tornaria o Mal Supremo, pois destruiria todas as formações do Haver. Mas como é impossível atingi-lo, as coisas se deterioram, parcial ou sucessivamente, no seio do Haver. Como essa deterioração parcial remonta sempre a alguma formação que, em relação a outras, representa interesses, tudo que sustenta ou acrescenta o Poder dessas formações é para o **Bem**; tudo que diminui ou destrói o Poder dessas formações é para o **Mal**. Vejam que isto é de uma **relatividade absoluta**, ou seja, bem e mal simplesmente existem apenas *ad hoc*, em função das formações agoraqui. E, quando pensados em sua última instância, tornam-se a mesmíssima coisa: Bem Supremo = Mal Supremo. Isto é: **paralém de mal e bem**.

145. Toda essa dureza aparente é porque a psicanálise não opera nem com eufemismos nem com ocultações, como já avisei várias vezes. Infelizmente ela tem que **operar no Cruel e no Obsceno**. Cruel não é bom nem mau; Obsceno não é bom nem mau: só Cruel e só Obsceno. Ela simplesmente apresenta as coisas em sua crueza e as expõe obscenamente.

146. O que introduzi com essa estorinha de *Minerva (Pallas Athena)*? Pelo menos nossa origem cultural costuma ser colocada na Grécia, origem e modo de pensar do Ocidente. Vejam que, embora *Zeus* fosse o Rei do Olimpo, seu Deus supremo, o Império Grego, representado por sua cidade capitânea em cima da Acrópole, cultua de fato *Athena*, Deusa do Poder e da Guerra. Poder em todos os sentidos, inclusive do valor monetário, pode-se dizer – de sua paramenta e de seu próprio corpo constituído dentro do templo –, e poder político, religioso, etc. Enfim, tudo estava concentrado como poder e valor no centro da capital grega, essa figura divina sendo cultuada demais por todos os gregos.

Na verdade, o dito templo onde se cultuava *Athena* era uma espécie de Banco Central ou caixa-forte. Não só estavam os valores de lastro constituídos na própria estátua gigantesca da Deusa, como também aqueles poderosos de Atenas lá guardavam seus bens mais valiosos. Esta espécie de cofre de banco acumulava a maior riqueza da cidade, se não de toda a Grécia. O que se cultuava ali? O Tesouro Nacional, chamado *Pallas Athena*: virgem, moça e sábia guerreira. Isso serve de exemplo para pensarmos com um pouco mais de clareza o que se põe em qualquer circunstância, em qualquer cultura, em qualquer sociedade, em qualquer Estado, em qualquer agrupamento humano, ou para qualquer indivíduo, no lugar do **Gnoma**, da exasperação entre Haver e não-Haver. Lugar que, de longa data, tenho apontado que é onde se inscreve Deus ou Deuses, ou qualquer coisa, mesmo atéia, que tenha a mesma aparência e a mesma força. O que se inscreve nesse lugar? Sempre e indefectivelmente é o Poder: *Pater onipotens Deus*, no caso da tradição cristã.

147. Há pouco dizia que o Poder é consequência da posse de Bens por algumas formações que se apropriam, tomam ou têm a posse de mais outras formações. Quando isto se acrescenta numa grande formação, ela se torna rica e poderosa. Então, estou dizendo que o **Poder** depende do **Ter**. Todos sabemos, apenas não lembramos, que **Poder se tem ou não se tem**; dinheiro se tem ou não se tem; arma na mão para assaltar uma pessoa ou um país se tem ou não se tem. Lacan sonhava com a diferença entre o Ser e o Ter que, na estorinha dele, chamava-se Masculino e Feminino, se não fosse mesmo Homem e Mulher. Mas o Verbo SER, enquanto tal, sobretudo em nosso aparelho – onde é dito em contraposição ao Verbo HAVER –, é absolutamente redutível ao Verbo TER. Notem que, em contraste, estou dizendo uma coisa grave: **o Verbo SER é redutível ao Verbo TER**. Lembrem que antigamente os homens **tinham** o Falo e as mulheres **eram** o Falo? Lacan até dizia: *Elle n'est pas sans l'avoir* (na verdade, ela não deixa de tê-lo), pois sabia muito bem que por trás disso o que interessa é o Ter, insistindo, no entanto, nessa polaridade, a meu ver, hoje, inteiramente insustentável.

Quando se fala de algum ser ou de que alguma coisa é, trata-se de ser o quê? Seus Atributos e Predicados. Não há outro jeito, tanto na filosofia quanto na gramática. O que se é (*esse*)? Atributos e Predicados, que costumam disfarçadamente, tanto no campo da filosofia quanto no da gramática, ser postos a respeito de um tal Sujeito. Mas, em verdade, se dizem do Verbo SER, uma vez que o Sujeito só é pensado como um ser ou um grupo de seres, e o predicado como característica (do sujeito), se não aquilo mesmo que o caracteriza. Ora, o **Verbo SER** é justamente aquele que, em qualquer gramática, é chamado de o **Verbo Predicativo**. Então, não vamos mais disfarçar a relação, redutível, entre o Ser e o Ter.

Haver, no sentido em que usamos, sobremodo, nada tem a ver com isto, pois, mesmo que possamos perguntar o que é que Há, já colocamos o verbo ser no meio da frase. E a resposta será para esse *é* na pergunta, e não para o Haver. **Haver é só um soco na boca do estômago. Não exige nenhuma decifração nem acrescentamento fraseológico para se explicar: Há ou não Há!** Se perguntarmos “o que é que há”, passamos a nos importar com o verbo Ser, procurando **atributos** para certas formações que estão no Haver. Há formações e, se falo delas, passo imediatamente à predicação. Ou Há ou não Há. Mas o que É, é descritível mediante a listagem de seus atributos e predicados.

A distinção entre Ser e Ter, que Lacan continuou afirmando no nível da diferença sexual, é herdeira da neurose infantil que Freud encontrou quanto à mesma diferença sexual. Só isto. Ou as mulheres não têm? Nem todas as crianças são capazes de imaginar com tamanha burrice de algumas crianças neuróticas. As mulheres sempre têm alguma coisa: uma rachinha... um trocinho lá dentro... não é assim que as crianças dizem? Elas têm, nem que seja um Falo pelo avesso, como mostrou Marcel Duchamp.

148. Na aproximação do que, como Poder, se coloca no lugar do Gnoma, também nos aproximamos, em nível de estrutura mental, justamente do não-Haver requisitado, mas impossível de Haver, porque é não-Haver, e Impossível

do que quer que. Por exemplo, impossível de ser tocado, de se ser atingido, de se chegar lá. É o que se chama *Sacer*. A idéia de **Sagrado** é a idéia do **intocável**, aquilo que **não pode** ser tocado (em latim). Mas estamos aí novamente no regime do Poder: o *não pode* é da ordem do impossível ou do proibido? Originariamente o Sagrado é sagrado, porque é impossível de ser tocado: chama-se não-Haver. Na aproximação, mediante qualquer desenho que passe sobre o lugar do Gnoma, do *Sacer* impossível, começamos, por ressonância ou repercussão dessa idéia do Sagrado como impossível, a sacralizar formações que não são impossíveis de serem tocadas. E quando o fazemos, instituímos uma legislação de proibição. Assim nascem as sacralidades **para aquém do que é sagrado originariamente**. Sagrado, não porque alguém inventou e se pôs de joelhos, mas por ser **impossível** de lá chegar. Portanto, verifiquem que sacralização e dessacralização se dão no mesmíssimo lugar, assim como sacralização e secularização, em função da postura que se tem perante esse algo que se quer sacralizar ou secularizar. É apenas um gesto (de nomeação), que precisa de algum ditame legal e de algum exército para defendê-lo, seja de que forças e de que poderes forem. Pode ser um exército de beatas ou de soldados, como pode ser também um exército de formações neuróticas dentro de nossa cabeça.

Logo, toda sacralização e correspondente dessacralização ou secularização são absolutamente *ad hoc* em função de algum acontecimento ou de alguma formação agoraqui. E o que se escreve, em qualquer caso, no lugar do Gnoma, é o **Poder dos** (duplo genitivo) **Bens**, ou seja, o Poder que está instalado pelos Bens e o Poder da posse dos Bens. E a instalação desses poderes, de modo algum, em toda a história da humanidade, isto é, em toda a história da instalação de figurações e formações no lugar do Gnoma, foi parálise de mal e bem, pois sempre é para mal ou para bem de alguém.

• P – *Poderia dizer que o movimento de sacralização é indefectível para qualquer IdioFormação?*

Não, embora possa dar essa impressão. O Sagrado, enquanto tal, sim, mas aquém dele só há disponibilidade e nenhuma obrigação (nada obriga, meu

caro Kant!), nem mesmo sacralização de coisa alguma. Quando se bate de cara com o impossível, não é preciso fazer nenhum movimento para sacralizá-lo, pois, como impossível, ele se sacraliza por si mesmo. Não foi, portanto, nenhum movimento de sacralização que o sacralizou: ele é Sagrado porque o é. Quando produzo algum movimento de sacralização, já estou em decadência, colocando naquele lugar algo que, por repercussão, quero elevar à categoria do Sagrado, mas que não o é, sou eu que o faço. E isto é precário, além de não ser necessário.

• P – *Há que reescrever os tratados das religiões, pois boa parte desses textos já parte da sacralização.*

Sem dúvida. Foi o que disse quando falei da **Hipótese Deus** há séculos atrás. Queira-se ou não, qualquer formação ou grupo humano chamável de IdioFormação acaba colocando algo naquele lugar e, pior, faz isto de saída. Não porque seja obrigatório, mas porque é estúpido em função de suas formações recalcantes de outras formações, que sempre põem um desenho poderoso e recalcante naquele lugar. E os textos realmente, filosóficos ou não, religiosos ou não, começam freqüentemente deste ponto, o que faz com que tenhamos a impressão de que esse lugar é obrigatório, tendo sempre que emergir como tal, segundo esse tipo de desenho. Não se trata disso. O lugar do Gnoma é sempre disponível e sempre se oferece para ser enchido com alguma coisa, já que aquele outro (não-Haver) não dá. Mas, nessa reverberação, colocamos alguma coisa ali, não só para nos dar sentido, como, sobretudo, para fazer barreira àquele impossível, quando ele dói. Aí nos advém a mais grave das feridas narcísicas: bater de cara com o impossível, ou seja, com o verdadeiro Sagrado.

Então o que ameniza o povo é construir uma figuração para colocar ali e dizer a ele que é só isso. Esse *só isso* ameniza o tamanho da força do não-Haver, mas, por outro lado, faz pensar que ele é questionável. Por isso, apesar de as formações discursivas sempre começarem daí, não vamos jamais encontrar unanimidade, nem no tempo nem no espaço. Isto acontece em todos os âmbitos, de religiões, de ditas ciências, de políticas, de histórias, de filosofias. Um dos mais recentes deuses colocados ali foi a tal ‘interdição do incesto’

pelo Sr. Lévi-Strauss, no nível supostamente de ciência dita humana. Só que ninguém é obrigado a acreditar.

149. As chamadas religiões, sejam elas mais ou menos primitivas, são, em última instância, o culto e a demanda do Poder. O que as pessoas vão fazer dentro de suas religiões e igrejas? Conhecemos alguém que vai rezar para que a torre da igreja caia em sua cabeça? Ou para que sua mãe morra logo (a não ser que seja um bem)? As pessoas vão pedir Bens, vão pedir Poderes àquele suposto onipotente ou alguma potência, nem que seja uma *Minerva*. A psicanálise não pode esquecer disso: todos os aparelhos religiosos são demanda de Poder (para cada um, o poderzinho que possa conseguir), assim como o próprio aparelho religioso é uma construção de Poder, e como formação de combate.

- P – *Posto dessa forma, estamos falando o tempo todo de religião.*

Se formos definir religião por essa demanda de Poder, seria verdade. Resta saber se, entre religião, filosofia, história, Estado, há diferenças específicas, embora ache que todo mundo faça isso religiosamente, como se diz. Essa demanda não pára de ser feita, mediante compulsão repetitiva. Então, no fundo de toda demanda há um princípio religioso no sentido de obsessivamente pedir por acrescentamento de Poder.

- P – *Que é a continuação da lógica de fundamentação teológica de todo e qualquer discurso.*

É preciso que as pessoas saibam que essa falação aqui tem mais de vinte anos, portanto não posso lembrar de me referir a tudo que já foi desenvolvido. Essa função teológica, segundo o próprio preceito de Carl Schmitt, que a destacou muito claramente na ordem estruturante do Direito, é alguma instância à qual se pede poderes, estando o próprio Direito estatuído assim, pois sua base é Teológica. Do mesmo modo, nós outros hoje somos um pouco enganados, há certo disfarce quanto a essa posição, não só da teologia quanto das igrejas e religiões, na medida em que (aparentemente) houve o que chamamos separação da Igreja e do Estado. Ora, isto é tão mentira que, aqui no Brasil, se diz que a Igreja é separada do Estado, em vez de se dizer as

Igrejas... E, dependendo de certa postura política das instituições, funciona exatamente assim. A suposta separação deu a impressão de que o Estado ficaria com o Poder, como se diz, Secular, e a Igreja com o Poder, como se diz, Espiritual. É claro que eles costumam fazer um troca-troca: o Estado pede um pouco de espírito emprestado e as igrejas pegam muita grana. Embora finjam estar separados, é um pouco difícil o espírito de Igreja se sustentar sozinho sem o poder material do Estado e o Estado se sustentar sozinho sem assustar as criancinhas e os baixinhos de qualquer idade com os fantasmas das religiões. Logo, esta separação é uma farsa, uma mentira.

Vou contar esta anedota aqui porque vem bem a calhar. Em 1955 (muita gente aqui nem era nascida, faz tempo à beça), eu era um cadete adolescente que estudava numa escola militar, quando houve uma solenidade, aquelas formalidades militares da melhor qualidade, porque Rosalina Coelho Lisboa (poetisa que ninguém deve lembrar e que teve o bom gosto de casar com o homem mais rico do Brasil) foi à escola dar de presente para os cadetes uma bandeira nacional, ocasião em que fez um monte de discursos e declamou poesias. A solenidade foi feita justamente para receber oficialmente a bandeira que essa senhora, embaixatriz que era, tinha dado para os cadetes. No dia seguinte, prova de português, o professor, que era padre, e não um milico, pediu que fizéssemos uma redação comentando aquela solenidade. Fiz uma grande e boa redação – sempre escrevi razoavelmente bem –, perguntando onde estava a Democracia do Brasil, porque havia visto o Cardeal do lugar benzendo a bandeira, mas não vira o Pai-de-Santo, o Macumbeiro, jogando fumaça do charuto, não havia visto o Espírita nem o Protestante. Então aquela bandeira não estava bendita. Isto resultou na tentativa de abertura de um inquérito acusando-me de ser comunista. E eu nem sabia o que era isto. Só não houve a abertura do inquérito, porque, na hora de dar as notas da prova, o padre me chamou e disse que ia abrir um inquérito, que eu tinha feito uma redação de comunista. Disse para ele que não sabia o que era comunismo, mas se era aquilo que estava dizendo, que eu era sim. Com isto desistiu de abrir um inquérito. Mas isto não resultou em minha saída do exército. Saí depois, porque quis.

Vejam, então, que, quando pegamos o sintoma funcionando, não há separação nenhuma. Lembram do ateu Fernando Henrique antes da primeira eleição? Ele hoje ajoelha para qualquer coisa. *Conditio sine qua non* segundo a instalação do Direito e do Estado de se manter no lugar determinado por certa ou qualquer teologia. Esta é a verdade que está escrita no texto de Carl Schmitt, que as pessoas não querem engolir e por isso xingam o autor. Hoje está na cara, quando vemos uma série de igrejas, ditas evangélicas, de todo tipo e naipes, onde se fica pedindo a Jesus para ganhar a eleição ou ganhar um dinheirinho. Basta ligarmos a televisão: “estava muito mal, na miséria, mas, depois que cheguei para o Senhor Jesus, já tenho carro, etc.” Ou seja, é a rebarba de baixo nível do Protestantismo Peregrino Americano, aquele que, segundo Max Weber, fundou o Capitalismo (americano). Se antes disfarçavam mais, pediam uma benção (que, é claro, vinha em muitos dólares), hoje se pede diretamente um carro, uma casa, etc. Está escrito em toda cédula de dólar: *In God we trust*, quer dizer, o padrão-ouro deles é Deus mesmo, ou seja, é uma outra fantasia de *Pallas Athena*. Jesus é Poder, pois é aquele que dá os bens. Qualquer Rosinha diz isso... “Diz que Deus diz que dá... Diz que Deus dará...”

O que querem todos esses que oram a Jesus? Querem saúde, Poder (qualquer coisa mínima que seja), mas, em última instância, o que querem é grana. Como todo mundo, são normais. O significante, por excelência, chama-se Dinheiro. Esta foi a grande descoberta do Protestantismo Americano, segundo Max Weber: a equivalência, absolutamente correta, Deus ou Sujeito (\$, o S barrado de Lacan) = Dinheiro.

150. A Psicanálise é ARRELIGIÃO. Segundo esta ambigüidade, em que esse A pode ser afirmação e/ou negação, que Religião ou Arreligião pode ser a psicanálise? Como ela pode Refazer a Leitura (no sentido do *relegere* de Benveniste) de toda a história religiosa que podemos agoraqui reconhecer que não é senão demanda de Poder? Como pode retomar a Religião (no sentido de *religare*) com esse Poder, ou seja, com esse Deus, e a Religião entre os pedintes? *Relegere* e *Religare*, Refazer a leitura e Retomar a ligação, mas para quem? O

que a psicanálise tem a ver com isto e o que fazer com sua vocação como Arreligião (nos dois sentidos)? Ela não pode se livrar, como qualquer outra formação, do mecanismo de repetição. Pode, sim, aproveitar-se desse mecanismo para instalar a não-repetição, instalar o novo, embora com certa raridade. É o que ela pode ou supõe tentar.

151. Produzir **desocultação** só pode ser realizado como crueza e obscenidade. Diante dos processos ditos religiosos da história da humanidade, a diferença que se instala, mediante a psicanálise, é que, por reconhecimento disso que aí está, a psicanálise deixa vazio o lugar do Gnoma. *Deixar vazio* não é só largar para lá e deixar vazio, porque, se deixar para lá, aquilo estará sempre cheio: há sempre algum fantasma para assentar naquele lugar. Deixar vazio é produzir constantemente o esvaziamento desse lugar. Isto é uma atitude religiosa? Sim, mas é uma atitude Arreligiosa. É uma atitude que não pode deixar de ser concebida com os mesmos parâmetros da religião, mas que é de esvaziamento, de retirada, ao invés de posição. *Via di Levare*, e não *Via de Porre*. Isto é perene. E é por esse motivo mesmo que eu disse que primeiro é preciso uma **Análise Propedêutica** para se dar conta disto, depois a **Análise Efetiva**, pois perenemente temos que esvaziar o lugar do Gnoma, aonde sempre queremos colocar algum artefato cultural. Este é o pedido que os religiosos dessa Arreligião fazem, e não pensem que deixa de ser demanda de Poder, porque é a demanda do Poder máximo. Não queremos qualquer Poder, queremos o Poder Absoluto de manter vazio aquele lugar em disponibilidade para o que quer que.

Pela destruição de todas as figurações que podem ali ser colocadas estamos instituindo esse lugar como **Absoluta Soberania**. Como se vê, a psicanálise é extremamente pretensiosa, não menos pretensiosa que os místicos verdadeiros do passado, que queriam, nada mais nada menos, ir para esse lugar de Absoluto Poder, de Absoluta Indiferença. Já citei Diógenes, que tem esse aspecto místico em sua constituição diante do Haver. Isso é Poder Absoluto. Não é consecutível, e sim persecutível. Isto é o que se chama **Análise**

Infinita. Este é o pedido verdadeiro quando se pede análise. Por isso digo que as pessoas não costumam pedir análise; costumam querer um poder menor. Se conseguirem continuar seu processo, pedirão um Poder Absoluto e Absoluta Soberania. Mediante o quê farão este pedido? Quais são as **Orações** que se fazem na psicanálise? **Não se faz outra coisa em psicanálise senão orações.** Por isso ela foi chamada de *talking cure*. O analisando **tem que** fazer suas orações. Só que, ao invés de serem rezas essas Orações, ou seja, textos decorados para ficarmos repetindo, são falações no sentido de se conseguir dizer todos os impedimentos para chegar lá, para desvalorizá-los, para banalizar nossos pedidos (ou demandas), de modo que nos **sobre** a demanda de Poder Absoluto, a demanda de totalização... de coisa alguma.

Em Mestre Eckhart encontramos algo que as pessoas têm extrema dificuldade de entender: ele vive pedindo a Deus que o livre de Deus. Isto criou um problema sério na Igreja, que quase o leva para a Inquisição, se ele não morre a tempo. Ele fazia sermões mostrando que a coisa mais importante era se livrar de Deus, pois sabia que Deus era figuração, e que, para poder chegar àquele lugar onde se supõe estar Deus, é preciso não tê-lo. Isto, no próprio seio da Mística Cristã e Católica.

152. A ORAÇÃO EM PSICANÁLISE é exercício perene de Indiferenciação; a Oração em Psicanálise é **práxis do Revirão;** a Oração em Psicanálise é **ascese do Cais Absoluto;** a Oração em Psicanálise é **referência ao impossível não-Haver;** a Oração em Psicanálise é **invocação da HiperDeterminação;** a Oração em Psicanálise é **reconhecimento da Vinculação Absoluta**, sem caridade alguma (caridade é um lema cristão: como dizia Lacan, Eucaristia e Pederastia são a mesma coisa). Reconhecimento puro e simples da vinculação, sem a menor necessidade de caridade. É para isto que se faz Oração em Psicanálise.

• P – *No sentido desse vínculo sem caridade podemos pensar uma inocência ou uma culpa absolutas.*

É a mesma coisa, pois o fenômeno de com-siderar as pessoas não precisa de nenhuma caridade ou solidariedade. Isso é embromação, segundo a moda de

hoje. Mas é muito difícil quem é solitário ser solidário, pois há uma **Solitariedade** que vem antes da solidariedade, embora o reconhecimento de Absoluta Vinculação possa se tornar óbvio, o que é outra história. Isto é, uma **suspensão** e um **cuidado** radicais, onde não precisamos ficar com pena, fazer caridade ou ficar solidários de coisa alguma, pois, quando ficamos solidários, o sintoma é nosso, já que ele é compatível com quem está ficando solidário. Quero ver é simplesmente reconhecer a vinculação, mesmo que se a deteste. O Vínculo Absoluto não é entre cada um e todos, é de cada um com o Todo, portanto estão todos na mesma, até os retardados mentais. Então, reconhecer vinculação sem postura sintomática pode ser reconhecer vinculação até mesmo quando é ruim, até mesmo quando não gostamos. Não gosto de jiló, mas é comível. Isto se chama **reconhecimento da vinculação**.

- P – *Este reconhecimento permite que se vá além da especiação secundária, das raças e dos racismos.*

Esse **reconhecimento** é lugar e momento de **suspensão** não apenas do etológico, como também do neo-etológico; não apenas suspensão das imposições Primárias, como das Secundárias, chamadas geralmente de culturais. Suspensão radical por **Absoluto Reconhecimento**, mesmo não gostando. Pois reconhecimento nada tem a ver com gosto, que é uma formação sintomática que não se discute ou só se discute (como queria Kant).

- P – *O gosto é da ordem do Ser e do Ter, enquanto essa disponibilidade é da ordem do Haver.*

Essa vinculação há e não posso fazer nada nem contra nem a favor. A vinculação é o fato de que, no regime do Gnoma, toda e qualquer IdioFormação é acolhível, inclusive com suas formações de baixo nível. Posso lutar com elas, mas tenho que reconhecê-las, sem execrar o outro lado. Posso não gostar e querer parar aquilo, daí as lutas de poder no nível interno, mas no nível da mente psicanalítica, mesmo nas lutas de poder, nada é execrável.

- P – *A aproximação entre a postura de Diógenes e a dos Místicos seria que, ao destituírem a figuração externa, incluem o exercício da indiferenciação?*

Os autores apontam o fato de que não podem deixar de considerar Diógenes como um Místico, justo porque opera no mesmo regime de todos os

místicos (nós é que fazemos confusão com essa palavra ‘místico’, aproximando-a da significação de ‘beato’). Místico é aquele que destrói e dissolve toda figuração naquele lugar, perenemente. Por isso disse que o **estatuto da Psicanálise é Místico**.

09/OUT

153. Dia 6 de janeiro de 1935, Freud escrevia uma carta (que faço questão de ler inteira) para Lou Andreas-Salomé:

“Minha cara Lou. O que você ouviu sobre minha última obra, posso agora explicar com maiores detalhes. Ela partiu da pergunta sobre o que realmente criou o caráter particular dos judeus e concluiu que estes são uma criação do homem Moisés. Quem foi esse Moisés e o que realizou? A resposta foi dada em uma espécie de romance histórico. Moisés não era judeu, mas um egípcio bem nascido, alto funcionário, sacerdote, talvez um príncipe da dinastia real e zeloso adepto da fé monoteísta que o faraó Amenófis IV” – ou Amenhotep IV, aquele que também chamamos de Akhenaton – “havia transformado na religião dominante por volta de 1350 a.C. Com o colapso da nova religião e a extinção da 18ª dinastia após a morte do faraó, aquele homem ambicioso e promissor perdeu todas as suas esperanças e decidiu deixar a sua terra natal e criar uma nova nação que pretendia educar na grandiosa religião do seu mestre. Recorreu à tribo semita que já vivia no país desde o período dos hicsos, colocou-se na posição de seu chefe, libertou-a da escravidão e lhe deu a religião espiritualizada de Aton e, como expressão de consagração e também como forma de mantê-la à parte, introduziu a circuncisão, costume nativo entre os egípcios e exclusivo desses” – era um bando de sem-terra, tribalizados em torno de umas idéias religiosas muito arcaicas e primitivas que foram cooptados por um egípcio refinadíssimo, da religião mais refinada que apareceu até então, e cujo criador efetivo foi também o criador do Monoteísmo no planeta: Akhenaton. “O que os judeus mais tarde se vangloriaram de seu Deus Javé, do fato de este ter feito deles o Povo Eleito e tê-los tirado do Egito, era literalmente verdadeiro – com relação a Moisés. Com

esse ato de escolha e com o fato de ter-lhes dado a nova religião, ele criou os judeus. Esses judeus foram tão pouco capazes de tolerar a fé existente da religião de Aton quanto os egípcios antes dele” – Akhenaton, que era casado com Nefertite e pai de Tutankaton (que após a morte do pai teve que trocar seu nome para Tutankamon), logo depois que morreu foi considerado um herege e toda a reforma religiosa de caráter monoteísta que havia inventado foi destruída. Antes dele havia Amon, representante do deus sol, mas que era uma divindade mítica representada por uma figura humana com sua esposa, deusa também. Akhenaton resolveu abstrair e dizer que só havia um único deus que era o disco ou o globo solar em sua distância, mas nem os egípcios nem os judeus suportaram isto. “Um estudioso não-judeu, Sellin, demonstrou que Moisés provavelmente foi morto após algumas décadas em um levante popular, sendo seus ensinamentos abandonados” – quer dizer, o povo judeu que era meio bárbaro assassinou Moisés que queria obrigá-lo a ter uma religião monoteísta. “Parece certo que a tribo que retornou do Egito uniu-se depois a outras tribos aparentadas, habitantes da terra de Madiã (entre a Palestina e a costa ocidental da Arábia), que haviam adotado o culto de um deus vulcânico” – esse é o famigerado Jeová, vulcânico além de epilético – “que vivia no Sinai. Esse deus primitivo, Javé, veio a ser o deus nacional do povo judeu” – vejam que é puro sincretismo, já tendo desfigurado a religião original, a de Moisés, a de Akhenaton. “Mas a religião de Moisés não havia desaparecido. Permaneceu uma vaga lembrança dela e de seu fundador. A tradição fundiu o deus de Moisés com Javé, atribuiu a ele a libertação do Egito e identificou Moisés com os sacerdotes de Javé de Madiã” – sincretismo puro – “que haviam introduzido o culto desse último deus em Israel. Na realidade, Moisés nunca havia ouvido o nome de Javé e os judeus nunca atravessaram o Mar Vermelho, nem estiveram no Sinai. Javé teve que pagar caro por ter assim usurpado o deus de Moisés. O deus mais antigo estava sempre à espreita e, no decorrer de seis a oito séculos, Javé havia mudado para parecer-se mais com o deus de Moisés. Como uma tradição semi-extinta, a religião de Moisés havia finalmente triunfado” – triunfado com sincretismo, é claro. “Esse processo é típico da forma como uma religião

é criada e foi tão-somente a repetição de um processo anterior. As religiões devem seu poder compulsivo ao retorno do recaiado” – guardem esta frase! –; “são memórias redespertadas de episódios muito antigos, esquecidos e altamente emocionais da história humana” – ele está dizendo que o recaiado foi algum episódio da história humana. “Já afirmei isto em *Totem e Tabu* e o expressei na fórmula: a força da religião reside não em sua verdade material, mas em sua verdade histórica. E veja, Lou, esta fórmula, que exerce uma fascinação tão grande sobre mim, não pode ser publicamente expressa na Áustria hoje em dia, sem fazer cair sobre nós uma proibição oficial da análise, por parte da autoridade católica dominante” – não se trata de Hitler. “E é apenas este catolicismo que nos protege dos nazistas” – se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. “E, além disso, os fundamentos históricos da história de Moisés não são suficientemente sólidos para servir de base para estas minhas conclusões de valor inestimável. Portanto, fico em silêncio. Para mim basta que eu mesmo possa acreditar na solução do problema. Ele tem me perseguido durante toda a minha vida. Perdoe-me e aceite os cordiais cumprimentos de seu Freud”.

Lou responde em meados de janeiro de 1935. Não vou ler a carta toda, apenas a passagem em que ela comenta o interessante da carta de Freud: “Mas o que *me* fascinou particularmente em sua atual visão das coisas foi a característica específica do ‘retorno do recaiado’, ou seja, a maneira pela qual elementos nobres e preciosos regressam, a despeito de uma longa mistura com todo tipo de material. Por certo são as ‘verdades históricas’ e não as ‘materiais’” – citando Freud – “que em segredo exercem o poder real, mas nesses períodos históricos passados isto veio depois de todas as forças psíquicas intensamente reais cujo caráter elevado se manteve indestrutível” – ela dá uma cutucadinha em Freud, pois, antes de ser histórico, é formação inconsciente. “Até aqui, entendemos geralmente o termo ‘retorno do recaiado’ dentro do contexto dos processos neuróticos [...]. Mas, nesse caso” – porque a novidade está aí – “nos deparamos com exemplos de sobrevivência dos elementos mais triunfantemente vitais do passado, como a mais verdadeira possessão do presente, a despeito de todos os elementos destrutivos e forças contrárias que enfrentaram”.

Espero que tenham sacado que o hábito anterior era de se pensar que o retorno do recalcado se devia à pressão de algo que fora excluído de saída. Mas Freud está mostrando em sua carta, e Lou reconhece estarrecida, que esse retorno pode ser de qualquer índole, a qualquer momento, em função de qualquer acontecimento. Portanto, algo que foi recalcante pode se tornar recalcado e ter seu retorno; algo que foi meramente recalcado pode retornar e se tornar recalcante. E embora não exista esse tipo de articulação na obra de Freud, de fazer o balanço (como tento fazer) vetorial de pressões de força entre recalcanes e recalcados, está aqui nesta carta explicado como é que isso funciona pelo menos no princípio dinâmico da Metapsicologia.

154. ‘Ninguém senão Deus pode me julgar’, foi o que dizia MV Bill. Quando acontece um momento em que uma frase dessa ordem pode ser dita, sem indicar de que Deus se está falando – não se sabe se é Javé ou Aton –, ou o que se está colocando nesse lugar, temos que imaginar necessariamente que todas as instâncias estão em **suspeita** e em **suspensão**. Este é o valor dessa letra que é excepcional, pois justamente está denunciando ou demonstrando a suspeição a respeito de todas as instâncias de valor, pelo menos na região brasileira de que está falando, embora isto seja mundial. Então, se está fazendo referência ao lugar de exasperação, à possibilidade de HiperDeterminação onde se possa colocar uma instância de juízo que ultrapasse a desconfiança de todas as instâncias em vigor. Isto é grave e é o momento que estamos vivendo.

Freud está dizendo que todas as religiões dependem da emergência, naquele lugar, de algo como Retorno do Recalcado (e sempre será assim), isto é, qualquer conjunto de formações que estejam em vigor como formação poderosa (portanto, recalcante) não pode, mesmo que haja criação de algo novo, não ter compromisso com as forças recalçadas, sejam elas de que momento da história forem, da história do bebê ou da história de Moisés (aliás, ‘Moisés’ é o nome daquele cestinho de bebê).

Quando Akhenaton tenta levar o Egito para um *upgrade* de abstração e, digamos até, de Indiferenciação em relação aos deuses anteriores, bastou

que morresse para que se tomasse o poder, se destruísse sua obra e até matassem seu filho (entre 16 e 19 anos), obrigando-o antes a mudar de nome. Creio que a fórmula de Freud é perfeita: Moisés devia ser um daqueles egípcios que teve que fugir para não ser morto; encontrou aquela gentinha no meio do caminho, um bando de sem-terra que acreditava em coisas estapafúrdias, pois tinha uma cultura meio bárbara, e arrebanhou essa ralé, conseguindo uma espécie de chefia para conduzi-los para outro lugar (sem necessidade de atravessar o Mar Vermelho), de modo a tentar instituir em algum povo a religião falecida de Akhenaton. Não conseguiu, pois o barbarismo era forte demais. Mataram Moisés, vem o Retorno do Recalcado (segundo Freud), e isto se instalou de maneira sincrética, e não pura.

Pergunto se não é essa estorinha, como qualquer outra de criação de algum pensamento – que pode ter, queiramos ou não, a intenção e o resultado de ser **releitura**, ao mesmo tempo que **religação** (de ter o escopo religioso em seu fundo) –, que exatamente sempre se repete. Estamos acostumados a reconhecer isto, seja pela interferência de Freud ou de outrem, quando se trata de religiões propriamente ditas enquanto instituídas. Entretanto, qualquer fundação de pensamento tem as mesmíssimas características, sobretudo quando acolhe um bando de sem-terra que passa a nomear esse lugar como a instância de sua referência, considerando-se que, logo em seguida, mesmo após essa nomeação, os processos se degradingolam de algum modo e essa estorinha, como ocupante do lugar do Gnoma, é dejetada, excluída ou assassinada. É a história permanente de toda e qualquer invenção que tenha alguma (e todas podem ter) característica de força política de aglutinação como releitura do mundo e religação entre as pessoas, e mesmo até como aliança em relação a algo que se coloque ali, chamemos de deus ou do que quisermos.

155. Dialética do Senhor e do Escravo uma ova! Hegel quis atribuir esse movimento a essa dialética, que Lacan retomou, onde o tal Senhor (o Dono) só se apropria das forças do Escravo na medida em que não teme a morte, e o Escravo, segundo essa estorinha de Hegel, é um cagão que morre de medo de

morrer. Por isso o Dono consegue aglutiná-los e escravizá-los (o nome é este). A dialética vai se instalar na medida em que, se o Dono domina o Escravo, o Escravo desfigura o mundo do Dono, e fica-se nisso até que se consiga uma possível síntese, dentro da cabeça de Hegel, naturalmente.

A visão psicanalítica é mais precisa do que essa visão filosófica. Não se trata de nenhuma Dialética do Dono e do Escravo, mas simplesmente da necessidade que tem um bando de sem-terra (estou falando como metáfora geral, não só como terreno), sem organização, sem referência e discurso próprios – que somos todos nós quando começamos qualquer coisa – que, ao encontrar alguma formação discursiva ou pragmática que seja capaz de lhes dar determinada entonação de existência e referencial adequado, nomeia a instância (ou aquele) que traz essa formação como capaz dessa referência. Como é o nome disto? Em psicanálise, Lacan resolveu que deveria se chamar Sujeito Suposto Saber, mas efetivamente é a *Instância Suposta Poder* dar conta da falta de saber ou poder da gentilha.

Ora, nomeia-se esse lugar, nomeia-se às vezes essa pessoa, pensamento ou instância de ação pragmática, mas, à medida que o tempo passa, essa nomeação torna-se humilhante, não apenas porque a gentilha começa a entender as coisas e até um pouco de mundo, já que tem esse referencial e, portanto, pode lançar olhar crítico sobre a instância por eles antes nomeada, mas também pelo fato de que se submeter, ainda que por vontade própria, àquela instância é de alguma forma humilhante para aquele que não a criou. Psicanaliticamente é o que acontece em qualquer fundação de Religião, de Estado, de Ciência ou... de Psicanálise. Qualquer um que tenha passado, ainda que pequena e brevemente, por essa experiência, vê nitidamente a este respeito o que acontece: nomeia-se algo ou alguém como instância de referência para se encontrar, porque se estava perdido e sem terra; à medida que se consegue essa terra e se começa a supor que se encontrou e até a receber mesmo, pela intervenção dessa instância nomeada, condições de reconhecimento do terreno e reconhecimento de si mesmo, vai percebendo que esteve alienado e humilhado por essa nomeação e procurará, antes ainda de suficiente análise para colocá-lo não no lugar de humilhado, mas

de reconhecido, matar e destruir aquele que ocupa esse lugar, nem que seja por via de um assassinato cultural, como dizia Glauber.

156. É preciso reconhecer, junto com Carl Schmitt, que toda instância não apenas jurídica, como também de formação de alguma situação transformada em alguma estatização, seja ela científica, filosófica, religiosa, psicanalítica, etc., tem as mesmíssimas características de qualquer religião. Os cientistas são aqueles que fingem melhor não acontecer isto, pois têm a suposição de poder fazer referência a uma tal realidade, objetivamente tratada. Entretanto, isto não é verdade, pelo menos se passarmos de leve por algumas críticas da epistemologia, onde podemos ir até um Paul Feyerabend, cuja crítica é absolutamente rigorosa. Ou considerarmos, por exemplo, um livro que trouxe aqui há algum tempo (anos talvez) de Imre Toth, chamado *Palimpseste: propos avant un triangle* (Paris: P.U.F. Bibliothèque du Collège International de Philosophie, 2000, 494 p), que tratava da fundação da geometria não-euclidiana, para vermos como o nascimento de um departamento da Matemática foi barrado política e religiosamente pela existência poderosa da geometria euclidiana.

Então, não se trata, como supõem os cientistas quando querem falar mal da psicanálise, de que eles fazem ciência e a psicanálise não. A psicanálise não é ciência e não quer ser, mesmo porque acha a ciência uma coisa muito banal, boba e pobre, sobretudo quando quer se meter a ser científica. Quando não quer ser muito científica, fica até mais engraçada, pois pode reconhecer que sua pregnância epistemológica é, na verdade, muito fraca.

Assim reconhecemos, como Carl Schmitt, que há a potência teológica por trás de todo tipo de fundação, política inclusive. Foi editado em português o livro *A Luta pelo Direito* (São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001, 101p.), de um jurista alemão do século XIX chamado Rudolf Von Ihering. Seria engraçado lermos, pois tenta demonstrar a médio prazo que “o objetivo do Direito é a paz, a luta é o meio de consegui-la. Enquanto o direito tiver que rechaçar o ataque causado pela injustiça – e isto durará enquanto o mundo estiver de pé –, ele não será poupado. A vida do Direito é a luta, a luta de povos, de governos, de

classes, de indivíduos. Todo o Direito do mundo foi assim conquistado, todo ordenamento jurídico que se lhe contrapôs teve que ser eliminado e todo Direito, assim como o Direito de um povo ou indivíduo, teve que ser conquistado com luta” (p. 27). Isso é o que pode dar substrato ao que queremos, às vezes, chamar ‘Estado de Direito’. Mas o que importa aqui, como dissera há muito, desde Seminários anteriores, é que, em última instância, tudo recai e se fundamenta num ato político dependente de luta política. E o que quer a luta política que está por trás de qualquer ato de fundação, seja ele (repito) religioso, político, psicanalítico, filosófico, científico? Ela quer Poder. Então estamos vivendo uma época muito importante para a história da humanidade, pois as máscaras estão caindo. O Cinismo é tão deslavado, tão proficiente e de tão boa qualidade, que as coisas se esclarecem. Ou seja, o Iluminismo nasce do Cinismo ou a Iluminação depende da cara-de-pau.

157. *A psicanálise, com sua presença no mundo contemporâneo, devia se dar conta de que o melhor benefício que pode trazer com sua presença é o de cruelmente estabelecer e inscrever essas obviedades.*

158. Na confusão contemporânea, os valores estão em questão ou foram para o beleléu. Sabemos que qualquer fundamento é fundamentação agoraqui e que temos que fundamentar o que dizemos em cima de algo que é apenas uma aposta. E, diante da situação cultural mais ou menos horripilante do mundo, em que os valores estão questionados, sua configuração, em última instância, política, é extremamente difícil de ser não só entendida, como articulada com os acontecimentos que hoje se dão.

Que posição a psicanálise (esta de que estou falando) poderia tomar diante dessa situação? Temos, falando de extremos, a filosofia de um Richard Rorty nos EUA ou, além dele, a filosofia de descendentes genericamente do pragmatismo americano, aliás, de onde veio o meu mestre Anísio Teixeira, que fora aluno de John Dewey, o grande estabilizador do pragmatismo democrático americano. A posição dessa gente, mormente a palavra de Rorty, é a de que o

fundamento é a Democracia, acima de todas as coisas, e isto deixa muitos arrepiados. Em primeiro lugar, porque há lugares em que a Democracia obviamente não funciona. Não se pode, por exemplo, decidir por regime de escolha democrática o que se pensa dentro da psicanálise. Embora esteja bastante assim na mão de alguns chamados analistas, que devem votar para saber o conceito que está em vigor. A Democracia como fundamento de todo e qualquer ato de pensamento (ou não) é uma idéia extremamente difícil e pesada.

Há também o famoso Habermas, com sua dialogação permanente, na vocação democrática do papo infinito decidindo a respeito das coisas. Na outra extremidade, há aqueles que se arrepiam e ficam horrorizados com a destituição das instâncias de saber, digamos assim, mais refinado, ou as instâncias de excelência. Isto, se remetermos à generalidade da significação, é a referência a certa Aristocracia no pensamento. Por exemplo, Platão e seus Reis Filósofos, para quem era preciso ter um nível de saber adequado para poder estabelecer e aplicar os valores, certamente que mediante uma hierarquia de excelências.

São os dois extremos. E qual deles escolhemos? A Democracia ou a Aristocracia? Na medida em que a vontade democrática não pode decidir sobre os saberes em psicanálise, mas na medida em que as Aristocracias do saber também dão mancadas todo dia (em toda história), pois os sabichões (supostos) fazem muita merda e a gentalha não sabe o que faz. Como saímos dessa? Aliás, estamos vivendo um momento de franca exibição dessas duas posições nas televisões do Brasil, onde está se discutindo exatamente isto. Embora eu tenha flagrado ontem mesmo o senhor José Serra dizendo simplesmente *a gente vamos*. Ora, entre isto e ‘menas coisas’ dá na mesma ou vai ver que é só uma reformatação do português...

Nós outros, supostamente psicanalistas, que hojendia sabemos que todas as fronteiras, em todas as áreas, estão borradas, como lidarmos com isto? Alguém sabe me ensinar? O limite da Aristocracia é arrogância e pretensão; o limite da Democracia é incompetência e esculhambação. Entre os Fidalgos e a Gentalha. Como saímos dessa?

159. Foi publicado em português um livro de Sloterdijk – de tanto que se fala nele está ficando na moda, eu mesmo o tenho repetido – chamado *O Desprezo das Massas: ensaios sobre lutas culturais na sociedade moderna* (São Paulo: Estação Liberdade, 2002, 120p). É curioso que uma pessoa tão refinada e tão pensativa como ele, que aliás é uma das referências mais interessantes hoje, um pensador respeitável, trabalhe nesse texto o tempo inteiro entre essas duas opções. Ele reconhece que todos estamos mergulhados num processo de massa (portanto, a verdade é cultura de massa) que não há como ser suspenso e que, segundo ele, nivela por baixo todo o aparelho cultural. Isto efetivamente está acontecendo, sobretudo em função do que chamamos de Mercado. É como ele diz: “vivemos adulando as Massas” – vivemos uma ova! Vivem adulando aqueles que com elas ganham muita grana: cantor popular, jogador de futebol, político, etc., quer dizer, adulam-se as Massas, porque de tostão em tostão a galinha fica milionária. Quando não há diretamente essa remuneração da adulação, adula-se menos as Massas e pode-se pensar com um pouco mais de destaque. Como o caso, por exemplo (pelo menos até agora), do próprio Sloterdijk que vende livros no mundo inteiro, mas não tanto quanto qualquer *rapper*, capaz de ganhar melhor do que ele.

Entretanto, ele termina esse trabalho de uma maneira que me parece ingênua: pede a cada um de nós que possa exorcizar e chamar a atenção dessa massa que há em nós, no sentido de melhorar o nível, de valorizar as excelências. Acho isto pura ingenuidade, pois a psicanálise sabe que não pedimos às Massas para se mancarem... O próprio Marx quebrou a cara com isto, porque, para fazermos as Massas se rebelarem no sentido marxista, primeiro temos que fazer a tal consciência delas, ou seja, produzir a conscientização que elas não têm e nem estão a fim de ter. E as Massas hoje não sabem quem são, se as fronteiras foram derrubadas? Quem é a gentinha senão nós mesmos?

É simples, basta aqueles que lidam com a psicanálise e com os psicanalistas observarem o que aconteceu à psicanálise para ver que a gentinha e a cultura de massa tomaram conta. Um fenômeno igual ao que acontece em qualquer lugar, do qual ninguém está livre. Mas será que podemos fazer, se não

em todos, pelo menos em alguns de nós, algum desafio a certa nobreza e definir essa nobreza talvez como vontade de excelência em algum campo, em algum saber, em algum lugar? Nosso esquema de trabalho nos permite pelo menos considerar algumas coisas a este respeito. Com essa esculhambação – é o termo correto ou palavra técnica adequada, já que esculhambar é cortar os culhões, tal como a *castração* do velho Freud –, com essa castração da cultura, algo parece que foi junto, basta ver a Universidade brasileira. Quem passou pela velha Universidade, eu, por exemplo, como aluno e como professor, estranhou bastante o desaparecimento ou o sumiço, sobretudo, das Hierarquias. Os únicos lugares que ainda fingem mais ou menos uma aparência de Hierarquia são as Forças Armadas e as Igrejas antigas, como a Católica. Digo que se finge porque, de certo modo, essas instituições estão meio corroídas por dentro.

Onde estão os valores e as Hierarquias? Eles são desnecessários depois disso que aconteceu? O que fazemos com essa dissolução na massa? Gostamos dela assim mesmo ou procuramos reconduzir a algum lugar de excelência, se não as Massas, pelo menos algumas pessoas delas participantes? Se pensarmos em termos do que tenho discernido como Primário, Secundário e Originário, teríamos que reconhecer que, em nível Primário, bem como em nível Secundário, as Hierarquias aparecem espontaneamente, sempre apareceram e sempre aparecerão. O que não temos mais condições hoje é talvez de estabelecer, por decreto, por convencimento das maiorias ou por força de armas, uma hierarquia generalizada para um grande campo, pois esta desapareceu. Imaginem esse *rap* de que lhes falei, há cerca de meio século atrás... imaginem alguém desse nível social, negro, com todas as suas inserções como são, morador de favela, imaginem se estaria desafiando e desmoralizando a nossa presença nesta sala... isto seria impossível.

Contudo, não podemos nos esquecer de que no nível Primário as hierarquias comparecem, se não generalizadas, pelo menos agoraqui dentro de cada situação e a cada momento. Há reconhecimento de que fulano é mais forte; há reconhecimento de que fulano é mais bonito; há reconhecimento de que fulano é mais eficiente em seus movimentos e operações. As hierarquias

aparecem, embora possam não ser, como antes, hierarquias que eram localização de alguém que se tornava superior por decreto ou por situação em todas as instâncias. Isto, de fato, acabou e não volta mais, graças a quem quer que vocês queiram colocar ali no lugar do Gnoma.

• P – *O chefe de família, o chefe da tribo, o chefe do território, o chefe da nação, esse lugar que conseguia apresentar uma hierarquia de tal modo homogênea foi despedaçado.*

Sobretudo o chefe da nação, pois a danação que houve foi, na verdade, o extermínio irreversível da soberania nacional. Vamos ter que nos acostumar com isto, o que não quer dizer que teremos que nos submeter à hegemonia do chefe de outra nação. Nem pensar! Não é disso que se trata. Entretanto, essas nomeações não têm mais como se sustentar na refrega entre as posições, o que não quer dizer que alguma escuta, alguma atenção (flutuante, como diria Freud; **indiferente**, como digo eu) não perceba as hierarquias se formando em níveis os mais díspares e não concomitantes com outras hierarquias para mesmos indivíduos comparecendo sempre diante de nós.

O que pode a psicanálise oferecer é a lembrança de que a **atenção indifferenciada** para a emergência agoraqui das hierarquias em movimento possa talvez ser um começo de organização dessas hierarquias no Primário, por exemplo. No Secundário, acontece a mesmíssima coisa: ainda vamos para a Universidade querer até título de Doutor somente por vício ou hábito, pois esse título, que tenho (posso falar à vontade), não vale mais do que a presença instaurada agoraqui de um saber que se imponha para além dessas titulações. Bons tempos aqueles de PhD... pois hoje qualquer candidato a Presidente pode dizer: ‘grande merda!’

Todas as hierarquias que continuam por mera viciosidade mantidas no mundo contemporâneo estão sob suspeita. Não se garantem diante da eficácia e eficiência agoraqui, *ad hoc*, de excelências que compareçam diante de problemas concretos. Isto é uma realidade, não há como fugir e é irreversível.

• P – *É o caso de Bill Gates.*

O homem mais rico do mundo. Ele deve ter entendido a tempo a bestice dos outros naquele campo. Antigamente era o padre o mais vivo, sobretudo

quando ganhava uma paróquia... Mas as paróquias hoje são de outra gestação. Já que se falou em riqueza, há algo que as pessoas têm certo mal-estar para admitir. Se nos reportarmos ao que dizia da vez anterior, que era preciso parar com esse negócio de Verbo SER, que o verbo que está em vigor é o Verbo TER, tal como sempre foi; que SER é justamente fingimento de quem tem para obnubilar o olhar daquele que não tem... As hierarquias, em nível Primário e Secundário, de que estou falando até agora, não são exatamente agoraqui, *ad hoc*, em função da riqueza de cada um? E não estou falando de ter dinheiro. Todo e qualquer Poder diz respeito ao que se tem para se constituir como Poder. Então as hierarquias não podiam ser medidas, flutuante e dispersivamente, em função, a cada caso, a cada questão e a cada problema, das riquezas que estão em jogo neste momento? Observem que, em última instância, estamos falando de riquezas, enriquecimentos. De quem e como?

• P – *Pierre Lévy, em seu livro As Árvores de Conhecimentos (São Paulo: Escuta, 1999, 190p), em que ele propõe um mapeamento de competências de todos que estivessem envolvidos numa determinada situação. Isto possibilitaria o acesso, a qualquer momento, à disponibilidade das riquezas que estivessem em exercício naquela situação.*

Falam muito mal do Pierre Lévy, mas acho esse livrinho dele excepcional. Ele chamava Árvore do Conhecimento essa estrutura que queria primeiro instalar nas escolas, depois na própria cidade. Cada um faria seu arquivo (hoje isto é perfeitamente possível, pois se há eleição eletrônica, pode haver isso também), onde iria depositando em seu nome suas competências, como fritar ovo, por exemplo (eu sei fritar ovo, há gente que só sabe fazer xixi e cocô e está cheia de dinheiro). Ele propõe que o grupo social se mantivesse nas hierarquias *ad hoc* em função da necessidade presente de acordo com aquilo que estivesse dentro dos arquivos. Acho brilhante, mas ele só esqueceu de um pequeno detalhe: isto não vai funcionar se não funcionar para todos os casos, inclusive o financeiro.

• P – *Para ele há competências que não podem ser arquivadas, como as competências relativas a assassinatos.*

O que é uma besteira, porque competência é competência em qualquer área. Posso não querer que se use, mas tenho que admitir que o cara é um

matador da melhor qualidade. Se não for assim começamos a esculhambar de novo. Mesmo que exaremos uma lei dizendo que tal excelência não deve ser utilizada, ela não deixará de ser excelência. Afinal de contas, excelência é excelência.

160. Como fazer distribuição de cultura quando não se consegue nem fazer distribuição de renda? Ainda mais num país como este.

161. • P – *Há um poder grande e, ao mesmo tempo, há emergência de novas hierarquias. Isto não é sintoma de que há distribuição de poder?*

Isto é sintoma de que, queiramos ou não, o **Quarto Império** está emergindo, apesar de as formações hierárquicas ou as formações de nomeação de valores estarem todas fingindo que estão em vigor. Conforme disse MV Bill com toda clareza: “mantenho minha cabeça em pé”. Sendo que essa psicanálise de que falo ainda tem uma proposição que vai além de Primário e Secundário, uma proposição de referência ao Originário, a qual está em vigor nessa emergência de Quarto Império. Portanto, o que está dissolvendo fronteiras, pulverizando os poderes aos poucos, não é senão a emergência espontânea e mais rápida do Originário no seio do social. O que não quer dizer que o Originário esteja emergindo na cabeça de cada um. Não é preciso, pois isto se dá à revelia dessa emergência. Talvez Marx estivesse errado quando supunha que era preciso conscientizar as Massas para elas fazerem a Revolução. Estou dizendo que, diante da Tecnologia e da velocidade contemporânea, isso emerge à revelia da conscientização. Não se trata mais de revolução, mas de borbulha espontânea: o sinal dos tempos está nos movimentos que acontecem na superfície do planeta hoje.

Mas os tais psicanalistas, ou pelo menos aqueles que pusessem alguma fé nisso que estou trazendo, podem saber muito bem que, para além do enriquecimento no nível Primário e Secundário, existe a possibilidade de um enriquecimento radical que é formar-se no sentido da referência mais frequente possível ao Originário. O que se quer chamar de psicanálise – também esse

nome não é necessário, chamem do que quiserem – só presta para alguma coisa se for no sentido de fazer emergir, o mais rápido e o mais freqüentemente para cada um, sua possibilidade de referência à HiperDeterminação. Com o que nos tornamos cada vez mais disponíveis para dar conta dessa emergência que espontaneamente está tentando comparecer, antes ainda que algum retrocesso violento nos jogue na lama da impregnação anterior. O que me parece impossível acontecer, a não ser como cataclisma capaz de desmontar nossa história e nosso futuro.

• P – *Seria o somatório de Próteses do Quarto Império que torna esse processo irreversível?*

Na medida em que podemos chamar de prótese toda e qualquer formação no que é capaz de ser posta em exercício. Essa pletora das próteses em todos os níveis e em todos os sentidos não permite mais a manutenção das fronteiras e hierarquias anteriores. Ouviram o que o negão disse? “Minhas armas são a caneta, o papel e o microfone”. Vai ser um pouco difícil tirar-lhe essas coisas da mão.

24/OUT

162. Enquanto a melhor poeta viva deste país, Hilda Hilst, ganha um prêmio de consolação, Paulo Coelho toma posse na Academia. Ninguém mais adequado. Agora só faltam mesmo Jô Soares e Zibia Gasparetto...

Por falar em escritor, um bom escritor chamado Michel Houellebecq tem um pequeno romance de 1994 chamado *Extensão do Domínio da Luta* (Porto Alegre: Sulinas, 2002, 142p), onde faz uma observação fatal a respeito da vida contemporânea: a oposição – que está no título do romance – entre o “Domínio da Regra” e o “Domínio da Luta”. Neste romance, é engraçado como o personagem, diante de uma situação difícil, é aconselhado por outro “a encontrar Deus, ou começar uma terapia”.

163. É interessante essa oposição entre o Domínio da Regra e o Domínio da Luta, pois é justamente aí que se apresenta o que chamamos Quebra dos Fundamentos: as regras estão desconfiguradas, se não em si mesmas, pelo menos pela falta de fundamento que as garanta para além de algum poder instalado na situação. Rudolf Von Ihering, jurista que citei há pouco tempo aqui (*A Luta pelo Direito*, 1872), tem outro livro chamado *A Finalidade do Direito*, de 1877 (Campinas: Bookseller, 2001, 828p), onde aponta o inarredável do egoísmo na ordem jurídica e pergunta “como pode o mundo existir sob um regime de egoísmo que nada deseja para o mundo, mas tudo apenas para si mesmo? [...] O mundo existe por colocar o egoísmo a seu serviço, pagando-lhe a compensação que ele deseja”. Isto é o Domínio da Luta. E pouco antes de Freud, Von Ihering já sabia disso. Esta nossa espécie tem pelo menos três motivos (se não três razões) para ser egoísta: um motivo Primário, um Secundário e um Originário.

Somos herdeiros de uma ideologia que, ao mesmo tempo, garantia o exercício pleno de um vasto egoísmo por algumas instituições mandantes e fazia para o povo, para o resto dos mortais, a propaganda de que egoísmo é algo muito feio e que, por isto, devíamos ser altruístas e bons. Entretanto, egoísmo não faz mal a ninguém, nem a nenhum Estado ou Sociedade. Não é o egoísmo que estraga as situações, mas sim a imbecilidade de não considerá-lo como inelutável e conseqüentemente estatuir e organizar as vinculações e os vínculos a partir dos interesses, aliás sempre **ontologicamente legítimos**, mesmo quando **juridicamente ilegais**.

Não há outra coisa, desde Freud se sabe disso, que funcione no seio do “social” (como se chama), entre as pessoas, ou no “intersubjetivo” (como gostam de dizer), a não ser o jogo e a luta dos interesses. O canalhismo, do ponto de vista da psicanálise, não está em ser egoísta, e sim em disfarçar isto. Todo mundo é egoísta, graças a Deus, ainda que não o suficiente. Se as pessoas fossem suficientemente egoístas, não suportariam ter esse mundo de merda em que vivem e fariam alguma coisa para melhorá-lo. Os problemas sociais seriam resolvidos porque todos se sentiriam mal, esteticamente que fosse, em

viver no meio desta imundice. Portanto, o que está errado é que as pessoas não são adequada e suficientemente egoístas. Então, o Domínio da Luta que está em pleno vigor, à revelia do Domínio das Regras, talvez venha dar um jeito nisso.

164. Em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Freud exorta seus possíveis colaboradores, no tempo da implantação da psicanálise, dizendo assim: “Nossa tarefa poderia ser a tradução da Metafísica em Metapsicologia” – estamos aí em pleno vigor do horror da Metafísica e ele não deixa de explicitar, mediante esse tipo de explicação, o que Isabelle Stengers pode mesmo chamar de sua (de Freud) “vontade de fazer ciência”, pois essa tal “tradução” de Metafísica em Metapsicologia que ele pede seria, pelo menos para a esperança daquele Freud de então, o resultado de se reescrever o que quer que se pudesse chamar de Metafísica em versão **científica**. Este é o sonho que está embutido por trás disso.

É claro que a psicanálise pode, talvez mesmo deva, aproveitar o que qualquer suposta “ciência” possa lhe oferecer como **informação** para sua performance, isto é, ou como bens ou como perdas e danos, arroláveis na efetuação de sua **Economia Pulsional**. Pode aproveitar de tudo, mesmo e sobretudo, pelo menos hoje, os achados mais excelentes da psiquiatria, da neurologia, das ciências neuronais enfim. Tudo pode ser aproveitado, nada que preste eventualmente é de se jogar fora. Acontece que a psicanálise com isto não vai fazer nenhuma ciência. Não vamos blefar desse modo, a não ser que o nome de “ciência”, atualmente tão desqualificado, já sirva mesmo para significar todo e qualquer conhecimento arrolável. Mas não é isto que eles gostam de chamar de ciência. O que a psicanálise pode fazer mesmo, se conseguir fazer alguma coisa, é **Psicanálise**. E já seria o suficiente.

De qualquer modo, o velho Einstein um dia nos dizia: “Não há oposição entre a Ciência e a Religião” – isto é coisa de Einstein – “apenas há cientistas atrasados” – é um espanto. Logo adiante corrigia: “a mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. Este é o semeador

da verdadeira ciência”. Então vejam que não estou dizendo grandes novidades. Um homem da cepa de Einstein, capaz de fazer o que fez, com todo o poderio de *marketing* do seu nome, tinha noção verdadeira, segundo minha postura, de que o Místico antecede o Conhecimento (claro que é o Místico de que tenho falado e como tenho definido, e não essa bobagem que há por aí que chamam de místico). O regime em que coloquei a psicanálise, tendo como estatuto e base de seu funcionamento o ato místico, ou seja, a possibilidade de uma HiperDeterminação em última instância, é o que dá possibilidade de criação em qualquer área. E Einstein está dizendo que o semeador da verdadeira ciência é o que ele chama de a “sensação do místico”, que chamaria aqui de **Experiência de HiperDeterminação**. É disto que estou falando, e aí está o testemunho do velho Einstein.

165. No âmbito e no escopo mesmo da função de produzir uma **Economia Pulsional** como **teoria**, para com ela (isto é, junto com ela, antes dela, e depois dela) efetivar a intervenção no mundo como Psicanálise Efetiva, em última instância, **nossa tarefa é a Trans-Formação da Religião em Arrelição** (e não a transformação de Metafísica em Metapsicologia). Não se trata de nenhuma vontade científica, mas **vontade de dissolução** dos aparelhos que existem, dos mais diversos níveis, inclusive científicos, de compleição religiosa. Portanto, trata-se da redução, da tradução disto nos aparelhos mínimos do psiquismo, os quais funcionam em total abstração, do mesmíssimo modo. Religiões sejam quais forem, científicas ou políticas, como é, por exemplo, o Marxismo, são apenas conteudizações do aparelho que chamo de Arrelição. Portanto, a trans-formação de Religião em Arrelição é, em última instância, a transformação de todas as leituras conteudísticas em definitiva Re-leitura (*relegere*) e Re-ligação ou Re-vinculação (*religare*). Re-leitura e Re-vinculação das IdioFormações: toda essa falação durante este ano foi para chegar finalmente a isto. E é o que temos que entender.

O que a psicanálise pode efetivar é um trabalho de faxina, de limpeza dos conteúdos, de maneira que se possa aproveitar plenamente a base estrutural

do que estou chamando de Arreligião. O ruim é que a compleição, que existe e funciona assim, está sempre cheia de conteúdos os mais diversos, dos mais sofisticados aos mais imbecis, empecilhando a vida da gente. Ou a neurose não é uma religião? Os neuróticos cumprem religiosamente suas neuras, qualquer pessoa que tem experiência no campo sabe disto (e se não cumprem, ficam muito culpados).

166. Freud conduziu *seu povo*, aquela horda, em semelhança e mesmo em emulação para com o Moisés dos judeus e da implantação do Monoteísmo de Akhenaton. No fundo, dada sua educação, dada sua cultura, o grande emulador de Freud – isto está na autobiografia e em várias biografias dele – não é outra pessoa senão o Moisés da tentativa de implantação do Monoteísmo egípcio de Akhenaton. E não tão diferente tem sido, no âmbito dos auto-nomeados psicanalistas, a encenação de todos aqueles que, com maior ou menor pertinência, com menor ou maior consequência, enveredaram pelas sendas da busca do sucesso onde teria fracassado a paranóia de um outro antecessor.

Desde o golpe de Monoteísmo dado no Egito por Akhenaton – transmitido a seu discípulo Moisés, que tentou, sem conseguir, fundar uma religião do mesmo naipe, segundo a estorieta freudiana, vindo depois com sincretismos judaicos dar a impressão de que foi instalada no mundo, passando para o Cristianismo, depois para o Islamismo –, tudo é uma grande farsa pseudomonoteísta. Na verdade, é cheia de santinhos e deusesinhos.

167. Estes dois moços, Akhenaton e Moisés, são duas grandes personalidades ingênuas. Se observarmos bem, são dois panacas, não porque tenham pensado a possibilidade genial do Monoteísmo, mas porque chegaram a acreditar que seria possível induzir as Massas a esse tipo de visão abstrata. Vejam, por exemplo, que, do ponto de vista grego, um Sócrates nunca teve essa ingenuidade que Platão, este sim, teve: a de fundar sua igreja (que não é outra coisa essa tal de Filosofia naquela tal Academia) para qualquer um, pois, segundo ele, no fundo todos já sabiam, no sentido dos conteúdos. Ingenuidade em pensar que

algo dessa ordem, que exige um caminho árduo de ascese, de exercício no sentido de aproximação da HiperDeterminação, possa ser distribuído a qualquer um.

Podemos distribuir certo reconhecimento do Inconsciente, o que não é difícil, pois qualquer um pode passar pela experiência desse reconhecimento. Outra coisa é dissolver em abstrações os conteúdos que se possa vir a colocar ali. A guerra política instalada no Estado egípcio, a luta que existe naquele momento, onde se funda o conceito máximo de abstração – afinal de contas, a idéia de Monoteísmo em sua radicalidade não é senão a fundação de um conceito de maximização da abstração –, é a guerra entre *Aristos* (Aton) e *Demos* (Amon). A ingenuidade de Akhenaton era supor que poderia transformar em religião concreta e distribuível às Massas sua idéia abstrata e purificada de Aton, de um Deus que fosse simplesmente, no caso dele, geométrico, um círculo representado no disco solar, e não em nenhuma pessoa, como era o caso de Amon que, embora tivesse relação com o sol, representava uma figura humana divinizada.

Então o que há em vista – e há escrúpulos em deixar isto claro, estou aqui lutando contra esses escrúpulos – é uma luta entre *Aristos* e *Demos*, ou seja, uma luta entre posições de ponta e posições de massa. O que é difícil para nós hoje e em termos gerais, pois estamos vivendo um momento de forte redução de tudo a **Cultura de Massa**. Não sei por que motivos – deve haver alguma influência da igreja marxista – supõe-se que seja possível esse tipo de distribuição em todos os níveis. Foi como disse da vez anterior, não se consegue nem fazer distribuição de renda, quanto mais distribuição de inteligência.

Mas há essa luta entre o aristocrático e o democrático, no nível da ingenuidade de Akhenaton e de Moisés, ao pensarem que poderiam fazer a mistura dos dois níveis, que é impossível. O que ambos não sacaram é que a formação abstrata (formalizada ou erudita), diferentemente da formação concreta (chamemos assim), não tem acolhimento possível pelas Massas e nem é por maldade que a massa não pode acolher, mas simplesmente porque

não consegue. Na verdade, são duas propostas de formatação, que aliás encontramos em outras seitas da antiguidade: uma proposta Esotérica, uma escolha aristocrática de possibilidade de entendimento e de acompanhamento, que não é para qualquer um; e a proposta Exotérica, ou seja, a possibilidade de se distribuir à vontade determinado conhecimento ou postura. E seria ingenuidade pensar que há continuidade, imediata pelo menos, de uma para outra. A diferença entre estas duas propostas não estando na exclusão por motivo de pertinência a alguma classe social, econômico-financeira, racial ou quejandas, mas na exclusão (efetivamente sim) por motivo de qualquer sorte de inadimplência intelectual ou genericamente mental. Isto existe e não adianta fingir que não. Vivemos uma época difícil, porque estamos no cúmulo de exigência de Democracia como distribuição de bens (o que está correto), ao mesmo tempo adquirindo conhecimentos que provam que a inadimplência mental é (por enquanto) inarredável. Não é mais possível não reconhecer que, seja pelo motivo político que for (isto é outra história, pois as guerras na política se fazem em outro âmbito), a história que cada um seguiu, as lesões que seus cérebros sofreram, determinam, num certo momento, uma parada mental (como quem diz uma parada cardíaca), que inviabilizam a adimplência e implementação de possibilidades de reconhecimento desses níveis de abstração. Basta que sejamos um pouco realistas.

168. De fato, a psicanálise em qualquer uma de suas formatações tem sido um aparelho mais para o religioso, tanto em sua manifestação teórica quanto prática e institucional. A coisa que vai mal nas instituições psicanalíticas desde Freud é a falta de entendimento de que elas têm a tendência a virar igreja e todas caem neste sintoma. Há um aparelho religioso, não pode não haver depois de minha demonstração, que sustenta tudo isto, só que para a psicanálise ele seria abstrato. No entanto, quando as pessoas se juntam, não têm toda essa formação. Supostamente uma instituição psicanalítica é um lugar onde quase ninguém é analista. Costuma ser assim desde Freud, e até precisamos nos perguntar se há mesmo analistas ali. Deveríamos nos perguntar isso todo dia: somos uma

instituição dita psicanalítica, mas será que há analistas aqui? A instituição é que é analítica, e não as pessoas que estão lá dentro, pois ela é que se nomeia assim. Na verdade, o que vigora é o rebaixamento do nível religioso, que não está errado por ser religioso, mas por ser conteudizado e canonizado. O que é espantoso nas instituições psicanalíticas é a canonização dos conteúdos. Com aparência de ciência, de abstração, de não sei o quê, no fundo todos estão rezando para o Nome do Pai (Nome do Padre). Assim, começa outra vez o processo eclesiástico de mera repetição do catecismo.

169. Do ponto de vista que se pode ter novamente, a psicanálise estaria para as formações religiosas conhecidas assim como Aton está para Amon. Portanto, ela bem pode se oferecer, e não como nenhuma filosofia, para substituir, perante uma **Aristofilia** auto-reconhecida, a vocação religiosa que tanto hoje se reclama, inclusive entre os mais elevados pensadores. Estamos diante dessa questão posta abertamente, e está até se tornando perigoso. Basta ler com atenção os livros de qualquer suposto filósofo (do melhor ao pior, como os Derridas ou Comte-Sponvilles da vida, que para mim são os extremos) para ver que estão todos, mais disfarçadamente ou não, invocando certa vocação religiosa para o pensamento. Estou perguntando se é possível, não uma *Aristocracia* ou um poder dos de ponta, mas uma **Aristofilia**, quer dizer, um gosto pelas coisas do extremo, e reconhecer, de uma vez por todas, que não se trata de filosofia, nem de ciência, nem de mera política, etc., mas que o que pode talvez substituir o gosto religioso sem a obrigação de conteudização não é senão a psicanálise. Tanto é assim que, no nível, digamos, mais refinado em que estas visões se apresentam como filosofia – e estou falando de Derrida –, isso acontece por influência pesada da psicanálise. Portanto, não precisamos de nenhuma desconstrução filosófica, pois desconstrução se diz em grego *ana-lysis*, justamente o que Freud nos trouxe.

Não adianta exorcizar o hojendia quase abominável **Vilfredo Pareto** (ninguém se lembra mais dele... procurem nos livros de sociologia): em qualquer sociedade, em qualquer regime, mesmo no mais comunista realmente factível,

sempre existirão as **Elites** (Pareto com isto deixava a esquerda arrepiada). Elites para tudo: para a força, para o dinheiro, para o saber, para a crença, para o crime, para a beleza (física ou qualquer outra), enfim, para qualquer competência possível, chamemos boa ou má, segundo os melhores. A Denegação disto está fazendo muito estrago no planeta. Mesmo o mais massificado dos povos não me pede para jogar o futebol de que precisa. Vão convidar Pelés ou Ronaldinhos, não a mim (com toda razão), que a Aristocracia do futebol não me inclui. Sempre há **Aristocracias** para tudo (não vamos fingir que não): sobretudo em psicanálise, onde absolutamente nada se resolve com plebiscito.

170. Psyche: é o nome que os gregos de lá nos deram para a alma, ou para a mente, ou sei lá o quê que novamente se apresente como aquilo que sente e que pensa e que sofre desse mal-estar minimizável que não se apaga. Psyche é borboleta em grego: leve grácil, depois de gorda lerda, por metamorfose: uma lagarta que levanta vôo. Mas não é exatamente isto a PsicAnálise em sua pretensão de produzir **meta-morfoses**? O problema não é haver morfoses, o problema é elevá-las à condição de vôo. Morfoses são lagartas e não borboletas. Por exemplo, as religiões. Nos levar, mais além das **morfoses** que nos fodem, para um vôo mais leve, apesar dos mal-estares: isto é a pretensão muito raramente realizada da tal Psicanálise.

171. Essa Arrelição, Psicanálise (ou Análise, sem usar psica, pois o que não é psico neste Haver?), trabalha para estabelecer perenemente a projeção da **Épura do Haver**. Antigamente quem fazia Segundo Grau sabia o que é uma Épura, mas hojendia os currículos não têm mais esta inserção. Na língua portuguesa (procurem no dicionário Aurélio ou Houaiss) só existe o substantivo *épura*, sem haver outras palavras derivadas dessa, que aliás vem do francês, já que os livros de geometria projetiva, principalmente da chamada geometria descritiva, caso da geometria projetiva, utilizados em língua portuguesa, seja em Portugal, seja no Brasil, eram geralmente franceses. Então a palavra que,

em francês se diz *épure*, entrou no português e virou *épura*, com razão, dada a etimologia. Na língua francesa, de onde vem o termo para a geometria projetiva, usa-se, além dos substantivos *épure* e *épuración* (que poderíamos dizer *epuração*), também o verbo de onde veio a palavra *épura*, *épurer* (consultem o *Robert* ou qualquer outro dicionário francês). O verbo *epurar* genericamente significa filtrar, limpar, deixar só o essencial. Pode servir, por exemplo, para dizer filtrar e limpar uma água suja, epurá-la, purificá-la (se quiserem), mas não é no sentido de tornar limpo e puro, e sim no de limpar todas as rebarbas para ficar só o mais simples, digamos, sua estrutura. Reivindico para a língua portuguesa os substantivos *épura* e *epuração*, bem como o verbo *epurar*, que me parecem de ótima serventia em psicanálise, pois é disto que se trata o tempo todo: Epurar ou fazer a Épura do Haver, em todas as suas formações. Épura onde geometricamente (ou não) se determina, sobre a absolutez do Plano Projetivo (genérico e integral), o traço mesmo de Deus, seu traço geométrico, ou seja, aquele lugar geométrico do **Gnoma** (entre Haver e não-Haver), onde Deuses podem ser inscritos, mas onde a psicanálise não escreve nenhum. Isto é fazer uma épura, marcar apenas o traço e, em geometria, traço é simplesmente o ponto onde uma reta cruza uma superfície, ou seja, um ponto demarcável, genérica e topologicamente sobre o Plano Projetivo. Épura onde rigorosamente se determinam os volumes e as secções dos instintos e das fábulas, o arcabouço das redes e das tramas, as estruturas dos todos e dos todos, enfim, o desenho dos desígnios, com os afastamentos e as cotas das respectivas fortunas. Isto é a **Épura da Análise**.

Melhor pode dizer isto poeta adequado: Hilda Hilst. “Épura, que translúcida / Se projeta / Épura, feixe solar, / E de cristal. E ereta. / Épura, réstia de luz. / Sobre a mão destra. / Épura, que a um só tempo / Se renova. E sem limite / Ou aresta / Toma corpo no Todo / E recomeça”. (Exercício n°. 2 in *Exercícios para uma Idéia*, 1967). Perfeito: é isto a Épura.

172. Assim rezou Karl Marx lá no meio de seu *O Capital* tão dispendioso: “A religião é o ópio do povo. É como a vodka espiritual por meio da qual os escravos

do capital abafam sua personalidade humana e suas reivindicações dos homens vivos e dignos” – isto é um discurso de religião marxista. Atenção, pois ele havia dito que “a religião era o ópio do povo” e logo ressalva “Não é um ópio *para* o povo, mas o ópio *do* povo. Neste sentido” – e não em outro que as pessoas costumam usar freqüentemente – “de que a religião não é o produto fabricado por um grupo de aproveitadores a fim de dopar o povo para explorá-lo” – esta frase de Marx “a religião é o ópio do povo” tem sido mal escutada e mal repetida com esse sentido, mas não é disto que ele está falando. “Ela é o narcótico que *o próprio povo* fabrica e ingere, como estupefaciente para ajudar a suportar a sua infelicidade”. Entenderam?! Nem em Marx temos a estupidez que marxistas ou não tanto repetem. Neste ponto ele está congruente com Freud. Afinal de contas, é a mesmíssima coisa que pretende a psicanálise que reconheço: diminuir o mal-estar, mas sem ser um narcótico. É isto o insuportável na psicanálise, pois espontaneamente o tal povo que sofre pede um estupefaciente, pede um narcótico. Mas, a não ser certas “psicanálises” instaladas por aí, a Psicanálise Efetiva não tem narcóticos para oferecer. Pelo contrário, até dói mais, e justo por isto consegue diminuir o mal-estar pelo aumento da clareza. Quem sabe?, trata-se de exercer a mesma diferença que houvera entre os Akhenatons e seus egípcios ou entre os Moisés e seus hebreus ou entre os nossos Freuds e seus psicanalistas.

173. No próximo ano, continuaremos talvez nossa tarefa de replantar perene, NOVAMENTE, essa **Arreligião** fundada por Freud.

21/NOV

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador e Presidente do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador e Reitor da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de novamente, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae*: Leitura das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante a sair).

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise* (Introdução)

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est’Ética da Psicanálise* (Parte 2)

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

22. 1996: “*Psychopathia Sexualis*”

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ [a sair].

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: “*Arte da Fuga*”

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo*.

Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus [a sair].

Impressão e Acabamento

Edil

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

248

Tiragem

500 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g